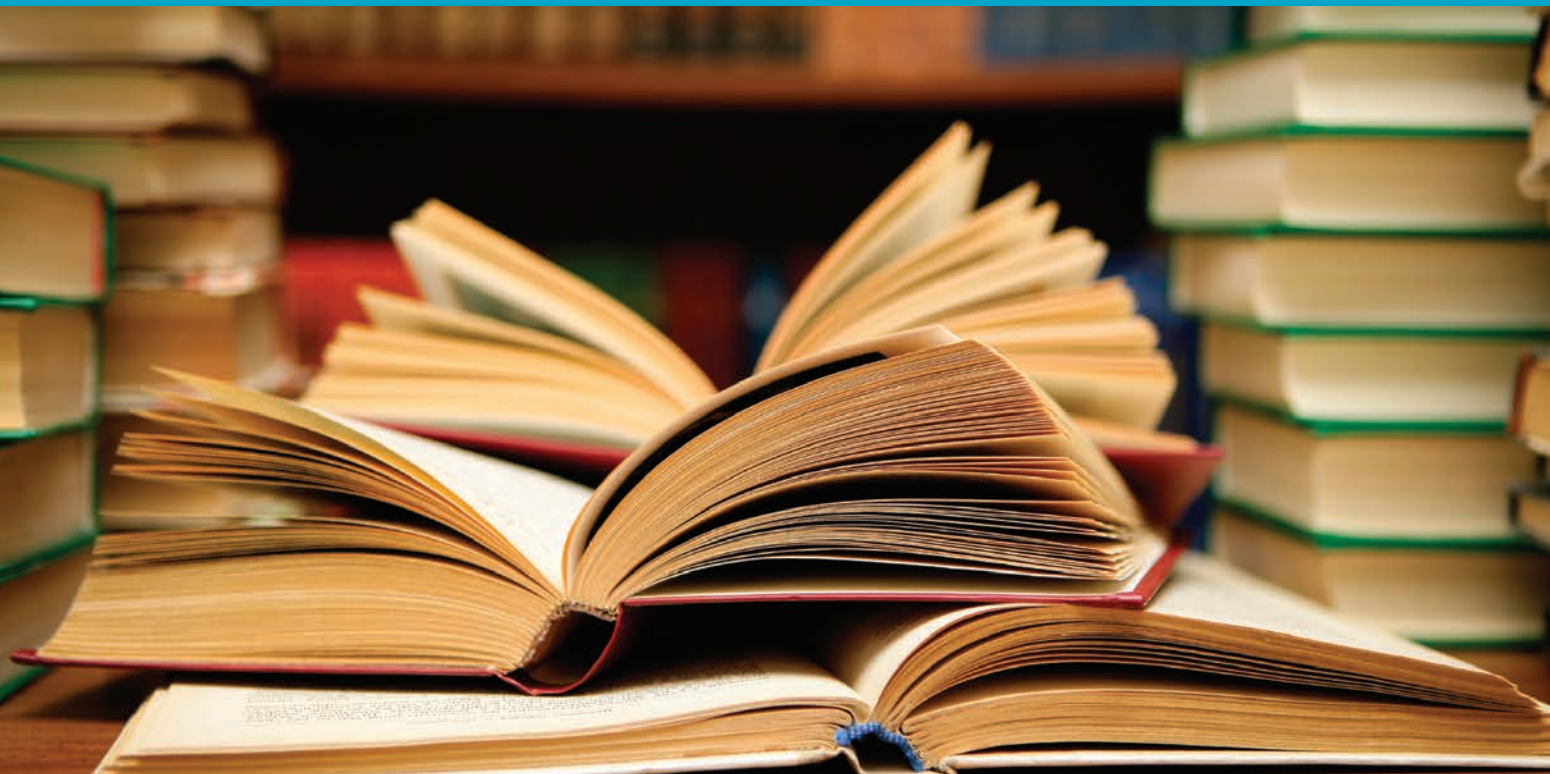
Editora Bernoulli

LÍNGUA PORTUGUESA

Volume 01

Sumário - Língua Portuguesa

Frente A

Frente B

Frente C

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 01 FRENTE A

Noção de texto

Enquanto você lê estas palavras, está tomando parte numa das maravilhas do mundo natural. Você e eu pertencemos a uma espécie dotada de uma admirável capacidade, a de formar idéias nos cérebros dos demais com esquisita precisão. Eu não me refiro com isso à telepatia, ao controle mental ou às demais obsessões das ciências ocultas. Aliás, até para os crentes mais convictos, estes instrumentos de comunicação são pífios em comparação com uma capacidade que todos possuímos. Esta capacidade é a linguagem.

PINKER, Steven. *O instinto da linguagem*.

Segundo o linguista Luiz Antônio Marcuschi, não há comunicação verbal sem que ela se faça por meio de um texto, seja ele oral ou escrito. Mas o que faz com que uma manifestação linguística qualquer seja entendida como um texto, e não como um mero conglomerado de frases? Aliás, o que é um texto e o que ele precisa conter para que seja considerado como tal?

NOÇÃO DE TEXTO

Pode-se dizer que **texto**, escrito ou falado, **é a unidade linguística comunicativa básica**, uma vez que o que dizemos uns aos outros não são palavras nem frases isoladas.

Nesta perspectiva, todo texto é uma unidade de linguagem em uso, com uma função identificável num determinado jogo de atuação sociocomunicativa, em que atuam as intenções do produtor, o jogo de imagens mentais que cada interlocutor tem de si, do outro e do tema do discurso. Além disso, o contexto sociocultural em que se insere o discurso é fator condicionante de seu sentido, tanto na produção quanto na recepção, já que delimita os conhecimentos partilhados pelos interlocutores, as regras sociais de interação comunicativa, estas que determinam a variação de registros, a seleção vocabular, o tom do discurso, por exemplo.

Nessa concepção de **língua** como **lugar de interação, os sujeitos envolvidos no processo de comunicação** são **ativos** na produção do social e participam efetivamente da situação em que estão engajados. São atores na atualização das imagens e das representações, sem as quais a comunicação não poderia existir.

Observe o texto seguinte:

Dik Browne. *Hagar, O horrível*

O último quadro apresenta uma explicação inesperada, responsável pela produção do humor. No caso, o interlocutor com quem Hagar conversa não foi capaz de captar a intenção ou de entender a linha de raciocínio que este desenvolvia, por isso compreendeu o último questionamento em seu sentido literal.

O **texto** é o lugar em que se encena uma **relação interativa** e, portanto, nessa perspectiva, a compreensão de um texto passa a ser vista como uma atividade complexa de produção de sentidos que se realiza com base:

- nos elementos linguísticos presentes na superfície do texto;
- na sua forma de organização;
- na mobilização de um conjunto de saberes e na sua reconstrução no interior do evento comunicativo.

São peças desse jogo interativo:

- o produtor, que pretende viabilizar o seu "projeto de dizer" e, para isso, recorre a uma série de estratégias de organização textual que possam orientar o interlocutor, por meio de "pistas" para a construção dos possíveis sentidos;
- o próprio texto, organizado com base nas escolhas feitas pelo produtor, de modo a estabelecer limites quanto às leituras possíveis;
- o leitor ou ouvinte, que, com base nas pistas fornecidas pelo texto, no contexto e nos saberes que mobiliza, procede à construção dos sentidos.

Considerando esses fatores, é possível entender melhor por que, na tira de Dik Browne, o texto elaborado por Hagar a fim de explicar a Eddie Sortudo o motivo de sua preocupação não cumpre a função sociocomunicativa a que se destina. Isso não ocorre porque o produtor elaborou um texto ruim. Hagar escolhe pertinentemente os elementos linguísticos e os organiza com coerência. Primeiro, expõe genericamente o motivo que o preocupa: divagações sobre a natureza humana. Logo em seguida, apresenta perguntas que, gradativamente, especificam esse assunto, trazendo-o para a realidade empírica. Nota-se que Hagar se esforça para que Eddie o compreenda e elabora uma estratégia linguística que lhe possibilite cumprir seu intento. O texto é malsucedido porque Eddie, a quem, ironicamente, falta sorte e capacidade de raciocínio, não mobiliza os mesmos saberes que Hagar considerou ao elaborar sua fala. O produtor tentou explicitar uma preocupação de ordem metafísica, enquanto o ouvinte não conseguiu desvencilhar-se da realidade cotidiana.

Procure observar como o texto a seguir cumpre sua função. Para isso, leia-o atentamente.

Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1904.

Acervo do Museu da Imprensa – RJ

Meu caro Nabuco,

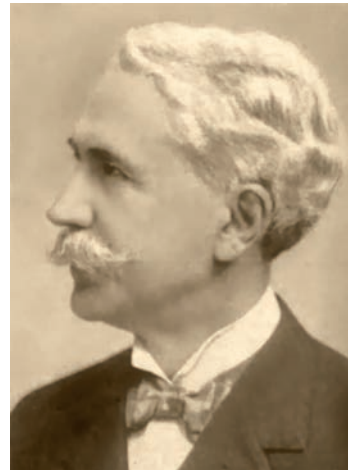
Tão longe, e em outro meio, chegou-lhe a notícia da minha grande desgraça, e você expressou a sua simpatia por um telegrama. A única palavra com que lhe agradeci é a mesma que ora lhe mando, não sabendo outra que possa dizer tudo o que sinto e me acabrunha. Foi-se a melhor parte da minha vida e aqui estou só no mundo. Note que a solidão não me é enfadonha, antes me é grata, porque é um modo de viver com ela, ouvi-la, assistir aos mil cuidados que essa companheira de 35 anos de casados tinha comigo; mas não há imaginação que não acorde, e a vigília aumenta a falta da pessoa amada. Éramos velhos, e eu contava morrer antes dela, o que seria um grande favor; primeiro, porque não acharia a ninguém que melhor me ajudasse a morrer; segundo, porque ela deixa alguns parentes que a consolariam das saudades, e eu não tenho nenhum. Os meus são os amigos, e verdadeiramente são os melhores; mas a vida os dispersa, no espaço, nas preocupações do espírito e na própria carreira que a cada um cabe. Aqui me fico, por ora na mesma casa, no mesmo aposento, com os mesmos adornos seus. Tudo me lembra a minha meiga Carolina.

Como estou à beira do eterno aposento, não gastarei muito tempo em recordá-la. Irei vê-la, ela me esperará.

Não posso, caro amigo, responder agora à sua carta de 8 de outubro; recebi-a dias depois do falecimento de minha mulher, e você compreende que apenas posso falar deste fundo golpe.

Até outra e breve; então lhe direi o que convém ao assunto daquela carta que, pelo afeto e sinceridade, chegou à hora dos melhores remédios. Aceite este abraço do triste amigo velho.

Machado de Assis

Joaquim Nabuco, ao ler a carta do amigo, com certeza pôde captar o estado de espírito de Machado depois da perda da esposa, pelo tom da carta, expresso não só por meio de palavras que remetem à solidão, à dor, à apatia, à ausência de perspectiva, mas também por meio da organização delas no texto. Essas palavras revelam a delicadeza de um espírito sensível e amoroso – no caso, o autor assumido da enunciação –, postura que, muitas vezes, o leitor comum não percebe nos textos irônicos desse grande escritor realista.

Joaquim Nabuco

Com base no que se observa nos textos analisados, pode-se dizer que **texto** não é somente **produto**, mas também **processo**, já que depende da participação ativa do receptor para cumprir a função a que se destina. Conforme afirma Beaugrande "O texto é um evento comunicativo em que convergem ações lingüísticas, sociais e cognitivas." (*apud* MARCUSCHI, 2008, p. 72)

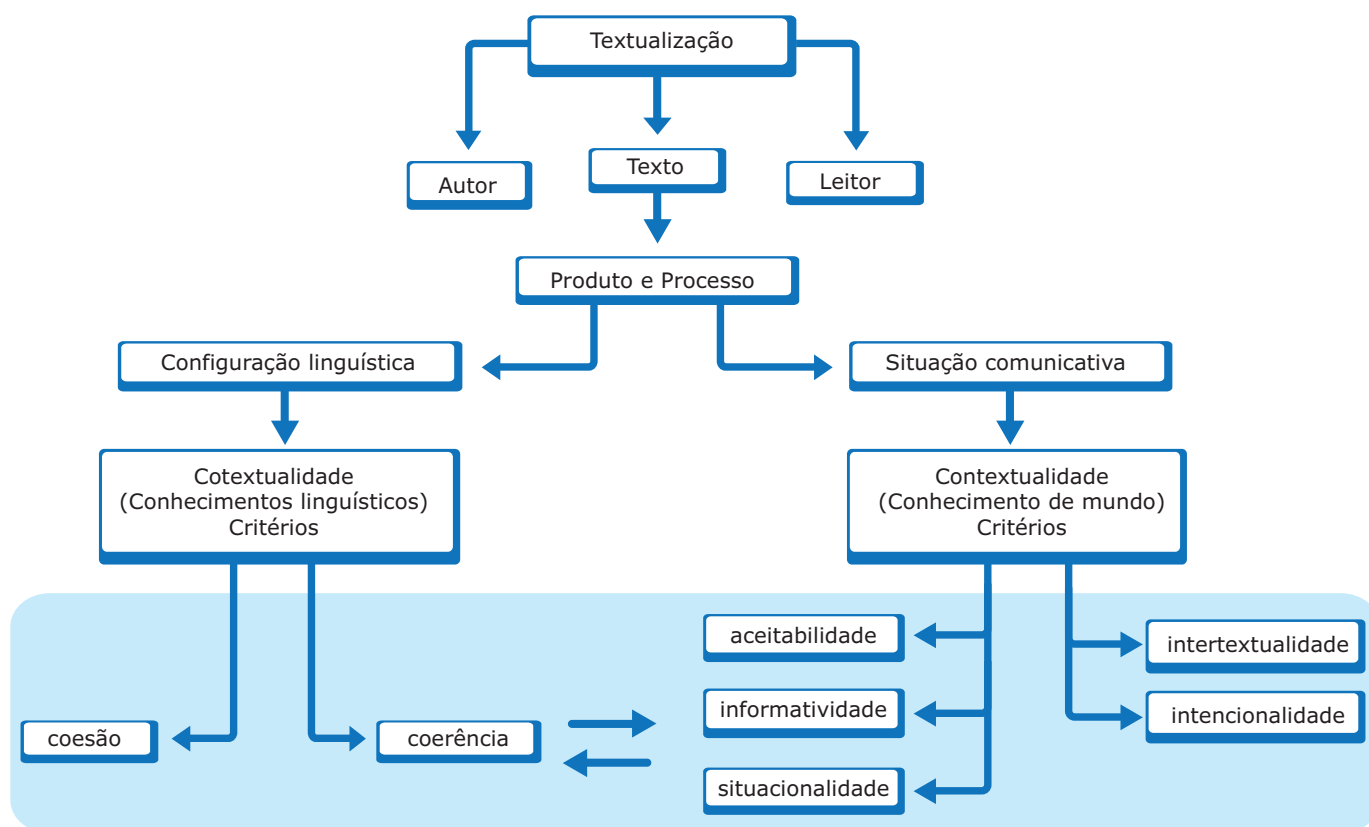
Nessa perspectiva, o texto deixa de ser visto apenas como um artefato linguístico e passa a ser considerado um evento que ocorre na forma de linguagem inserida em contextos comunicativos, cuja proposta de sentido só se completa com a participação do leitor / ouvinte.

FATORES LINGUÍSTICOS E PRAGMÁTICOS DA TEXTUALIDADE

Para que um texto não seja um conjunto aleatório de frases organizadas em uma sequência qualquer, deve obedecer a critérios de textualização. Assim, denomina-se **textualidade** o conjunto de características que permitem que o texto seja um texto, e não um amontoado de frases.

A linguística textual, ciência da linguagem que estuda os textos, já considerou, em outros momentos, que a textualidade devia-se apenas a fatores linguísticos intrínsecos ao texto e dedicou-se ao estudo dos mecanismos de coesão. Posteriormente, entendeu que, na produção de sentido, atuavam também fatores semânticos constitutivos da coerência. Atualmente, como passou a considerar os textos de uma perspectiva pragmática, levando em conta a situação sociocomunicativa em que se apresentam, a linguística textual identifica, além da coesão e da coerência, outros cinco fatores de textualidade, todos ligados ao contexto.

A coesão e a coerência são consideradas fatores linguísticos e semânticos de textualidade, pois estão centradas no texto, embora só se concretizem na recepção. Os outros cinco fatores – aceitabilidade, intertextualidade, informatividade, intencionalidade e situacionalidade – dizem respeito ao contexto e, portanto, estão centrados nos agentes envolvidos na produção e na recepção.

Observe, no esquema a seguir, como esses critérios se relacionam de modo a configurar a textualidade.

MARCUSCHI, 2006, p. 96

> Os **critérios da textualidade** não devem ser vistos como estanques; muitas vezes são redundantes e se recobrem.

Os **sete critérios de textualidade**, segundo Maria da Graça Costa Val, podem ser definidos da seguinte forma:

Fatores semânticos e linguísticos da textualidade

Coerência

A **coerência** é fundamental para a textualidade porque é a partir dela que se estabelece o sentido do texto. Pode ser entendida como o nexo, a lógica entre as diversas ideias apresentadas e a relação entre elas e o contexto. Ela não é inerente ao texto, mas é inferida no processo de leitura. Por isso, depende também da interação entre o receptor do texto e os conceitos nele apresentados. Nesse sentido, o conhecimento de mundo de quem processa o discurso é essencial para que um texto seja considerado coerente.

Assim, é possível afirmar que a coerência envolve:

- Aspectos lógicos e semânticos → dependem das relações que se estabelecem entre os conceitos apresentados no texto.
- Aspectos cognitivos → dependem dos conhecimentos partilhados entre os interlocutores envolvidos no processo sociocomunicativo.

Coesão

A **coesão** é a expressão linguística da coerência e, como esta, também é de fundamental importância para a textualidade. Pode ser entendida como representação das diversas relações entre as ideias apresentadas em um texto, por meio do uso de uma série de mecanismos gramaticais e lexicais.

Entre os mecanismos gramaticais, incluem-se as conjunções, as elipses, os pronomes anafóricos (retomam termos já mencionados) e catafóricos (introduzem novos termos no texto), as relações entre tempos verbais e a concordância. Entre os mecanismos lexicais, há a repetição, a nominalização, a sinonímia, a antonímia, a hiperonímia, a hiponímia e a associação. Todos esses mecanismos serão definidos e trabalhados de modo mais detalhado no módulo sobre coesão. Por hora, basta saber que a língua oferece uma série de recursos que permitem evidenciar a lógica entre as diversas ideias e conceitos apresentados em um texto.

A coesão, outrora considerada inerente ao texto e, portanto, suficiente para garantir a textualização, hoje é entendida como codependente de outros fatores de textualidade. Segundo afirma Costa Val, a coesão não se encontra "pronta" no texto, mas está apenas sinalizada a fim de ser processada pelo receptor no momento da leitura.

> Coerência → nexo entre conceitos.
>
> Coesão → expressão desse nexo no plano linguístico.

Fatores pragmáticos da textualidade

Intencionalidade

A **intencionalidade** diz respeito à intenção do produtor de elaborar um texto – seja ele oral ou escrito – coeso e coerente, de modo a cumprir a função sociocomunicativa que motivou sua criação. Assim, esse fator de textualidade deriva das atitudes, das expectativas e dos objetivos de quem elabora o texto.

Observe a tira a seguir.

Angeli. *Os skrotinhos.*

Na tira de Angeli, a pergunta feita aos skrotinhos, no segundo quadrinho, não é suficientemente clara para fazer com que eles entendam a intenção da mulher. É evidente que, ao indagar "Mas vocês não estão vendo meu marido aqui?", ela tinha a intenção de repreendê-los por estarem fazendo um comentário grosseiro a seu respeito, diante do marido. Entretanto, para ser bem compreendida, ela deveria ter sido mais direta, já que os skrotinhos são personagens que não guiam seus atos segundo as convenções sociais. No último quadrinho, a resposta dada à pergunta da mulher evidencia que eles não quiseram fazer a inferência necessária para compreender o real sentido da pergunta. Esse detalhe é o que gera o humor na tirinha, pois explicita a ineficiência do texto elaborado pela mulher em cumprir a função com que foi formulado.

É possível perceber, ainda a partir do texto de Angeli, que a **intencionalidade** é um fator de textualidade que está intimamente ligado à **aceitabilidade**, já que o recebedor participa ativamente no processo de construção de sentido de um texto.

Aceitabilidade

A **aceitabilidade** diz respeito à predisposição do receptor de considerar um texto coeso e coerente e colaborar no processo de produção de sentido. Como vimos, nesse processo, o leitor / ouvinte precisa mobilizar conhecimentos prévios socialmente partilhados, que lhe possibilitem fazer as inferências necessárias para a compreensão do texto. Segundo Costa Val, a aceitabilidade e a intencionalidade seriam como dois lados de uma mesma moeda, ou seja, sem que ambos existam, dificilmente o processo de comunicação é bem-sucedido.

Na tira de Angeli que você acabou de ler, os skrotinhos responderam equivocadamente não apenas porque a pergunta era pouco objetiva, mas também porque eles não se engajaram para compreendê-la de acordo com a intenção da mulher.

Observe outra tira em que o texto elaborado pelo produtor não é considerado coerente pelo recebedor e, portanto, terminantemente recusado.

Dik Browne. *Hagar, O horrível.*

Ao contrário do que ocorre na primeira tira de Dik Browne que você leu neste módulo, dessa vez é Eddie quem tenta conversar com Hagar sobre uma de suas hipóteses. Enquanto, na primeira tira, a tentativa de diálogo é malfadada porque Eddie não tem capacidade de abstração suficiente para entender o que Hagar tentava dizer, nessa, o diálogo não prossegue porque o *viking* não aceita as ideias do amigo e põe fim à conversa. Tanto a forma rude como Hagar recusa o discurso quanto a covarde reação de seu amigo franzino, no último quadrinho, provocam o humor na tirinha.

Desde o início, Hagar recusa as proposições do amigo e faz uma pergunta que, em sua concepção de mundo, tornaria a hipótese levantada inválida: "Se fosse redondo como um ovo ficaria de pé?". Ao ver o truque mostrado, entretanto, o *viking* se irrita e tem uma típica atitude bárbara, a qual serve para explicitar, entre outras coisas, que ele não aceitou o discurso de Eddie. A partir do diálogo da tira, é possível perceber que a aceitabilidade é fator imprescindível para que um texto seja considerado coerente e coeso pelo recebedor.

Na tira, Browne joga ainda com outros fatores de textualidade. O texto de Eddie dificilmente poderia ser aceito por qualquer outro personagem daquela época, pois apresenta uma informação que, embora hoje seja de senso comum – "o mundo é redondo" –, não era aceita na Idade Média, tempo em que se passam as histórias do *viking*. Percebe-se, assim, que o cartunista cria um texto que tem **informatividade** baixa, para o leitor da tira, mas alta para a personagem envolvida na história.

Informatividade

A **informatividade** diz respeito à medida na qual as ocorrências de um texto são esperadas ou não, conhecidas ou não, no plano conceitual e no plano formal, e à suficiência de dados necessários à sua compreensão. Diz-se que um texto será tão mais informativo, quanto menos previsível for.

No plano formal e conceitual, a informatividade está relacionada à coesão e à coerência. Em um texto, deve-se cuidar para que exista um equilíbrio entre a repetição de ideias já mencionadas e a introdução de novas ideias, caso contrário, o receptor não poderá compreender o raciocínio que se pretende desenvolver. Se há apenas repetição, o nível de informatividade será baixo, já que o texto acrescentará pouco ao leitor; se há, por outro lado, a constante introdução de ideias novas, sem sua prévia contextualização, o nível de informatividade será alto demais, e o leitor será incapaz de processar o texto.

No que diz respeito à suficiência de dados necessários à compreensão, a informatividade relaciona-se ao conhecimento de mundo do receptor e ao fato de este interessar-se pelas informações contidas no texto. Quanto mais informações um texto acrescentar e quanto maior for o interesse do leitor por elas, maior será a informatividade. Assim, a informatividade não é inerente ao texto, mas definida de acordo com o leitor. Por exemplo, a informação de que "o mundo é redondo" – a qual, como foi dito, possui hoje baixa informatividade – pode ter alta informatividade para um adulto de épocas passadas ou mesmo para uma criança de apenas quatro ou cinco anos.

Além da época e da idade dos envolvidos no processo sociocomunicativo, também ideologias e valores podem interferir no julgamento que o receptor faz do texto. Observe a tira de Mafalda a seguir.

Quino. *Mafalda.*

LÍNGUA PORTUGUESA

Na tira de Quino, o humor deriva da incompatibilidade entre os valores e as ideologias de Mafalda e os de Susanita. A "notícia" dada à Susanita, além de não interessar a ela – que representa as elites nas tiras de Quino –, não é considerada grande novidade, tanto que a personagem conhece, inclusive, o modo como comumente a sociedade reage a informações de igual teor. Assim, pode-se dizer que, para Susanita, o comentário de Mafalda tem baixa informatividade.

Nessa tira, o texto de Mafalda parece ser também inadequado à situação vivida pelas personagens. De acordo com o comentário de Susanita no último quadrinho, as duas estavam indo brincar quando Mafalda interrompeu a brincadeira para comentar sobre a exploração da força de trabalho de milhares de crianças no mundo. Pode-se dizer, assim, que outro fator de textualidade entra em jogo nesse diálogo: a **situacionalidade**.

Situacionalidade

A **situacionalidade** diz respeito à adequação do texto à situação sociocomunicativa, que, segundo Costa Val, é decisiva para o estabelecimento dos outros fatores de textualidade já apresentados. Se você voltar às tiras analisadas, verá que isso faz sentido. Na de Angeli, o texto elaborado pela mulher é inadequado à situação de confronto com os skrotinhos, que são, como já foi dito, personagens com comportamentos tipicamente antissociais. Na de Dik Browne, a hipótese levantada por Eddie, segundo a qual "o mundo poderia ser redondo", era totalmente incompatível com as concepções de mundo vigentes na Idade Média, o que evidencia a inadequação do texto de Eddie à situação em que foi produzido. Assim, a situacionalidade está ligada às expectativas, às crenças e aos objetivos dos agentes envolvidos no processo sociocomunicativo.

Esse fator de textualidade está associado, ainda, às circunstâncias em que o texto se manifesta. Observe mais uma tirinha de Dik Browne.

Dik Browne. *Hagar, O horrível.*

Como é possível perceber, Hagar só compreende o sentido adequado da frase "Abaixo o rei! Abaixo o rei!", após associá-la a um dado da "realidade": o rei preso em cima de uma árvore. Antes de tomar conhecimento desse fato, é muito provável que o *viking* estivesse entendendo a frase no sentido em que ela é habitualmente usada, isto é, como um protesto em favor da deposição de um governante.

Intertextualidade

A **intertextualidade** diz respeito aos fatores que fazem tanto a produção quanto a recepção de um texto dependentes do conhecimento que os agentes envolvidos no processo sociocomunicativo têm de outros textos. Nesse caso, entram em jogo a relação de um texto com outro que lhe fornece o contexto, bem como a relação com o senso comum, o discurso da voz geral corrente.

Leia mais uma tirinha.

Jim Davis. *Garfield.*

Para entender o humor da tira de Jim Davis, o leitor precisará reconhecer a origem e o sentido da frase apresentada no primeiro quadrinho e relacioná-la tanto à atitude de Garfield, quanto à conclusão a que a aranha chega, nos dois quadrinhos subsequentes. "Ser ou não ser..." faz alusão à mais famosa das divagações metafísicas do atormentado Hamlet, personagem de Shakespeare, que enlouquece enquanto tenta mover uma vingança pelo assassinato do pai contra seu tio e sua mãe. Quanto maior for o conhecimento do leitor sobre o texto de Shakespeare, melhor ele compreenderá a construção de sentido no texto de Jim Davis. Leia o trecho de *Hamlet* em que aparece a frase da tira.

> Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre
> Em nosso espírito sofrer pedras e setas
> Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,
> Ou insurgir-nos contra um mar de provocações
> E em luta pôr-lhes fim? Morrer... dormir: não mais.

Após ler o texto de Shakespeare, o leitor da tira pode compreender melhor em que a aranha estaria pensando diante do gato: "enfrentaria Garfield [ser] ou sucumbiria à vontade dele e correria [não ser]?". Como faz com outras personagens das tiras, Jim Davis dá dimensões humanas e ironicamente engraçadas à aranha. Nessa tira, essa humanidade é motivo de seu fracasso. Enquanto divagava sobre "ser ou deixar de ser", a aranha foi trazida pela atitude do gato diretamente para o mundo real e, pior, para bem debaixo da implacável revista. No último quadrinho, tanto o estado da aranha – aniquilada pela "revistada" de Garfield – quanto a resposta que ela própria dá à pergunta que tinha feito – "Não [ser]" – voltam a dialogar com o texto de Shakespeare, no qual é evidente a alusão à morte como um dos fins possíveis ao se optar pelo "ser". O fim da aranha coincide ainda com o fim de Hamlet, que também morre em uma sangrenta batalha em que enfrenta o assassino do pai. Sem conhecer a personagem de Shakespeare ou sem saber relacionar a frase de Hamlet ao contexto da tira, o leitor pode até achar "bonitinho" o texto de Jim Davis, mas não entenderá seu sentido por completo, já que a linguagem verbal se limita quase unicamente à curta citação de Shakespeare e não há graça em simplesmente ver um gato matar uma aranha com uma revista.

Como foi dito anteriormente, a intertextualidade não está restrita à relação entre textos, já que ela deriva, também, da contextualização dos textos com base em suas funções pragmáticas. É nesse sentido que os milhões de textos em nosso cotidiano agrupam-se em espécies comuns. Assim, teríamos desde os mais simples e cotidianos, como bilhetes, panfletos, publicidades, até os mais complexos e de acesso mais restrito, como os textos acadêmicos. Entre uns e outros, estão milhares de outros gêneros textuais, que são usados, segundo convenções socioculturais, para cumprir as mais diversas funções. Segundo Costa Val, uma pessoa estabelece relações intertextuais para entender os mais diversos textos com que se relaciona em seu dia a dia e também para produzir adequadamente seus próprios textos, de modo a cumprir seus objetivos sociocomunicativos.

Essa concepção de intertextualidade interessa muito, pois o que será exposto neste livro visa a ajudar você na identificação e na produção de alguns gêneros textuais. Assim, a partir de hoje, passe a olhar para os textos com que se depara e para os textos que produz e observe como eles se organizam, formal e estruturalmente, em função do objetivo para o qual foram criados. Passe a tentar entendê-los, refletindo sobre o perfil de seus produtores e do público a que são dirigidos, sobre a situação em que são usados, sobre o tipo de informações que apresentam, sobre ideologias e concepções de mundo neles presentes, etc. Essa tarefa pode ser bem mais simples do que você imagina e, para realizá-la, basta que se disponha a refletir sobre os diversos textos com que lida todos os dias. A propósito, que tal começar agora mesmo?

Observe os textos seguintes e **INDIQUE** que conhecimentos e habilidades você precisou mobilizar para compreendê-los.

Texto I

Texto II

José Sarney "vive seus últimos momentos", e o arcebispo de Olinda e de Recife, Dom José Cardoso Sobrinho, aquele que excomungou todos os adultos envolvidos no aborto de uma gravidez de alto risco em menor estuprada, está se aposentando.

Por Roberto Vieira sobre poema de Carlos Drummond de Andrade

E agora, José?
A reza acabou,
a presidência dançou,
o povo sumiu,
o escândalo esfriou,
e agora, José?
E agora, você?
Você que tem nome,
que zomba dos outros,
você que excomunga,
cala quem protesta,
e agora, José?

Está sem respeito,
está sem discurso,
está sem destino,
já não pode benzer,
já não pode empregar,
iludir já não pode,
a verba esgotou,
o milagre não veio,
o aplauso não veio,
o jetom não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?

E agora, José?
Sua negra casaca,
seu instante de santo,
sua imortalidade,
sua biblioteca,
sua lavra de ouro,
seu terno de oligarca, sua [incoerência,
seu trono – e agora?

Com a caneta na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no Maranhão,
mas o Maranhão secou;
quer ir para Roma,
João Paulo não há mais.
José, e agora?

Se você confessasse,
se você se arrependesse,
se você tentasse
ser igual a toda gente,
se você dormisse,
se você sonhasse,
se você morresse…
Mas você não morre,
você é eterno, José!

Sozinho entre os muros
príncipe em seu palácio,
só teologia,
sem verdade nua
para se perdoar,
você é o dono do mar
que fugiu a galope,
você foge, José!
José, pra onde?

Disponível em: <http://blogdojuca.blog.uol.com.br/arch2009-06-28_2009-07-04.html>. Acesso em: 22 ago. 2009.

Texto III

Angeli. *Wood & Stock*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (PUC Minas–2008 / Adaptado) Leia os dois textos a seguir – um artigo do *ombudsman* da *Folha de S. Paulo* e uma charge – antes de fazer sua redação.

Texto I

Em nome do público

Apesar de todo o afobamento existente nos últimos dias, ainda é muito cedo para afirmar que os repórteres-fotográficos que teriam perseguido o Mercedes pelas ruas de Paris são culpados ou inocentes no episódio que resultou na morte da princesa Diana. Estabelecer a culpa num caso como esse demanda rigorosa apuração das circunstâncias. Depende de fatores que ultrapassam nossas simpatias e temores pessoais. Extrapola a defesa do direito a informar sem limites ou a oposição ao sensacionalismo da mídia. Quase todas as informações ainda precisam ser confirmadas, pois existem ao menos duas versões para cada detalhe relevante. [...]

Não há por que correr para inocentar ou condenar qualquer envolvido. Faltam informações conclusivas. É preciso apurar mais e melhor. Todos são inocentes – inclusive jornalistas da imprensa sensacionalista – até decisão judicial em contrário. A dura investigação não pode desaparecer após o "*show*" do enterro da princesa.

Dois barcos

Tão ou mais importante, porém, é a polêmica sobre as responsabilidades e os vícios de cada veículo de comunicação. No Brasil, mesmo os jornais de qualidade adotaram majoritariamente uma posição defensiva. Poderiam usar o fato para marcar explicitamente sua diferença com os métodos da imprensa sensacionalista, mas não o fizeram. Preferiram deixar os pés nos dois barcos. Por quê? Esta *Folha*, por exemplo, publicou na quarta-feira valiosa entrevista com o historiador marxista inglês Eric Hobsbawm, aquele que é talvez o mais respeitado intelectual vivo. Com toda a sua autoridade, apesar de abraçar ideologia considerada defunta, Hobsbawm fez a seguinte declaração: "Não há dúvida de que a mídia conduziu Diana até a sua morte". Esse juízo fortíssimo não mereceu destaque em capa, títulos, subtítulos, aberturas. Deu-se mais atenção ao seu diagnóstico sobre o uso que o primeiro-ministro Tony Blair e a monarquia tentavam fazer da morte da princesa. Vale notar que a declaração de Hobsbawm encara a "mídia" como um ente único, sem diferenciações e interesses variados.

SANTOS, Mario Vitor. *Folha de S. Paulo*, 07 set. 1997. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ombudsman/omb_19970907.htm>. Acesso em: em 06 abr. 2008.

Texto II

Duke. *Mídia urubu*

Tendo em vista a temática desenvolvida nos textos I e II, **ESCREVA** um artigo de opinião, destinado a ser publicado em jornal de circulação nacional, em que você, assumindo o ponto de vista de um(a) jornalista recém-formado(a), discuta sobre

> A função da mídia em nossa sociedade: papel e limites de sua atuação.

CONSIDERE que esse artigo será publicado em caderno especial do jornal, organizado para a discussão da temática a partir da contribuição de jornalistas experientes e recém-formados bem como de intelectuais vinculados a diferentes áreas do conhecimento.

Na redação de seu texto, **CONSIDERE** que a argumentação a ser desenvolvida deve levar em conta:

- o tipo de enunciador proposto e sua relação com a temática;
- a natureza do veículo de comunicação e do caderno em que o texto será publicado;
- a abrangência do público-leitor.

02. (Milton Campos-MG–2010) **ELABORE** um texto dissertativo em que você se posicione criticamente sobre o seguinte questionamento:

> O mundo é cinzento ou os homens estão de olhos fechados?

Na elaboração de seu texto, **APRESENTE** argumentos consistentes e bem fundamentados, capazes de dar sustentação ao seu ponto de vista.

Observações:

- Produza um texto de, no mínimo, 15 linhas.
- Dê um título a ele.
- Faça a redação a tinta.

03. (FASEH-MG–2010)

Sociedade protetora dos homens

O Brasil possui um excelente conjunto de leis de proteção ao ambiente. Nossos patrimônios naturais exuberantes assim o merecem. É uma pena, porém, que uma espécie tenha sido excluída da agenda ambiental — a espécie humana. [...]

Ocorre que nos últimos 20 anos houve uma revolução no conhecimento científico sobre os efeitos da poluição do ar na saúde humana. Hoje, sabemos que partículas finas emitidas pelos veículos se depositam profundamente em nossos pulmões. O ozônio, formado na atmosfera a partir de poluentes emitidos por veículos e indústrias, agride mucosas e vasos sanguíneos. Estudos desenvolvidos por vários grupos de pesquisa do Brasil indicam que a poluição do ar da Região Metropolitana de São Paulo causa mortalidade prematura de cerca de 20 pessoas ao dia. Mais ainda, 1 em 10 internações por doenças dos sistemas respiratório e cardiovascular tem alguma relação com a poluição atmosférica.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) já percebeu essa relação de causa e efeito. Tanto que, em 2006, estabeleceu novos padrões de qualidade do ar tendo por base reduzir os impactos sobre a saúde humana. Vários países seguiram a conclusão da OMS. O Brasil, no entanto, manteve os patamares adotados nos anos 90 — uma época em que sabíamos cerca de 10% do que sabemos hoje sobre os efeitos dos poluentes no corpo humano. Resultado: os padrões da OMS são 3 vezes menores do que os adotados no Brasil. Desconheço algum argumento médico que indique que os pulmões e as coronárias dos brasileiros sejam 3 vezes mais resistentes do que os dos nossos irmãos europeus ou americanos.

Padrões ambientais permissivos são o caminho mais direto para os combustíveis de má qualidade e a tecnologia automotiva antiquada que temos circulando pelas ruas do Brasil. E uma das consequências do problema está no enorme custo financeiro do sistema de saúde: apenas na Região Metropolitana de São Paulo, estamos falando em mais de US$ 1 bilhão ao ano. Excluir o homem da agenda ambiental é socialmente injusto, agride a cidadania e também prejudica a economia. Passou da hora de incluirmos a saúde humana na agenda ambiental. A sociedade dos homens agradecerá.

SALDIVA, Paulo. *Superinteressante*. out. 2009. (Adaptação).

REDIJA um texto dissertativo comentando as ideias e informações apresentadas no texto. Faça-o com suas próprias palavras.

- Não é necessário dar um título ao texto.
- As citações, se necessárias, devem vir entre aspas e não serão consideradas no cômputo total de linhas.

ATENÇÃO: Na avaliação do texto elaborado, não se levará em conta a posição assumida pelo candidato, mas, sim, sua capacidade de argumentação e a relevância dos argumentos usados.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UFMG)

Instrução: Leia o texto "Profissão desejada: ama de leite" para responder às questões de **01** a **07**.

Profissão desejada: ama de leite

Com poucas exceções, todas as jovens negras não têm outra preocupação além da de ser mães. É uma idéia fixa, que toma conta de seu espírito desde que se tornam núbeis, e que realizam assim que têm ocasião. Este fato, que o ardor do sangue africano bastaria talvez para explicar, é, sobretudo então, um resultado calculado. Na verdade, a maternidade não as levará, com toda a segurança, ao bem-estar, às satisfações do amor-próprio, ao usufruto da preguiça, à coqueteria e à gulodice?

Uma ama de leite é alugada por mais que uma engomadeira, uma cozinheira ou uma mucama. Para que dê honra e lucro, colocada numa boa casa, o senhor, durante a gravidez, lhe reserva os trabalhos mais leves. Após o parto, a rapariga vê suas camisas destruídas e suas roupas velhas distribuídas aos companheiros, enquanto seu guarda-roupa é renovado e recebe enxoval novo. É roupa grosseira, mas bem feita, vestidos simples a que a senhora, se os meios lhe permitem, colocou dois ou três metros de renda comum e um vestido branco com seis babados – realização do sonho dourado constante das jovens negras – eis o primeiro benefício da maternidade. A boa aparência, a roupa nova, as relações importantes do seu senhor lhe abrem a porta duma casa rica, ou que deseja aparentá-lo, o que, para ela, dá no mesmo.

Entre os comerciantes da cidade é questão de amor-próprio ter uma ama de leite que ostente um luxo insolente. Não é impossível, também que seja uma especulação. O luxo da ama exprime a prosperidade da casa, a menos que sirva para tornar pública a verdadeira situação econômica [...]

Será preciso falar dos cuidados, das atenções que a cercam, do respeito pelos seus caprichos? Um rei absoluto não consegue mais abnegação, dedicação cega da parte dos cortesãos. A cozinheira, a mucama, a engomadeira lhe obedecem e a própria senhora, muitas vezes, fica às suas ordens. É que, antes de mais nada, é preciso evitar que a ama se zangue, que tenha a menor contrariedade. Uma rusga, um arrufo, uma indisposição, um simples mal-estar tornam-se desgraças sérias, pois podem influir na qualidade do leite. Se a ama franze as sobrancelhas, se faz um muxoxo, o pai e a mãe trocam olhares inquietos [...]

As amas de leite, como se vê, têm mil razões para apreciar essa existência dourada durante a qual os papéis se invertem, pois os brancos obedecem e as negras comandam. Também, soa tristemente, para elas, a hora da servidão. Na despedida, algumas até podem derramar algumas lágrimas [...], mas o que todas lamentam, infinitamente, é a vida indolente, o luxo das vestimentas, a abundância de tudo a que é preciso renunciar, para retomar a coleira da miséria. A ternura dessas criaturas não é desinteressada, está provado; amam o pequeno a que dão o seio, mas porque devem a essa maternidade ocasional todas as satisfações que a fortuna pode lhes conceder.

LEITE, Miriam Moreira (Org.). *A condição feminina no Rio de Janeiro, século XIX*: antologia de textos de viajantes estrangeiros. São Paulo: HUCITEC; Brasília: INL, Fundação Nacional Pró-Memória, 1984. p. 91-92.

01. Em todas as alternativas, a palavra destacada está corretamente interpretada, de acordo com seu sentido no texto, **EXCETO** em:

A) guarda-roupa é renovado (2º §) = vestuário
B) a porta duma casa rica (2º §) = família
C) os papéis se invertem (5º §) = situações
D) retomar a coleira da miséria (5º §) = limitação
E) as satisfações que a fortuna pode lhes conceder (5º §) = riqueza

02. Todas as afirmativas estão corretas de acordo com o texto, **EXCETO**

A) Durante a gravidez, a ama de leite só executava trabalhos leves.
B) Assim que dava à luz, a ama de leite recebia um enxoval novo.
C) O salário da ama de leite era mais alto que o dos serviços domésticos.
D) A ama de leite gozava de uma série de regalias com relação aos outros serviços domésticos.
E) Passado o período de amamentação, a negra perdia as regalias oferecidas à ama de leite.

03. Todas as afirmativas estão de acordo com a opinião do autor sobre as amas de leite, **EXCETO**

A) Amam o bem-estar, o conforto e o luxo.
B) Amam a criança branca que amamentam.
C) Têm pela criança branca uma ternura desinteressada.
D) Obtêm dos donos da casa todos os cuidados e atenções.
E) Desejam e planejam a maternidade.

04.

> Com poucas exceções, todas as jovens negras não têm preocupação além da de ser mães.

Todas as alternativas encerram o mesmo significado da passagem anterior, **EXCETO**

A) Poucas são as jovens negras que não têm como projeto único o fato de se tornarem mães.
B) A grande maioria das moças negras compreende unicamente a importância de se tornarem mães.
C) Poucas jovens negras fazem outros planos que não sejam o de serem mães.
D) Salvo alguns casos, as moças negras não têm outros planos, senão o de se tornarem mães.
E) Quase todas as jovens negras têm uma única preocupação: a de serem mães.

05. Em todas as alternativas, a afirmativa II é uma justificativa coerente da afirmativa I, de acordo com as ideias contidas no texto, **EXCETO** em:

A) I. A boa aparência, a roupa nova [...] lhe abrem a porta duma casa rica [...]
II. Uma ama de leite é alugada por mais que uma engomadeira, uma cozinheira ou uma mucama.
B) I. Entre os comerciantes da cidade é questão de amor-próprio ter uma ama de leite que ostente um luxo insolente.
II. O luxo da ama exprime a prosperidade da casa [...]
C) I. Será preciso falar dos cuidados, das atenções que a cercam, do respeito pelos seus caprichos?
II. [...] é preciso evitar que a ama se zangue, que tenha a menor contrariedade.
D) I. Na despedida, algumas até podem derramar algumas lágrimas [...]
II. [...] devem a essa maternidade ocasional todas as satisfações que a fortuna pode lhes conceder.
E) I. É uma idéia fixa, que toma conta de seu espírito desde que se tornam núbeis [...]
II. Na verdade, a maternidade não as levará, com toda a segurança [...] à coqueteria e à gulodice?

06. Com relação ao texto, todas as afirmativas estão corretas, **EXCETO**

A) O primeiro parágrafo explica, em linhas gerais, o intento das jovens negras, quando desejam tornar-se mães.
B) O segundo parágrafo relaciona sobretudo a aparência da ama de leite a benefícios de que seu senhor pode desfrutar.
C) O quarto parágrafo expressa a ideia de que o orgulho da ama de leite é alimentado por todas as pessoas da casa.
D) O quinto parágrafo descreve a última fase do ciclo vivido pelas jovens negras que se tornam mães e amas de leite.
E) Os cinco parágrafos apresentam, em sequência cronológica, as situações vividas pela jovem negra que se torna mãe e ama de leite.

07. Segundo o texto, desde a adolescência, a maternidade é o grande sonho das negras. Qual é a alternativa que justifica **CORRETAMENTE** essa afirmação?

A) As negras desde a adolescência possuem o ardor do sangue africano.
B) As negras são instintivamente mais maternais do que as brancas.
C) As negras durante a amamentação podem conseguir dinheiro com seu leite.
D) As negras enquanto amamentam têm privilégios como amas de leite.
E) As negras durante a gravidez são poupadas de castigos corporais.

08. (UPF-RS–2009) Leia atentamente o texto seguinte.

A velhice começa aos 27

O cérebro declina muito mais rápido do que você imagina. Aos 27 anos de idade, você ainda é jovem. Seu coração está zerado, a pele quase perfeita e os músculos não doem. Mas no seu cérebro, a decadência já começou. Cientistas americanos acabam de divulgar os resultados de um estudo gigantesco, que mediu as habilidades cognitivas de 2 000 pessoas e chegou a uma conclusão assustadora. O cérebro humano chega ao auge aos 22 anos, fica estável até os 27 e a partir daí já começa a declinar. E essa queda é incrivelmente rápida – quando as pessoas chegam aos 30 anos de idade, várias funções do cérebro já estão bem mais fracas [...] Você pode achar que ainda é muito jovem para ficar gagá. Mas a natureza não.

"Do ponto de vista evolutivo, por volta dessa idade você já deveria ter se reproduzido. E, por isso, já estaria chegando a hora de se aposentar", explica o neurologista Paulo Henrique Bertolucci, da Universidade Federal do Estado de São Paulo. Afinal, o homem das cavernas não vivia muito mais que 30 anos. E, anatomicamente, o seu cérebro é idêntico ao dele. Mas não precisa se desesperar se você já passou dos 27, ou está chegando a essa idade. O estudo, realizado pela Universidade de Virgínia, também descobriu que algumas habilidades, como a verbal, continuam crescendo até os 60 anos. E aprender coisas novas, aumentando o número de informações no cérebro, compensa parcialmente as perdas cognitivas. A velhice mental existe. Mas ela é só uma coisa da sua cabeça.

BLANCO, Gisela. Revista *Superinteressante*. Disponível em: <http://super.abril.uol.com.br/revista/265/materia_revista_467966.shtml?pagina=1>. Acesso em: 05 maio. 2009.

Em seu sentido global, o texto trata

A) das relações estabelecidas entre o cérebro de um jovem e o cérebro de um adulto.
B) de descobertas científicas que contradizem o senso comum no que tange ao processo de envelhecimento cerebral.
C) da relação contraditória existente entre as pesquisas realizadas nas universidades e o que efetivamente se torna público.

D) dos benefícios que as pesquisas científicas sobre a idade cronológica do indivíduo trazem à sociedade.

E) das análises dos resultados de um estudo sobre o cérebro humano realizado por pesquisadores britânicos.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2003)

Quino. Mafalda

O humor presente na tirinha decorre principalmente do fato de a personagem Mafalda

A) atribuir, no primeiro quadrinho, poder ilimitado ao dedo indicador.

B) considerar seu dedo indicador tão importante quanto o dos patrões.

C) atribuir, no primeiro e no último quadrinhos, um mesmo sentido ao vocábulo "indicador".

D) usar corretamente a expressão "indicador de desemprego", mesmo sendo criança.

E) atribuir, no último quadrinho, fama exagerada ao dedo indicador dos patrões.

02. (Enem–2010) Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **O Trabalho na Construção da Dignidade Humana**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto I

O que é trabalho escravo

Escravidão contemporânea é o trabalho degradante que envolve cerceamento da liberdade

A assinatura da Lei Áurea, em 13 de maio de 1888, representou o fim do direito de propriedade de uma pessoa sobre outra, acabando com a possibilidade de possuir legalmente um escravo no Brasil. No entanto, persistiram situações que mantêm o trabalhador sem possibilidade de se desligar de seus patrões. Há fazendeiros que, para realizar derrubadas de matas nativas para formação de pastos, produzir carvão para a indústria siderúrgica, preparar o solo para plantio de sementes, entre outras atividades agropecuárias, contratam mão de obra utilizando os contratadores de empreitada, os chamados "gatos". Eles aliciam os trabalhadores, servindo de fachada para que os fazendeiros não sejam responsabilizados pelo crime.

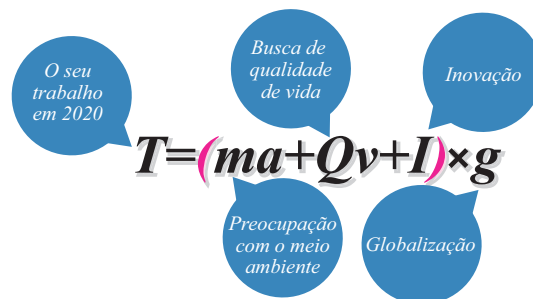
Trabalho escravo se configura pelo trabalho degradante aliado ao cerceamento da liberdade. Este segundo fator nem sempre é visível, uma vez que não mais se utilizam correntes para prender o homem à terra, mas sim ameaças físicas, terror psicológico ou mesmo as grandes distâncias que separam a propriedade da cidade mais próxima.

Disponível em:< http://www.reporterbrasil.org.br>. Acesso em: 02 set. 2010 (Fragmento).

Texto II

O futuro do trabalho

Esqueça os escritórios, os salários fixos e a aposentadoria. Em 2020, você trabalhará em casa, seu chefe terá menos de 30 anos e será uma mulher

Felizmente, nunca houve tantas ferramentas disponíveis para mudar o modo como trabalhamos e, consequentemente, como vivemos. E as transformações estão acontecendo. A crise despedaçou companhias gigantes tidas até então como modelos de administração. Em vez de grandes conglomerados, o futuro será povoado de empresas menores reunidas em torno de projetos em comum. Os próximos anos também vão consolidar mudanças que vêm acontecendo há algum tempo: a busca pela qualidade de vida, a preocupação com o meio ambiente, e a vontade de nos realizarmos como pessoas também em nossos trabalhos. "Falamos tanto em desperdício de recursos naturais e energia, mas e quanto ao desperdício de talentos?", diz o filósofo e ensaísta suiço Alain de Botton em seu novo livro *The pleasure and sorrows of works* (Os prazeres e as dores do trabalho, ainda inédito no Brasil).

Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com>. Acesso em: 02 set. 2010 (Fragmento).

Instruções:

- Seu texto tem de ser escrito **à tinta**.
- Desenvolva seu texto em prosa: não redija narração, nem poema.
- O texto com até 7 (sete) linhas escritas será considerado texto em branco.
- O texto deve ter, no máximo, **30 linhas**.

GABARITO

Fixação

01. O aluno deve escrever um texto opinativo em que discuta a função da mídia em nossa sociedade. Afinal, qual é o papel da mídia? Até que ponto ela deve atuar? Quais devem ser seus limites? O aluno deve discutir essas questões, baseando-se no que foi exposto pelos textos-base. Pode-se utilizar o caso da princesa Diana como ponto de partida para uma análise crítica. Além do caráter opinativo, o artigo de opinião tem marcada a pessoalidade. Logo, é importante deixar claro para o leitor a condição do

locutor como jornalista recém-formado. O artigo de opinião é um texto assinado, mas, como algumas universidades não permitem qualquer tipo de identificação na redação, algumas pistas ao longo do texto podem denunciar essa condição do locutor. Também será valorizado o aluno que conseguir construir seu texto deixando claras as especificidades do veículo em que este será publicado. Apesar de se tratar de um caderno especial destinado à discussão de um tema que envolve o jornalismo, também participarão intelectuais vinculados a outras áreas do conhecimento; logo, é imprescindível que o aluno seja claro o suficiente para atingir todos eles.

02. Essa proposta de redação solicita que o candidato exponha seu ponto de vista sobre uma questão apresentada metaforicamente no enunciado. Desse modo, para redigir um bom texto seria interessante que, antes de expor seu posicionamento, o candidato explicitasse sua leitura da metáfora. A ideia de "um mundo cinzento" poderia ser entendida como um mundo mais sombrio, mais marcado por disputas e guerras individuais e coletivas, por desigualdades, por perversidades, por falta de compreensão e solidariedade entre as pessoas, por uma sistemática agressão à ecologia do planeta, por exemplo. Poderia ser entendida, também, como alusão a um mundo mais homogêneo, pasteurizado, em que se menospreza a autenticidade e valoriza-se a adesão a modelos comportamentais preestabelecidos. Independentemente de como interpretar a metáfora, o aluno deve esclarecer qual a responsabilidade do homem em relação a esses problemas. As ideias devem ser apresentadas em um texto coeso, coerente, e o ponto de vista escolhido pelo candidato deve se sustentar em argumentos pertinentes.

03. O texto motivador da proposta defende a ideia de que a saúde da população brasileira deve ser levada em consideração na legislação de preservação ambiental, o que não ocorre atualmente. O autor apresenta os prejuízos à saúde humana causados pela poluição do ar, evidenciando que eles têm efeitos negativos sobre a saúde pública, a cidadania e a economia. O enunciado da proposta solicita que se produza uma redação sobre essa temática, mas não delimita o objetivo do texto que o candidato deverá compor. Desse modo, fica a cargo deste estabelecer um objetivo para sua redação e, a partir desse objetivo, elaborar a tese a ser defendida. Apesar da relativa liberdade, seria interessante que o texto produzido avaliasse a inserção da espécie humana na ecologia do planeta. Há algum tempo, costumava-se pensar que a preservação ambiental deveria considerar apenas a proteção à fauna e à flora. Na atualidade, são cada vez mais abundantes concepções ecológicas que consideram a espécie humana e suas ações partes indissociáveis dos ecossistemas, uma vez que neles interferem e são afetadas por eles. O aluno pode tanto concordar quanto discordar do autor, contanto que fundamente seu ponto de vista com argumentos consistentes. Deve elaborar um texto coeso e bem organizado.

Propostos

01. E	03. C	05. A	07. D
02. C	04. B	06. B	08. B

Seção Enem

01. C

02. A proposta de redação apresenta dois textos motivadores. O primeiro trata do trabalho escravo – que, embora ilegal, ainda existe em certas regiões do país – e evidencia sua ação degradante. O segundo apresenta uma previsão sobre como será o trabalho no futuro, mostrando que a qualidade de vida, a preocupação com o meio ambiente, o empreendedorismo, tudo isso potencializado pela dinâmica da globalização e do desenvolvimento tecnológico, serão determinantes para a ideia de trabalho em um futuro próximo.

Os textos apresentam situações opostas. O primeiro exemplifica o trabalho degradante que, em vez de melhorar a qualidade de vida do trabalhador e proporcionar-lhe realização profissional e financeira, retira-lhe a dignidade e a liberdade. O segundo explicita uma dinâmica de trabalho que engrandece o homem, pois revela perspectivas positivas ao trabalhador e ao meio ambiente, em vez de apenas valorizar o enriquecimento dos donos dos meios de produção. O aluno deve servir-se desses textos motivadores e elaborar uma redação em que mostre de que maneira o trabalho pode servir para construir ou conservar a dignidade humana. Assim, deve propor a valorização do tipo de trabalho que melhore as condições financeiras e a qualidade de vida do trabalhador, que lhe proporcione realização profissional, que possa ser desenvolvido em locais adequados a fim de preservar-lhe a saúde, que se valha da evolução científica e tecnológica para tornar-se mais eficiente e dinâmico, etc. Na proposta de intervenção, o aluno pode sugerir a criação de leis que regulamentem esse novo tipo de prestação de serviços e um maior rigor das leis trabalhistas já existentes a fim de erradicar, definitivamente, o trabalho escravo. Vale observar que não apenas o Estado deve atuar nesse sentido, mas também a sociedade civil, que pode fazer denúncias e mobilizar-se contra esse tipo de exploração. O texto deve apresentar uma tese clara e argumentos que, bem organizados e concatenados, respaldem a opinião apresentada.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 02 FRENTE A

Fatores de contextualização

O texto será incoerente se seu produtor não souber adequá-lo à situação, levando em conta a situação comunicativa, objetivos, destinatário, regras socioculturais, outros elementos da situação, uso dos recursos lingüísticos

KOCH; TRAVAGLIA, 2003, p. 59.

Para se redigir um bom texto, seja no cotidiano, seja em uma proposta de redação, é preciso estar atento ao contexto de produção. Em um *e-mail* enviado a um amigo, por exemplo, é possível usar uma linguagem mais informal e despojada, abreviar palavras e expressões, marcar o texto com onomatopeias que expressem as impressões sobre o assunto tratado. Não é possível fazer o mesmo, entretanto, em uma prova ou em uma redação produzida na escola. Assim, pode-se afirmar que o processo de produção de um texto inicia-se com a análise do contexto em que ele deverá se inserir.

Em uma proposta de redação, esse contexto é definido a partir do recorte temático estabelecido pelos textos motivadores e pelo comando, que, normalmente, estabelece o objetivo do texto a ser produzido. Desse modo, só será possível escrever um bom texto, adequado àquilo que foi solicitado, se se fizer uma leitura atenta e crítica da proposta. Nessa leitura, devem entrar em jogo fatores como o conhecimento de mundo e a capacidade do leitor de fazer inferências, entre outros.

Já no processo de escrita propriamente dito, o grau de objetividade com que se atende ao comando da proposta, bem como a capacidade de se eleger a variedade linguística adequada à situação são extremamente importantes. Também entra em jogo o conhecimento que o produtor tem sobre as características formais e linguísticas do gênero textual que deverá produzir – no próximo módulo, será apresentado o conceito de gênero textual mais detalhadamente.

Neste módulo, vamos conhecer alguns fatores que devem ser considerados no processo de contextualização e de produção de um texto. Vamos conhecer também os principais verbos de comando encontrados em questões objetivas e em propostas de redação de provas de vestibular.

FATORES DE CONSTRUÇÃO DA COERÊNCIA E DA COESÃO TEXTUAL

Vimos anteriormente que a coerência é um princípio de interpretabilidade, uma possibilidade de estabelecer um sentido para uma sequência linguística. Ela decorre, portanto, de uma multiplicidade de fatores das mais diversas ordens: linguística, discursiva, cognitiva, cultural e interacional (KOCH; TRAVAGLIA, 2003). Entre esses fatores, é importante destacar:

O conhecimento de mundo

Esse fator refere-se ao conhecimento que um indivíduo adquire ao longo de sua vida, no contato com o mundo circundante, por meio das experiências vividas. Os saberes resultantes desse processo são armazenados na memória em forma de blocos, também denominados **modelos cognitivos**. Conheça alguns deles.

- *Frames*: são conhecimentos arquivados sob "rótulos", sem que haja, subjacente, uma organização específica.

  Exemplo: "eleição" → candidatos, eleitores, título de eleitor, voto, propaganda eleitoral, zona eleitoral, urna, etc.

- Esquemas: são conjuntos de conhecimentos armazenados em sequência – temporal ou causal.

  Exemplo: "preparar arroz" → lavar os grãos, aquecer um fio de óleo em uma panela, acrescentar tempero, acrescentar os grãos lavados, fritar os grãos, acrescentar água suficiente para cozimento, deixar que os grãos cozinhem até ficarem macios.

- Planos: são conhecimentos relacionados ao modo de agir, tendo em vista determinado objetivo.

  Exemplo: "passar no vestibular" → ser auxiliado por bons professores, assistir a todas as aulas, estudar com afinco, informar-se sobre temas polêmicos da atualidade, postergar prazeres momentâneos, preparar-se psicologicamente para a situação de tensão de uma prova, etc.

- *Scripts*: conhecimentos sobre modos de agir altamente estereotipados em determinada cultura, os quais podem ser expressos, inclusive, em termos linguageiros.

  Exemplo: "ritual de paquera" → troca de olhares, troca de elogios e de galanteios, aproximação física, beijos, etc.

- Superestruturas ou esquemas textuais: conhecimentos sobre os diversos tipos de textos, os quais são adquiridos à medida que se tem contato com eles.

  Exemplo: "carta" → texto iniciado por local e data, seguidos de vocativo, e finalizado por despedida e assinatura, no qual há interlocução direta entre autor e receptor.

Quando se lê ou se produz um texto, esses conhecimentos armazenados são mobilizados e se traduzem na forma como determinado assunto ou situação será abordada, levando em consideração o contexto da enunciação, a intenção do produtor, os dados que se tem sobre o(s) interlocutor(es), por exemplo. Da mesma forma, o recebedor mobiliza seus conhecimentos para que possa proceder à compreensão do enunciado com que toma contato.

O texto de Ana Miranda, transcrito a seguir, expõe uma reflexão sobre o papel que tem o conhecimento do mundo no processo de leitura.

A leitura

A cada livro que lemos, nos transformamos um pouco mais, e em algo melhor. Dizia Borges que o livro não passa de papel e tinta, o que lhe dá vida e relevo é o que acontece na mente do leitor. A leitura é um processo tão complexo que talvez não possa ser totalmente explicado. Parece ser a relação mais íntima que pode existir entre duas pessoas, pois o autor revela-se em sua plenitude, e o leitor descobre a verdade ali contida. O leitor está silencioso, só, debruçado sobre o livro, numa atenção de grande intensidade, pois qualquer distração faz cessar a leitura; não sofre interferências externas que possam censurar sua visão ou sua compreensão ou seus julgamentos. Ele é capaz de ouvir tudo e qualquer coisa, sob o prisma mais pessoal e independente. Ele está só, e ao mesmo tempo acompanhado. Sua mente funciona da mesma forma que a mente do autor, seus sentimentos e emoções percorrem a mesma curva, seu pensamento se transforma no pensamento do autor, ele vê e imagina o que viu e imaginou o escritor. O leitor não deixa de ser ele mesmo, mas passa a ser o autor durante a leitura, o mesmo ocorrendo no sentido inverso. Nessa comunhão secreta e tantas vezes apaixonada, a mente do leitor aprende a funcionar de uma nova maneira, ampliando suas possibilidades de raciocínio e sua percepção. A verdade do autor torna-se uma nova verdade, ampliando-se, recebendo e incorporando a cada leitura uma nova interpretação. Cada leitor transforma o livro, e a cada geração de leitores o livro se amolda, vindo ao encontro das necessidades interiores e das relativas ao tempo, à época. A mobilidade de um livro é tão extraordinária quanto a de um leitor.

A leitura de um livro se dá em vários níveis, e processos acontecem ao mesmo tempo, em intensidades que variam de leitor para leitor. Há a leitura da trama, talvez a mais superficial, em que acompanhamos as ocorrências, os fatos, as descrições, as reflexões do livro, e enquanto isso nossa mente observa o comportamento humano, e nosso próprio comportamento, realizando uma **leitura da história de nossa vida**, pois os exemplos da vida dos personagens fazem surgir memórias de fatos semelhantes acontecidos na vida do leitor. É a **leitura da memória pessoal**. Há a **leitura dos sentimentos dos personagens e do autor**, que provocam sentimentos análogos no leitor, que pode experimentar novas emoções, ou emoções esquecidas e não realizadas na vida cotidiana. Há a **leitura da linguagem** que o livro apresenta, em que assimilamos novas palavras, expressões, dicções, vindas de diversas partes e tempos do mundo, e desenvolvemos nossa percepção lingüística, e a de significados. Também a **leitura gramatical**, em que nossa mente se acostuma às formas vernaculares ou não, registrando e incorporando as grafias corretas, as maneiras de pontuação, as apresentações normativas do idioma. A **leitura das formas narrativas** nos leva a identificar inúmeras possibilidades de expressão. A **leitura do gênero** – romance, conto, poesia, etc. – nos põe diante de estruturas clássicas, e das maneiras infinitas de misturar esses formatos. A **leitura da estrutura do texto** nos ensina a organizar nosso pensamento.

Há a **leitura da personalidade do autor do livro**, pois tudo o que ele escreve, ainda que seja ficção, é um registro da sua maneira de ser. Conhecemos Clarice Lispector, sem nunca termos nem mesmo tê-la visto nem sequer uma vez. Temos intimidade com os autores dos livros que lemos em nossa vida. Viajamos por dentro de suas almas e aprendemos a discernir suas verdadeiras biografias. A **leitura da imaginação do autor** provoca uma leitura de nossa própria imaginação, e quanto mais livre for sua mente, mais liberdade terá a nossa para fabular e criar as próprias imagens diante da proposta do texto. Há **a leitura do ritmo**, em que a cadência da escrita nos leva a respirações, a pausas, a silêncios, e a melodias, pois cada palavra tem um som, uma tonalidade e causa uma sensação. A **leitura das palavras em si**, e a **forma como se organizam nas frases**, provoca também um sentimento de prazer estético, afinando nossos sentidos. A **leitura da realidade versus sonho** nos leva a experimentar as tênues fronteiras entre esses universos. A **leitura ideológica** nos faz pensar em nossas próprias crenças e nas alheias, medimos as diferenças pessoais e sociais. A **leitura filosófica** nos leva a questões da existência humana, o mesmo se passando com a **leitura da moral e da ética**. A **leitura política** nos questiona e descobrimos nossos limites de tolerância. A **leitura religiosa e a ontológica** nos aproximam de Deus. A **leitura**, enfim, da **literatura** nos traz toda a história do espírito humano. Assim, aprendemos a ler, a falar, a pensar, a escrever, a olhar, a imaginar, a sonhar, a viver, enfim.

MIRANDA, Ana. *Caros amigos*, n. 93, dez. 2004.

Conhecimento compartilhado

Esse fator diz respeito aos conhecimentos partilhados entre os interlocutores – ou pressupostos como tal. São esses conhecimentos que dão a medida do que deve ficar explícito e do que pode ficar implícito no texto. Caso o balanceamento entre ideias explícitas e implícitas não seja ajustado, haverá processamento inadequado do texto por parte do interlocutor, o que prejudica não somente a compreensão, mas também a construção da própria coerência textual.

Observe a tira de Dik Browne a seguir.

Nessa tira, Hagar interpreta a fala de seu interlocutor erroneamente. Ele relaciona a expressão "problemas em casa" à ideia de problemas conjugais, talvez, motivado por sua própria vivência doméstica, ao lado de Helga, sua mulher. Por esse motivo, ele sugere a seu interlocutor que procure o auxílio de um conselheiro matrimonial. Nesse caso, fica claro que a informação dada pelo interlocutor de Hagar não é suficiente para fazer com que este compreenda o sentido da mensagem. A expressão "problemas em casa" é genérica demais para que possa ser compreendida com precisão. Apenas no segundo quadro, após ouvir a sugestão de Hagar, seu interlocutor explicita a natureza dos problemas que enfrenta em casa, o que provoca um efeito inesperado, gerando humor.

Inferências

As inferências correspondem ao resultado da operação dedutiva que permite ao receptor, no momento da interlocução, estabelecer a(s) relação(ões) de sentido não explícita(s) no texto, pela mobilização do conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado.

Observe o texto de Laerte a seguir.

Folha de S. Paulo, 14 jul. 1998

A compreensão dessa charge exige que o leitor seja capaz de perceber a ironia nela presente. Ele precisa mobilizar um conhecimento que Laerte pressupõe ser partilhado com o interlocutor: naquele ano (1998), várias mulheres que usavam anticoncepcionais ficaram grávidas, porque as pílulas que tomaram continham farinha, e não o princípio ativo contraceptivo. Sem esse conhecimento, o leitor é incapaz de inferir as informações necessárias para processar o texto de acordo com a proposta do locutor. Vale observar, portanto, que o entendimento dessa charge está relacionado a um momento ou a um fato específico.

Vários outros textos com que nos deparamos no cotidiano também têm seus sentidos circunscritos a um contexto datado, o que faz com que leitores que os leiam algum tempo depois de serem produzidos não os compreendam em sua totalidade. É o caso, por exemplo, de algumas crônicas – que, após a publicação em jornais, são compiladas em livros – e charges.

Alguns textos se tornam de difícil compreensão para leitores que não têm modelos cognitivos que permitem acesso às informações necessárias ao processamento textual. Por isso, ao produzir um texto, é necessário que você se certifique de que o recebedor pertença a um grupo com acesso ao conhecimento necessário para compreender o enunciado.

Outro exemplo para ilustrar o processo de inferência é a carta a seguir, enviada por Carlos Drummond de Andrade ao pai, no início do século passado, quando o escritor estudava em um colégio interno em Friburgo, Rio de Janeiro.

> Friburgo, 1919
>
> 5ª feira recebi vossa carta-bilhete do dia 29, que me alegrou, pois por ela fui informado que tudo, graças a Deus, vai na forma costumeira, sem novidades.
>
> Por aqui, a cousa é a mesma. Eu já estou restabelecido de todo e não é sem tempo, pois fiquei quatro dias tomando apenas canja, em virtude de prescrição médica. Ora, quatro dias de canja não é nenhuma brincadeira... Enfim, estou são, graças a Deus.
>
> Estou muito e muito saudoso, mas o que me consola é a certeza de que falta pouco tempo. Estamos quase no fim do ano ginasial. Deus permita que isso passe depressa!
>
> Por hoje basta. Envio-vos saudosíssimos e respeitosos abraços. Beijando-vos a mão, peço a vossa bênção.
>
> O filho muito amoroso.
>
> Carlos

Podem ser feitas várias inferências a partir da leitura dessa carta, caso se observem as pistas deixadas ao longo do texto:

- Embora não haja informação do dia e do mês em que Drummond escreveu a carta, a menção de que o ano letivo estava quase no final permite uma datação aproximada.
- A referência ao dia, "5ª feira", sugere a regularidade da correspondência entre o poeta e o pai.
- O uso da 2ª pessoa do plural – vós – e as expressões de cortesia permitem inferir que as relações entre pais e filhos se faziam por meio de convenções e de linguagem formal, respeitosa.
- "Por aqui a cousa é a mesma" permite comparar o "elogio da rotina" feito pelo jovem Carlos nessa carta ao do já poeta Drummond em "Cidadezinha qualquer", com a famosa exclamação: "Eta vida besta, meu Deus".

LÍNGUA PORTUGUESA

FATORES DE CONTEXTUALIZAÇÃO

Os fatores de contextualização são os responsáveis pela "ancoragem do texto" numa dada situação comunicativa, segundo Marcuschi (1983). Subdividem-se em:

- contextualizadores propriamente ditos: data, local, assinatura, diagramação da página, timbre em documentos oficiais, recursos gráficos em geral.
- contextualizadores prospectivos, que permitem avançar perspectivas sobre os textos: título, nome do autor, suporte, etc.

Na revista

Um mundo correto

Sábado, 1 de agosto de 2009.

Eu tenho um imenso respeito pelos ratos venezianos. Um respeito que beira a vassalagem. Eles, por sua vez, me tratam com certa soberba. Eu entendo. Os ratos venezianos pertencem a uma estirpe nobre.

Veneza está infestada de ratos. Quatro ratos para cada habitante. Um total de 200 000 ratos. Perambulo todas as noites à procura deles. Olha o rato saindo do tubo do esgoto! Olha o rato atravessando o canal a nado! Olha o rato morto com um fiozinho de sangue escorrendo pelo canto da boca!

Eu tenho um imenso respeito pelos ratos venezianos. Um respeito que beira a vassalagem. Eles, por sua vez, me tratam com certa soberba. Eu entendo. Os ratos venezianos pertencem a uma estirpe nobre. O impacto que seus antepassados – *rattus rattus* – tiveram no desenvolvimento das artes foi incomensuravelmente maior do que o de todos nós – brasileiros brasileiros – em mais de 500 anos de história.

A igreja do Redentor é obra dos ratos venezianos. Melhor dizendo: a igreja do Redentor é obra de Andrea Palladio, um dos mais importantes arquitetos de seu tempo, mas ela só foi erguida para comemorar o fim de uma epidemia de peste, em 1576. Quem propagou a epidemia? Os ratos venezianos e suas pulgas. Eles voltaram a disseminar a peste em 1630, matando outras dezenas de milhares de pessoas. O resultado foi melhor ainda: para comemorar o fim da epidemia, Baldassare Longhena projetou a igreja de Santa Maria della Salute.

Nos períodos de epidemia, os navios com pestilentos a bordo tinham de permanecer ancorados ao largo de Veneza, em quarentena, com uma bandeira amarela no mastro. Alguns dias atrás, a imagem se repetiu, quando passageiros e tripulantes de um navio proveniente da Turquia foram impedidos pela guarda costeira de desembarcar na cidade, porque as autoridades temiam que eles fossem portadores de gripe suína. As barreiras sanitárias erguidas pelos italianos funcionaram até agora. Ninguém morreu de gripe suína na Itália. É o contrário do que ocorre no Brasil. Nós já conquistamos uma primazia nesse campo: de acordo com as estatísticas da Organização Mundial de Saúde, temos a segunda maior taxa de mortalidade por gripe suína do mundo. Atrás apenas deles – os argentinos argentinos.

Michel de Montaigne passou por Veneza em 1580, quatro anos depois da epidemia que inspirou a igreja do Redentor. Ele associou a peste ao mau cheiro dos canais venezianos, ignorando o papel dos ratos no contágio. Nos Ensaios, ele filosofou que filosofar é aprender a aceitar a própria morte. Nisso, ninguém supera os brasileiros. Nós morremos pacatamente, resignadamente, bovinamente, sem atribuir responsabilidades pelas epidemias, sem protestar contra o ministro da Saúde, sem jogar tomates no presidente da República. No Brasil, falta um Andrea Palladio, falta um Baldassare Longhena. Falta também Tamiflu. Por outro lado, morremos melhor do que os outros. Morremos como Montaigne.

Por Diogo Mainardi

Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/mainardi/>. Acesso em: 23 ago. 2009.

O texto anterior é de Diogo Mainardi, articulista conhecido por seu sarcasmo demolidor quando aborda, em seus textos, fatos da atualidade. Foi escrito por ocasião da primeira epidemia de gripe H1N1 no Brasil, em agosto de 2009, quando houve várias mortes relacionadas à doença e, segundo a opinião de Mainardi, poucas medidas para conter a epidemia. Esse artigo foi publicado no *blog* do autor, espaço virtual em que ele é relativamente livre para expressar suas opiniões. Todas essas informações permitem ao leitor direcionar a própria leitura e são decisivas para a interpretação do texto, que, em princípio, pode soar um pouco despropositado para certos leitores. Aqueles que conhecem a escrita de Mainardi sabem, entretanto, que essa é uma estratégia muito própria no estilo do autor.

Mainardi reverencia os ratos de Veneza e os compara aos brasileiros, superiorizando-os em relação a estes, por meio da associação entre duas supostas espécies científicas – *rattus rattus*, os antepassados dos animais venezianos, e "brasileiros brasileiros". Desde então, começa-se a desenhar a crítica do autor.

Segundo Mainardi, há razões que justificam sua veneração pelos animais italianos. Para ele, os antepassados dos ratos venezianos são responsáveis por vários impactos positivos sobre a Itália. Primeiro porque, nas duas vezes em que se venceram epidemias, comemorou-se com a construção de duas grandes obras arquitetônicas, cuja riqueza artística é superior à produzida no Brasil em 500 anos de história. Até esse ponto do texto, o leitor ainda fica por entender a veneração do autor pelos ratos. A segunda razão que ele enumera, entretanto, direciona o texto para seu real assunto. De acordo com o autor, pelo fato de terem existido ratos venezianos que causaram grandes problemas de saúde pública no passado, a Itália é, atualmente, um país em que se levam a sério os riscos de epidemias.

A partir desse ponto, as críticas ficam bem mais evidentes. O autor aprova as medidas sanitárias tomadas na Itália e desaprova a falta de cuidados no Brasil, em que, segundo o texto, só houve menos mortes que na Argentina. Contribui para a crítica o fato de os brasileiros ficarem atrás dos argentinos, já que há uma estereotipada rivalidade entre os

povos, principalmente por causa do futebol. A comparação dos brasileiros com ratos, então, assume outros contornos, que ficam bem evidentes no último parágrafo, quando Mainardi explicita o conformismo dos brasileiros diante da situação de não terem nem mesmo remédio disponível para resistir à gripe suína.

Você deve ter observado que para a (re)construção do sentido do texto de Mainardi foram usados diferentes tipos de conhecimentos, baseados, principalmente, em informações que podem ser apreendidas durante a leitura: a data em que o texto foi produzido, o estilo de quem o redigiu, o local em que foi publicado, o contexto histórico em que se insere.

Desse modo, todas as vezes que você ler um texto, seja ele oral ou escrito, seja em seu cotidiano ou em uma prova de vestibular, procure pistas que lhe permitam ancorá-lo, de modo a fazer uma leitura aprofundada de seu conteúdo. Lembre-se ainda de que, como já se afirmou aqui, a tarefa de se redigir um bom texto começa com uma análise atenta do contexto em que ele se insere.

Focalização

A focalização refere-se à "concentração dos usuários, no momento da interação verbal, em apenas uma parte de seu conhecimento, bem como à perspectiva sob a qual são vistos os componentes do mundo textual. [...] A focalização permite determinar, também, no texto, o significado de palavras homônimas ou polissêmicas, bem como o uso adequado de certos elementos lingüísticos [...]" (KOCH, 2006, p. 45).

Observe a tira a seguir.

Luis Augusto. *Fala, menino*

Nessa tira, o termo "contar" é utilizado com dois sentidos distintos. No primeiro e no segundo quadrinho, a personagem está focada na brincadeira com seu amigo. Nesse caso, ela usa o verbo para aludir a uma das etapas da brincadeira de pique-esconde, na qual um dos participantes conta até determinado número, de modo a oferecer certo tempo para que os demais participantes se escondam. No segundo quadrinho, entretanto, entra um novo elemento que leva a personagem a mudar o foco de seu discurso. O coleguinha lhe pergunta como aprendeu a contar se nunca foi à escola. Tanto o nome do colega de brincadeira – "Esmolinha" – quanto essa nova informação fazem com que o leitor passe a pensar em um outro aspecto da vida de certas crianças: a vida nas ruas e a falta de acesso à educação formal. Muda-se, assim, o foco da tirinha, bem como da própria personagem. Tanto que, no último quadrinho, ela usa o termo "contar" com sentido distinto daquele com que foi usado da primeira vez. Nesse caso, "contar" significa "dispor de ajuda", "ser amparado, auxiliado".

Leia outra tira de Dik Browne.

Dik Browne. *Hagar, O horrível.*

Nessa tira, o humor deriva da focalização unilateral que Hagar faz do assunto em questão. Em tom professoral, ele tenta convencer Hamlet de uma "meia-verdade". Entretanto, como é próprio do pequeno *viking*, cuja sensibilidade e capacidade de raciocínio são extremamente visionárias para a época em que as histórias de Browne são ambientadas, ele pergunta ao pai sobre a referência de tal informação. A resposta de Hagar no último quadro, bem como sua postura corporal, a qual denota certa intransigência, são responsáveis pela produção do humor. Revelam, também, a focalização que Hagar dá à questão, analisando-a apenas em conformidade com o conhecimento de mundo que ele prestigia.

Observe, assim, que, para que a interpretação de um texto ou de um contexto não seja parcial, é preciso focalizar o assunto sob o maior número de perspectivas possíveis. Ao escrever, embora não seja possível considerar essas perspectivas em sua totalidade, dada a limitação de espaço, a análise ampla da situação a ser discutida certamente vai permitir que você escolha a melhor delimitação para abordar o assunto quando for escrever sobre ele.

Consistência e relevância

A consistência corresponde à relevância e à pertinência das relações estabelecidas em um texto. A condição de consistência exige que todos os enunciados de um texto possam ser considerados verdadeiros, ou seja, não contraditórios. A relevância relaciona-se à propriedade, à importância de um tópico discursivo focalizado; por isso, ela se dá entre conjuntos de enunciados e um tópico discursivo.

Leia a redação a seguir, produzida por uma candidata a uma vaga em concurso público de nível superior, na qual se deveria defender a necessidade da adoção da pena de morte no direito brasileiro:

"O problema é se a pena de morte é uma coisa justa e necessária, se corresponde ao direito humano e à justiça. Esta exige a punição de morte para os crimes de maior gravidade. Se é viável no Brasil ou não, essa é uma questão concreta.

Há quem diz que com a pena de morte é possível um erro judicial, com a morte de inocentes. Ora, se assim fosse, tudo o que contém algum risco de erro é ilegítimo. Deveriam, então, ser proibidos os aviões e automóveis, tendo em vista vários acidentes e mortes de inocentes.

A pena de morte resolve muitos problemas. O apenado com pena capital não cometerá crimes novamente e nos países onde ela existiu, ao longo da história, sempre houve baixa criminalidade. Em Paris, entre 1749 a 1789, aconteceram apenas dois crimes de homicídio. Hoje, nos países que aplicam a pena capital – como é o caso dos países árabes e de Cingapura – há baixíssima criminalidade. Nos Estados Unidos, se não houvesse pena de morte, a criminalidade seria ainda maior. Ademais, o sistema americano é imperfeito, com poucas condenações e demorados processos.

Por fim, a pena de morte é uma excelente oportunidade para que o criminoso se arrependa de seus crimes, tendo a oportunidade de salvar-se.

A decadência da civilização é proporcional à diminuição da repressão aos crimes. Se a pena de morte é antiética, imoral é a recusa de reprimir os crimes; é aceitar, inerte, a alta criminalidade. Enquanto o Estado não matar os lobos, as ovelhas serão mortas."

Esse texto é, no mínimo, curioso. Em pesquisa à Internet, descobriu-se que ele é uma bricolagem, feita a partir de informações recolhidas em *sites* de perguntas e de respostas. O redator fez uma pesquisa frágil sobre o tema, uma vez que não se certificou da qualidade da fonte das informações, e articulou as ideias que encontrou atabalhoadamente, em um texto sem credibilidade por diversos motivos:

- O texto parece "iniciar-se no meio", mencionando "o" problema como se o leitor já estivesse a par dele;
- A definição de pena de morte é completamente desnecessária;
- A viabilidade da adoção da pena de morte não é uma "questão concreta";
- A comparação, no segundo parágrafo, entre o risco de se condenarem inocentes e o risco de acontecerem acidentes com automóveis e aviões é completamente despropositada, haja vista que a condenação à pena de morte deriva de um processo cuidadoso e demorado, em que muitas pessoas deliberam juntas, enquanto acidentes são obras do acaso;
- A ideia de que o condenado à pena de morte, no terceiro parágrafo, não cometerá novos crimes é completamente desnecessária, porque é óbvia;
- O exemplo de Paris é anacrônico: há mais de 200 anos havia outro contexto histórico, social e econômico, de modo que nada garante que a adoção da pena de morte na atualidade e no Brasil teria os mesmos efeitos;
- O exemplo dos países árabes também é pouco pertinente, haja vista que, nesses países, há uma cultura e uma religião bastante distintas;
- A crítica que se faz aos Estados Unidos, país que adota a pena de morte em alguns de seus estados e em que não há baixos níveis de criminalidade, não procede, pois processos demorados e poucas condenações são, na verdade, modos de se garantir a legalidade e a justiça de uma possível condenação;
- A ideia apresentada no penúltimo parágrafo é ininteligível em termos racionais: como pode um condenado à pena de morte salvar-se? No além-vida?
- O último parágrafo, além de ser um mosaico de citações, é pouco coerente com o que se desenvolveu no texto.

Esse texto serve de exemplo do que não deve ser feito em uma redação. É fruto de uma pesquisa realizada em fontes pouco confiáveis e de uma abordagem pouco crítica do problema, na qual se desconsidera a complexidade da questão que deveria ser analisada.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Saber reconhecer as variedades da língua e usar a mais adequada a cada situação que nos é apresentada no cotidiano são estratégias muito importantes no processo sociocomunicativo, seja em textos orais ou escritos. Assim, vamos conhecer algumas características intrínsecas a todo e qualquer idioma.

As línguas não são realidades estáticas, mas mudam com o passar do tempo, conforme a região, o grupo social, a intenção do falante, entre outros fatores. Essa variação manifesta-se em todas as instâncias da vida cotidiana e, antes de ser inadequada, é essencial no processo de interação que se estabelece entre locutores e destinatários.

Leia, a seguir, o comentário do gramático Celso Cunha sobre o fenômeno da variação linguística.

> Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações. [...] Mas essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que a falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.
>
> CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*.

A variação linguística pode ser observada em todos os níveis de manifestação da linguagem e ocorre em função do emissor e do receptor. Dessa forma, não se pode dizer que há uma hierarquia entre os variados usos da língua, mas existe, certamente, a adequação à instância da comunicação. Em uma mesma comunidade linguística, portanto, coexistem usos diferentes, não existindo um padrão de linguagem que possa ser considerado superior.

Leia, atentamente, os textos seguintes:

Texto I

Tradução simultânea

Dois exemplos de textos jurídicos genuínos – na versão original, em juridiquês, e em seguida simplificados, o primeiro pela professora Hélide Santos Campos, da UNIP-Sorocaba, o segundo pelo advogado Sabatini Giampietro:

> V. Ex.ª, *data maxima venia*, não adentrou às entranhas meritórias doutrinárias e jurisprudenciais acopladas na inicial, que caracterizam, hialinamente, o dano sofrido. *

*Tradução: V. Ex.ª não observou devidamente a doutrina e a jurisprudência citadas na inicial, que caracterizam, claramente, o dano sofrido.

> Com espia no referido precedente, plenamente afincado, de modo consuetudinário, por entendimento turmário iterativo e remansoso, e com amplo supedâneo na Carta Política, que não preceitua garantia ao contencioso nem absoluta nem ilimitada, padecendo ao revés dos temperamentos constritores limados pela dicção do legislador infraconstitucional, resulta de meridiana clareza, tornando despicienda maior peroração, que o apelo a este Pretório se compadece do imperioso prequestionamento da matéria abojada na insurgência, tal entendido como expressamente abordada no Acórdão guerreado, sem o que estéril se mostrará a irresignação, inviabilizada *ab ovo* por carecer de pressuposto essencial ao desabrochar da operação cognitiva. **

**Tradução: Um recurso, para ser recebido pelos tribunais superiores, deve abordar matéria explicitamente tocada pelo tribunal inferior ao julgar a causa. Isso não ocorrendo, será pura e simplesmente rejeitado, sem exame do mérito da questão.

Revista *Língua portuguesa*, nº 2, 2005.

Nesse texto, fica claro que profissionais da área jurídica usam uma linguagem técnica, que dificilmente é entendida com clareza por um cidadão que não tenha conhecimentos nessa área. Deve-se observar que essa linguagem jurídica, denominada "juridiquês" pela revista *Língua portuguesa*, chega a ser ininteligível fora dos tribunais e cortes do país, de modo que seria totalmente despropositado que um falante a utilizasse em seu dia a dia. O texto é, portanto, exemplo de uma variedade de língua própria de um ramo profissional (um jargão), a qual deve circunscrever-se aos ambientes jurídicos.

Texto II

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral, dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da forca e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passasse a manta e azulava, dando às de vila-diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de altéia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: "Farei presente". Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: "Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo", ao que o Reverendíssimo correspondia: "Para sempre seja louvado". E os eruditos, se alguém espirrava – sinal de defluxo – eram impelidos a exortar: *Dominus tecum*. Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso metiam a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas tetéias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com lingüiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carniceiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um cabrito, não tivesse catinga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da Corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apear do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais do que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a *phtysica*, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, *asthma* os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa-de-goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas retratistas, e os cristãos não morriam: descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

Carlos Drummond de Andrade

ANDRADE, Carlos Drummond de. In: *Quadrante* (1962), obra coletiva. Reproduzida em *Caminhos de João Brandão*. José Olympio, 1970.

Nesse divertido texto, Drummond nos apresenta uma série de palavras e de expressões idiomáticas comumente usadas em épocas passadas. Trata-se de uma referência explícita ao fato de as línguas modificarem-se no tempo, adequando-se às necessidades dos falantes. Isso fica evidente nas várias menções que o autor faz ao termo "antigamente", bem como na presença de arcaísmos, ou seja, termos que já foram produtivos na língua, mas que caíram em desuso ou são usados apenas por aqueles que vivenciaram a época em que eles integravam o cotidiano dos falantes.

Texto III

Santos nomes em vão

Drama verídico e gerado por virgulazinhas mal postas, cúmplices de tantas reticências.

Praxedes é gramático. Aristarco também. Com esses nomes não poderiam ser cantores de *rock*. Os dois trabalham num jornal. Praxedes despacha as questiúnculas à tarde. Aristarco, à noite. Um jamais concordou com uma vírgula sequer do outro, e é lógico que seja assim. Seguem correntes diversas. A gramática tem isso: é democrática. Permitindo mil versões, dá a quem sustenta uma delas o prazer de vencer.

Praxedes é um santo homem. Aristarco também. Assinam listas, compram rifas, ajudam quem precisa. E são educados. A voz dos dois é mansa, quase um sussurro. Mas que ninguém se atreva a discordar de um pronome colocado por Praxedes. Ou de uma crase posta por Aristarco. Se a conversa ameaça escorregar para os verbos defectivos ou para as partículas apassivadoras, melhor escapar enquanto dá. Porque aí cada um deles desanda a bramir como um leão. [...]

Para que os dois não se matem, o chefe pôs cada um num horário. Praxedes, mais liberal (vendilhão, segundo Aristarco), trabalha nos suplementos do jornal, que admitem uma linguagem mais solta. Aristarco, ortodoxo (quadradão, segundo Praxedes) assume as vírgulas dos editoriais e das páginas de política e economia. [...]

Sempre estiveram a um passo do quebra-pau. Hoje, para festa dos ignorantes e dos mutiladores do idioma, parece que finalmente vão dar esse passo. É dia de pagamento e eles se encontram na fila do banco. Um intrigante vem pondo fogo nos dois há já um mês e agora ninguém duvida: nunca saberemos quem é o melhor gramático, mas hoje vamos descobrir quem é o mais eficiente no braço.

Aristarco toma a iniciativa. Avança e despeja:

– Seu patife, biltre, poltrão, pusilânime.

Praxedes responde à altura:

– Seu panaca, almofadinha, calhorda, caguincha.

Aristarco mete o dedo no nariz de Praxedes:

– É a vossa progenitora!

Praxedes toca o dedo no nariz de Aristarco:

– É a sua mãe!

Engalfinham-se, rolam pelo chão, esmurram-se.

Quando o segurança do banco chega para apartar, é tarde, Praxedes e Aristarco estão desmaiados um sobre o outro, abraçados, como amigos depois de uma bebedeira.

O guarda pergunta à torcida o que aconteceu. Um *boy* que viu tudo desde o início explica:

– Pra mim, esses caras não é bom de bola. Eles começaram a falá em estrangeiro, um estranhô o outro, os dois foram se esquentando, esquentando, e aí aquele ali, ó, que também fala brasileiro, pôs a mãe no meio. Levô uma bolacha e ficô doido: enfiô o braço no focinho do outro. Aí os dois rolô no chão.

Para a sorte do *boy*, Aristarco e Praxedes continuavam desacordados.

DREWNICK, Raul. *O Estado de S. Paulo*, Caderno 2, p. 2, 1998.

Nesse texto, também muito divertido, abordam-se dois aspectos relacionados à variação linguística. O primeiro diz respeito à escolha da modalidade de que fazem uso Aristarco e Praxedes. Este utiliza uma modalidade mais informal, enquanto aquele utiliza a formal. Essa escolha condiciona o uso dos termos que vão compor a fala de cada uma das personagens.

O autor brinca, ainda, com um outro tipo de variação linguística: aquela que é definida pela classe social a que pertence o falante. Nesse caso, entra em jogo a fala do *boy*, que, no final do texto, relata o confronto entre os dois gramáticos. Nesse relato, há transgressões a regras da gramática normativa. Evidencia-se, também, o modo como certas palavras são pronunciadas. Além disso, a interpretação que o *boy* faz das variedades linguísticas utilizadas pelos gramáticos, segundo a qual eles falariam uma língua estrangeira, explicita que pode haver, em um mesmo idioma, variedades tão distintas que soariam como línguas diferentes.

Vale observar que a possibilidade de variação da língua expressa, também, a variedade cultural existente em qualquer grupo. Portanto, não existe forma certa ou errada de expressão, e sim a forma mais adequada a cada situação sociocomunicativa.

Níveis de variação linguística

A variação linguística pode ocorrer em diferentes aspectos da língua.

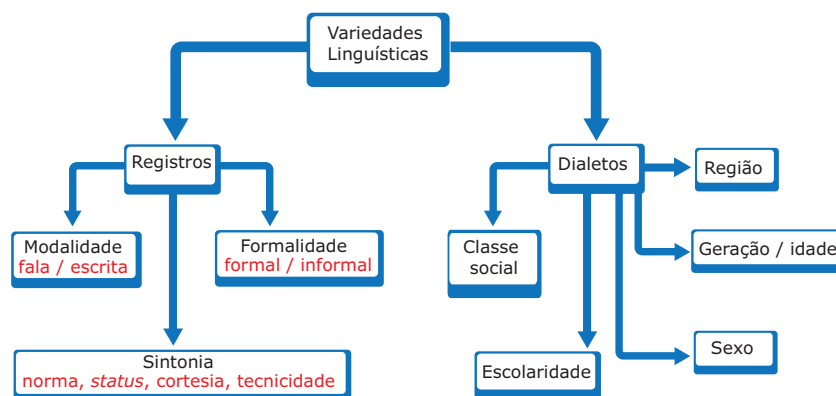
Nível fonológico → diz respeito à forma como se pronunciam as palavras. Esse tipo de variação pode ser observado em diferentes regiões do país e evidencia-se, por exemplo, na forma como habitantes das regiões Norte e Nordeste pronunciam o som do "t" e do "d" quando seguidos das vogais "e" e "i", em oposição ao modo como os falantes da região Sudeste pronunciam essa mesma combinação de fonemas. O som de "r" também é pronunciado de modos distintos em diferentes regiões; em algumas é mais suave, em outras, mais marcado, em outras, ainda, é retroflexo.

Nível morfossintático → diz respeito à observância das regras prescritas pela gramática normativa para a modalidade culta. Desvios de concordância, de regência e no uso das formas verbais são exemplos desse tipo de variação. Nesse caso, o nível social e de escolaridade do falante contribui para que ele use um registro mais ou menos próximo do padrão culto-formal.

Mas não são apenas esses os fatores que contam; ocorrem também variações determinadas pela região. No Sudeste, por exemplo, é comum utilizar formas verbais do imperativo afirmativo de segunda pessoa no tratamento em terceira pessoa; no Rio de Janeiro e em algumas cidades da região Sul, misturam-se pronomes de segunda pessoa com formas verbais de terceira pessoa.

Nível semântico → diz respeito ao uso de diferentes termos, às vezes, para designar uma mesma coisa. Os termos "macaxeira", "mandioca" e "aipim" são exemplos desse tipo de variação.

Tipos de variedades linguísticas

Observe o esquema a seguir.

Variedade linguística é o nome dado a diferentes modos de se falar uma mesma língua. Esses modos podem ser condicionados por fatores externos ou pela vontade do falante. Nesse caso, cabe uma distinção.

Quando a variação decorre de fatores como a região, a idade, o sexo, o nível de escolaridade e a classe social a que pertence o falante, a variedade linguística usada é chamada de **dialeto**.

Quando a variação decorre de uma opção do falante, feita de modo a adequar sua linguagem a diferentes situações sociocomunicativas, diz-se que ele está a usar diferentes **registros**. Vale observar, portanto, que um mesmo falante pode utilizar diferentes variedades de língua.

Leia com atenção e analise mais alguns exemplos de variação linguística.

Variação dialetal regional

E eu levava boa matalotagem, na capanga, e também o binóculo. Somente o trambolho da espingarda pesava e empalhava. Mas cumpria com a lista, porque eu não podia deixar o povo saber que eu entrava no mato, e lá passava o dia inteiro, só para ver uma mudinha de cambuí a medrar da terra de-dentro de um buraco no tronco de uma camboatã; para assistir à carga frontal das formigas-cabaças contra a pelugem farpada e eletrificada de uma tatarana lança-chamas; para namorar o namoro dos guaxes, pousados nos ramos compridos da aroeira [...]

ROSA, João Guimarães. São Marcos. In: *Sagarana*.

Variação dialetal social

Então a nossa filosofia é mostrar pras pessoas, né, tentar passar pras pessoas que elas podem brilhar, que elas são importantes [...] Então nós viramos pro negro e falamos: pô, negócio seguinte, tu é bonito, tu não é feio como dizem que tu é feio. Teu cabelo não é ruim como dizem que teu cabelo é ruim, entendeu? Meu cabelo é crespo, entendeu? Existe cabelo crespo, existe cabelo liso. Não tem essa de cabelo bom, cabelo ruim. Por que que cabelo de branco é bom e meu cabelo é ruim? (fala de um cantor de *rap*)

Disponível em: <http://acd.ufrj.br>.

Variação de registro relacionada à tecnicidade

Tem gente que nasce com coração maior ou menor, com vários defeitos. Essas são as cardiopatias congênitas, né, o coração pode nascer com inúmeros defeitos. Agora, o tamanho do coração também tem a ver com outros problemas que não são congênitos, como a insuficiência coronariana. (fala de um médico)

Disponível em: <http://acd.ufrj.br>.

VERBOS DE COMANDO

Como se afirmou na introdução deste módulo, o processo de composição de uma boa redação inicia-se com a leitura atenta, analítica e crítica dos textos que compõem o enunciado; passa pela escolha da variedade de linguagem mais adequada à situação comunicativa proposta e consolida-se no grau de objetividade com que o redator atende ao comando do enunciado.

Para auxiliá-lo nesta última tarefa, serão apresentados os verbos que, mais costumeiramente, aparecem nos enunciados das propostas de redação e das questões discursivas em geral. Procure consultar esta lista sempre que julgar necessário.

1. AFIRMAR: Apresentar, declarar os pontos principais de um assunto.
2. ANALISAR: Desdobrar ou decompor um assunto em partes de acordo com os princípios que o constituem.
3. APLICAR: Empregar o conhecimento em situações específicas e concretas.
4. ASSOCIAR: Estabelecer relação entre dois elementos (assuntos, listagem, etc.).
5. AVALIAR: Julgar de acordo com determinados critérios, citando aspectos positivos e negativos.
6. CLASSIFICAR: Pôr um assunto em ordem de acordo com os critérios pedidos (classes, seções, divisões, etc.).
7. COMPARAR: Estabelecer semelhanças e diferenças entre coisas, pessoas, assuntos, etc.
8. CONCEITUAR: Definir com suas palavras.
9. CONTRADIZER: Contestar, ir contra, dizer o contrário.
10. CONTRASTAR: Apontar as diferenças, improbabilidades entre elementos (coisas, pessoas, acontecimentos, etc.).
11. CRITICAR: Expressar o julgamento sobre o mérito, as limitações, a verdade dos fatos ou dos pontos de vista mencionados.
12. DEDUZIR: Obter ideias e tirar conclusões por meio de análise de dados conhecidos, previamente analisados.
13. DEFINIR: Dizer em que consiste. Expor com palavras claras e precisas o sentido exato e autorizado de um termo ou assunto.
14. DESCREVER: Falar sobre um assunto, objeto, pessoa apontando suas características.
15. DIAGRAMAR: Responder através de desenho ou gráfico representativo.
16. DISCUTIR: Debater, questionar um assunto, analisando-o cuidadosamente e apresentando argumentos favoráveis e contrários.
17. DISSERTAR: Expor determinado assunto através da argumentação.
18. ENUMERAR: Escrever uma relação ou um esboço, citando os itens resumidamente um por um.
19. ESQUEMATIZAR: Resumir, estabelecendo relações e funções entre os elementos.
20. EXPLICAR: Analisar o assunto e expô-lo de modo claro, fornecendo razões para as opiniões emitidas.
21. EXPOR: Narrar, explicar.
22. EXTRAPOLAR: Analisar um assunto além dos dados fornecidos, procurando determinar as implicações, as consequências, os efeitos, etc., que estejam de acordo com as condições descritas na comunicação original.
23. FAZER PARALELO: Comparar.
24. GENERALIZAR: Estender um conceito a todos os casos em que pode ser aplicado.
25. ILUSTRAR: Explicar usando figura, foto, diagrama ou exemplo concreto.
26. JULGAR: Avaliar de acordo com determinados padrões e critérios para concluir sobre o valor do assunto proposto.
27. NUMERAR: Listar elementos, colocando-os em ordem numérica.
28. PROVAR: Demonstrar a verdade sobre um assunto, citando fatos e oferecendo razões que confirmem essa verdade.
29. INTERPRETAR: Traduzir, dar exemplos, solucionar ou comentar um assunto com as próprias palavras, normalmente dando o seu julgamento sobre ele.
30. INVESTIGAR: Conhecer melhor uma área específica, através da análise, da comparação e da conceituação.
31. JUSTIFICAR: Provar ou dar as razões das conclusões, procurando tornar-se convincente.
32. PROBLEMATIZAR: Dar caráter ou feição de problema, tornar problemático, apontando aspectos negativos de determinada ideia ou situação.
33. QUESTIONAR: Discutir um assunto, perguntar pelos seus aspectos controvertidos.
34. REFUTAR: Apresentar argumentos contrários a determinada ideia, provando que ela não é válida.
35. RELACIONAR: Estabelecer comparação entre um assunto e outro ou escrever por itens uma série de afirmações concisas.
36. RELATAR: Mencionar, descrever.
37. RESOLVER: Efetuar, dar a solução.
38. RESUMIR: Organizar uma descrição em que aparecem os pontos principais, omitindo pormenores.
39. REVER: Examinar um assunto criticamente, analisando as afirmações importantes.
40. SINTETIZAR: Resumir, tornar sintético.
41. TRADUZIR: Reproduzir uma comunicação em outra língua, em outras palavras ou em forma de comunicação. Muda-se apenas a forma de comunicação, e não o conteúdo.
42. TRANSCREVER: Copiar o que se pede tal como está no texto original (abrir e fechar aspas).

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UEMG–2006) Leia atentamente o texto a seguir.

O fato e as versões

Um elefante incomoda muita gente...

Pego os jornais de domingo. Primeiro os do Rio, por força do hábito. E, logo nas manchetes, fico intrigado. *O Globo* anuncia: "Empregos têm crescimento surpreendente de 30% no Rio". *O Jornal do Brasil* abre de fora a fora: "País ganha 1 061 desempregados por hora". Leio as chamadas, e vejo que ambos citam as mesmas fontes: Ministério do Trabalho e Associação Brasileira de Recursos Humanos.

Comparando os dados, começo a vislumbrar onde está a diferença. *O Globo* se refere a números de março deste ano. Na mesma sentença, os novos empregados em São Paulo somam 75% a mais do que no mês anterior

e as demissões no Rio decresceram 19%. Já o *JB* faz as contas sobre 20,2 milhões de demitidos de janeiro de 1990 a fevereiro de 1993. Nas páginas internas, enquanto *O Globo* engorda o seu otimismo com percentuais positivos, seu concorrente preenche toda uma página com relatos de desempregados e demonstrativos de que a classe média foi a mais atingida.

Lembro-me de que é 2 de maio, manhã seguinte ao Dia do Trabalho. Percebo que a origem das matérias está na pauta das edições de domingo, quando o número maior de páginas, em proporção ao espaço mais amplo dedicado aos anúncios, exige / permite a inserção de artigos e reportagens de análise produzidas durante a semana [...] As abordagens diferentes do mesmo tema decorrem de razões mercadológicas que não me atrevo a interpretar. Enquanto um vende esperança, o outro prefere pintar um quadro sombrio. Chego a pensar que o sucesso de um e as aperturas do outro influenciaram a escolha dos repórteres e editores. Mas, ignorar não afirmo.

Tomo o episódio para exemplo de como um mesmo fato se presta a diferentes versões. As estatísticas, na frieza rígida de seus números, podem ser manipuladas de acordo com a preferência de quem as analisa, sem fraudar as cifras, mas conduzindo as interpretações para onde indicarem suas conveniências. O leitor de banca, que faz uma leitura apressada dos títulos, fica perplexo. Só o comprador perdulário e minucioso consegue juntar as peças e entender o quebra-cabeças.

Volto a me valer aqui de uma fábula indiana que li na adolescência. Três cegos são levados a tocar um elefante. O primeiro apalpa uma perna dianteira, o segundo a tromba e o terceiro o lombo do animal. Instados a descrever a forma, um compara o elefante a um tronco de árvore, outro a uma grossa cobra e o último a um muro. Quem leu somente *O Globo* "viu" apenas uma parte do elefante. O mesmo aconteceu a quem só leu o *Jornal do Brasil*, que ficou com a parte mais incômoda. Quanto ao leitor de banca, esse acabou sendo o pior cego.

MATHIAS NETTO, Gualter. *Revista de comunicação*, n. 32, p. 34.

Na visão de Paulo Freire, a leitura de mundo deve preceder a leitura da escrita. Ana Elisa Ribeiro vê a "leitura significativa" como acesso a um conhecimento e meio de integração do homem ao mundo. Considerando essas abordagens e os aspectos apresentados na matéria de Gualter Mathias Netto, **PRODUZA** um texto opinativo, tendo como finalidade convencer o seu leitor sobre a necessidade de uma leitura eficaz e consciente, que seja capaz de inserir o homem / cidadão no seu contexto político, social e cultural.

Lembre-se de

- dar um título à sua redação.
- usar o registro mais adequado à situação de escrita solicitada.

02. (UFMG) Leia estes trechos:

Trecho I

Não há dúvida que as línguas se aumentam e alteram com o tempo e as necessidades dos usos e costumes. Querer que a nossa pare no século de quinhentos é um erro igual ao de afirmar que a sua transplantação para a América não lhe inseriu riquezas novas. A este respeito a influência do povo é decisiva. Há, portanto, certos modos de dizer, locuções novas, que de força entram no domínio do estilo e ganham direito de cidade.

ASSIS, Machado de (1839-1908). "Instinto de nacionalidade". In: *Queda que as mulheres têm para os tolos e outros textos*. Belo Horizonte: Crisálida, 2003. p. 57. (Grafia atualizada)

Trecho II

Basta pensar que a língua brasileira é outra. Uma pequena mostra de erros de redação coletados na imprensa revela que o português aqui transformou-se num vernáculo sem lógica nem regras.

FELINTO, M. *Folha de S. Paulo*. In: BAGNO, M. *Ensino de português*: do preconceito linguístico à pesquisa da língua. Boletim da ABRALIN. Brasília, n. 25, 2000. p. 3.

Trecho III

Sempre me perguntam onde se fala o melhor português. Só pode ser em Portugal.

DUARTE, S. N. *Jornal do Brasil*. In: BAGNO, M. *Ensino de português*: do preconceito linguístico à pesquisa da língua. Boletim da ABRALIN. Brasília, n. 25, 2000. p. 3.

Trecho IV

O que acontece é que a língua portuguesa "oficial", isto é, o português de Portugal, não aceita o pronome no início da frase.

CIPRO NETO, P. *Nossa Língua Portuguesa*. In: BAGNO, M. *Ensino de português*: do preconceito linguístico à pesquisa da língua. Boletim da ABRALIN. Brasília, n. 25, 2000. p. 4.

Tomando como base o posicionamento de Machado de Assis no final do século XIX (trecho I), **REDIJA** um texto, refutando as ideias sobre o mesmo assunto, propostas na atualidade (trechos II a IV).

03. (UFTM-MG–2010 / Adaptado) Leia os textos.

Texto I

Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/votoconsciente>.

Texto II

Política é muito mais do que um simples voto

Tudo começou pelo Twitter. Com a campanha Voto Consciente, promovida por todas as empresas da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), uma galera resolveu soltar o verbo pelo @gazetinhanews. Carlos Eduardo Oliveira (@kaduh_oliveira), de 17 anos, Flavia Pereira da Silva (@FlaaPereira) e Gabriel Garcia de Paula (@GARCIAcomx), ambos com 16, integram essa turma que quer fazer a diferença. "Eu gosto bastante de discutir política, e sei a importância que isso tem para o nosso futuro", aponta Carlos.

Se ainda assim você considera política um assunto chato, observe: não se trata apenas do voto. Ações pequenas (organizar um abaixo-assinado para pedir novos horários de linha de ônibus, por exemplo) também podem ser consideradas um primeiro passo para aderir ao tema, mesmo que você não perceba.

Um ponto definitivo para começar a enxergar a política de uma outra forma é – antes de qualquer coisa – perceber que ela está por todos os lados. Se você perdeu o horário por conta do atraso do ônibus ou ficou preso em casa porque faltou luz (isso sem falar no pneu furado do carro por conta de um buraco na rua) – seja o que for, tudo isso está ligado diretamente a quem está comandando a sua cidade, estado e país. E prestar atenção nestes detalhes também é uma forma de vivenciar a política.

Para os nossos jovens leitores, votar representa muito mais do que o simples ato de escolher o candidato que irá assumir uma posição pública no governo nos próximos quatro anos.

Por essas e por outras, a turma defende as discussões políticas desde cedo. Afinal de contas, não dá para apenas ver problemas no ambiente ao seu redor e deixar de lado o seu papel de cidadão.

Há uma regra geral nessa história toda – todos os jovens com os quais a Gazetinha conversou concordam que tudo começa dentro de casa, com a educação dos pais. De acordo com o grupo, não adianta responsabilizar o governo pela alienação que atinge grande parte dos jovens.

ANTUNES, Angela. Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/votoconsciente>. (Adaptação).

Texto III

Vamos votar consciente

Estamos vivendo uma fase de clamor por mudanças substanciais na estrutura política do país. Não podemos desperdiçar a oportunidade de votar com plena consciência e atenção. Pensar e repensar em qual daqueles milhares de candidatos será depositada a confiança da representação para governar e elaborar as leis.

São funções muito importantes e cada voto conduz à responsabilidade do eleito de corresponder com lealdade, dedicação, honestidade e eficiência.

É bem difícil a escolha do candidato, quando nos defrontamos com uma carência de propostas efetivas e uma enxurrada de acusações, denúncias, ressentimentos e mágoas recíprocas. Um verdadeiro corre-corre na tentativa de se esquivar de escândalos vergonhosos ou acusações diversas de todos os lados. Durante a campanha eleitoral, as manchetes traduziam os escândalos, enquanto nós, eleitores, aguardávamos por coisas boas, que refletissem nossos sonhos e anseios por mudanças e por uma comunidade melhor.

Faltaram propostas novas para problemas antigos, como a inserção do jovem no mercado de trabalho; a violência em todo o país; o desenvolvimento sustentável da Amazônia; questões ambientais, como defesa dos recursos hídricos, das árvores e dos animais; geração de empregos; projetos culturais; incentivo à educação comunitária, dentre vários outros esquecidos.

É verdade que houve menção em relação à melhoria da educação, mas nenhuma com conteúdo suficiente para atender os interesses e direitos da infância e da juventude. Não se ouviu falar sobre educação comunitária, sobre transformações sociais multiplicadoras dos espaços de aprendizagem, sobre o jovem como autor de seu próprio conhecimento, sobre intervenções urbanas voltadas à arte, cultura e lazer.

Não obstante a ausência de propostas e muitas dúvidas em definir os candidatos, a grande verdade é que o voto direto é uma conquista do Estado Democrático de Direito, conquistado com muita garra e suor. Então, não podemos, de forma alguma, deixar de exercer esse sagrado ato de cidadania que é comparecer às urnas e por final comemorar: OBA, VAMOS VOTAR CONSCIENTE!

PEREIRA NETO, Miguel. Disponível em: <http://aprendiz.uol.com.br. (Adaptação).

Com base nos textos apresentados, **ELABORE** um texto dissertativo, em norma padrão da língua portuguesa, fundamentando o seguinte tema:

> A participação do jovem, o voto consciente hoje e um futuro melhor: é possível?

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UEMG–2006)

Instrução: Para responder às questões de **01** a **09**, leia o texto a seguir.

Ler e escrever o mundo

Tornar a leitura e a escrita significativas para os jovens é um desafio para professores de Português, que precisam romper as barreiras entre as salas de aula e a realidade.

Quem nunca teve que ler uma bula de remédio? Onde encontrá-las, em caso de necessidade? [...] A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contra-indicações ou freqüência com que o produto deve ser tomado. [...] Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes para não matar o paciente envenenado nem deixá-lo sem tratamento.

Há alguns meses, a agência nacional reguladora da saúde no Brasil, a Anvisa, mandou que as bulas fossem escritas para o público, e não mais para os especialistas. A idéia foi ótima e o usuário, especialmente aquele menos letrado, agradece muito que se mude o público-alvo do texto que ensina a usar os remédios. [...]

Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade. Se meu filho pequeno tem febre, corro para ler a bula e entender que dose de antitérmico devo administrar. Se eu tenho dor de cabeça, leio a bula do analgésico para saber como devo tomá-lo. E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico.

Essa é a "leitura significativa", que funciona como acesso a um conhecimento, mesmo que ele seja tão circunstancial, e preparação para uma ação, mesmo que seja a de tomar um comprimido. Daí em diante, saberei o procedimento de ler bulas e talvez nem precise mais ler se me acontecer novamente a necessidade do mesmo remédio. Outras leituras significativas são o rótulo de um produto que se vai comprar, os preços do bem de consumo, o tíquete do cinema, as placas do ponto de ônibus, o regulamento de um concurso, a notícia de um jornal. Se estou precisando trocar de carro, leio os anúncios classificados; caso queira me divertir no cinema, recorro às sinopses e às resenhas para me ajudarem a escolher o filme, o cinema e as sessões.

Caso eu me sinta meio sem perspectivas, posso recorrer aos regulamentos de concurso. Nesses casos, há quem prefira as páginas do horóscopo. Também posso ler para me informar, para aprender a usar uma ferramenta, ligar um aparelho eletrônico, aumentar meu conhecimento sobre algo menos tangível ou mesmo ler para escrever em reação a algo que foi lido. Em muitos casos, posso ler para aprender.

A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam. E estamos tão acostumados a isso que esquecemos de que ler é hoje algo muito trivial, especialmente para as pessoas que moram nas cidades.

Já outros gêneros de texto não são assim tão fáceis de achar. Os poemas (infelizmente!) não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio. Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça. Os romances não cabem nos *outdoors* e os contos não costumam acompanhar os tíquetes-refeição. Embora todas essas coisas possam se cruzar em instâncias específicas, os gêneros de texto artísticos não são tão funcionais quanto os anteriormente citados, mas também têm seus "códigos" de leitura. São lidos em momentos específicos, por exemplo: quando alguém quer ter prazer, experiência estética, conhecimento, vocabulário, etc. Em alguns casos, é necessário ler para um concurso ou para se divertir. Esta também é a leitura significativa.

E o que é que a leitura se torna quando entra pelos portões da escola? O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais "real" e passa a ser feita como tarefa pontuada? Como compreender a leitura de uma bula de remédio sem precisar dela? [...] Como ter prazer em ler um poema perto da hora do recreio, quando se sente mais a necessidade de ler o quadro de salgadinhos (e seus preços) na cantina da escola?

A leitura ganha contornos de "cobaia de laboratório" quando sai de sua significação e cai no ambiente artificial e na situação inventada. No entanto, é extremamente difícil para o professor, especialmente o de português, tornar a sala de aula um ambiente confortável para a leitura significativa. Como trazer as necessidades e as motivações para dentro da sala de aula?

Quando o assunto é a escrita, a situação se agrava ainda mais. Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária, seja no trabalho ou entre amigos na Internet? Como agir por meio de textos em circunstâncias reais? E como trazer essas circunstâncias para a escola?

Já que o mundo inteiro não cabe numa sala, quem sabe se o professor de português saísse mais da sala de aula e levasse o aluno às situações em que ler e escrever se tornam muito tangíveis? E se a sala de aula de português não fosse tão inibitória ao encontro, à conversa e ao texto e se tornasse uma "sala ambiente", à maneira dos professores de biologia?

Em lugar de cadeiras individuais de costas umas para as outras estariam as mesas redondas. No lugar do quadro, uma estante de livros de referência sobre língua e muitos outros assuntos. Ou talvez a biblioteca fosse muito adequada à conversão dos alunos-repetidores em alunos interventores.

Quem sabe se o professor de Português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensejar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.

[...] ler e escrever são condutas da vida em sociedade. Não são ratinhos mortos de laboratório prontinhos para ser desmontados e montados, picadinhos e jogados fora. Quem sabe o professor de português reconfigure a sala de aula e transforme a escola numa extensão sem muros e sem cercas elétricas do mundo de textos que a rodeia?

RIBEIRO, Ana Elisa. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 10 set. 2005. Pensar. (Adaptação).

01. Todas as afirmativas a seguir relacionam-se ao título e ao conteúdo do texto, **EXCETO**

A) A "leitura significativa" é instrumento de interação do homem com o mundo e com todas as peças escritas que circundam o leitor.

B) A leitura é significativa na medida em que se constitui como acesso ao conhecimento – seja ele de qualquer natureza.

C) Ler e escrever o mundo diz respeito à atitude do leitor, que deve saber associar a palavra (o escrito) à realidade que o cerca.

D) A leitura e a escrita do mundo só são possíveis através de textos informativos, pragmáticos, e com o suporte das novas tecnologias.

02. Assinale a alternativa em que se caracterizou, respectivamente, gênero e tipo adequados para o texto.

A) Artigo publicitário – informativo-descritivo

B) Texto opinativo – dissertativo-argumentativo

C) Crônica – narrativo-argumentativo

D) Reportagem – dissertativo-descritivo

03. Assinale a alternativa em que se expressou **ADEQUADAMENTE** um ponto de vista significativo adotado pelo autor do texto, conforme indicação constante do lide (= breve comentário do conteúdo) relativo à matéria jornalística.

A) A Anvisa, agência nacional reguladora da saúde no Brasil, deliberou que as bulas de remédio fossem escritas de modo acessível para todo tipo de público.
B) A escola deve adotar no ensino da escrita e da leitura metodologias e procedimentos mais eficazes, em situações reais, que melhor propiciem ao aluno a "leitura significativa".
C) Os gêneros de texto artístico não são tão funcionais quanto os da leitura significativa, embora aqueles tenham sua funcionalidade no prazer da leitura e na experiência estética.
D) Infelizmente, os poemas não estão nos rótulos de embalagens nem junto aos frascos de remédio.

04. Entre os fragmentos a seguir, indique aquele que **NÃO** se faz pertinente ao conjunto de ideias dentro do qual se insere o principal ponto de vista do autor.

A) A leitura e decifração das bulas de remédio era atribuição de especialistas que nem sempre repassavam o conteúdo das mesmas ao público em geral.
B) Ler a bula dos remédios é uma ação que, muito provavelmente, só acontece diante da necessidade.
C) A leitura significativa acontece diariamente com as pessoas à medida que elas interagem com o mundo e com todas as peças escritas que nos circundam.
D) O que acontece com a leitura significativa quando ela deixa de ser feita a partir de uma necessidade ou de uma motivação mais "real" e passa a ser feita como tarefa pontuada?

05.

> Embora a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito **amigável**, os usuários faziam o possível para obter ao menos as informações mais importantes [...]

Indique a alternativa em que o termo em negrito foi **ADEQUADAMENTE** substituído.

A) Confusa
B) Enganosa
C) Compreensível
D) Solidária

06.

> Quem sabe se o professor de Português fizesse a necessidade acontecer? Uma sessão de cinema de verdade pode ensejar resenhas de verdade. Um lugar onde publicar as resenhas (e aí é impossível não citar a Internet) pode transformar textos-obrigação em textos formadores de opinião, ao menos para uso daquela comunidade.

Todas as inferências desse trecho e constantes das afirmativas a seguir estão corretas, **EXCETO**

A) A escola, ao ensinar o aluno a produzir o gênero resenha, cria uma situação de leitura e escrita considerada artificial.
B) O professor de Português deve exigir da escola as ferramentas tecnológicas do vídeo e do computador.
C) Os recursos da tecnologia, via Internet, são usados pela escola em circunstâncias não reais, tornando problemático o ensino da escrita na produção de textos.
D) As sessões de cinema dentro da escola constituem estímulo à produção de texto (resenhas), de vez que estariam inseridas em situação de "leitura significativa".

07. Leia os seguintes fragmentos textuais:

Fragmento I

"Pesquisadores do mundo animal têm chamado atenção para um fenômeno curioso: há cada vez mais elefantes, principalmente na Ásia, que nascem sem as presas de marfim características dos machos da espécie. Calcula-se que, há poucas décadas, 3% dos elefantes asiáticos machos nasciam sem presas – hoje, a cifra em alguns grupos chega a 10%."

VEJA, 10 ago. 2005.

Fragmento II

"A reportagem 'Demais humano?' (*IstoÉ* 1 821) sobre o aspecto pessoal de Adolf Hitler, baseada no historiador Joachim Fest e no filme do produtor Bernd Eichinger, traz uma realidade reveladora do lado humano do Führer que devemos sempre ter em mente, pois mesmo líderes acima dos mortais comuns são tão humanos como nós."

William Splangler – Diamantina – MG

Fragmento III

"Vídeo: para selecionar o canal vazio, verifique se a chave CH-3/CH-4, localizada na parte traseira do videocassete, e o seletor de canais da TV estão ajustados para o canal vazio de sua região (3 ou 4); Controle remoto: caso o controle remoto esteja falhando, substitua as pilhas velhas por novas. Antes de iniciar uma gravação numa fita de vídeo nova ou que estiver muito tempo sem uso, faça o avanço e retrocesso por completo dessa fita, para evitar anormalidades durante a gravação."

Considerando as finalidades da "leitura significativa" a que o texto se refere, assinale a alternativa em que **NÃO** se fez uma análise adequada do fragmento.

A) No fragmento II, a finalidade principal é somente a de ler para se informar.
B) No fragmento III, a finalidade principal é a de ler para aprender a usar uma ferramenta.
C) No fragmento I, as principais finalidades são as de ler para aumentar o conhecimento e ler para se informar.
D) No fragmento II, a finalidade principal é a de ler para escrever em reação a algo que foi dito.

08. Traços de oralidade podem ser observados em todos os fragmentos textuais transcritos nas alternativas a seguir, **EXCETO** em:

A) "Quando é que sentimos necessidade de escrever? Que textos são necessários à nossa comunicação diária, seja no trabalho ou entre amigos na Internet?"
B) "Talvez não fossem lá muito informativos e de grande ajuda para quem está com uma lancinante dor de cabeça."
C) "A maioria de nós encarou aquele texto em letras miúdas à procura de um esclarecimento sobre dose, efeitos colaterais, contraindicações ou frequência com que o produto deve ser tomado."
D) "E assim procedem outras pessoas em circunstâncias diversas. Sempre diante da necessidade e, claro, após a consulta ao médico."

09. Observe, ainda, o seguinte trecho.

> **Embora** a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável [...]

Assinale a alternativa em que a substituição do articulador em destaque se fez de maneira **INADEQUADA** e prejudicial ao sentido da ideia objetivada.

A) Apesar de a linguagem em que o texto da bula era escrito não ser lá muito amigável [...]

B) Conquanto a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável [...]

C) Ainda que a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável [...]

D) Caso a linguagem em que o texto da bula era escrito não fosse lá muito amigável [...]

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009)

Iscute o que tô dizendo,

Seu dotô, seu coroné:

De fome tão padecendo

Meus fio e minha muié.

Sem briga, questão nem guerra,

Meça desta grande terra

Umas tarefa pra eu!

Tenha pena do agregado

Não me dêxe deserdado

Daquilo que Deus me deu.

ASSARÉ, Patativa do. A terra é naturá. *Cordéis e outros poemas*. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2008. (Fragmento).

A partir da análise da linguagem utilizada no poema, infere-se que o eu lírico revela-se como falante de uma variedade linguística específica. Esse falante, em seu grupo social, é identificado como um falante

A) escolarizado proveniente de uma metrópole.

B) sertanejo morador de uma área rural.

C) idoso que habita uma comunidade urbana.

D) escolarizado que habita uma comunidade do interior do país.

E) estrangeiro que imigrou para uma comunidade do Sul do país.

02. (Enem–2009 / Anulada) Com base na leitura dos seguintes textos motivadores e nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em norma culta escrita da língua portuguesa sobre o tema **Valorização do idoso**, apresentando experiência ou proposta de ação social, que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

Texto I

Estatuto do idoso

Art. 3.º – É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária. [...]

Art. 4.º – Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei.

Disponível em: <www.mds.gov.br/suas/arquivos/estatuto_idoso.pdf>. Acesso em: 07 maio 2009.

Texto II

Angelucci Figueiredo

Disponível em: <http://correio24horas.globo.com>. Acesso em: 18 ago. 2009.

Texto III

O aumento da proporção de idosos na população é um fenômeno mundial tão profundo que muitos chamam de "revolução demográfica". No último meio século, a expectativa de vida aumentou em cerca de 20 anos. Se considerarmos os últimos dois séculos, ela quase dobrou. E, de acordo com algumas pesquisas, esse processo pode estar longe do fim.

Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/envelhecimento/texto/env16.htm>. Acesso em: 07 maio 2009.

Texto IV

Idoso é quem tem o privilégio de viver longa vida...

... velho é quem perdeu a jovialidade.

[...]

A idade causa a degenerescência das células...

... a velhice causa a degenerescência do espírito.

Você é idoso quando sonha...

... você é velho quando apenas dorme...

[...]

Disponível em: <http://www.orizamartins.com/ref-ser-idoso.html>. Acesso em: 07 maio 2009.

GABARITO

Fixação

01. A exigência da produção de um texto opinativo possibilita ao aluno redigir um editorial ou um artigo de opinião. Nesses textos, o posicionamento ocorre de forma mais explícita, a linguagem utilizada pode ser mais subjetiva, o uso de adjetivos e advérbios é mais frequente. Quanto ao conteúdo, o aluno deve defender a importância de o indivíduo desenvolver habilidades de leitura para se tornar alguém que compreende e modifica a realidade que o cerca. O texto de Gualter Mathias Netto pode ser utilizado para ilustrar a tese do aluno. "O fato e as versões" mostra como um mesmo evento é abordado, por diferentes veículos de comunicação, de forma diversa, em função das inclinações ideológicas e do posicionamento político da equipe editorial que o noticia. O leitor despreparado não será capaz de buscar essas diferentes versões e confrontá-las a fim de formar sua própria opinião sobre o assunto. Muitas vezes ele terá acesso a uma só visão do fato retratado e a tomará, não como a interpretação de um jornalista sobre um dado acontecimento – o que ela verdadeiramente é –, e a conceberá como verdade incontestável. Essa postura pouco crítica do leitor o torna mero consumidor passivo de informações e, estando em uma posição alienada, ele não é capaz de atuar como agente transformador da sociedade. Partindo desse raciocínio, o aluno deve demonstrar como o fato de ser um cidadão consciente mobiliza o indivíduo a participar ativamente dos eventos e das transformações sociais.

02. Nos trechos II, III e IV, defende-se a concepção de que o português utilizado em Portugal seria o "oficial", portanto, superior ao português utilizado no Brasil, o qual é visto como um "vernáculo sem lógica ou regras". Essas ideias podem ser contestadas com base no trecho I, que mostra que não há português melhor ou pior que o outro; o que existe são apenas diferenças linguísticas condicionadas por variações no tempo e no espaço. Machado vê com naturalidade as mudanças introduzidas na língua pelos falantes e mostra como é utópica e retrógrada a perspectiva de querer preservar a língua portuguesa falada no Brasil tal qual ela nos chegou no século XVI. Esse é um raciocínio que tenta inutilmente desprezar todas as modificações por que passa uma língua no decorrer de centenas de anos e na transposição de um continente a outro.

03. Diante de um cenário político marcado por escândalos de corrupção e pela falta de propostas e ações efetivas para combater os diversos problemas econômicos e sociais do Brasil, a proposta solicita que o candidato posicione-se em relação ao poder do voto dos jovens para melhorar a realidade no futuro. Para apresentar o tema e problematizá-lo, o aluno pode questionar os efeitos que a falta de ação e a corrupção políticas geram na população em geral e no jovem em particular, tais como a falta de interesse pela política, a decepção com os governantes, o conformismo e a alienação. A partir dessa problemática, ele pode evidenciar seu conceito sobre o que é um "voto consciente". Nesse sentido, vale explicitar a necessidade de que os eleitores, entre eles os jovens, pesquisem os candidatos, o passado político destes e suas propostas antes de decidirem em quem votar. O aluno pode defender o ponto de vista que desejar ao se posicionar em relação à ideia de que o voto consciente muda a realidade para melhor. Deve, entretanto, apresentar argumentação consistente.

Propostos

01. D	04. A	07. A
02. B	05. C	08. A
03. B	06. B	09. D

Seção Enem

01. B

02. Os textos que compõem a proposta apontam diferentes perspectivas sobre o tema. O primeiro trecho, retirado de um estatuto, expõe os direitos do idoso e delega a responsabilidade de viabilizá-los tanto ao poder estatal quanto à sociedade civil. O segundo apresenta informação sobre o crescimento do número de idosos no país. O terceiro propõe uma diferenciação entre ser idoso – o que está ligado a ter experiência e à capacidade de sonhar, mesmo em um corpo envelhecido – e ser velho – o que se liga à perda de perspectivas, ao pessimismo e ao comodismo diante da vida. A redação pode apontar, assim, para uma proposta que parta de uma mudança de concepção sobre o envelhecimento e que se concretize tanto em atos de respeito e afeto para com os idosos, quanto em uma postura ativa contra quem lhes submete a maus tratos. Considerando os dados dos textos, também é possível propor ações do Estado, como a viabilização de políticas que fortaleçam a previdência social e que ofereçam opções adequadas de saúde e lazer aos idosos. Deve-se lembrar, entretanto, que um Estado não é formado apenas por governantes, mas principalmente por cidadãos, que também devem zelar pelo cumprimento das leis. A problematização do tema e a proposta de intervenção deverão ser apresentadas em um texto bem organizado, que obedeça à norma padrão.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 03 FRENTE A

Tipos textuais e gêneros textuais

Usamos a expressão "tipo textual" para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza lingüística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).

[...]

Usamos a expressão "gênero textual" como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.

MARCUSCHI, 2000.

Editoria de Arte

Em nossa interação cotidiana com o mundo, lidamos com uma infinidade de textos verbais e não verbais, os quais se apresentam nas mais variadas formas e nos mais diferentes lugares, conforme a finalidade sociocomunicativa com que foram criados. O fato é que se torna impossível comunicar-se verbalmente, sem que o façamos por meio de um texto.

Nas ruas, deparamo-nos com *outdoors* e recebemos panfletos que quase sempre têm a finalidade de divulgar e incentivar o consumo de um produto. Orientamo-nos seguindo instruções e informações que vemos em placas e faixas espalhadas pela cidade.

Nos livros, podemos encontrar textos de diferentes naturezas e que cumprem diferentes funções. Por exemplo, os textos literários – romances, contos, crônicas, novelas e compilações de poemas – destinam-se principalmente à fruição estética. Os livros de divulgação científica analisam objetos, fatos, situações e apresentam proposições teóricas sobre seus estudos. Há, ainda, livros de autoajuda, de receitas, biografias e autobiografias, etc.

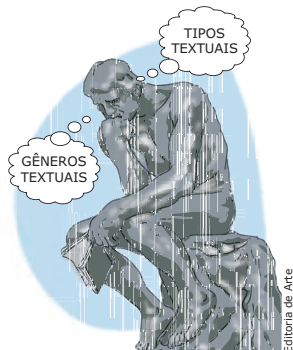
Nos jornais e nas revistas, há mais uma infinidade de diferentes textos. Há os editoriais e os artigos de opinião, textos que, respectivamente, defendem o ponto de vista dos jornais e dos especialistas sobre temas polêmicos; as notícias, que relatam fatos cotidianos; as reportagens, que apresentam uma compilação de informações sobre um assunto; há também horóscopos, charges, tirinhas, resenhas, além de anúncios e de publicidade.

Nos meios de comunicação de massa, como o rádio e a TV, há também os mais variados textos: noticiários, documentários, programas de variedades, de humor e de entrevistas, novelas e filmes e mais textos publicitários, etc.

Com a criação e a popularização da Internet, surgiu mais uma infinidade de diferentes manifestações textuais: os *e-mails*, as mensagens instantâneas, os *posts*, os *scraps*, as enciclopédias eletrônicas, os *e-books*, entre outros. Todos esses textos, embora sejam veiculados em um suporte comum – a *web* – são utilizados em situações específicas e com diferentes funções.

Há ainda uma infinidade de textos com os quais lidamos em nossas relações diárias, seja em casa, na escola, no trabalho, na igreja. Aí se incluem telefonemas, cartas pessoais e comerciais, bilhetes, bulas, manuais, receitas, listas de compras, cardápios de restaurantes, orações, piadas, conversação espontânea.

É comum chamar essa infinidade de textos de "tipos textuais". Mas essa não é a terminologia correta. Na verdade, todas as variedades de textos citadas devem ser entendidas como "gêneros textuais".

DISTINÇÃO ENTRE TIPOS TEXTUAIS E GÊNEROS TEXTUAIS

O termo "**tipologia textual**" é usado para fazer referência a um modo de análise que, a fim de organizar os textos, leva em consideração principalmente suas características estruturais, linguísticas. Embora seja difícil dissociar totalmente a forma da principal função social a que um texto se destina, nesse tipo de organização, a ênfase está na maneira de dizer. Assim, é possível citar, por exemplo, quais são as estruturas frasais, os tempos e modos verbais, os tipos de conectivos mais recorrentes em cada tipo textual. Além disso, há poucos **tipos textuais**, e os principais são: o *dissertativo* (ou expositivo), o *argumentativo*, o *narrativo*, o *descritivo* e o *injuntivo*. Ao longo deste módulo, vamos conhecer algumas das características desses tipos textuais, bem como aprender a relacioná-los às principais funções comunicativas a que se destinam.

Procurando uma forma de organizar o texto que o considerasse não apenas estruturalmente, mas também pragmaticamente, ou seja, tendo em vista sua função prática, social, comunicativa, foi proposta uma ressignificação do conceito de "gêneros", antes usado apenas para fazer referência a textos literários – gêneros épico, lírico e dramático. Assim, **gênero textual** é o nome que se dá para um conjunto concreto de textos com funções e com características formais, contextuais e intertextuais semelhantes. Dessa forma, não há poucos gêneros, mas inúmeros, já que também são inúmeras as situações sociocomunicativas possíveis. Alguns deles foram citados na introdução (telefonema, panfleto, bilhete, cardápio, romance, artigo de opinião, etc.), mas seria exaustivo enumerar todos, se isso fosse possível. O fato é que, com a evolução da história, da ciência e da tecnologia, os gêneros textuais têm se diversificado cada vez mais e não param de se multiplicar. Em outro momento, abordaremos e estudaremos de modo mais aprofundado alguns dos mais importantes gêneros textuais.

TIPOS TEXTUAIS

Todos os textos que vamos ler a seguir tratam de uma mesma temática: desenvolvimento sustentável. Cada um, entretanto, faz isso de uma forma distinta para cumprir objetivos também distintos. Ao ler cada um deles, procure observar suas características.

Tipo dissertativo ou expositivo

Leia o texto a seguir.

O conceito do desenvolvimento sustentável.

Flávio Tayra

Em 1983, foi criada pela Assembleia Geral da ONU, a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento – CMMAD, que foi presidida por Gro Harlem Brundtland, à época primeira-ministra da Noruega, com a incumbência de reexaminar as questões críticas do meio ambiente e de desenvolvimento, com o objetivo de elaborar uma nova compreensão do problema, além de propostas de abordagem realistas. Essa Comissão deveria propor novas normas de cooperação internacional que pudessem orientar políticas e ações internacionais de modo a promover as mudanças que se faziam necessárias (WCED, 1987, p. 4). No trabalho surgido dessa Comissão, apareceu pela primeira vez, de forma clara, o conceito de "Desenvolvimento Sustentável", embora ele já estivesse em gestação, com outros nomes, desde a década anterior.

O relatório "Nosso Futuro Comum", lançado em 1987 (também conhecido como "Relatório Brundtland"), veio atentar para a necessidade de um novo tipo de desenvolvimento capaz de manter o progresso em todo o planeta e, a longo prazo, ser alcançado pelos países em desenvolvimento e também pelos desenvolvidos. Nele, apontou-se a pobreza como uma das principais causas e um dos principais efeitos dos problemas ambientais do mundo. O relatório criticou o modelo adotado pelos países desenvolvidos, por ser insustentável e impossível de ser copiado pelos países em desenvolvimento, sob pena de se esgotarem rapidamente os recursos naturais. Cunhou, desta forma, o conceito de desenvolvimento sustentável, ou seja, "*o atendimento das necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as geraç*ões futuras atenderem as suas próprias necessidades" (WCED*, 1991).

Neste conceito, foram embutidos pelo menos dois importantes princípios: o de necessidades e o da noção de limitação. O primeiro trata da equidade (necessidades essenciais dos pobres) e o outro se refere às limitações que o estágio da tecnologia e da organização social determinam ao meio ambiente (WCED, 1991, p. 46). Já que as necessidades humanas são determinadas social e culturalmente, isto requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro dos limites das possibilidades ecológicas. O desenvolvimento sustentável significa compatibilidade do crescimento econômico, com desenvolvimento humano e qualidade ambiental. Portanto, o desenvolvimento sustentável preconiza que as sociedades atendam às necessidades humanas em dois sentidos: aumentando o potencial de produção e assegurando a todos as mesmas oportunidades (gerações presentes e futuras).

Nesta visão, o desenvolvimento sustentável não é um estado permanente de equilíbrio, mas sim de mudanças quanto ao acesso aos recursos e quanto à distribuição de custos e benefícios. Na sua essência, "é um processo de transformação no qual a exploração dos recursos, a direção dos investimentos, a orientação do desenvolvimento tecnológico e a mudança institucional se harmonizam e reforçam o potencial presente e futuro, a fim de atender às necessidades e às aspirações humanas" (WCED, 1991, p. 49).

Além de ter aumentado a percepção do mundo em relação aos problemas ambientais, a comissão de Gro Harlem Brundtland não se restringiu somente a estes aspectos. O Relatório mostrou que a possibilidade de um estilo de desenvolvimento sustentável está intrinsecamente ligado aos problemas de eliminação da pobreza, da satisfação das necessidades básicas de alimentação, saúde e habitação e, aliado a tudo isto, à alteração da matriz energética, privilegiando fontes renováveis e o processo de inovação tecnológica.

Disponível em: <www.semasa.sp.gov.br/admin/.../docs/.../conceitodesenvsustent.doc>. (Adaptação).

* WCED: *World Commission on Environment and Development* (Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento).

Editoria de Arte

Veja o documento "Our common future" no *link* <http://www.un-documents.net/wced-ocf.htm>. Não há uma boa versão em português disponível na *web*.

O que você acabou de ler é um exemplo de texto predominantemente dissertativo. Nele, define-se o que é "desenvolvimento sustentável", segundo a Comissão Mundial para o Ambiente e o Desenvolvimento. O autor apenas expõe informações que ajudam a entender esse conceito, às vezes com suas palavras, às vezes com citações do documento da WCED. Não há a intenção de opinar sobre o assunto, mas apenas de apresentá-lo. Um texto puramente dissertativo talvez nem exista, mas o mais próximo que há disso são artigos acadêmicos, como monografias e dissertações (trabalho de conclusão de Mestrado).

Se você voltar ao texto que leu, verá que ele pode ser dividido em:

- **Introdução**: normalmente apresenta o assunto e expõe, de modo sucinto, o que será desenvolvido no texto;
- **Desenvolvimento**: expõe detalhadamente o assunto à luz de conhecimentos compartilhados culturalmente, bem como reflexões de ordem teórica;
- **Conclusão**: apresenta uma avaliação do assunto fundamentada no que foi exposto.

Também é possível reconhecer no texto "O conceito do desenvolvimento sustentável" as principais características linguísticas do tipo dissertativo. O quadro a seguir relaciona algumas dessas características formais, bem como justifica sua ocorrência, tendo em vista a natureza desse tipo textual.

Observe:

Características linguísticas predominantes		Justificativa: Textos do tipo dissertativo
Estrutura frasal	Períodos compostos por subordinação	apresentam ideias normalmente abstratas e as relacionam umas com as outras e com a realidade.
Formas verbais	Verbos no presente e no futuro do presente do indicativo, que exprimem certeza em relação ao que está sendo dito	são teórica ou cientificamente fundamentados e por isso devem garantir a autenticidade do que é dito.
Tipo de linguagem	Denotativa	têm função teórica, reflexiva, e estão circunscritos ao âmbito da racionalidade, motivo pelo qual devem ater-se ao literal.
Variedade linguística	Padrão formal culto	cumprem funções sociais que normalmente exigem esse registro de linguagem.
Pessoalidade	Impessoal	devem colocar em foco o objeto de análise, ou seja, o assunto que desenvolvem.

Tipo argumentativo

Agora, leia o texto a seguir, que é predominantemente argumentativo.

Ambientalismo, entre crença e ciência

José Eli da Veiga

Editoria de Arte / Creative Commons

"Salvar o planeta" é uma expressão tão falsa quanto presunçosa. Pois nada que a espécie humana possa fazer afetará o planeta na escala geológica de tempo, de milhões de anos.

Diferentemente do que pretende esse *slogan*, não é a Terra que está sendo posta em perigo por drásticos impactos ambientais contemporâneos, como aquecimento global, erosão da biodiversidade ou escassez e degradação dos recursos hídricos.

O que está na berlinda é a possibilidade de a espécie humana evitar que o processo de sua própria extinção seja acelerado pela depleção de boa parte dos ecossistemas que constituem a biosfera. Essa fina e delicada camada que envolve o planeta.

Na mesma toada, também é falso e presunçoso o discurso que apresenta a conservação da natureza como forma de "superar as ameaças à vida no nosso planeta". A continuidade da maior parte das formas de vida – das bactérias às baratas, passando pelas amebas – nem de longe está ameaçada pela capacidade destruidora adquirida pela espécie humana.

O que deve ser motivo de séria preocupação é que tal capacidade exacerba a falha metabólica entre sociedades humanas e natureza. Que permaneceu incipiente sob o domínio do fogo, mas que se aprofunda exponencialmente desde que a máquina a vapor gerou dependência de fontes fósseis de energia.

A artificialização, que tanto fez progredir a humanidade, ameaça seus próprios alicerces vitais, como um parasita que põe em risco a sobrevivência de seu hospedeiro. Mas tais alicerces não são mais que a epiderme do planeta.

Afastadas essas duas arrogantes ilusões de suposto poder discricionário sobre o destino da Terra, também ficará patente a inconseqüência de evocar "desafios da sustentabilidade" sem dizer sustentabilidade de quê.

Afinal, foi na relação com o processo de desenvolvimento humano que o qualificativo "sustentável" ganhou recentemente tanta força simbólica, gerando um novo valor, talvez já mais importante e popular que seu antecessor imediato, a justiça social.

Mesmo que banalizações inerentes à moda tenham agregado à noção de sustentabilidade outras mil e uma utilidades, sua emergência foi determinada por dúvidas sobre as possibilidades futuras da expansão das liberdades humanas que está no âmago da idéia de desenvolvimento.

Quem mesmo assim preferir continuar repetindo bordões sobre salvação do planeta, ameaças à vida e sustentabilidade genérica pode se valer, claro, da ardilosa acusação de que as restrições mencionadas são por demais antropocêntricas. Todavia, tais jargões carregam justamente a forma mais perversa do antropocentrismo: a que supõe a espécie humana tão sábia e poderosa que é capaz até de obter sua própria perpetuação.

Por contraste, enfrentar com rigor científico a discussão sobre a sustentabilidade do desenvolvimento é ter a humildade de assumir o caráter passageiro da existência humana. Não vem apenas da moderna síntese darwiniana da evolução a certeza da impossibilidade de que qualquer espécie possa se eternizar, como propagam de forma subliminar mesmo discursos ambientalistas que não se pretendem religiosos.

Decorre igualmente dessa pouco ensinada parte da Física que é a Termodinâmica. Particularmente, de sua segunda lei, também evolucionária, sobre a inexorabilidade da entropia. Uma lei tão irredutível quanto a da gravidade. O processo econômico em que se baseia o progresso humano é mera transformação de recursos naturais valiosos (baixa entropia) em resíduos (alta entropia).

A segunda lei diz que a qualidade da energia em sistema isolado tende a se degradar, tornando-se indisponível para a realização de trabalho. A energia que não pode mais ser usada para realizar trabalho é entropia gerada pelo sistema. Em conseqüência, parte dos resíduos não pode ser reaproveitada por nenhum processo produtivo de tão dissipada que se torna.

Aliás, não fosse essa segunda lei, a mesma energia poderia ser usada indefinidamente, viabilizando a reciclagem integral. Não haveria escassez.

Em suma, o foco do debate sobre o desenvolvimento sustentável está na esperança de que a humanidade deixe de abreviar o prazo de sua inevitável extinção se conservar a biocapacidade dos ecossistemas de que depende.

FOLHA DE S. PAULO, 06 jan. 2008.

Nesse artigo de opinião, diferentemente do que ocorre no primeiro texto que você leu, há uma clara intenção de se defender uma opinião sobre o tema. José Eli da Veiga deixa claro, desde o início, que o desenvolvimento sustentável é necessário, não para salvar o planeta, mas para retardar o processo de extinção da espécie humana. Essa é sua tese, ou seja, o ponto de vista que ele quer provar. Para cumprir esse propósito, ao longo do texto, ele faz uma série de considerações que dão sustentação a seu posicionamento. Cita argumentos históricos, humanitários, sociais, filosóficos, evolucionistas e até implacáveis leis da Física. Tais argumentos, concatenados, configuram uma linha de raciocínio, cujo objetivo é levar o leitor a concordar com a tese defendida, a qual é reafirmada no final do texto.

Percebe-se, assim, a estrutura típica dos textos argumentativos, que se divide em:

- **Tese**: é a principal ideia defendida no texto, o ponto de vista que se deseja provar;
- **Argumentação**: apresenta argumentos de diferentes naturezas e os relaciona, de modo a compor uma linha de raciocínio, a qual convença o leitor a concordar com a tese;
- **Conclusão**: reafirma a tese, com base no raciocínio exposto na fase de argumentação.

Os textos de natureza argumentativa são mais abundantes no cotidiano. Há, por exemplo, os artigos de opinião e os editoriais, que defendem o ponto de vista, respectivamente, de especialistas e do veículo de comunicação no qual são publicados. Cartas argumentativas, como as cartas de leitor e as abertas, também são gêneros predominantemente argumentativos. Textos desse tipo são abundantes ainda na esfera acadêmica, na qual se incluem as teses de doutorado e os artigos científicos.

É possível, tal como foi feito com os textos dissertativos, relacionar as características linguísticas predominantes nesse tipo textual, bem como justificá-las em função do seu principal objetivo.

Observe:

Características linguísticas predominantes		Justificativa: Textos do tipo argumentativo
Estrutura frasal	Períodos compostos por subordinação	apresentam ideias normalmente abstratas e as relacionam entre si e com a realidade.
Formas verbais	Verbos no presente e no futuro do presente do indicativo, que exprimem certeza em relação ao que está sendo dito	devem convencer o leitor, passando-lhe confiança sobre o que é dito.
Tipo de linguagem	Denotativa	devem ter argumentos racionais e o mais universalmente válidos possível, motivo pelo qual devem ater-se ao literal.
Variedade linguística	Padrão formal culto	cumprem funções sociais que normalmente exigem esse registro de linguagem.
Pessoalidade	Impessoal	devem colocar em foco o objeto de análise, ou seja, o assunto sobre o qual opinam.

Textos dissertativo-argumentativos

Ao longo de nosso livro, não vamos estudar os tipos dissertativo e argumentativo separadamente, mas sim textos de natureza dissertativo-argumentativa.

Atualmente, nas provas de vestibular de todo país, há uma forte tendência de se explorar o estudo de gêneros textuais, e não de tipos textuais. Isso ocorre porque as bancas entendem que, no dia a dia, os textos cumprem funções sociocomunicativas específicas e, dificilmente, apresentam características de um só tipo textual. Além disso, as bancas desejam saber se o candidato é capaz de defender uma opinião sobre o tema, respaldando-a com conhecimentos socialmente compartilhados. Assim, as propostas de redação normalmente cobram a produção de textos mistos, genericamente denominados **dissertativo-argumentativos.**

Tipo narrativo

Leia o texto a seguir, desta vez, tipicamente narrativo.

Metáfora ambiental:

James Lovelock é um cientista que sugeriu que a nossa Terra é um organismo vivo, como a vaca da parábola

Sobre vacas, bernes e política

Rubem Alves

Era uma vez uma vaca feliz, saudável e bonita.

Mas nem tudo é perfeito.

A vaca tinha hóspedes.

Alguns bernes se hospedaram nela e alimentavam-se da sua carne. Mas os bernes eram poucos e pequenos... vaca e bernes viviam em paz. Aconteceu, entretanto, que os bernes começaram a se multiplicar. Os bernes aumentavam, mas a vaca não aumentava, confirmando a lei de Malthus, que disse que "os alimentos crescem em razão aritmética, enquanto as bocas crescem em razão geométrica."

O couro da vaca se encheu de calombos, que indicavam a presença dos bernes. Mesmo assim, a vaca continuava saudável. Ela tinha muita carne de sobra. Foi então que uma coisa inesperada aconteceu: alguns bernes sofreram uma mutação genética e passaram a crescer em tamanho... foram crescendo, ficando cada vez maiores, e com uma voracidade também cada vez maior. Os vermes magrelos ficaram com inveja dos vermes grandes e trataram de tomar providências para crescerem também.

O corpo da pobre vaca passou a ser uma orgia de crescimento. Os bernes só falavam numa coisa: "É preciso crescer!". Mas a vaca não crescia, ficava do mesmo tamanho. De tanto ser comida pelos bernes, a vaca ficou doente. Emagreceu. Mas os bernes nada sabiam sobre a vaca em que moravam. Para perceberem, seria preciso que eles estivessem do lado de fora.

Os bernes estavam dentro da vaca. Assim, não percebiam que sua voracidade estava matando-a. A vaca morreu!... E, com ela, morreram os bernes...! Fizeram autópsia da vaca. O relatório do legista observou que os bernes mortos eram excepcionalmente grandes, bem nutridos, muitos deles chegando à obesidade.

FOLHA DE S. PAULO, Caderno Mais, 30 mai. 2006. Adaptação.

Editoria de Arte

Esse texto é uma parábola, gênero textual narrativo de intenções moralizantes, no qual se apresenta uma alegoria, ou seja, uma metáfora representativa de uma situação real. Nele, a voz textual – a do narrador – apresenta ao leitor algumas personagens: a vaca, que representa o planeta Terra, e os bernes, que representam os seres humanos com sua enorme voracidade por desenvolvimento. A história desenrola-se em uma linha temporal, e a situação inicial, confortável tanto para a vaca quanto para os bernes, complica-se paulatinamente, até se tornar insustentável, a ponto de conduzir todos a um final trágico.

Essa configuração é típica de textos narrativos ficcionais, que são estruturados em:

- **Apresentação**: situa o leitor na história, apresentando-lhe as personagens, o local e o tempo em que ocorrem os fatos;
- **Complicação**: introduz um elemento desencadeador de um conflito, um problema, que é responsável por movimentar a história;
- **Clímax**: é o momento de maior tensão da narrativa, quando o conflito se torna insustentável e força uma modificação na situação inicial;
- **Desfecho**: apresenta a situação em que se encontram as personagens após a resolução do conflito.

Entre os gêneros narrativos ficcionais, podem-se citar os romances, as novelas, os contos, as crônicas narrativas e mesmo as telenovelas, filmes e seriados. Há, entretanto, textos de natureza narrativa não ficcionais, como os depoimentos e as notícias, os quais relatam o que aconteceu, com quem aconteceu, onde, quando e como se deu um fato. Os textos narrativos não ficcionais têm um compromisso com a veracidade dos fatos, ou seja, são fiéis à realidade. Por sua vez, os textos ficcionais comprometem-se com a verossimilhança, isto é, circunscrevem-se à esfera das possibilidades, daquilo que poderia ter ocorrido. São, portanto, apenas semelhantes à realidade.

As características linguísticas predominantes nessa tipologia textual são as seguintes:

Características linguísticas predominantes		Justificativa: Textos do tipo narrativo
Estrutura frasal	Períodos compostos por coordenação	relatam fatos, reais ou fictícios, e os relacionam em uma linha temporal, de modo a configurar uma ação.
Formas verbais	Verbos no pretérito perfeito e imperfeito do indicativo	relatam fatos presenciados (há narrativas no presente, mas são menos comuns).
Tipo de linguagem	Denotativa (se narram fatos reais, como o fazem as notícias)	têm função de apresentar fatos e acontecimentos, sendo fiéis à realidade.
	Conotativa (se narram fatos ficcionais, como o fazem romances, contos, etc.)	destinam-se à fruição estética e, portanto, abusam de recursos estilísticos.
Variedade linguística	Padrão formal culto (se narram fatos reais, como o fazem as notícias)	cumprem uma função social que exige esse registro de linguagem.
	Informal, com a representação de diferentes vozes e, portanto, de diferentes registros (narrativas ficcionais)	têm caráter dialógico, ou seja, são marcados por várias vozes, cujas características variam de acordo com o perfil de quem fala (narrador, personagens).
Pessoalidade	Impessoal ou pessoal, dependendo do foco narrativo (3ª pessoa ou 1ª pessoa)	são contados por um narrador-observador ou onisciente, que informa sobre o que ocorre com as personagens, ou por uma narrador-personagem, que participa da história.

Texto descritivo

Leia, agora, um exemplo de texto descritivo.

IPCC – Painel Intergovernamental sobre Mudança do Clima

Intergovernmental Panel on Climate Change

Órgão criado pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e pela Organização Meteorológica Mundial (OMM) em 1988 para estudar o problema das mudanças climáticas. Reúne 2 500 cientistas de mais de 130 países. A missão desse Painel consiste em avaliar a informação científica disponível sobre os efeitos das mudanças climáticas, em destacar seus impactos ambientais e socioeconômicos e em traçar estratégias para dar respostas adequadas ao fenômeno. Cada governo possui um grupo de especialistas para coordenar as atividades relacionadas com o painel no seu respectivo país. O IPCC está aberto a todos os países-membros do PNUMA e da OMM. Dirigido atualmente pelo indiano Rajendra Pachauri, o IPCC faz relatórios com base na literatura técnico-científica sobre as mudanças climáticas (AR – *Assessment Reports*), examina os efeitos das mudanças climáticas e desenvolve estratégias de combate, subsidiando as Partes da Convenção. Em 1990, o IPCC publicou um relatório (*First Assessment Report – AR1*), afirmando que as atividades humanas poderiam estar causando o aumento do efeito estufa. O estudo foi a base para as discussões durante a ECO-92, no Rio de Janeiro, quando foi assinada a Convenção-Quadro das Nações Unidas Sobre Mudança do Clima. O IPCC dispõe de três grupos de trabalho para a elaboração de suas publicações (GT-I, II e III) e de uma equipe especial para estoques nacionais de gases efeito estufa. O GT-I avalia os aspectos científicos do sistema climático e do fenômeno das mudanças do clima. Já o GT-II examina a vulnerabilidade dos sistemas humanos e naturais frente ao impacto das mudanças climáticas, as conseqüências dessas mudanças e analisa as possibilidades de adaptação a elas. E o GT-III, por sua vez, avalia as possibilidades de mitigação das mudanças climáticas e a limitação das emissões de gases de efeito estufa. Os grupos de trabalho e a equipe especial contam com dois presidentes, um de um país desenvolvido e outro de um país em desenvolvimento, além de uma unidade de apoio técnico. O IPCC elabora Relatórios de Avaliação, Relatórios Especiais, Documentos Técnicos em geral e Guias de Metodologia nos seguintes temas: informação científica a respeito de mudança climática; impactos ambientais e socioeconômicos da mudança climática; e formulação de estratégias de resposta (mitigação e adaptação). O IPCC tem autonomia para decidir sua estrutura, princípios, procedimentos e programa de trabalho, além de eleger seu presidente e os integrantes de sua mesa diretora.

Disponível em: <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/content/ipcc-painel-intergovernamental-sobre-mudanca-do-clima-intergovernmental-panel-climate-change>. Acesso em: 01 nov. 2010.

U.S Geological Survey / Creative Commons

Segundo dados do IPCC, os ursos polares serão uma das primeiras espécies a serem extintas em um futuro não muito distante.

Esse texto é predominantemente descritivo. Nele, encontramos diversas informações sobre o IPCC: quem o criou, quais são suas funções, quem o dirige, como se organiza, quais são os grupos que o compõem e as atividades de cada um desses grupos. Todas essas informações são apresentadas, de modo que, finda a leitura, obtém-se uma ideia geral do objeto descrito. É como se o leitor estivesse diante de um "retrato verbal".

É possível descrever pessoas, objetos, lugares, instituições e mesmo situações, desde que estas sejam estáticas. Isso porque, em um texto descritivo, não deve haver passagem de tempo, caso contrário, ele adquire caráter narrativo.

Há poucos textos reais que sejam puramente descritivos, e os relatórios seriam um bom exemplo. O mais comum é que trechos descritivos integrem outros textos – dissertativos, argumentativos, narrativos –, nos quais é necessário apresentar uma realidade qualquer antes de versar sobre ela. Por isso, o nível de subjetividade nas descrições é variável. Quando são feitas em textos de caráter dissertativo-argumentativo, costumam ser mais objetivas; quando fazem parte de textos literários, apresentam uma forte carga de subjetividade.

Os textos descritivos não têm, como os outros tipos apresentados anteriormente, uma estrutura preestabelecida. Normalmente, configuram-se em torno das características do objeto descrito, organizando-as em categorias: físicas, psicológicas, funcionais, sociais, econômicas, etc.

As características linguísticas predominantes nesse tipo textual são as seguintes:

Características linguísticas predominantes		Justificativa: Textos do tipo descritivo
Estrutura frasal	Períodos simples (muitas vezes na voz passiva) e períodos compostos por coordenação	enumeram características de um certo objeto ou de uma situação.
Formas verbais	Verbos no presente do indicativo e na voz passiva	retratam a natureza de um objeto ou pessoa ou apresentam uma situação, uma cena estática.
Tipo de linguagem	Denotativa ou conotativa, dependendo do nível de subjetividade neles presente	devem ater-se ao literal, quando integram textos dissertativo-argumentativos, mas podem ter caráter conotativo quando fazem parte de textos literários.
Variedade linguística	Padrão formal culto	cumprem funções sociais que normalmente exigem esse registro de linguagem.
Pessoalidade	Impessoal ou pessoal, dependendo do nível de subjetividade neles presente	colocam em foco, às vezes, o objeto, a impressão que este causa em quem o observa.

Texto injuntivo

Leia um último exemplo, desta vez, representativo do tipo injuntivo.

Atitudes individuais podem reduzir impacto do aquecimento global

Abaixo, Giselle Araújo [Consultora em Direito Ambiental da Sustentabilidade e integrante do Grupo de Pesquisa do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e do Centro de Estudo de Direito Ambiental da Sustentabilidade da Universidade de Oxford, em Londres.] cita 20 dicas de pequenas ações que podem ajudar a reduzir os impactos do aquecimento global e a iniciar uma mudança de consciência de toda uma população a partir do indivíduo.

1. Não deixe a TV ou outros equipamentos ligados ao sair do recinto;
2. Não ferva água para seis xícaras se for usar somente uma;
3. Tente comprar produtos que sejam reutilizáveis ou que venham em embalagens reutilizáveis;
4. Recicle (reciclar uma lata de alumínio gasta 5% de energia, enquanto produzir uma lata nova gasta 50%);
5. Reduza o seu banho diário de 10 min para 5 min. Isso pode economizar 4 200 galões da água;
6. Procure utilizar torneiras, chuveiros e vasos sanitários com regulagem de fluxo de água;
7. Substitua lâmpadas incandescentes por fluorescentes, que têm uma vida útil muito maior;
8. Escolha móveis e utensílios que possam ser reciclados;
9. Utilize tintas e vernizes sem base de petróleo;
10. Não compre móveis feitos de madeira de desmatamento;
11. Evite os plásticos;
12. Não use copos de papel, use a sua própria caneca;
13. Use cartuchos de impressão recarregáveis;
14. Use o papel de ambos os lados;
15. Somente imprima o que for estritamente necessário;
16. Recicle telefones celulares e pilhas e equipamentos que possam ser reaproveitáveis;
17. Não use sacolas plásticas, use sacolas retornáveis;
18. Compartilhe o carro com amigos;

19. Compre carros menores e mais econômicos e use combustíveis não fósseis;

20. Procure estimular o comércio local, produtos comprados ali gastam menos energia de transporte;

E finaliza, "envolva-se com as questões da sua comunidade, alie-se a grupos que defendam uma causa. Demonstre espírito de cooperação. O segredo da felicidade: Viver de forma mais simples e feliz. Reduza, Reuse e Recicle."

Disponível em: <http://www.revistafator.com.br/imprimir.php?not=38181>. Acesso: 30 abr. 2008. Adaptação.

John Le Gear / Creative Commons

Com exceção do parágrafo inicial, cujo objetivo é apresentar ao leitor o conteúdo do texto, todas as demais partes são predominantemente injuntivas, isto é, instrucionais. Como se observa, há uma série de frases imperativas, as quais indicam ações individuais que podem contribuir para a sustentabilidade das ações humanas.

Não é possível generalizar a estrutura de textos injuntivos, mas eles são comumente organizados em itens, cada um contendo uma instrução específica. Entretanto, isso não é uma regra. Muitas vezes, as instruções são apresentadas em parágrafos e são articuladas com conjunções coordenativas, como ocorre em receitas culinárias.

Dificilmente se encontra um texto que seja puramente injuntivo. Os gêneros textuais instrucionais são normalmente mistos e misturam características do tipo descritivo e do tipo injuntivo. Esse é o caso dos manuais de instrução, das bulas de remédio, das receitas médicas, das leis, dos regulamentos, das sentenças judiciais, etc.

As principais características predominantes dessa tipologia textual são:

Características linguísticas predominantes		Justificativa: Textos do tipo injuntivo
Estrutura frasal	Períodos simples	devem ser de fácil entendimento, motivo pelo qual evitam estruturas frasais complexas.
Formas verbais	Verbos no modo imperativo (ou forma correspondente)	têm caráter prescritivo e buscam estabelecer uma interlocução com o leitor, a qual se evidencia nas formas verbais utilizadas.
Tipo de linguagem	Denotativa	devem apresentar as instruções de maneira clara e objetiva, de modo a facilitar a compreensão.
Variedade linguística	Padrão formal culto	cumprem funções sociais que normalmente exigem esse registro de linguagem.
Pessoalidade	Impessoal e fortemente marcada pela interlocução	colocam em foco as ações e os procedimentos a serem realizados pelo leitor.

TIPOLOGIA TEXTUAL NA COMPOSIÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS

Como já foi dito, a tipologia textual é uma classificação teórica, genérica, a qual não considera as situações sociocomunicativas concretas em que os textos são produzidos. Isso ocorre porque os textos se manifestam, no cotidiano, em forma de gêneros textuais, que, como se viu, são composições orais ou escritas nas quais, comumente, há características de mais de uma tipologia.

O panfleto a seguir foi usado em uma questão da Unimontes-MG (2003), que explorou os diversos erros gramaticais (concordância, pontuação, ortografia, regência) presentes no texto.

Disponível em: <http://www.cotec.unimontes.br/download/paes/2003/03_paes%202003%203%aa%20etapa%20discursiva.pdf>.

Assim como essa propaganda, são os textos com que lidamos diariamente. Há neles a presença de características de diferentes tipos textuais. Ao longo desta coleção, retomaremos e estudaremos mais detalhadamente essas características, bem como aprenderemos a misturá-las e a dosá-las, a fim de compor textos representativos de gêneros textuais mais comuns no cotidiano.

O texto a seguir é uma carta aberta, que foi redigida pela ex-ministra do Meio Ambiente e dirigida ao Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva. Leia-a com atenção e tente identificar nela a presença de características de diferentes tipos textuais.

Carta aberta ao Presidente da República

Brasília, 04 de junho de 2009.

Exmo. Sr.
Luiz Inácio Lula da Silva
DD Presidente da República

Sr. Presidente,

Vivemos ontem um dia histórico para o país e um marco para a Amazônia, com a aprovação final, pelo Senado Federal, da Medida Provisória 458/09, que trata sobre a regularização fundiária da região. Os objetivos de estabelecer direitos, promover justiça e inclusão social, aumentar a governança pública e combater a criminalidade, que sei terem sido sua motivação, foram distorcidos e acabaram servindo para reafirmar privilégios e o execrável viés patrimonialista que não perde ocasião de tomar de assalto o bem público, de maneira abusiva e incompatível com as necessidades do país e os interesses da maioria de sua população.

Infelizmente, após anos de esforços contra esse tipo de atitude, temos, agora, uma história feita às avessas, em nome do povo mas contra o povo e contra a preservação da floresta e o compromisso que o Brasil assumiu de reduzir o desmatamento persistente que dilapida um patrimônio nacional e atenta contra os esforços para conter o aquecimento global.

O maior problema da Medida Provisória são as brechas criadas para anistiar aqueles que cometeram o crime de apropriação de grandes extensões de terras públicas e agora se beneficiam de políticas originalmente pensadas para atender apenas aqueles posseiros de boa-fé, cujos direitos são salvaguardados pela Constituição Federal.

Os especialistas que acompanham a questão fundiária na Amazônia afirmam categoricamente que a MP 458, tal como foi aprovada ontem, configura grave retrocesso, como aponta o Procurador Federal do estado do Pará, Dr. Felício Pontes: "A MP nº 458 vai legitimar a grilagem de terras na Amazônia e vai jogar por terra quinze anos de intenso trabalho do Ministério Público Federal, no estado do Pará, no combate à grilagem de terras".

Essa é a situação que se espraiará por todos os estados da Amazônia. E em sua esteira virá mais destruição da floresta, pois, como sabemos, a grilagem sempre foi o primeiro passo para a devastação ambiental.

Sendo assim, Senhor Presidente, está em suas mãos evitar um erro de grandes proporções, não condizente com o resgate social promovido pelo seu governo e com o respeito devido a tantos companheiros que deram a vida pela floresta e pelo povo Amazônia. São tantos, Padre Jósimo, Irmã Dorothy, Chico Mendes, Wilson Pinheiro – por quem V. Exa. foi um dia enquadrado na Lei de Segurança Nacional – que regaram a terra da Amazônia com o seu próprio sangue, na esperança de que, um dia, em um governo democrático e popular, pudéssemos separar o joio do trigo.

Em memória deles, Sr. Presidente, e em nome do patrimônio do povo brasileiro e do nosso sonho de um país justo e sustentável, faço este apelo para que vete os dispositivos mais danosos da MP 458, que estão discriminados abaixo.

Permita-me também, Senhor Presidente, e com a mesma ênfase, lhe pedir cuidados especiais na regulamentação da Medida Provisória. É fundamental que o previsto comitê de avaliação da implementação do processo de regularização fundiária seja caracterizado pela independência e tenha assegurada a efetiva participação da sociedade civil, notadamente os segmentos representativos do movimento ambientalista e do movimento popular agrário.

Por tudo isso, Sr. Presidente, peço que Vossa Excelência vete os incisos II e IV do artigo 2º; o artigo 7º e o artigo 13.

Com respeito e a fraternidade que tem nos unido, atenciosamente,

Senadora Marina Silva

Disponível em: <http://www.grupobrasilverde.org/carta.pdf>.

SUPORTES DOS GÊNEROS TEXTUAIS

Marina Silva poderia ter escrito a carta que você leu anteriormente e a enviado reservadamente ao presidente Lula. Entretanto, optou por tornar pública sua solicitação. Essa escolha, com certeza, influenciou na apresentação de seu texto, a começar pela presença de título, que não existiria em uma carta qualquer. Também a forma como o texto se realiza em sua função sociocomunicativa seria distinta se a carta fosse reservada ao presidente. Nesse caso, o bom e velho papel ou um *e-mail* institucional resolveriam o problema. Já no caso da carta aberta, é preciso disponibilizá-la em meios de acesso livre ao público. Em outros tempos, era comum mimeografar e distribuir esse tipo de carta; hoje, há como torná-la pública por meio de grandes mídias: jornais, revistas, televisão, rádio, Internet, etc. De qualquer forma, o modo como uma carta aberta se apresenta à leitura é muito mais variado do que o modo como se apresenta uma carta particular.

Foi justamente da reflexão sobre como se apresentam os gêneros textuais que surgiu o conceito de **suporte do gênero**. De acordo com o professor Luiz Antônio Marcuschi, pode-se definir **suporte** como **o local, físico ou virtual, em que o gênero se apresenta**.

Relacionados ao conceito de suporte aparecem ainda outros dois conceitos:

- **Canal** → é "o meio físico de transmissão de sinais" (MARCUSCHI, 2003. p. 6).

  Exemplos:
  - aparelhos e emissoras de rádio e TV;
  - aparelhos de telefone e serviço de telefonia;
  - computador e serviço de Internet.

- **Serviço** → é "um aparato específico que permite a realização ou a veiculação de um gênero em algum suporte" (MARCUSCHI, 2003. p. 5).

  Exemplos:
  - correio;
  - programas de *e-mail*;
  - mala-direta.

Os estudos sobre suportes dos gêneros ainda são novos e pouco conclusivos, dada a variedade de gêneros e de formas como estes se apresentam no dia a dia. Na verdade, não é muito fácil estabelecer regras em se tratando de produções humanas, principalmente porque elas se renovam constantemente.

Em alguns casos, o gênero textual sofre poucas influências em função do suporte em que é veiculado. O texto de Marina Silva, por exemplo, não deixaria de ser uma carta aberta, caso fosse impresso, ou disponibilizado na Internet, ou lido em uma emissora de rádio ou de TV. Em outros casos, o suporte pode modificar substancialmente a classificação de um texto. Observe a reflexão desenvolvida por Marcuschi:

> Tome-se o caso deste breve texto:
>
> *Paulo, te amo, me ligue o mais rápido que puder.*
>
> *Te espero no fone 55 44 33 22. Verônica.*
>
> Se isto estiver escrito num papel colocado sobre a mesa da pessoa indicada (Paulo), pode ser um bilhete; se for passado pela secretária eletrônica, é um recado; remetido pelos correios num formulário próprio, pode ser um telegrama; exposto num *outdoor* pode ser uma declaração de amor. O certo é que o conteúdo não muda, mas o gênero é sempre identificado na relação com o suporte.
>
> MARCUSCHI, 2003, p. 2.

Marcuschi divide os suportes em convencionais e incidentais. No primeiro caso, trata-se de locais criados especificamente para a veiculação de certos textos: um livro, um *outdoor*, um *website*; no segundo caso, trata-se de locais que ocasionalmente veiculam textos e, nesse sentido, as possibilidades são inúmeras: um muro, o corpo de alguém ou mesmo uma coluna de fumaça poderiam ser considerados suportes.

São exemplos de suportes convencionais:	São exemplos de suportes incidentais:
• livros; • jornais (diários); • revistas (semanais / mensais); • revistas de divulgação científica; • rádio*; • televisão*; • telefone*; • quadro de avisos; • *outdoors*; • *folders*; • encartes; • placas e letreiros luminosos; • faixas; • *homepages* e *websites***; • Internet***.	• embalagens; • para-choques e para-lamas de caminhões; • roupas; • o corpo humano; • paredes; • muros; • paradas de ônibus; • estações de metrô; • calçadas; • fachadas; • portões; • janelas e traseiras de ônibus e automóveis.

* O rádio, a TV e o telefone, aqui, não devem ser entendidos como meros aparelhos – caso em que não seriam suportes, mas canais – e sim como locais em que os textos se fixam.

** Algumas *homepages* e *websites*, como os de grandes servidores, servem como suporte para outros suportes.

*** A Internet, considerada por alguns como um serviço, pode ser também vista como um suporte; nesse caso, ela serviria como suporte para outros suportes que, por sua vez, podem sustentar qualquer gênero textual.

Como já foi dito, os próprios linguistas admitem haver muito que se discutir sobre os suportes e o modo como interferem na configuração dos gêneros. É muito complexo, por exemplo, relacionar os textos orais com seus suportes; às vezes, é difícil até saber qual é o suporte de alguns deles. Marcuschi afirma que, no caso dos textos orais, seria possível considerar a própria situação em que os textos ocorrem como seu suporte, mas essa afirmação também não é conclusiva.

Apesar dessas controvérsias, importante é que você conheça esse conceito e passe a analisá-lo sempre que interpretar ou produzir um texto. Assim, a partir de hoje, comece a observar em seu cotidiano o modo como os textos se apresentam e procure refletir sobre como essa forma de manifestação interfere em suas características e funções.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (PUC Rio–2009 / Adaptado) Leia com atenção os textos selecionados. Eles devem servir apenas de auxílio à reflexão.

Texto I

Tal como os outros seres vivos com quem compartimos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e energias que movem a vida e os astros do universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o vôo dos pássaros, em outra dimensão da existência, impele o vôo de nossas idéias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos no Mundo ou uma fração da Natureza rebelde a ela. Somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da vida: a vida humana.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Educação como cultura*. Campinas: Mercado de Letras, 2002. p. 17.

Texto II

Pisco Del Gaiso

Texto III

O estado de fúria em que se encontra a natureza não consiste mais em uma mera preocupação de alguns poucos e determinados grupos de pessoas, como os ecologistas, ambientalistas, o Greenpeace, entre outros. É fato que o meio ambiente depois de muito sofrer agressões humanas está revidando esse comportamento.

DALLAZEN, Clariane Leila; SANTOS, José Carlos dos. "Meio Ambiente: o planeta pede socorro". *Ciências Sociais Aplicadas EM REVISTA*. Unioeste – Campus Mal. Cândido Rondon – v. 7 nº. 13 – 2º. Sem. 2007.

Texto IV

Disponível em: <golddicas.blogspot.com/2009/03/fotos-de-queim...>. Acesso em: 22 ago. 2009.

ESCREVA um texto dissertativo-argumentativo de cerca de 20 linhas em que você apresente o seu ponto de vista sobre o relacionamento do ser humano com a natureza.

O texto deve ser claro, coerente e conter uma argumentação bem fundamentada. **DÊ** um título criativo ao seu texto. Serão valorizadas a pertinência e a originalidade de seus argumentos. **NÃO ASSINE** o texto.

02. (UFMG–2009)

Leia estes trechos extraídos de uma reportagem intitulada "É possível viver sem petróleo?".

Trecho I

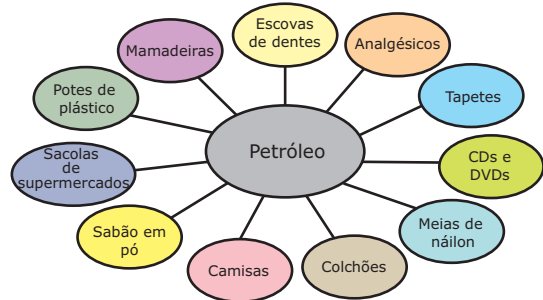
O mundo se prepara para diminuir a dependência do petróleo, mas enfrenta dificuldades: este é um recurso que move a economia mundial, é cobiçado por todos os países, garante o direito de ir e vir e está presente em quase tudo que nos cerca.

Diante da escassez anunciada, dos preços em alta e da ameaça do aquecimento global, produtoras e distribuidoras investem pesadamente em alternativas. Montadoras testam novas tecnologias para mover carros e caminhões. Mas a tarefa é quase impossível. A queda na produção de petróleo influenciaria a quantidade e o tipo de bens produzidos na economia mundial – e não se está falando apenas de energia e transporte.

Formado por uma mistura de compostos, o petróleo é matéria-prima essencial nas indústrias de tintas, ceras, vernizes, resinas, pneus, borrachas, fósforos, fertilizantes, alimentos. A partir de seu refino, são extraídos, entre outros, gasolina, diesel, querosene, óleo combustível, lubrificante e parafina. Assim, não é à toa que ele tenha sido apelidado de "ouro negro".

Trecho II

O petróleo nosso de cada dia

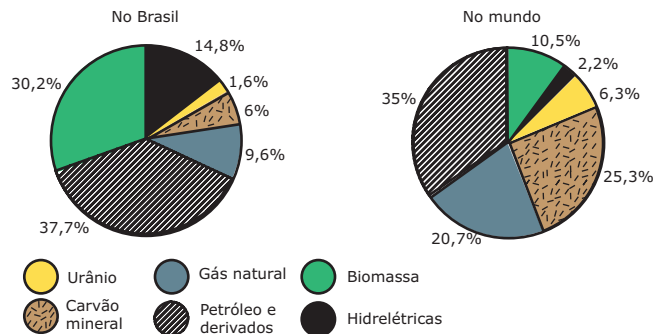
O petróleo está tão integrado ao nosso cotidiano, que não notamos a sua presença, mesmo que indireta, na maioria dos produtos.

Trecho III

A estratégia das fontes renováveis

Em tempos de busca de outras fontes de energia renováveis, os especialistas se voltaram para a energia solar, dos ventos e da biomassa, que, até há pouco tempo, estavam desacreditadas por questões de preço e desenvolvimento tecnológico. Hoje, elas atendem a 18% do consumo, e a tendência é de expansão.

Trecho IV

O uso de cada fonte de energia

Carvão e petróleo são mais utilizados no mundo, mas o Brasil se destaca com biomassa e hidrelétricas.

ADEODATO, Sérgio. "É possível viver sem petróleo?" In: *Horizonte geográfico*, n. 115, p. 31-41, fev. 2008. (Adaptação).

Com base nas informações contidas nesses quatro trechos e em seus conhecimento de mundo, **REDIJA** um artigo de opinião, respondendo à pergunta-título da reportagem:

É possível viver sem petróleo?

- **APRESENTE** argumentos relevantes e coerentes, que justifiquem seu ponto de vista.
- Não serão corrigidas redações com menos de 15 (quinze) linhas.

03. (Unimontes-MG–2010/Adaptada)

O milagre do sorinho e outros milagres

A doutora Zilda Arns fez tudo ao contrário de como costumam ser feitos os programas de políticas públicas no Brasil. Não chamou o marqueteiro, como providência inaugural dos trabalhos. Não engendrou uma generosa burocracia, capaz de proporcionar bons e agradáveis empregos. Não ofereceu contratos milionários aos prestadores de serviço. Sobretudo, não anunciou o programa e, com o simples anúncio, deu a coisa por feita e resolvida. Milagre dos milagres. Zilda Arns, que morreu na semana passada, no terremoto do Haiti, aos 75 anos, realmente fez. Se o Brasil teve uma redução significativa nos níveis de mortalidade e desnutrição infantil, nas últimas décadas, isso se deve em primeiro lugar à Pastoral da Criança, criada e administrada por ela, com apoio da Igreja Católica, e aos exemplos que semeou.

O índice de mortalidade infantil no Brasil andava pelos 82,8 mortos por 1000 nascidos vivos, em 1982, quando Zilda foi convocada pelo irmão, o cardeal Paulo Evaristo Arns, então arcebispo de São Paulo, a pôr sua experiência de médica pediatra e sanitarista a serviço de um programa de combate ao problema.

Hoje está em 23,3 por 1 000. Nas áreas com atuação direta da Pastoral da Criança são 42 000 comunidades pobres, espalhadas por 4000 municípios brasileiros está em 13 por 1 000. O que mais espanta, na obra de Zilda, é o contraste entre a eficácia dos resultados e a simplicidade dos métodos. Nada de grandiosos aparatos, nada de invencionices. A partir da gestão do hoje governador José Serra no Ministério da Saúde, ela passou a contar com forte apoio governamental. Mas suas ferramentas básicas continuaram as, mesmas:

- O sorinho e a multimistura. O soro caseiro feito de água, açúcar e sal foi o grande segredo no combate à desidratação, por muito tempo a maior causa de mortalidade infantil no Brasil. A multimistura feita de casca de ovo, arroz, milho, semente de abóbora e outros ingredientes singelos foi, e continua sendo, a arma contra a desnutrição. Zilda Arns era contra a cesta básica. Achava-a humilhante, para quem a recebia, e de presença incerta. Optou por ensinar como proporcionar uma boa dieta com recursos escassos.
- A multiplicação da boa vontade. A ordem era ensinar e fazer com que os que aprendiam passassem também a ensinar. A Pastoral da Criança conta hoje 260 000 voluntários.
- O trabalho e a persistência. Se fosse só ensinar a tomar o sorinho ou a multimistura e ir embora, seria repetir outro padrão das políticas públicas à brasileira. Cabe ao voluntariado fazer uma visita por mês às famílias assistidas. Um instrumento imprescindível nessas ocasiões é a balança, para medir a evolução da criança.
- A escora da índole feminina. Noventa e dois por cento do voluntariado da Pastoral da Criança é constituído por mulheres. Uma tarefa dessas é séria demais para ser deixada por conta dos homens. A mulher é muito mais confiável quando se mexe com assunto situado nos extremos da existência, como são os cuidados com o nascimento e a morte, a saúde e a doença.

Zilda Arns conduziu-se por uma estratégia baseada na sabedoria antiga e na vontade de fazer, nada mais do que isso. É paradoxal dizer isso de uma pessoa tão religiosa, mas não houve milagres na sua ação. A menos que se considere um milagre a presença dessa coisa chamada amor como motor, tanto dela como das pessoas em quem ela inoculava o mesmo vírus. Vai ver, ela diria isso. Vai ver, isso foi importante, mesmo.

O escritor Saul Bellow conta que, certa vez, passeava de bote num rio infestado de jacarés quando começou a ficar apavorado. Não era tanto a morte que o apavorava. Era o necrológio: "Morreu ontem, devorado por jacarés...". Zilda Arns está condenada ao necrológio: "Morreu de terremoto, no Haiti". Não é esdrúxulo como ser devorado por um jacaré. Também não é raro como cair no poço do elevador, como a atriz Anecy Rocha, irmã de Glauber, ou ser tragado pela boca do Vesúvio, como o republicano histórico Silva Jardim. Mas é raro para um brasileiro, em cujo território não ocorrem terremotos de proporções mortais, e chocante como são as mortes inesperadas, provocadas por acidentes. Zilda Arns, como Anecy Rocha e Silva Jardim, morreu em circunstâncias do tipo que nunca se esquece. Mas, também, em circunstâncias que lhe coroam a vida. Estava no Haiti para, em contato com religiosos locais, propagar a metodologia da Pastoral da Criança. Morreu em combate.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. *Veja*, 20 jan. 2010.

INSTRUÇÃO: Crie um texto dissertativo de 20 linhas sobre o seguinte tema: COMPAIXÃO E SOLIDARIEDADE (Por que é importante ajudar o outro, compartilhar sua dor, enfim, praticar a solidariedade). NÃO É NECESSÁRIO DAR TÍTULO A SEU TEXTO

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(PUC Minas–2009)

Instrução: Para responder à questão, leia o trecho a seguir.

Trecho 1

Belo Horizonte, que lindo nome! Fiquei a repeti-lo e a enroscar-me na sua sonoridade. Era longo, sinuoso, tinha de pássaro e sua cauda repetia rimas belas e amenas. Fonte. Monte. Ponte. Era refrescante. Continha fáceis ascensões e aladas evasões. Sugeria associações cheias de nobreza na riqueza das homofonias. Belerofonte. Laocoonte. Caronte. Era bom de repetir – Belorizonte, Belorizonte, Belorizonte – e ir despojando aos poucos a palavra: das arestas de suas consoantes e ir deixando apenas suas vogais ondularem molemente. Belo Horizonte. Belorizonte, Beoizonte Beoionte. Fui à nossa sala de visitas e apliquei no ouvido a concha mágica que me abria os caminhos da distância. Ouvi seu ruído helênico e o apelo longínquo – beoioooooo – prolongado como silvo dos trens que subiam de Caminho Novo acima, dobrando o canto dos apitos na pauta das noites divididas.

NAVA, Pedro. *Balão cativo.* Ateliê, 2000. p. 85.

01. Em todas as alternativas, aparece descrição adequada do trabalho metalinguístico realizado pelo narrador-personagem relativamente ao nome Belo Horizonte, **EXCETO**

A) "Belo Horizonte, que lindo nome! Fiquei a repeti-lo e a enroscar-me na sua sonoridade. Era longo, sinuoso, tinha de pássaro e sua cauda repetia rimas belas e amenas. Fonte. Monte. Ponte." (Constrói-se a definição do nome, realçando seu aspecto prosódico.)

B) "Sugeria associações cheias de nobreza na riqueza das homofonias. **Belerofonte**. **Laocoonte**. **Caronte**." (Além da homofonia, assegurada pela terminação "onte" nos nomes em negrito, pode-se identificar um efeito polifônico, dada a evocação feita a figuras da mitologia grega.)

C) "Fonte. Monte. Ponte. Era refrescante. Continha fáceis ascensões e aladas evasões." (A intenção do autor, em seu trabalho de escrita, foi explorar os vários sentidos que a palavra "Belo Horizonte" alcança, realçando-lhe o viés polissêmico da expressão.)

D) "Era bom de repetir – Belorizonte, Belorizonte, Belorizonte – e ir despojando aos poucos a palavra: das arestas de suas consoantes e ir deixando apenas suas vogais ondularem molemente. Belo Horizonte. Belorizonte, Beoizonte, Beoionte." (O autor explora os efeitos sonoros provocados pela melodia do falar regional.)

Instrução: Para responder à questão, leia o trecho seguinte, que pertence a uma crônica de Paulo Mendes Campos, intitulada "Belo Horizonte", publicada no Suplemento Literário, 261, 1998, Secretaria de Cultura de Minas Gerais.

Trecho 2

Belo Horizonte é hoje para mim uma cidade soterrada. Em vinte anos eliminaram a minha cidade e edificaram uma cidade estranha. Para quem continuou morando lá, a amputação pode ter sido lenta, quase indolor; para mim foi cirurgia de urgência, a prestações, sem a inconsciência do anestésico. Enterraram a minha cidade e muito de mim com ela. Em nome do progresso municipal, enterraram as minhas casas; enterraram os pisos de pedra das minhas ruas; enterraram os meus bares; minhas moças bonitas; meus bondes; minhas livrarias; bancos de praça; folhagens; enterraram-me vivo na cidade morta. Por cima de nós construíram casas modernas, arranha-céus, agências bancárias; pintaram tudo, deceparam as árvores, demoliram, mudaram fachadas, acrescentaram varandas, disfarçaram de novas as casas velhas, muraram o espaço livre, reviraram jardins, mexeram por toda a parte com uma sanha cruenta. Como se tivessem o propósito de desorientar-me, de destruir tudo que me estendia uma ponte entre o que sou e o que fui. Ai, Belo Horizonte!

02. Sobre o trecho, todas as considerações estão corretas, **EXCETO**

A) A narrativa que se constrói no trecho em estudo é caracteristicamente memorialística, cujo narrador traz à lembrança uma dada cidade para a qual tem um sentimento pleno de pertença e de posse.

B) Há, na narrativa, dois elementos linguísticos que desenham o lugar de onde fala o narrador em relação aos quadros narrados (as cidades): (a) hoje remete tanto ao momento em que narra suas memórias como ao tempo da cidade; (b) lá dimensiona o espaço, e, portanto, a distância em que se encontra o narrador do objeto narrado.

C) Emerge na narrativa a descrição de dois objetos extremamente distintos por uma oposição fundada na relação entre os seguintes signos: vida X morte; moderno X antigo; amputação lenta X cirurgia de urgência.

D) O narrador, tomado por um ressentimento muito forte em relação às ações da administração pública municipal, leva o leitor a entender que a sua saída da cidade deu-se há mais de vinte anos, em virtude de um progresso que não leva em conta uma história da cidade.

Instrução: Responda à questão de acordo com o texto a seguir.

Trecho 3

Dessas marchas a pé havia uma que eu fazia com prazer. Era a da noite, indo para casa. Sempre só, seguia Afonso Pena pela beirada perfumosa do Parque ou pelo passeio fronteiro. Passava pela esquina de Seu Artur Haas e logo depois era um muro imenso até as paredes em construção da Delegacia Fiscal. Novo terreno baldio (ainda não havia Automóvel Clube). Depois era o Palácio da Justiça todo negro e fechado. Vinham as casas seguintes: A do Doutor Rodolfo Jacob; depois a deliciosa edificação em que residiriam sucessivamente o Dr. Francisco Peixoto, o Dr. Bolivar, a Dona Alice Neves, a quase igual do Dr. Balena. Em seguida o baldio, onde seria levantado o Conservatório Mineiro, a casa amarela do Maestro Flores [...] Naquele ponto o céu era o mais longínquo do mundo e as estrelas palpitavam em alturas inconcebíveis. Eu andava de um lado para o outro na avenida como imantado por tal ou qual polo de atração. [...] Nas noites escuras ou de chuva, tomava Cláudio Manuel, Chumbo, logo acima da esquina de Palmira dava com o Louco da Noite sempre parado debaixo dum poste de iluminação, pasmo, recebendo aquela luz voltaica e as águas do céu – sem ir, vir, esconder-se, voltar, falar. Imóvel, fora do tempo, estuporado, catatônico. Todos temiam-no na Serra. Mas ele era tímido e manso.

NAVA, Pedro. *Beira-Mar*. Memórias 4. Nova Fronteira, 1985. p. 132.

03. Todas as considerações sobre o trecho 3 estão corretas, **EXCETO**

A) No trecho em exame, predomina a argumentação, uma vez que o autor procura envolver o leitor com detalhes de uma paisagem construída na memória a partir de argumentos que remetem à história da ocupação do espaço urbano.

B) Nesse trecho, a narração utiliza-se de estratégias que não se voltam para relatar os acontecimentos, mas, sim, mostrá-los com precisão, de modo a apreender o interesse do leitor.

C) No curso da narrativa, emerge uma voz que parece dialogar com o leitor com o propósito de orientá-lo em relação aos objetos que compõem a paisagem descrita, conforme se pode observar em "Novo terreno baldio (ainda não havia Automóvel Clube)".

D) O modo como o narrador se refere a alguns objetos, por exemplo, em passagens como "a Dona Alice Neves", denota uma certa intimidade ou familiaridade entre ele e o objeto em foco. Esse efeito pode ser provocado pelo emprego do artigo definido antes de nomes de pessoas.

Instrução: Para responder à questão, leia os trechos de 1 a 4 e as considerações que se apresentam logo após o trecho 4.

Trecho 4

Noturno de Belo Horizonte

Dorme Belo Horizonte.
Seu corpo respira leve o aclive vagarento das ladeiras...
Não se escuta sequer o ruído das estrelas caminhando...
Mas os poros abertos da cidade
Aspiram com sensualidade com delícia
O ar da terra elevada.
Ar arejado batido nas pedras dos morros,
Varado através da água trançada das cachoeiras,
Ar que brota nas fontes com as águas
Por toda a parte de Minas Gerais.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*.

I. Cada um dos trechos (1, 2, 3 e 4) apresenta uma leitura particular que o autor faz da cidade de Belo Horizonte. Em cada um deles, a partir de um ponto de vista, emerge uma cidade.

II. Quando lemos textos que leem a cidade, estamos partilhando de uma construção de sentido de um dado objeto, na qual está inscrito o modo como o autor desenha, mapeia a cidade, ou seja, apreende e representa tal objeto.

III. A descrição dos elementos físico-geográficos (a paisagem urbana) feita no universo do discurso literário pode ser talhada pela memória subjetiva, pela fabricação discursiva de um objeto, que difere daquela que se dá nos manuais de instrução da geografia ou de turismo.

04. A afirmativa está **CORRETA** em

A) apenas I.
B) apenas I e II.
C) apenas II e III.
D) I, II e III.

Instrução: Para responder à questão, considere o texto a seguir e os trechos 1, 2, 3 e 4.

Raniere Maciel Menezes

05. Todas as alternativas apresentam análises adequadas, **EXCETO**

A) O texto em exame é uma charge que problematiza os efeitos de uma urbanização em que o cimento e a ferragem sobrepõem-se ao verde.

B) Da comparação entre os textos em análise, verificam-se pontos de vista diferentes, na construção de uma paisagem urbana desumanizada.

C) O recurso à ironia, construído a partir da exploração de uma imagem de árvore com traços do humano, dialoga com o tom de ressentimento assumido pelo cronista no trecho 2.

D) No texto em exame, emerge uma paisagem que se aproxima daquela pintada pelo cronista no trecho 2 e se distancia da esboçada no trecho 4.

(PUC Minas)

Instrução: Responda às questões de **06** a **10** de acordo com o texto a seguir. Volte a ele sempre que necessário.

Rede

O diário corresponde, na fala, à conversa, com os próprios botões. Mas não se pode conversar apenas com botões. Inclusive, aprende-se a falar pela observação dos outros, pelo interesse nos outros. A conversa consigo mesmo, da qual as crianças são mestras, indica claramente a presença da falta.

Um tanto paradoxal esta expressão: "presença da falta". Porém, precisa. A falta que todo homem carrega consigo o tempo todo, tanto dos outros quanto daquele que ele podia ser mas ainda não é, se faz uma presença viva, perceptível no papo das crianças com seus amigos imaginários, no sonho dos adultos com seus desejos frustrados, na insônia dos apaixonados em suas camas de solteiro. A falta que todo homem carrega consigo o tempo todo é aquela que explica e dá sentido a boa parte dos seus atos e lapsos.

Eis a palavra, testemunhando a ausência e a falta. A falta depositada nos diários testemunha a falta do auto-conhecimento e, é claro, a necessidade da auto-afirmação. Mas não nos falta apenas conhecer-nos.

Falta-nos conhecer todos e tudo. Logo, não se escrevem única e exclusivamente diários. Escrevem-se bilhetes, cartas, artigos de jornal, livros e discursos públicos, a cada texto se marcando a presença de determinada falta.

Quando então o ato muda.

O diário afirma o indivíduo para si mesmo. Uma carta já o afirma para outro sujeito, e daí se tem de pensar neste outro no momento da escrita, uma vez que ele passou a fazer parte do ato. O outro, ao adentrar o espaço da comunicação, modifica radicalmente o texto: no visual, no estilo, na seqüência, nas informações.

Por sua vez, um artigo de jornal, ou um capítulo teórico como este, buscam bem mais de um outro só, buscam muitos outros leitores (quanto mais melhor).

Todos estes outros, desejados e possíveis, invadem e transformam / transtornam a mensagem, e não poderia ser de outro modo. Tudo o que existe cobra a sua existência. Se existe um leitor, pelo simples fato de existir, ele estará cobrando seu espaço no texto, na carta – cobrando que a coisa se escreva de modo que ele entenda (ele, e talvez mais ninguém, pois por enquanto tratamos de uma carta), que ele sinta e possa responder. Da mesma maneira, se existem mil leitores, pelo simples e inusitado (no Brasil) fato de existirem, eles estarão cobrando seu espaço no artigo, no livro teórico, no romance – cobrando que a coisa se escreva de modo a que se entenda, e se sinta, e mexa por dentro, e cobrando que se diga algo que ainda não tenha sido dito, para valer a pena.

Por exemplo: não vou escrever este livro à moda de diário (ninguém deve estar muito interessado se tomei café com leite ou não de manhã cedo, nem se eu consegui acordar cedo). Também não vou escrevê-lo à moda de uma carta (o que eu sinto e penso de pessoas muito especiais não será da conta de outras tantas que eu quero ver lendo este livro). Entretanto, se eu souber bem que isto daqui é nem diário nem carta, posso, por breves parágrafos, fingir que estou falando comigo mesmo, ou fingir que estou falando com aquele leitor (leitora...) como se fosse o único (única). Será uma técnica esperta, e perfeitamente legítima, de romper a monotonia da teoria e fazer um carinho verbal no leitor (na leitora!). Em geral, o leitor ou leitora não devem ser os únicos (senão, este livro virou um *best-seller* às avessas). Mas, no momento em que lêem, são eles (vocês) unicamente que me lêem, e eu devo contar tanto com o geral, buscando ser claro e agradável a muitos, quanto com o particular, buscando ser fino e pessoal àquele e àquela (a você).

Portanto, a diferença de quantidade (no caso, de leitores) gera diferença na qualidade (no caso, no modo de dispor palavras e idéias). [...]

Atenção: uma teoria, uma dissertação, não é diametralmente oposta a um diário ou a uma carta. Ao contrário, traz consigo as funções do diário (auto-conhecimento e auto-afirmação) e as funções da carta (procura de alguém, procura de ouvido, espelho e reflexo). Acrescenta-lhes outras na soma que transforma o texto. Escrever para o outro, ou para outros, continua representando o ato de afirmar-se, firmando no papel as próprias idéias. Além disso, implica considerar atentamente a existência alheia. E a consideração da existência alheia passa pelo esforço de facilitar o acesso geral às idéias próprias em questão.

Com licença: quem sabe, sabe se explicar. Todo mundo que escreve deve deixar para o leitor o esforço de pensar sobre o que leu, e não o sacrifício de adivinhar o que se queria ter dito – este é o ponto.

Enfatizo, no entanto, uma coisa: preocupar-se com o leitor representa preocupar-se com o seu entendimento preciso, mas não equivale a subordinar-se humilhantemente, não equivale a escrever apenas o que o outro quer ver escrito. Escritor e leitor não são o mesmo sujeito, são sujeitos diferentes e a diferença deve ser, além de respeitada, ainda defendida com unhas, dentes e verbos.

A necessidade da preocupação com o outro anda junto com a necessidade da auto-afirmação. As duas necessidades não se podem negar, sob pena de não se atender nem a uma nem à outra. O outro precisa de mim e eu preciso do outro, porque ambos precisamos da diferença. A diferença é o referencial único para sabermos que somos únicos, originais, e talvez especiais para alguém. O outro não precisa que eu fale o que ele quer ouvir, pois isto ele mesmo já se disse. Ele não precisa somente do seu espelho. Precisa, sim, muito de um reflexo – do reflexo inesperado que estabelece a diferença entre os diferentes. Precisa se reconhecer diferente, para acalmar a angústia daquela pergunta primeira: "quem sou eu?". Quem se fala afirma a si mesmo no ato da fala e da escrita, firmando idéias e estilos pessoais, justinho para entregar ao outro o que o outro não tem – mas precisa demais.

Uma redação, assim, nunca é um produto acabado, pronto para ser entregue ao mestre e por este enquadrada no conceito devido (ou indevido). Antes, será red-ação: ação de tecer a rede dos acontecimentos e dos relacionamentos, guardando o acontecido na memória verbal das gerações, pescando o acontecível no extenso lago das faltas e ausências testemunhadas pelas palavras daqueles que falam e se falam.

BERNARDO, Gustavo. *Redação inquieta*. Rio de Janeiro: Globo, 1991. p. 15-17.

06. Com relação aos cinco primeiros parágrafos do texto "Rede", só se pode afirmar que

A) a palavra ou, mais especificamente, o uso da linguagem verbal oral e / ou escrita indica uma característica essencial do ser humano: a falta. De um lado, pode-se dizer que ele não tem um conhecimento completo de si mesmo e que essa ausência o incomoda; de outro, pode-se afirmar que ele conhece apenas parcialmente o mundo que o cerca.

B) segundo o autor, o ato de escrever representa a falta que caracteriza todo ser humano, justamente porque se escreve para que se possa conhecer aquilo que ainda não se sabe; por esse motivo é que foram criados os bilhetes, as cartas, os artigos de jornal e os livros.

C) o ato de falar, que, segundo o autor, corresponde ao diário, pode ser considerado como um ato que indica a falta, pois, para preencher o vazio que todos possuímos, temos a necessidade de dialogar, sobretudo com os próprios botões.

D) conforme o raciocínio do autor, tanto as crianças como os adultos sentem a falta, mas, enquanto a criança a manifesta por meio de jogos com amigos imaginários, o adulto procura resolvê-la apenas nos sonhos e na solidão da noite.

E) a produção de um diário pode ser considerada como a marca mais explícita de uma característica humana – a falta –, já que ele corresponde, na escrita, à fala. Assim, se falamos com os outros para nos conhecermos melhor, com o diário procuramos autoafirmação.

07. Assinale a alternativa que apresente ideias **VERDADEIRAS** sobre o texto.

A) O texto nos leva a crer que, no diário, o outro é o próprio autor; há, portanto, uma contradição entre o que se diz aí e a afirmação subsequente de que "o outro, ao adentrar o espaço da comunicação, modifica radicalmente o texto".

B) O autor de um texto, segundo Gustavo Bernardo, deve levar em conta o leitor ao elaborar sua produção escrita; é exatamente por esse motivo que se pode concluir que o leitor intervém já no momento da produção textual.

C) O raciocínio do autor de que o outro está presente na estrutura de qualquer texto que produzimos leva obrigatoriamente à conclusão de que a dificuldade de se escreverem artigos de jornais deve ser explicada pelo fato de que, nos jornais, há muitos outros aos quais o autor deve se dirigir.

D) Segundo o autor, os diários não são de interesse público porque tratam de assuntos banais, que dizem respeito às atividades cotidianas, enquanto as cartas não devem ser impressas em livros porque não teriam leitores interessados.

E) Embora a dissertação seja considerada pelo autor como o texto apropriado para que sejam veiculadas as teorias, esta guardaria com a carta e com o diário algumas similaridades, pois todas as suas funções recobririam as características desses outros textos.

08. Leia atentamente os trechos a seguir:

I. Por sua vez, um artigo de jornal, ou um capítulo teórico como este, buscam [...] (esse)

II. Por exemplo: não vou escrever este livro à moda do diário [...] (esse)

III. Em geral, o leitor ou leitora não devem ser os únicos (senão, este livro virou um *best-seller* às avessas). (esse)

A substituição do pronome grifado pelo que se encontra entre parênteses poderia, se considerássemos a orientação da gramática tradicional, provocar alteração do sentido original em

A) I, apenas.

B) II, apenas.

C) III, apenas.

D) II e III, apenas.

E) I, II e III.

09. Assinale a alternativa em que a alteração de pontuação proposta para o trecho acarreta mudança de sentido.

A) Uma redação, assim, nunca é um produto acabado, pronto para ser entregue ao mestre e por este enquadrada no conceito devido (ou indevido).

Uma redação assim nunca é um produto acabado, pronto para ser entregue ao mestre e por este enquadrada no conceito devido (ou indevido).

B) Quem se fala afirma a si mesmo no ato da fala e da escrita, firmando ideias e estilos pessoais, justinho para entregar ao outro o que o outro não tem – mas precisa demais.

Quem se fala afirma a si mesmo no ato da fala e da escrita, firmando ideias e estilos pessoais, justinho para entregar ao outro o que o outro não tem, mas precisa demais.

C) O diário corresponde, na fala, à conversa, com os próprios botões.

O diário corresponde, na fala, à conversa com os próprios botões.

D) Será uma técnica esperta, e perfeitamente legítima, de romper a monotonia da teoria e fazer um carinho verbal no leitor (na leitora!).

Será uma técnica esperta – e perfeitamente legítima – de romper a monotonia da teoria e fazer um carinho verbal no leitor (na leitora!).

E) Mas não nos falta apenas conhecer-nos. Falta-nos conhecer todos e tudo.

Mas não nos falta apenas conhecer-nos; falta-nos conhecer todos e tudo.

10. Leia o trecho a seguir e observe o que se diz sobre os momentos de produção e de recepção do discurso. Todas as informações contidas entre parênteses estão de acordo com o(s) momento(s) a que se refere o trecho transcrito do texto "Rede", **EXCETO**

> [...] não se pode distinguir estritamente entre condições de produção e condições de recepção do discurso. Isto é, embora, de fato, o momento da escrita de um texto e o momento de sua leitura sejam distintos, na escrita já está inscrito o leitor e, na leitura, o leitor interage com o autor do texto.
>
> ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 167.

A) O outro, ao adentrar o espaço da comunicação, modifica radicalmente o texto: no visual, no estilo, na sequência, nas informações. (produção e recepção)

B) Se existe um leitor, pelo simples fato de existir, ele estará cobrando seu espaço no texto, na carta [...] (produção e recepção)

C) [...] e eu devo contar tanto com o geral, buscando ser claro e agradável a muitos, quanto particular, buscando ser fino e pessoal àquele e àquela (você). (produção)

D) Escritor e leitor não são o mesmo sujeito, são sujeitos diferentes e a diferença deve ser, além de respeitada, ainda defendida com unhas, dentes e verbos. (produção e recepção)

E) Todo mundo que escreve deve deixar para o leitor o esforço de pensar sobre o que leu, e não o sacrifício de adivinhar o que se queria ter dito – este é o ponto. (recepção)

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009) Em *Touro indomável*, que a cinemateca lança esta semana nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, a dor maior e a violência verdadeira vêm dos demônios de La Motta – que fizeram dele tanto um astro no ringue como um homem fadado à destruição. Dirigida como um senso vertiginoso do destino de seu personagem, essa obra-prima de Martin Scorsese é daqueles filmes que falam à perfeição de seu tema (o boxe) para então transcendê-lo e tratar do que importa: aquilo que faz dos seres humanos apenas isso mesmo, humanos e tremendamente imperfeitos.

VEJA, 18 fev. 2009. (Adaptação).

Ao escolher este gênero textual, o produtor do texto objetivou

A) construir uma apreciação irônica do filme.
B) evidenciar argumentos contrários ao filme de Scorsese.
C) elaborar uma narrativa com descrição de tipos literários.
D) apresentar ao leitor um painel da obra e se posicionar criticamente.
E) afirmar que o filme transcende o seu objetivo inicial e, por isso, perde sua qualidade.

02. (Enem–2003) A propaganda pode ser definida como divulgação intencional e constante de mensagens destinadas a um determinado auditório visando a criar uma imagem positiva ou negativa de determinados fenômenos. A propaganda está muitas vezes ligada à ideia de manipulação de grandes massas por parte de pequenos grupos. Alguns princípios da propaganda são: o princípio da simplificação, da saturação, da deformação e da parcialidade.

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de Política*. Adaptação.

Segundo o texto, muitas vezes a propaganda

A) não permite que minorias imponham ideias à maioria.
B) depende diretamente da qualidade do produto que é vendido.
C) favorece o controle das massas difundindo as contradições do produto.
D) está voltada especialmente para os interesses de quem vende o produto.
E) convida o comprador à reflexão sobre a natureza do que se propõe vender.

03. Leia atentamente os textos seguintes:

Texto I

Em setembro de 2000, na Cúpula do Milênio promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), os líderes das grandes potências mundiais e os chefes de Estado de 189 países, entre eles o Brasil, discutiram a gravidade do estado social de muitos países do mundo e definiram 8 objetivos que apontam para ações em áreas prioritárias para a superação da pobreza. Tais objetivos, chamados de Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, apresentam metas detalhadas em indicadores, que devem ser alcançadas, em sua maioria, até 2015.

Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/index_lista_objetivos.html>. Acesso em: 10 nov. 2010.

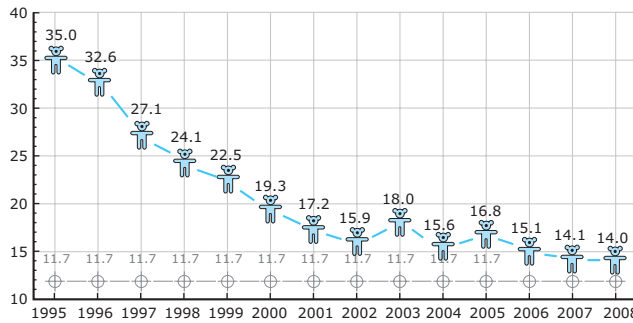
Texto II

Disponível em: <http://www.bibliotecaaldasantos.spaces.live.com>. Acesso em: 01 nov. 2010.

Texto III

Disponível em: <http://www.robsonpiresxerife.com/blog/wp-content/uploads/2009/01/gaza.jpg>. Acesso em: 01 nov. 2010.

Texto IV

Queda da mortalidade infantil no município de Belo Horizonte – 1995-2008

Disponível em: <http://www.portalodm.com.br/relatorios/4-reduzir-a-mortalidade-infantil/mg/belo-horizonte>. Acesso em: 01 nov. 2010.

Texto V

Predominam ainda no Brasil duas convicções errôneas sobre o problema da exclusão social: a de que ela deve ser enfrentada apenas pelo poder público e a de que sua superação envolve muitos recursos e esforços extraordinários.

FOLHA DE S. PAULO, 17 dez. 1996.

Texto VI

Aquecimento global deve afetar 175 milhões de crianças por ano

No relatório "Feeling the heat child survival in a changing climate" (Sentindo o calor a sobrevivência das crianças nas mudanças climáticas), lançado em Barcelona, a organização não governamental Save the Children alerta que, na próxima década, 175 milhões de meninos e meninas serão afetados, a cada ano, por desastres naturais, como inundações, ciclones e secas.

As estatísticas do informe são baseadas em dados oficiais do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef), do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), além de pesquisas do Banco Mundial e de universidades ao redor do planeta.

Combinados com um incremento da desnutrição e de enfermidades como a diarreia e as doenças tropicais, os fenômenos naturais deverão aumentar as taxas de mortalidade infantil.

Todos os anos, aproximadamente 9 milhões de crianças morrem antes de completar cinco anos. 98% desses óbitos ocorrem em países pobres e em desenvolvimento, que concentram as mais altas taxas de mortalidade infantil.

A estimativa é que os casos de diarreia, que matam 1 milhão de crianças por ano, aumentem 10% em 2020. Já as mortes por desnutrição passam de 3,2 milhões para 25 milhões, em 2050.

As crianças das comunidades mais pobres serão as mais afetadas, à medida que as mudanças climáticas reduzem o acesso à água e ao solo cultivável.

O vice-presidente da Save the Children nos Estados Unidos, Rudy Von Bernuth, defende um financiamento específico para a infância por parte das nações desenvolvidas para mitigar os danos causados a milhares de meninos e meninas. Para ele, dar suporte a essas crianças não é um ato de caridade. Aqueles que causaram a mudança climática têm a responsabilidade de assistir aqueles que estão sofrendo por isso.

Fonte: Correio Brasiliense (DF).

Proposta de redação

Com base nas ideias presentes nos textos anteriores, redija uma dissertação em prosa sobre o seguinte tema:

Como garantir que a 4ª meta do milênio – reduzir a mortalidade infantil – seja alcançada?

Ao desenvolver o tema proposto, procure utilizar os conhecimentos adquiridos e as reflexões feitas ao longo de sua formação. Selecione, organize e relacione argumentos, fatos e opiniões para defender seu ponto de vista e suas propostas.

Observações:

1. Seu texto deve ser escrito na modalidade culta da língua portuguesa.
2. O texto não deve ser escrito em forma de poema (versos) ou narração.
3. O texto deverá ter, no mínimo, 15 (quinze) linhas escritas.

GABARITO

Fixação

01. O aluno deve produzir um texto que tenha como tema a relação do ser humano com a natureza. Os textos I e II chamam a atenção para o fato de que a espécie humana, geralmente entendida como algo situado fora da natureza, na verdade a integra. Já nos textos III e IV, essa relação mostra-se conflituosa, na medida em que são enfocadas as contínuas agressões do homem ao meio-ambiente e as reações do meio-ambiente às ações antrópicas (que se traduzem, sobretudo, em catástrofes climáticas). É interessante que o aluno perceba, na leitura conjunta dos textos de I a IV, a incoerência do comportamento do homem, que muitas vezes se esquece de que a preservação da natureza é necessariamente uma questão de autopreservação, já que ele faz parte dela. Assim, é importante que o aluno evidencie que qualquer atitude do ser humano em relação à natureza incidirá também sobre ele, uma vez que ele a compõe.
02. Para compor o texto, o aluno deve observar as características pertinentes ao gênero solicitado. Nesse sentido, vale observar que um artigo de opinião:

- deve conter um ponto de vista claro sobre o tema;
- deve ser redigido em uma linguagem formal ou semiformal, de acordo com o padrão culto da língua portuguesa;
- deve conter um título que envolva o leitor (a UFMG, na folha de resposta, já definiu o título dos textos a serem redigidos);
- pode apresentar uma carga de subjetividade moderada, evidenciada, em alguns casos, pelo uso da 1ª pessoa e de argumentos que indiquem o perfil do enunciador, bem como o contexto em que vive;
- pode apresentar a interlocução para persuadir o leitor.

Pela natureza do comando, há liberdade de posicionamento, desde que este seja bem fundamentado. Assim, para provar a validade de sua opinião, é aconselhável que o aluno utilize, em seu artigo, além de informações contidas nos textos motivadores, conhecimentos prévios adquiridos ao longo de sua formação. Comparações, exemplificações, dados e projeções sobre a utilização de outras fontes energéticas e de outras matérias-primas seriam boas estratégias para fundamentar o ponto de vista. Aqueles alunos que optarem por fundamentar a tese de que é impossível viver sem o petróleo podem se basear nos trechos I e II, mostrando que o seu uso não se restringe à produção de energia, mas que é empregado também em uma série de outros produtos indispensáveis e que não poderia ser prontamente substituído por outra matéria-prima. Aqueles que optarem por defender a tese de que é possível viver sem o petróleo podem se apoiar nos trechos III e IV, argumentando em favor das fontes de energia alternativa e mostrando que, a exemplo do que ocorreu no campo da energia, é possível investir em pesquisas que encontrem matérias-primas alternativas que substituam o petróleo em produtos como os mencionados no trecho II.

O aluno deve utilizar algumas dessas ideias no texto e propor ações efetivas que envolvam a participação de toda a sociedade.

03. Para atender ao que é solicitado nessa proposta, o aluno pode basear-se no texto "O milagre do sorinho e outros milagres", que apresenta a atuação de Zilda Arns no combate à mortalidade infantil no Brasil. Não é necessário, entretanto, que se limite a esse exemplo de solidariedade. É possível citar outros exemplos dos modos como a sociedade civil organizada, atuando por meio do voluntariado, consegue mudar a vida de muitas pessoas empobrecidas e necessitadas, oferecendo a elas formação profissional, acesso à arte, à cultura e ao lazer ou, simplesmente, atenção e afeto. Pode-se mencionar não apenas a atuação de indivíduos, mas também de instituições religiosas e da iniciativa privada, as quais, respectivamente, gerenciam e patrocinam ações solidárias empreendidas por voluntários. A título de sugestão de argumentos, o aluno pode evidenciar que, no cenário brasileiro, marcado por desigualdades e por uma atuação do Estado que deixa a desejar, muitas vezes a solidariedade é o único apoio com que muitos podem contar. O aluno pode fazer menção, ainda, aos valores que governam a sociedade contemporânea – como o individualismo, o hedonismo, o consumismo –, evidenciando a necessidade de que essa orientação seja modificada, a fim de que se possam oferecer melhores condições de vida para todos, e não apenas para um pequena parcela privilegiada da população. Independentemente do recorte que escolher para desenvolver seu texto, o aluno deve evidenciar essa escolha em uma tese clara e apresentá-la preferencialmente no início do texto. É necessário, também, que as ideias sejam apresentadas em um texto bem organizado e coerente com a realidade.

Propostos

01. C	04. D	07. B	10. A
02. D	05. B	08. E	
03. A	06. A	09. A	

Seção Enem

01. D 02. D

03. A proposta de redação segue o modelo de avaliação do Enem e solicita ao aluno que aponte formas de se combater a mortalidade infantil, de modo a atingir uma das metas estabelecidas pela ONU na Cúpula do Milênio. A coletânea apresentada indica algumas possibilidades que poderão ser exploradas na elaboração do texto. Os textos I e II marcam o contexto necessário para o início da reflexão, ou seja, trazem informações sobre as metas do milênio. Os textos III e IV evidenciam que a mortalidade infantil é uma realidade no Brasil, um problema a ser enfrentado com seriedade. O texto IV, mais especificamente, demonstra que as taxas de mortalidade infantil foram reduzidas em algumas regiões, como aconteceu em BH, o que não significa, entretanto, que a questão esteja solucionada. O Texto V aponta dois equívocos de avaliação sobre o problema da exclusão social e sugere que o combate à mortalidade infantil é responsabilidade tanto do poder público quanto de cada cidadão. O texto VI reforça a ideia de que há fatores – como o aquecimento global – que podem reverter a tendência de queda dos índices de mortalidade infantil nos próximos anos e que, portanto, há medidas a serem tomadas em outras áreas. O aluno pode utilizar algumas dessas ideias e mesmo as ideias apresentadas no texto "O milagre do sorinho e outros milagres" (proposta de redação da UNIMONTES 2010 que se encontra entre os exercícios de fixação) para compor sua redação. É necessário que sejam apresentadas propostas efetivas de combate à mortalidade infantil, dando destaque àquelas que envolvam a participação de toda a sociedade. Vale lembrar que os argumentos devem estar organizados em um texto coeso, coerente e adequado à norma padrão.

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 01

FRENTE B

Figuras de linguagem

PRINCIPAIS FIGURAS DE LINGUAGEM

As figuras de linguagem são recursos estilísticos que proporcionam aos textos um caráter de literariedade, em oposição à literalidade tão comum nos textos informativos, jornalísticos e ensaísticos. Os textos literários são marcados pelo forte emprego de figuras de linguagem, tanto no plano sintático quanto no morfológico, no semântico e no sonoro da língua. A linguagem mais convencional, que prioriza a função referencial, preocupa-se em transmitir uma informação, relatar um fato de modo objetivo, instruir o leitor sobre alguma questão social, política, econômica ou científica, por isso, ela emprega as palavras no sentido denotativo. Já a linguagem literária não possui necessariamente uma finalidade objetiva, o que lhe proporciona maior liberdade criativa para empregar os vocábulos de modo lúdico e polissêmico, o que, por sua vez, possibilita aos leitores construir inúmeras interpretações. Para que você consiga perceber a riqueza dos textos literários, é importante ter consciência desses exercícios estéticos explorados pelos autores. Vejamos, então, as principais figuras de linguagem e a intencionalidade dos autores ao empregá-las. Lembre-se de que mais importante que identificar as figuras é saber o porquê de seu emprego.

Metáfora

A metáfora é a figura de linguagem mais significativa nas produções literárias. É ela que permite aos textos inúmeras possibilidades de leitura, ampliando, assim, o não dito, as entrelinhas, os significados que não foram escritos, mas apenas evocados, sugeridos. As palavras metafóricas suspendem o significado cristalizado dos vocábulos na língua, ou seja, extrapolam o sentido denotativo dos termos, a compreensão convencional das palavras como elas se encontram no dicionário. Por isso, a metáfora exige do interlocutor um raciocínio mais sofisticado, subjetivo, poético e amplo, pois uma expressão metafórica exige a leitura daquilo que não se encontra nela, mas que nela vive em estado de potência, de possibilidade lírica. A metáfora é o que está à margem da língua, é a figura que precisa da palavra para dela se desprender. A metáfora promove, desse modo, uma ruptura e um desvio com o padrão, instituindo para um único significante vários significados.

Observe como Arnaldo Antunes estruturou o seu poema "Cultura" a partir de imagens lúdicas e metafóricas, criando definições insuspeitadas para os termos que "conceitua" de forma descontraída e inusitada:

Cultura

O girino é o peixinho do sapo.
O silêncio é o começo do papo.
O bigode é a antena do gato.
O cavalo é pasto do carrapato.

O cabrito é o cordeiro da cabra.
O pescoço é a barriga da cobra.
O leitão é um porquinho mais novo.
A galinha é um pouquinho do ovo.

O desejo é o começo do corpo.
Engordar é a tarefa do porco.
A cegonha é a girafa do ganso.
O cachorro é um lobo mais manso.

O escuro é a metade da zebra.
As raízes são as veias da seiva.
O camelo é um cavalo sem sede.
Tartaruga por dentro é parede.

O potrinho é o bezerro da égua.
A batalha é o começo da trégua.
Papagaio é um dragão miniatura.
Bactérias num meio é cultura.

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. São Paulo: Iluminuras, 1992.

Comparação ou Símile

Essa figura de linguagem é um tipo de metáfora realizada de modo mais nítido, pois a relação de similaridade entre os termos aparece construída por alguns elementos conectivos, tais como: **igual a**, **tal qual**, **da mesma forma que**, **semelhante a**, **parecido com**, **que nem**, **como**, **também**, entre tantos outros. É importante perceber que a diferença entre a metáfora e o símile é justamente o emprego de tais conectivos. Veja como as metáforas de Mario Quintana se transformarão em comparação, caso sejam acrescidas de conectivos:

- *Amar é* **(como)** *mudar a alma de casa*.
- *A esperança é* **(tal qual)** *um urubu pintado de verde.*
- *A mentira é* **(semelhante)** *a uma verdade que se esqueceu de acontecer.*
- *Canibalismo* (pode ser visto **como** uma) *maneira exagerada de apreciar o seu semelhante.*

Alegoria

É uma imagem que já está consagrada pela cultura ou então uma representação metafórica que se repete ao longo de um texto. Por exemplo, a alegoria da morte é "desenhada" no imaginário ocidental como uma figura macabra segurando a foice, ou então pela imagem de uma caveira, ou ainda por animais satânicos que indicam agouro, como a coruja, o corvo, o urubu, etc.; a alegoria da justiça é uma mulher de olhos vendados (representação da imparcialidade), segurando uma balança para poder "pesar" e julgar uma causa; a alegoria do amor é retratada por um coração flechado (alusão ao Amor na forma de Cupido), assim como a imagem de um casal feliz é retratada alegoricamente pela cena dos "pombinhos que se amam". Veja um exemplo clássico de alegoria na história da arte:

Albrecht Dürer

Memento mori (Pensa na Morte), 1471-1528, óleo s/tela, 37x29 cm, assinado com o monograma, não datado, Museu do Ermitage.

Catacrese

É o emprego de uma certa expressão metafórica, com um caráter mais coloquial, que ficou consagrado na língua para denominar algo concreto. São exemplos de catacrese as seguintes expressões: pé da mesa, asa da xícara, braço do rio, cabeça de alfinete, céu da boca, batata da perna, orelha do livro, pé de página, maçã do rosto, embarcar no trem, tomar um ônibus, dente de alho, boca do estômago, etc.

Na seguinte música, os autores empregaram simultaneamente a catacrese e a metáfora de modo lúdico e criativo. Tente identificá-las e diferenciá-las:

Falou e disse

Lourival do Santos /Tião Carreiro/Piraci

Gavião da minha foice
Não pega pinto
Também a mão de pilão
Não joga peteca
O cabo da minha enxada
Não tem divisa
As meninas dos meus olhos
Não têm boneca

A bala do meu revólver
Não tem açúcar
No cano da carabina
Não vai torneira
A porca do parafuso
Nunca deu cria
Na casa do João de Barro
Não tem goteira

O cravo da ferradura
Não vai no doce
A Serra da Mantiqueira
Nunca serrou

A pata do meu cavalo
Não bota ovo
Eu não vou comer o pão
Que o diabo amassou

Os quatro reis do baralho
Não têm castelo
Também o quatro de paus
Não é de madeira
Por onde o navio passa
Não tem asfalto
Caminho que vai na lua
Não tem poeira

Cachaça não dá rasteira
E derruba a gente
A língua da fechadura
Não faz fofoca
Pra fazer este pagode
Não foi brinquedo
Eu me virei do avesso
E não sou pipoca

Metonímia

Consiste na utilização de um termo por outro, tendo como sustentação um raciocínio de prolongamento de sentido. É a figura que representa a **parte** pelo **todo**. As relações metonímicas podem ser de:

Parte / Todo

- *"O bonde passa cheio de* **pernas***..."* (pessoas)
- "**As velas** *do Mucuripe vão sair para pescar."* (barcos / pescadores)
- *"Um* **par de seios** *caminha em minha direção."* (mulher)

Marca / Produto

Devido ao poder emblemático da mídia, é comum a utilização de uma marca em vez do nome do produto. São exemplos disso: Toddy / Nescau (em vez de achocolatado em pó), Maisena (no lugar de amido de milho), Chicletes (como termo para denominar goma de mascar), Cotonete (para se referir a hastes de algodão), etc.

Artista / Obra

- *Sou alucinado por* **Guimarães Rosa***, mas leio mais* **Drummond**.
- *Estava em dúvida se ouviria* **Caetano Veloso** *ou se veria um* **Fellini**.
- *Aquela mulher é encantada pelo cubismo, há horas que está aqui no museu diante de um* **Picasso**.

Continente / Conteúdo

- *Ela tomou* **oito taças de vinho**.
- *Ele comeu* **três pratos de feijoada** *e bebeu* **dois engradados de cerveja**.

Nas artes plásticas, a metonímia também é extremamente empregada, principalmente nas obras de vanguarda do início do século XX, que retrataram o estilhaçamento do mundo pelas guerras, como se verifica em *Guernica*, de Picasso.

Pablo Picasso

Guernica. 1937. Óleo sobre tela; 350 x 782 cm. Museu Rainha Sofia, Madri.

Antonomásia

É uma espécie de metonímia, pois, em vez de se empregar o nome da pessoa, utiliza-se de uma expressão que possa identificá-la.

Exemplos:

- *Comemorou-se em 2006 o centenário do voo do 14 Bis, criado pelo* **pai da aviação**. (= Santos Dumont)
- *O* **Boca do Inferno** *foi um dos mais agressivos poetas do barroco.* (= Gregório de Matos)
- *O* **poeta dos escravos** *é o autor de* Espumas Flutuantes. (= Castro Alves).
- *O* **Poetinha** *se autodenominava o branco mais preto do Brasil.* (= Vinicius de Moraes)
- *O* **autor de Iracema** *teve também uma produção significativa de dramaturgia.* (= José de Alencar).
- *O* **filho de Deus** *veio para nos alertar.* (= Jesus Cristo)
- *O* **rei do futebol** *brasileiro entrou para a política.* (= Pelé)

Perífrase

Consiste na substituição de um nome curto por uma expressão mais longa que o caracterize. É muito semelhante à antonomásia, mas enquanto esta diz respeito às expressões que permitem identificar os nomes próprios, a perífrase – ou circunlóquio – envolve as expressões que caracterizam também os nomes comuns.

Exemplos:

- O **rei da selva** (= leão)
- A **cidade luz** (= Paris)
- A **última flor do Lácio** (= língua portuguesa)

Hipérbole

Ocorre quando se emprega uma expressão exagerada para traduzir uma ideia. Na maioria das vezes, isso se dá porque o autor ou falante quer impressionar, comover ou "chocar" seu interlocutor.

Exemplos:

- *"***Rios te correrão dos olhos***, se chorares!"* (Olavo Bilac)
- *"Por você eu* **dançaria tango no teto**

  Eu **limparia os trilhos do metrô**

  Eu **iria a pé do Rio a Salvador***"*

  ("Por você" – Frejat / Maurício Barros / Mauro Sta. Cecília)

Eufemismo

O eufemismo é empregado para abrandar uma informação, evitando a utilização de termos que possam agredir ou assustar o receptor da mensagem.

Exemplos:

- *"No mucambo si alguma cunhatã se aproximava dele pra* **fazer festinha**, *Macunaíma punha a mão nas* **graças** *dela, cunhatã se afastava."* (Seduzir / seios, genitália)
- *Ele contraiu o* **mal de Lázaro**. (A lepra)
- *Eu os vi* **daquele jeito**, **como vieram ao mundo**. (nus)
- *Você* **faltou com a verdade**. (Você mentiu.)
- *Ele* **partiu desta para melhor**. / *Ele* **descansou**. / (Ele morreu.)

Antítese

Emprego de termos antagônicos para reforçar a ideia de oposição.

Exemplos:

- *"Última flor do lácio, inculta e bela, és, a um tempo,* **esplendor** *e* **sepultura**." (Olavo Bilac)
- *"Todo* **sorriso** *é feito de mil* **prantos**, *toda* **vida** *se tece de mil* **mortes**." (Carlos de Laet)
- *"Residem juntamente no teu peito um* **demônio que ruge** *e um* **Deus que chora**.*"* (Olavo Bilac)

Paradoxo ou oxímoro

Expressão absurda que pode inclusive ser gerada por imagens antitéticas inconcebíveis. Em seu clássico soneto, Camões utilizou o paradoxo:

O amor é fogo que arde sem se ver
é ferida que dói e não se sente
é um contentamento descontente
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

Observe como o oxímoro foi utilizado, juntamente com a ironia, na seguinte tira do Garfield:

GARFIELD - Jim Davis

Jim Davis. *Garfield*

Folha de S. Paulo, 31 jul. 2000.

Prosopopeia

Atribuição, a seres inanimados, de capacidade dos seres animados. Ou atribuição de características humanas a animais e coisas, por isso é também chamada de **personificação**. Os textos de literatura infantil e as fábulas empregam frequentemente essa figura de linguagem, o que garante o caráter fantástico e lúdico a tais produções literárias.

Exemplos:

- *"A lua / tal qual a dona do bordel / pedia a cada estrela fria / um brilho de aluguel"* (João Bosco e Aldir Blanc)
- *"As casas espiam os homens / que correm atrás de mulheres."* (Drummond)
- *"... os rios vão carregando as queixas do caminho."* (Raul Bopp)
- *"O mar passa saborosamente a língua na areia / Que bem debochada, cínica que é / Permite deleitada esses abusos do mar / Por trás de uma folha de palmeira / A lua poderosa, mulher muito fogosa / Vem nua, vem nua / Sacudindo e brilhando inteira / Palmeiras se abraçam fortemente / Sussurram, dão gemidos, soltam ais / Um coqueirinho pergunta docemente / A outro coqueiro que olha sonhador: / – Você me amará eternamente? / Ou amanhã tudo se acabou? / – Nada acabará – grita o matagal – / Nada ainda começou!"* (Eduardo Dusek e Luís Carlos Góes)

Observe como Laerte, em suas construções intituladas "Prosopopeias marinhas", personifica os seres marítimos, atribuindo-lhes características do cotidiano humano:

Laerte

Laerte

Pleonasmo

Também recebe o nome de redundância, pois se repete a mesma ideia com palavras similares. O pleonasmo pode ser um recurso estilístico que poeticamente é explorado pelo autor, ou pode ser considerado um vício de linguagem quando é pronunciado equivocadamente em algumas situações coloquiais da fala. Veja exemplos dos dois casos:

Exemplos:

- "**Morrerás morte** *vil na mão de um forte."* (Gonçalves Dias)
- "**Me sorri um sorriso** *pontual."* (Chico Buarque)
- *"Quero converter-***vos** *a* **vós**." (Padre Antônio Vieira)
- "**Amanheci** *minha* **aurora**." (Guimarães Rosa)

- Como exemplos de pleonasmos viciosos, podem-se citar as expressões: subir para cima, hemorragia de sangue, narcisismo egocêntrico, estabelecer um elo de ligação, repetir de novo, monopólio exclusivo, novo lançamento, principal protagonista, latifundiário de muitas terras, encarar de frente, etc.

Sinestesia

Fusão de sensações, confluência dos sentidos (audição, tato, visão, paladar, olfato). Essa figura de linguagem foi marcadamente utilizada pelos escritores do Simbolismo, no final do século XIX, e pelos neossimbolistas da Segunda Fase do Modernismo brasileiro.

Exemplos:

- "**Tem cheiro a luz**, *a manhã nasce...*
  Oh! **Sonora audição colorida do aroma**." (Cruz e Sousa)
- *"Estou* **vendo** *aquele* **caminho** / **cheiroso da madrugada**." (Cecília Meireles)
- *Ela estava usando um* **perfume doce**.
- *"O delírio do verbo estava no começo, lá / onde a criança diz:* **Eu escuto a cor dos passarinhos**." (Manoel de Barros)

Um dos mais famosos exemplos de sinestesia é o poema "Vogais", do simbolista francês Arthur Rimbaud. Veja o poema em tradução de Augusto de Campos:

Vogais

A negro, **E** branco, **I** rubro, **U** verde, **O** azul, vogais,
Ainda desvendarei seus mistérios latentes:
A, velado voar de moscas reluzentes
Que zumbem ao redor dos acres lodaçais;

E, nívea candidez de tendas e areais,
Lanças de gelo, reis brancos, flores trementes;
I, escarro carmim, rubis a rir nos dentes
Da ira ou da ilusão em tristes bacanais;

U, curvas, vibrações verdes dos oceanos,
Paz de verduras, pás dos pastos, paz dos anos
Que as rugas vão urdindo entre brumas e escolhos;

O, supremo Clamor cheio de estranhos versos,
Silêncios assombrados de anjos e universos;
– Ó! Omega, o sol violeta dos Seus olhos!

Ironia

Expressão de sentido inverso que é reconhecida por uma entonação sarcástica ao se pronunciar a ideia. É a afirmação de algo diferente do que se deseja comunicar. A ironia é um modo debochado, paródico e satírico de ridicularizar ou insultar alguém, um contexto político ou alguma obra de arte. É uma forma crítica utilizada por meio do humor, por isso é tão utilizada nas revistas em quadrinhos. Veja como ela aparece na seguinte tirinha:

SCHULZ, Charles M. *A vida é um jogo*. Tradução de Tatiana Öri-Kovács. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2004. p. 78.

Um dos autores brasileiros que melhor explorou a ironia foi Machado de Assis, principalmente em suas obras de caráter mais realista. Tente identificar a ironia no trecho seguinte, retirado do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

- "Marcela [...] era boa moça, lépida, sem escrúpulos, um pouco tolhida pela austeridade do tempo, que lhe não permitia arrastar pelas ruas os seus estouvamentos e berlindas; luxuosa, impaciente, amiga de dinheiro e de rapazes. [...] Teve duas fases a nossa paixão, ou ligação, ou qualquer outro nome, que eu de nomes não curo; teve a fase consular e a fase imperial. Na primeira, que foi curta, regemos o Xavier e eu, sem que ele jamais acreditasse dividir comigo o governo de Roma; mas, quando a credulidade não pôde resistir à evidência, o Xavier depôs as insígnias, e eu concentrei todos os poderes na minha mão; foi a fase cesariana. Era meu o universo; mas, ai triste! Não o era de graça. Foi-me preciso coligir dinheiro, multiplicá-lo, inventá-lo. [...] Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos".

Gradação

É a apresentação de uma série de ideias em progressão ascendente (clímax) ou descendente (anticlímax).

Exemplos:

- *"Amor é assim –* **o rato** *que sai dum buraquinho: é um* **ratazão***, é um* **tigre leão***!"* (Guimarães Rosa)
- *"O trigo* **nasceu**, **cresceu**, **espigou**, **amadureceu**, **colheu-se**, **mediu-se**." (Padre Antônio Vieira)
- *"Eu era* **pobre**. *Era* **subalterno**. *Era* **nada**." (Monteiro Lobato)

Veja o sentido da gradação na seguinte tirinha da Mafalda:

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 49.

Hipérbato

Consiste na alteração da ordem direta dos termos de uma oração, por isso é chamado também de **inversão**.

Exemplos:

- *"Passarinho, desisti de ter."* (Rubem Braga). Ordem direta: Desisti de ter passarinho.
- *"Porque brigavam no meu interior esses entes de sonho não sei."* (Graciliano Ramos). Ordem direta: Não sei porque esses entes de sonho brigavam no meu interior.
- *"Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico o brado retumbante."* (Osório Duque-Estrada). Ordem direta: As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.

O hipérbato foi extremamente empregado por escritores mais retóricos e maneiristas, por isso teve, no Barroco, uma grande repercussão. Veja como ele aparece no seguinte soneto de Gregório de Matos:

Neste mundo é mais rico, o que mais rapa:
Quem mais limpo se faz, tem mais carepa:
Com a sua língua ao nobre o vil decepa:
O Velhaco maior sempre tem capa.

Mostra o patife da nobreza o mapa:
Quem tem mão de agarrar, ligeiro trepa;
Quem menos falar pode, mais increpa:
Quem dinheiro tiver, pode ser Papa;

A flor baixa se inculca por Tulipa;
Bengala hoje na mão, ontem garlopa:
Mais isento se mostra, o que mais chupa.

Para a tropa do trapo vazo a tripa,
E mais não digo, porque a Musa topa
Em apa, epa, ipa, opa, upa.

Anacoluto

Palavras ou expressões inseridas no início de um período sem desempenhar função sintática.

Exemplos:

- "**Eu**, *também me parece que as leio, mas vou sempre dizendo que não..."* (Almeida Garrett)
- "**Essas empregadas de hoje**, *não se pode confiar nelas."* (Alcântara Machado)
- **A rua onde moras**, *nela é que desejo morar.*
- **Amigos**, *há muito não os vejo.*
- "**Poesia**, *ninguém* gosta de choradeiras poéticas, ora! Poesia é outra coisa." (Mario Quintana)

Apóstrofe

É uma interpelação da voz poética às divindades, pessoas, ou coisas personificadas. A apóstrofe traduz uma sensação de súplica e lamentação. No início das orações, portanto, é comum a presença da apóstrofe, já que a voz devota clama: "Pai Nosso que estais no céu...", "Ó Deus tão misericordioso...", "Virgem Maria, cheia de graça, rogai por nós, pecadores..."

Veja o emprego da apóstrofe nos seguintes fragmentos do poema "O navio negreiro", de Castro Alves:

Deus, ó Deus, onde estás que não respondes?!

[...]

Ó mar, por que não apagas

Com a espuma de tuas vagas

De teu manto este borrão?

[...]

Andrada! Arranca este pendão dos ares!

Colombo! Fecha a porta de teus mares!

Silepse

É uma figura sintática que privilegia a concordância com a ideia e não com as palavras escritas. Há silepse de:

Gênero

- "*Sobre* **a triste Ouro Preto** *o ouro dos astros chove*." (Olavo Bilac)
- "*Quando* **a gente é novo**, *gosta de fazer bonito*." (Guimarães Rosa)
- **Vossa Excelência** *parece* **magoado**.
- "*Conheci* **uma criança**... *mimos e castigos pouco podiam com* **ele**." (Garrett)

Número

- *Corria* **gente** *de todos os lados, e* **gritavam**.
- " – *E* **o povo** *de Maravalha? Perguntava ele aos canoeiros.*
  – **Estão** *em São Miguel*." (José Lins do Rego)
- "*Minha amiga,* **flor** *tem vida muito curta, logo* **murcham**, **secam**, **viram** *húmus*." (José Veiga)

Pessoa

- "**Ambos recusamos** *praticar este ato*." (Alexandre Herculano)
- "– **A gente** *precisa de mostrar às raparigas que não* **somos** *nenhuns miseráveis*." (Fernando Namora)
- "*Nem tudo* **tinham** *os antigos, nem tudo* **temos** *os modernos*."(Machado de Assis)
- "**Ficamos** *por aqui, insatisfeitos*, **os seus amigos**." (Carlos Drummond de Andrade)

Elipse

Omissão de algum termo na frase.

Exemplos:

- "*Veio sem pinturas, um vestido leve, sandálias coloridas.*" (Rubem Braga)
  Elipse do conectivo **com**, que aparece subentendido: *"Veio sem pinturas,* **com** *um vestido leve,* **com** *sandálias coloridas."*
- "*No mar, tanta tormenta e tanto dano*." (Camões)
  Elipse do verbo **haver**, antes dos advérbios "tanta" e "tanto".

Zeugma

Omissão de algum vocábulo já mencionado anteriormente.

Exemplos:

- "*As quaresmas abriam a flor depois do carnaval, os ipês, em junho.*" (Rachel de Queiroz)
  Zeugma do verbo **abriam** depois de "ipês".
- "*Nossos bosques têm mais vida, / Nossa vida mais amores.*" (Gonçalves Dias)
  Zeugma do vocábulo **tem** no segundo verso, que já havia aparecido no primeiro.
- "*A igreja era grande e pobre. Os altares, humildes.*" (Drummond)
  Zeugma do vocábulo **eram**, na segunda oração.

Assíndeto

É a omissão das conjunções ou conectivos. Por isso se encontra nas orações assindéticas, nas quais os elementos têm uma autonomia e um valor equivalente, sem qualquer ideia de superioridade ou subordinação.

Exemplos:

- "*Vim, vi, venci*." (Expressão atribuída a Júlio César)
- "*A barca vinha perto, chegou, atracou, entramos*." (Machado de Assis)
- "*Eu tinha a fama, a palavra, a carreira política*..." (Joaquim Nabuco)

Polissíndeto

Como o próprio nome já indica, é o emprego de vários conectivos, que aparecem reiteradamente no texto.

Naufrágio antigo

Cecília Meireles

[...]
Inglesinha de olhos tênues,
com tranças de metro e meio,
cor de lua nascente.

Branca ampulheta
foi vertendo, vertendo
séculos inteiros.

desmanchou-lhe o seio,
desfolhou-lhe os dedos
e as madeixas,

medusas, estrelas,
róseas **e** vermelhas,
e algas verdes,

e a voz do vento
que na areia
sofrera.

E a existência
e a queixa

de quem teve
pena,
antigamente.

Observe outros exemplos:

- "*O quinhão que me coube é humilde, pior do que isto: nulo*. **Nem** *glória*, **nem** *amores*, **nem** *santidade*, **nem** *heroísmo*." (Otto Lara Resende)
- "*Vão chegando as burguesinhas pobres*, **e** *as crianças das burguesinhas ricas*, **e** *as mulheres do povo* **e** *as lavadeiras da redondeza*." (Manuel Bandeira)

Além das figuras apresentadas, há também as figuras sonoras, que serão estudadas no módulo referente à musicalidade da poesia.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2010) "Os turistas que visitam as favelas do Rio se dizem transformados, capazes de dar valor ao que realmente importa", observa a socióloga Bianca Freire-Medeiros, autora da pesquisa "Para ver os pobres: a construção da favela carioca como destino turístico". "Ao mesmo tempo, as vantagens, os confortos e os benefícios do lar são reforçados por meio da exposição à diferença e à escassez. Em um interessante paradoxo, o contato em primeira mão com aqueles a quem vários bens de consumo ainda são inacessíveis garante aos turistas seu aperfeiçoamento como consumidores."

No geral, o turista é visto como rude, grosseiro, invasivo, pouco interessado na vida da comunidade, preferindo visitar o espaço como se visita um zoológico e decidido a gastar o mínimo e levar o máximo. Conforme relata um guia, *"O turismo na favela é um pouco invasivo, sabe? Porque você anda naquelas ruelas apertadas e as pessoas deixam as janelas abertas. E tem turista que não tem 'desconfiômetro': mete o carão dentro da casa das pessoas! Isso é realmente desagradável. Já aconteceu com outro guia. A moradora estava cozinhando e o fogão dela era do lado da janelinha; o turista passou, meteu a mão pela janela e abriu a tampa da panela. Ela ficou uma fera. Aí bateu na mão dele."*

(Adaptado de Carlos Haag, Laje cheia de turista. Como funcionam os tours pelas favelas cariocas. Pesquisa FAPESP no. 165, 2009, p.90-93.)

A) **EXPLIQUE** o que o autor identifica como "um interessante paradoxo".

B) O trecho em destaque, que reproduz em discurso direto a fala do guia, contém marcas típicas da linguagem coloquial oral. **REESCREVA** a passagem em discurso indireto, adequando-a à linguagem escrita formal.

02. (UFMG)

O mato – vozinha mansa – aeiouava. Do outro mato, e dos buritis, os respondidos. Mais frio e cheio de calor. O brejão bole. Um peixe espiririca. Um trapejo de remo. Um gemido de rã. O seriado tuí-tuí dos paturis e maçaricos, nos piris do alagoado. Nunca há silêncio. As ramas do mato, um vento, galho grande rangente. As árvores querem repetir o que de dia disseram as pessoas.

ROSA, Guimarães. *Buriti* .

RETIRE dessa passagem um exemplo de

A) aliteração.
B) prosopopeia.
C) antítese.
D) onomatopeia.
E) elipse.

03. **JUSTIFIQUE** o emprego da alegoria na seguinte tirinha:

QUINO. *Mafalda 8*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 15.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UERJ–2011)

Os poemas

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.

Quando fechas o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.

E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti...

QUINTANA, Mario. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

O texto é todo construído por meio do emprego de uma figura de estilo.
Essa figura é denominada de

A) elipse.
B) metáfora.
C) metonímia.
D) personificação.

(FUVEST-SP–2010)

Instrução: Texto para as questões **02** e **03**

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: "Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!" Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no excitamento da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado* e olhei atônito para um tipo de chiru*, ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

QUINTANA, Mario. *As cem melhores crônicas brasileiras.*

***Glossário:**
estremunhado: mal acordado.
chiru: que ou aquele que tem pele morena, traços acaboclados (regionalismo: Sul do Brasil).

02. No início do texto, o autor declara sua "tendência para personificar as coisas". Tal tendência se manifesta na personificação dos seguintes elementos:

A) Tia Tula, Justo e Getúlio.
B) mormaço, clamor público, sereno.
C) magro, arquejante, preto.
D) colegas, jornalistas, presidentes.
E) vulto, chiru, crianças.

03. Considerando que "silepse é a concordância que se faz não com a forma gramatical das palavras, mas com seu sentido, com a ideia que elas representam", indique o fragmento em que essa figura de linguagem se manifesta.

A) "olha o mormaço".
B) "pois devia contar uns trinta anos".
C) "fomos alojados os do meu grupo".
D) "com os demais jornalistas do Brasil".
E) "pala pendente e chapéu descido sobre os olhos".

04. (ITA-SP–2008) Assinale a alternativa em que a frase apresenta figura de linguagem semelhante à da fala de Helga no primeiro quadrinho.

HAGAR - Dik Browne

Folha de S. Paulo, 21 mar. 2005.

A) O país está coalhado de pobreza.
B) Pobre homem rico!
C) Tudo, para ele, é nada!
D) O curso destina-se a pessoas com poucos recursos financeiros.
E) Não tenho tudo que amo, mas amo tudo que tenho.

05. (FUVEST-SP–2007) Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fi-lo sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último "Quarto de Badulaques". Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em "varreção" – do verbo "varrer". De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário [...]. O certo é "varrição", e não "varreção". Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de "varrição". E se eles rirem de mim não vai me adiantar mostrar-lhes o xerox da página do dicionário [...]. Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala "varreção", quando não "barreção". O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

ALVES, Rubem. Disponível em: <http://rubemalves.uol.com.br/ quartodebadulaques>.

> Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Considerada no contexto, essa frase indica, em sentido figurado, que, para o autor,

A) a forma e o conteúdo são indissociáveis em qualquer mensagem.
B) a forma é um acessório do conteúdo, que é o essencial.
C) o conteúdo prescinde de qualquer forma para se apresentar.
D) a forma perfeita é condição indispensável para o sentido exato do conteúdo.
E) o conteúdo é impreciso, se a forma apresenta alguma imperfeição.

06. (UNIFESP-SP–2009)

Esquecimento

Florbela Espanca

Esse de quem eu era e era meu,
Que foi um sonho e foi realidade,
Que me vestiu a alma de saudade,
Para sempre de mim desapareceu.

Tudo em redor então escureceu,
E foi longínqua toda a claridade!
Ceguei... tateio sombras... que ansiedade!
Apalpo cinzas porque tudo ardeu!

Descem em mim poentes de Novembro...
A sombra dos meus olhos, a escurecer...
Veste de roxo e negro os crisântemos...

E desse que era meu já me não lembro...
Ah! a doce agonia de esquecer
A lembrar doidamente o que esquecemos...!

Na última estrofe, o eu lírico expressa, por meio de

A) hipérboles, a dificuldade de se tentar esquecer um grande amor.
B) metáforas, a forma de se esquecer plenamente a pessoa amada.
C) eufemismos, as contradições do amor e os sofrimentos dele decorrentes.
D) metonímias, o bem-estar ligado a amar e querer esquecer.
E) paradoxos, a impossibilidade de o esquecimento ser levado a cabo.

07. (PUC Minas) Em todos os trechos retirados de *Memórias Sentimentais de João Miramar,* ocorre metonímia, **EXCETO**

A) "Um cônsul do Kaiser em Buenos Aires viajava como uma congregação."

B) "No quarto de dormir ralhos queridos não queriam que eu andasse com meu primo."

C) "As barbas alemãs de um médico beijavam cerimoniosas mãos de atrizes."

D) "Apitos na cabina estranha estoparam o Marta na madrugada."

08. (PUC Minas) Considere os versos, numerados, do fragmento do poema "Música", presente em *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade.

1. Uma coisa triste no fundo da sala.
2. Me disseram que era Chopin.
3. A mulher de braços redondos que nem coxas.
4. Martelava na dentadura dura.
5. sob o lustre complacente.

As figuras estão corretamente identificadas, **EXCETO**

A) No verso 2, existe metonímia.

B) Há uma comparação no verso 3.

C) Há uma antítese no verso 4.

D) No verso 5, há uma personificação.

09. (UFSM-RS–2006) Leia o seguinte fragmento, extraído do "Sermão de Santo Antônio", de Pe. Vieira.

> [...] o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes; e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem [...]

No trecho, observa-se que Vieira

I. constrói a argumentação por meio da analogia, o que constitui um traço característico da prosa vieiriana.

II. finaliza com uma gradação crescente a fim de dar ênfase à voracidade da exploração sofrida pelos pequenos.

III. afirma, ao estabelecer uma comparação entre os humildes e o pão, alimento de consumo diário, que a exploração dos pequenos é aceitável porque é cotidiana.

Está(ão) **CORRETA(S)**

A) apenas I.

B) apenas I e II.

C) apenas III.

D) apenas II e III.

E) I, II e III.

10. (UFSCar-SP)

> O pregar há-de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas. [...] Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça lavor. Não fez Deus o céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras. Se de uma parte há-de estar branco, da outra há-de estar negro; se de uma parte está dia, da outra há-de estar noite; se de uma parte dizem luz, da outra hão-de dizer sombra; se de uma parte dizem desceu, da outra hão-de dizer subiu. Basta que não havemos de ver num sermão duas palavras em paz? Todas hão-de estar sempre em fronteira com o seu contrário? Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras.
>
> VIEIRA, Pe. Antônio. "Sermão da Sexagésima".

A metáfora do xadrez é explicada, no texto, com a seguinte figura de linguagem:

A) hipérbole

B) antítese

C) repetição

D) rima

E) metonímia

11. (Mackenzie-SP)

> Antes de concluir este capítulo, fui à janela indagar da noite por que razão os sonhos hão de ser assim tão tênues que se esgarçam ao menor abrir de olhos ou voltar de corpo, e não continuam mais. A noite não me respondeu logo. Estava deliciosamente bela, os morros palejavam de luar e o espaço morria de silêncio. Como eu insistisse, declarou-me que os sonhos já não pertencem à sua jurisdição. Quando eles moravam na ilha que Luciano lhes deu, onde ela tinha o seu palácio, e donde os fazia sair com as suas caras de vária feição, dar-me-ia explicações possíveis. Mas os tempos mudaram tudo. Os sonhos antigos foram aposentados, e os modernos moram no cérebro da pessoa. Estes, ainda que quisessem imitar os outros, não poderiam fazê-lo; a ilha dos Sonhos, como a dos Amores, como todas as ilhas de todos os mares, são agora objeto da ambição e da rivalidade da Europa e dos Estados Unidos.
>
> ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*.

No texto, o elemento "noite" é exemplo de

A) metáfora, devido à comparação explícita entre "noite" e "Deus".

B) metonímia, devido à analogia entre "noite" e "sonhos".

C) prosopopeia, já que "noite" é elemento inanimado que responde ao narrador.

D) hipérbole, pois seu sentido está ampliado.

E) catacrese, por ser uma metáfora cristalizada pelo uso popular.

12. (Milton Campos-MG–2010) Leia o texto.

> A alegoria é a metáfora continuada como tropo de pensamento e consiste na substituição do pensamento em causa por outro pensamento, que está ligado, numa relação de semelhança, a esse mesmo pensamento.
>
> LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literária* (Fundamentos de una ciencia de la literatura). Madrid: Gredos, 1986, t. II. p. 283.

Assinale a passagem do sermão de Padre Vieira que **NÃO** se constitui como alegoria.

A) Se uma nau fizesse um bordo para o norte, outro para o sul, outro para o leste, outro para oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos púlpitos se trabalha tanto e se navega tão pouco.

B) Há de ter esta árvore varas, que são a repressão aos vícios; há de ter flores, que são as sentenças; e por remate de tudo, há de ter frutos, que é o fruto e o fim a que se há de ordenar o sermão.

C) É possível que somos portugueses, e havemos de ouvir um pregador em português, e não havemos de entender o que diz? Assim como há Léxicon para o grego e Calepino para o latim, assim é necessário haver um vocabulário do púlpito.

D) A pregação tem umas coisas de mais peso e de mais fundo, e tem outras mais superficiais e mais leves; e governar o leve e o pesado, só o sabe fazer quem faz rede. Na boca de quem não faz a pregação, até o chumbo é cortiça.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2000) Ferreira Gullar, um dos grandes poetas brasileiros da atualidade, é autor de "Bicho urbano", poema sobre a sua relação com as pequenas e grandes cidades.

Bicho urbano

Se disser que prefiro morar em Pirapemas
ou em outra qualquer pequena cidade do país
estou mentindo
ainda que lá se possa de manhã
lavar o rosto no orvalho
e o pão preserve aquele branco
sabor de alvorada.
....
A natureza me assusta.
Com seus matos sombrios suas águas
suas aves que são como aparições
me assusta quase tanto quanto
esse abismo
de gases e de estrelas
aberto sob minha cabeça.

GULLAR, Ferreira. *Toda poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1991.

Embora não opte por viver numa pequena cidade, o poeta reconhece elementos de valor no cotidiano das pequenas comunidades. Para expressar a relação do homem com alguns desses elementos, ele recorre à sinestesia, construção de linguagem em que se mesclam impressões sensoriais diversas. Assinale a opção em que se observa esse recurso.

A) "e o pão preserve aquele branco / sabor de alvorada."

B) "ainda que lá se possa de manhã / lavar o rosto no orvalho"

C) "A natureza me assusta. / Com seus matos sombrios suas águas"

D) "suas aves que são como aparições / me assusta quase tanto quanto"

E) "me assusta quase tanto quanto / esse abismo / de gases e de estrelas"

02. (Enem–2009) Oxímoro, ou paradoxismo, é uma figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão.

Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa.

Considerando a definição apresentada, o fragmento poético da obra *Cantares*, de Hilda Hilst, publicada em 2004, em que pode ser encontrada a referida figura de retórica é:

A) "Dos dois contemplo
rigor e fixidez.
Passado e sentimento
me contemplam" (p. 91).

B) "De sol e lua
De fogo e vento
Te enlaço" (p. 101).

C) "Areia, vou sorvendo
A água do teu rio" (p. 93).

D) "Ritualiza a matança
de quem só te deu vida.
E me deixa viver
nessa que morre" (p. 62).

E) "O bisturi e o verso.
Dois instrumentos
entre as minhas mãos" (p. 95).

03. (Enem–2009 / Anulada)

Metáfora

Gilberto Gil

Uma lata existe para conter algo
Mas quando o poeta diz: "Lata"
Pode estar querendo dizer o incontível

Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz: "Meta"
Pode estar querendo dizer o inatingível

Por isso, não se meta a exigir do poeta
Que determine o conteúdo em sua lata
Na lata do poeta tudonada cabe
Pois ao poeta cabe fazer
Com que na lata venha caber
O incabível

Deixe a meta do poeta, não discuta
Deixe a sua meta fora da disputa
Meta dentro e fora, lata absoluta
Deixe-a simplesmente metáfora

Disponível em: <http://www.letras.terra.com.br.> Acesso em: 5 fev. 2009.

A metáfora é a figura de linguagem identificada por uma comparação subjetiva, pela semelhança ou analogia entre os elementos. O texto de Gilberto Gil brinca com a linguagem remetendo-nos a essa conhecida figura. O trecho em que se identifica a metáfora é

A) "Uma lata existe para conter algo".
B) "Mas quando o poeta diz: Lata".
C) "Uma meta existe para ser um alvo".
D) "Por isso não se meta a exigir do poeta".
E) "Que determine o conteúdo em sua lata".

04. (Enem–2004) Nesta tirinha, a personagem faz referência a uma das mais conhecidas figuras de linguagem para

FRANK & ERNEST / Bob Thaves

A) condenar a prática de exercícios físicos.
B) valorizar aspectos da vida moderna.
C) desestimular o uso das bicicletas.
D) caracterizar o diálogo entre gerações.
E) criticar a falta de perspectiva do pai.

05. (Enem–2004)

Cidade grande

Carlos Drummond de Andrade

Que beleza, Montes Claros.
Como cresceu Montes Claros.
Quanta indústria em Montes Claros.
Montes Claros cresceu tanto,
ficou urbe tão notória,
prima-rica do Rio de Janeiro,
que já tem cinco favelas
por enquanto, e mais promete.

Entre os recursos expressivos empregados no texto, destaca-se a

A) metalinguagem, que consiste em fazer a linguagem referir-se à própria linguagem.
B) intertextualidade, na qual o texto retoma e reelabora outros textos.
C) ironia, que consiste em se dizer o contrário do que se pensa, com intenção crítica.
D) denotação, caracterizada pelo uso das palavras em seu sentido próprio e objetivo.
E) prosopopeia, que consiste em personificar coisas inanimadas, atribuindo-lhes vida.

GABARITO

Fixação

01. A) O paradoxo consiste no fato de o contato com a escassez de bens de consumo implicar a satisfação de ter esses bens, o que ativa ainda mais a necessidade e o prazer de ser um consumidor eficiente. O que soa ainda mais paradoxal é o fato de os turistas afirmarem que, após essa experiência, passam a dar valor ao que realmente importa.

B) O trecho em itálico deve ser reescrito integralmente em discurso indireto e escrita formal, sem a presença de marcas típicas da linguagem coloquial. Várias são as possibilidades dessa reescritura, entre elas:

O guia afirmou que o turismo na favela é um pouco invasivo. Anda-se em ruelas apertadas nas quais as janelas abertas expõem os moradores a turistas inconvenientes, que invadem a privacidade alheia, gerando mal-estar. A propósito, o guia relatou o que foi presenciado por um colega de trabalho durante uma visita: um turista introduziu sua mão pela janela de uma casa e tirou a tampa da panela de uma moradora que cozinhava no momento. Irritada, a moradora o repreendeu com um tapa em sua mão.

02. Aliteração: "**b**rejão **b**ole", "as **r**amas do **m**ato, um ve**n**to".

Prosopopeia: "as árvores querem repetir", "gemido de rã", "mato – vozinha mansa – aeiouava", "dos buritis, os respondidos".

Antítese: "mais **frio**, cheio de **calor**".

Onomatopeia: "tuí-tuí", "piris", "aeiouava"

Elipse: "(há) os ramos do mato, (há) um vento, (há) um galho rangente"; "Do outro mato e dos buritis (partem, vêm) os respondidos".

03. A alegoria é construída na tira da Mafalda a partir da dificuldade de reter tanto a areia quanto o salário. A facilidade com que a areia escapa das mãos da menina – não importa o quanto esta se esforce para mantê-la – é a mesma com que o dinheiro "some" do bolso do pai, independentemente dos esforços deste em poupar, economizar. O conjunto da tira sugere que o ganho do trabalhador assalariado não é suficiente para cobrir suas despesas.

Propostos

01. B	05. B	09. B
02. B	06. E	10. B
03. C	07. A	11. C
04. D	08. C	12. C

Seção Enem

01. A	04. E
02. D	05. C
03. E	

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 02

FRENTE B

Os gêneros literários

A partir de agora, você aprenderá as principais características dos gêneros **lírico**, **épico** e **dramático**, além das espécies mais clássicas de cada um deles. Preste atenção nas particularidades existentes porque em muitos textos os traços distintivos se encontrarão mesclados. Diante de tal confluência, o leitor deverá distinguir o que é típico de cada gênero para entender a intencionalidade do autor ao apresentá-los em diálogo.

GÊNERO LÍRICO

No início de sua existência, a poesia era composta para ser declamada ao som da lira, o que legitimou o nome dessa produção textual. Contrapondo-se ao gênero dramático e ao épico, na maioria das vezes, as obras líricas não têm o objetivo de representar o mundo exterior, mas de criar e dar vazão ao mundo interior e subjetivo do Eu. Esse caráter intimista, típico da poesia lírica, está presente até nos possíveis trechos narrativos nela inseridos. Extremamente alusiva e metafórica, a poesia lírica possibilita diversas interpretações, o que lhe garante um caráter **polissêmico**: um único significante propicia vários significados.

Entre as principais espécies do gênero lírico, destacam-se:

Soneto

Poema dotado de uma regularidade métrica: constitui-se de dois quartetos e dois tercetos, com versos decassílabos ou alexaxndrinos (doze sílabas poéticas). Além disso, outra característica marcante dos sonetos é a musicalidade, que se manifesta não só pelo ritmo, mas também pelas rimas, quase sempre empregadas. *O livro de sonetos*, de Vinicius de Moraes, é uma das obras mais conhecidas dessa espécie lírica. Veja um exemplo retirado dessa obra:

Soneto do amor total

Amo-te tanto, meu amor... não cante
O humano coração com mais verdade...
Amo-te como amigo e como amante
Numa sempre diversa realidade.

Amo-te afim, e um calmo amor prestante
E te amo além, presente na saudade
Amo-te, enfim, com grande liberdade
Dentro da eternidade e a cada instante.

Amo-te como um bicho, simplesmente
De um amor sem mistério e sem virtude
Com um desejo maciço e permanente.

E de te amar assim, muito e amiúde
É que um dia em teu corpo, de repente
Hei de morrer de amar mais do que pude.

Elegia

Poema de tom funesto, macabro, melancólico e pessimista. Tamanha descrença presente nas elegias pode aparecer associada a uma questão particular (uma decepção amorosa) ou social, política, econômica (retratação de temáticas, como a seca nordestina, as guerras mundiais, as perseguições durante os períodos ditatoriais, a dizimação da cultura indígena, a preocupação com o futuro da humanidade diante do crescimento descomedido e da modernização...).

Leia a seguinte elegia do poeta Mario Quintana:

Elegia

Há coisas que a gente não sabe nunca o que fazer com elas...

Uma velhinha sozinha numa gare.

Um sapato preto perdido de seu par: símbolo

Da mais absoluta viuvez.

As recordações das solteironas.

Essas gravatas

De um mau gosto tocante

Que nos dão as velhas tias.

As velhas tias.

Um novo parente que se descobre.

A palavra "quincúncio".

Esses pensamentos que nos chegam de súbito nas
[ocasiões mais impróprias.

Um cachorro anônimo que resolve ir seguindo a gente pela
[madrugada da cidade deserta.

Este poema, este pobre poema

Sem fim...

Ode

Poema construído com o objetivo de elogiar alguém ou algo. Por isso apresenta uma linguagem grandiloquente, exaltatória, entusiasta. Entretanto, alguns poetas empregam o termo "ode" de maneira irônica. O conteúdo do poema, nesse caso, será paródico e sarcástico. Tente observar como na seguinte ode aparece um louvor, mas também uma crítica ao progresso urbano e tecnológico do início do século XX:

Ode triunfal

Álvaro de Campos – Heterônimo de Fernando Pessoa

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo / Escrevo rangendo os dentes [...]
Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!
[...] Ah, poder exprimir-me todo como um motor se [exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel último [modelo!
[...] Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher [possuída.
Atirem-me para dentro das fornalhas! / Metam-me debaixo [dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios! / Masoquismo através [de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho ! / Eh-lá, [eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas [esquinas,
E ser levantado da rua cheio de sangue / Sem ninguém [saber quem eu sou!
[...] hilla! hilla-hô! / Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das [ruas [...]
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de [tudo isto!
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de [dinheiro,
As dissensões domésticas, os deboches que não se [suspeitam,
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu [quarto
E os gestos que faz quando ninguém pode ver!
[...] Ah, e a gente, ordinária e suja, que parece sempre [a mesma,
Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos – eu acho isto belo e amo-o!
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de [escada.
[...] Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
Que está abaixo de todos os sistemas morais,
Para quem nenhuma religião foi feita / Nenhuma arte [criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem [maus,
Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!
[...] Eia! Eia! Eia! / Eia eletricidade, nervos doentes da [Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente! / Eia todo o futuro [já dentro de nós!
Eia! Eia! Eia!Eia!

O engenheiro Álvaro de Campos ilustrado por Almada Negreiros.

HaiKai

O *haikai,* em sua origem oriental, apresenta uma forma fixa (formado por três versos: o primeiro com cinco sílabas, o segundo com sete e o terceiro com cinco). Geralmente, retrata cenas da natureza, principalmente as estações do ano. O poeta Bashô é o mestre dessa forma lírica. Observe o seguinte *haikai* de sua autoria, traduzido por Cecília Meireles:

Uma libélula rubra.
Tirai-lhe as asas:
uma pimenta.

No Brasil, o *haikai* passou a ser escrito principalmente a partir do século XX, e, no que se refere ao aspecto formal, adquiriu variações métricas. Os modernistas encontraram no *haikai*, assim como também no **epigrama**, um modelo de produção adequado para a elaboração de uma poética sucinta, telegráfica e cinematográfica. Entre os poetas modernistas, o nome de Guilherme de Almeida se destaca em função de seu apreço e de suas produções de *haikai*, como demonstrado no seguinte exemplo:

Infância

Um gosto de amora
comida com sol. A vida
chamava-se: "Agora."

Entretanto, à linguagem concisa e dinâmica do *haikai* e do epigrama, os modernistas acrescentaram a ironia e a sátira. Por isso, os poemas breves dos modernistas passaram a ser chamados de **poema-piada** ou **poema-minuto**. Alguns poemas de Oswald de Andrade, presentes em seu livro *Pau-Brasil*, exemplificam essa influência do *haikai* no Modernismo brasileiro. Observe o seguinte poema-piada:

Senhor feudal

Se Pedro Segundo
Vier aqui
Com história
Eu boto ele na cadeia

Drummond também se apropriou da concisão do *haikai* para elaborar o seguinte poema-minuto:

Cota Zero

Stop.
A vida parou
ou foi o automóvel?

GÊNERO ÉPICO

As primeiras manifestações literárias, de que se tem notícia – no campo dos estudos literários –, pertencem ao gênero épico, como exemplificam as epopeias *Odisséia* e *Ilíada*, de Homero. Vinda dos gregos e, posteriormente, passando por outras culturas, a poesia épica narrou os grandes acontecimentos da história da humanidade. A Eneida, de Virgílio, A *Divina Comédia*, de Dante, o *Paraíso Perdido*, de Milton, e *Os Lusíadas*, de Camões, são o retrato de um povo e de uma cultura, narrado, simultaneamente, com elementos reais, históricos e míticos.

As epopeias são geralmente recitadas por um narrador na 3ª pessoa (denominado de *aedo*), que, inspirado pelas musas, relata os grandes feitos e martírios de um herói. Isso significa que há um distanciamento entre quem conta a história (narrador) e quem a vivencia (herói) – situação diferente do que se passa no gênero lírico, em que o eu poético na primeira pessoa expressa seus sentimentos íntimos e subjetivos.

O herói, na literatura épica, representa toda a coragem e a grandiosidade de seu povo e de sua pátria. Ainda que mortais, os heróis, escolhidos e ajudados pelos deuses do Olimpo, são modelos a serem seguidos pelos homens comuns. Extremamente fortes, corajosos e destemidos, os heróis partem em uma errância pelo mundo para, posteriormente, retornarem à terra natal com riquezas e glórias. Esse é o caso do herói Vasco da Gama, de *Os Lusíadas*, que sai de Portugal para conquistar os "mares nunca dantes navegados" e as terras do oriente. É importante ressaltar que, muito mais que o próprio Vasco da Gama, Camões, em sua epopeia, procurou cantar e exaltar o próprio povo português.

A exaltação da pátria e do povo que a constitui é um dos principais elementos na formação de um texto épico, além de indispensável recurso para se forjar um sentimento e uma ideia de nacionalidade. No Brasil, por exemplo, vários textos como *O uraguai*, de Basílio da Gama, *Caramuru*, de Santa Rita Durão, e tantos outros de tonalidade épica como *I–Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, *Cobra Norato*, de Raul Bopp, e *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo, demonstram como a construção de uma nação está diretamente interligada a uma literatura épica. Muitos autores modernistas parodiaram os textos épicos por meio de uma narrativa anedótica, cômica e caricatural, como exemplificam os livros *Macunaíma*, de Mário de Andrade, e *História do Brasil*, de Murilo Mendes.

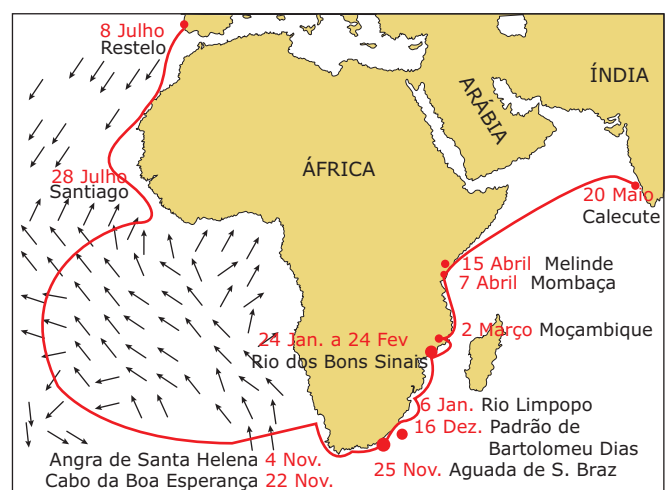
Entre as principais variações do gênero épico, merecem destaque as epopeias e, entre os textos em prosa, a fábula, a novela, o conto, a crônica, o diário, entre outros.

Epopeia

Texto narrativo (ainda que escrito em versos) que se constitui de cinco partes: proposição, invocação, dedicatória, narração e epílogo. A primeira parte evidencia a proposta do autor, o tema que será apresentado; a segunda se estrutura a partir de um clamor às musas (especialmente a *mnemosine*, a musa da memória) para que elas ajudem o poeta / *aedo* a se lembrar dos feitos para cantá-los com toda a glória necessária; a terceira corresponde a um agradecimento e a uma dedicatória que se destinam, na maioria das vezes, aos mecenas que financiaram a composição da obra. Depois de todas essas partes introdutórias é que se inicia a quarta etapa, na qual realmente ocorre a narrativa das andanças e das façanhas do herói. Na quinta e última parte, há o epílogo, trecho em que o narrador retoma, sucintamente, todo o enredo da epopeia e retrata o desfecho. No famoso trecho a seguir, retirado do "Canto I", de *Os Lusíadas*, Camões explicita qual a sua proposição ao escrever essa epopeia: exaltar as armas e os barões assinalados, ou seja, louvar a coragem e o poderio bélico dos portugueses durante o período do Expansionismo Marítimo nos séculos XV e XVI:

Os Lusíadas (excerto do Canto I)

As armas e os barões assinalados
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca dantes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados
Mais do que prometia a força humana
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Rio de janeiro: Nova Fronteira, 1993.

A viagem de Vasco da Gama: de 8 de julho de 1497 a 20 de maio de 1498.

LÍNGUA PORTUGUESA

Literatura de cordel

Também é um texto narrativo produzido em versos, o que o aproxima das antigas epopeias. Amplamente divulgada no Nordeste, a literatura de cordel é uma manifestação literária produzida pelo povo e para o povo, o que legitima o seu intuito didático, moralizante e lúdico. O cordelista é um poeta popular que se vê no direito e no dever de alertar, conscientizar e instigar a população contra os desmandos do mundo: quer seja sobre as questões políticas, quer seja a respeito do êxodo para os grandes centros urbanos. Mas, juntamente com essa retratação da dura realidade miserável do sertanejo, que é martirizado pela seca ou pela injusta política, o cordel também procura diverti-lo, idolatrando-o nas histórias de aventuras ou ridicularizando-o como um "corno", nas narrativas sobre traição. Além disso, destaca-se a função do cordel de ser uma "história" em versos que retrata heróis do sertão, como Lampião, Maria Bonita, Antônio Silvino, Padre Cícero e Antônio Conselheiro. Outra riqueza da literatura de cordel encontra-se nas ilustrações dos folhetos, feitas pelos próprios autores, na maioria das vezes, com o emprego da xilogravura. Veja a capa e os primeiros versos produzidos por Abraão Batista, em seu cordel "Luta de um homem com um lobisomem":

Abraão Batista

Luta de um homem com um lobisomem

Agora que eu andei
pelas florestas do além
penetrei no inconsciente
íntimo que cada um tem,
sinto-me autorizado
para escrever o que vem.

Fui aos céus pra ver Jesus
e no inferno eu vi Caifaz;
nestes cantos eu tive a luz
que na terra ninguém faz,
meus pensamentos aqui pus
descrevendo uma luta assaz.
Presenciei por sete tempos
a luta de um certo homem
na mais cruenta das lutas
com o mais cruel lobisomem;
lá nesta peleja eu vi
miolo, coração, abdômen.
[...]

Literatura de Cordel, v.2. Antologia. São Paulo: Global editora, 1976, p. 102-103.

Novela

Desde a Idade Média, a novela já existia e era lida pelos integrantes da nobreza e do clero. Estruturada com um número grandioso de personagens, que aparecem e desaparecem dentro da narrativa, ainda que mantendo a continuidade do enredo, a novela atrai o público pelo seu dinamismo. Entre as mais famosas novelas de todos os tempos, estão *Satiricon*, escrita por Petrônio no século I, e *Decameron*, de Boccaccio, escrita no século XIV. No Brasil, merecem destaque as novelas *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, e *Um copo de Cólera*, de Raduan Nassar.

É importante que não se confunda a novela com a *telenovela*, que é uma das mais recentes espécies do gênero dramático.

Capa da obra Satiricon*, lançada pela editora Cosac & Naify.*

Romance

O surgimento e a divulgação do romance estão relacionados com a ascensão da burguesia no século XIX e com a invenção da imprensa. Inicialmente, o romance foi divulgado nos jornais da época por meio de folhetins que lançavam os capítulos com uma certa periodicidade, prendendo a atenção do novo público que se formava. Somente depois, os romances foram lançados em formato de livro. Nas obras de Machado de Assis, o autor ridiculariza a atração do público, principalmente o feminino, em busca dos romances românticos, tão recorrentes na sociedade oitocentista. Diferentemente da novela, que se constitui apenas de um núcleo narrativo, a estrutura do romance apresenta vários agrupamentos épicos: o enredo principal (construído pelos protagonistas) e as cenas secundárias, além das micronarrativas, que formam o segundo plano da obra.

Crônica

Como o nome evidencia, o tempo utilizado nessa espécie do gênero épico é o cronológico, linear. Isso significa que os episódios são relatados em uma ordem sequencial, progressiva, como o arrastar das horas, dos dias, dos meses ou das estações do ano na realidade. Essa proximidade com o tempo real, bem como a intenção de retratar cenas do cotidiano, faz com que uma das principais características da crônica seja a verossimilhança. No Brasil, destaca-se o nome de Rubem Braga como um dos maiores cronistas de todos os tempos.

"A crônica não é um 'gênero maior'. [...] a crônica está sempre ajudando a estabelecer ou restabelecer a dimensão das coisas e das pessoas. Em lugar de oferecer um cenário excelso, numa revoada de adjetivos e períodos cadentes, pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas. Ela é amiga da verdade e da poesia nas suas formas mais diretas e também nas suas formas mais fantásticas, – sobretudo porque quase sempre se utiliza do humor.

[...] O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. [...] Quero dizer que por serem leves e acessíveis, talvez elas comuniquem mais do que um estudo intencional a visão humana do homem na sua vida de todo o dia.

É importante insistir no papel da simplicidade, brevidade e graça próprias da crônica [...] que pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada.

[...] a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certeiro, ou por uma espécie de monólogo comunicativo."

CANDIDO, Antonio *et al*. *A crônica:* o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

Conto

Relato conciso, centrado apenas em um núcleo narrativo. Outra característica do conto é a "superficialidade" utilizada para descrever a maioria das personagens, muitas delas nem mesmo recebem nome. São tratadas apenas como a mulher do professor, o médico, o vizinho, a filha do jornalista, o mendigo, etc.

Os fatores que diferenciam o conto da crônica são: a temática (o conto é mais lúdico enquanto a crônica é mais verossímil) e a linguagem empregada neles (o conto utiliza expressões mais metafóricas, enquanto a crônica trabalha com um vocabulário mais denotativo). Alguns autores consagrados de contos fantásticos ou maravilhosos são: Edgar Allan Poe, Jorge Luis Borges e Murilo Rubião.

Por sua vez, há também os contos que retratam o cotidiano de maneira poética e subjetiva. Nessa concepção de contos poéticos, destacam-se os trabalhos de Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Dalton Trevisan, Caio Fernando Abreu, entre outros.

Fábula

A fábula é uma narrativa de cunho didático-pedagógico, em que as personagens (animais personificados) encenam uma "moral da história". Ela é, portanto, um texto produzido para conscientizar e educar os leitores. Os mais clássicos autores de fábulas de todos os tempos são: Esopo e La Fontaine. Leia o seguinte exemplo do autor Esopo:

Os bois e o eixo

Um carro era arrastado pelos bois. Como o eixo rangia, eles se voltaram e disseram-lhe: "Nós puxamos o carro e vocês é que gemem?"

Para uns o sacrifício, para outros as queixas.

ESOPO. *Fábulas de Esopo*. Tradução de Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2002.

A ilustração a seguir refere-se a uma das mais famosas fábulas que certamente você já leu na infância. É a clássica história *A cigarra e a formiga*, cuja autoria é atribuída a Esopo, mas que foi recontada por La Fontaine. O notório texto propõe uma reflexão sobre a oposição existente entre força de trabalho / acúmulo de capital e expressão artística / ócio criativo.

Editoria de Arte

GÊNERO DRAMÁTICO

A palavra *drama*, em sua etimologia, significa *ação*, por isso, nas espécies do gênero dramático, há o privilégio da ação sobre a narração, o emprego do tempo presente e a estruturação textual feita a partir de diálogos. Ao eliminar a figura do narrador, o texto dramático, em vez de contar um fato, descrevendo-o, opta por encená-lo diante do público, por vivenciá-lo cenicamente.

As principais espécies do gênero dramático são:

Tragédia

Teve seu ápice no século V a.C., na Grécia. É a mais antiga espécie do gênero dramático, que buscou representar, de modo catastrófico, acontecimentos que causavam no público não só terror, mas também compaixão. Sempre pressionado por forças antagônicas, o herói da tragédia tem, na maioria das vezes, de se sacrificar, ou sacrificar a própria família, para proteger ou salvar a sociedade como um todo. Essa atitude é que o torna um herói, livre do egoísmo humano, que privilegia o individual em detrimento do coletivo. Diante da atitude nobre do herói e de sua vida trágica, os homens reconhecem como o destino é algo dado, ao qual todo ser deve se resignar. Assistir à dor do outro, aos sacrifícios aos quais o herói é submetido faz com que as tragédias tenham um caráter catártico. Entre as principais tragédias, destacam-se: *Édipo Rei* e *Antígona*, de Sófocles; *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo; e *Medéia*, de Eurípedes.

Comédia

Assim como a tragédia, a comédia também apresenta um aspecto educativo, pedagógico e moralizante. Entretanto, ela ensina ao público o que ele deve ou não fazer por meio do riso sarcástico. Em vez de moralizar pela repreensão e pelo sofrimento, a comédia ensina através do humor grotesco. Enquanto na tragédia as personagens são figuras superiores aos homens normais, na comédia, as personagens são caricatas, picarescas, pois correspondem ao que o homem tem de mais ridículo e sórdido, tanto no aspecto moral, quanto no aspecto físico. Por isso, o herói da comédia é denominado *clown* ou bufão. Entre os autores clássicos de comédia, estão Molière, Plauto, Aristófanes e Shakespeare.

Molière, no prefácio de sua obra *Le Tartuffe*, afirma que

> [...] nada repreende melhor a maior parte dos homens do que a pintura dos seus defeitos. É um belo golpe para os vícios expô-los ao riso de toda a gente. Suportam-se facilmente as repreensões; mas não se suporta de modo nenhum a troça. [...] O dever da comédia é corrigir os homens, divertindo-os.

Drama

Assim como o surgimento do romance, no século XIX, esteve diretamente vinculado à burguesia emergente, o mesmo ocorre no gênero dramático em relação ao drama. Este formato também se encontra associado a uma nova classe social que aparece na modernidade, bem como aos novos interesses do homem. Diferentemente do que ocorre na comédia e na tragédia, no drama as personagens assemelham-se às pessoas do cotidiano. Além disso, as ideias de destino, estagnação e manutenção de normas são substituídas pela força de vontade e pela liberdade.

A mudança se fez não só no aspecto temático, mas também no estrutural, propiciando a confluência de tempos, espaços, ações e vozes na construção teatral. Isso proporcionou uma enriquecedora modificação no gênero dramático, que, utilizando-se dessas técnicas, encontra-se cada vez mais consagrado na arte contemporânea, originando frutos como as produções de Dias Gomes, Millôr Fernandes, Flávio Rangel, Chico Buarque, Paulo Pontes, Nelson Rodrigues e tantos outros.

Auto

Essa espécie dramática, muito comum desde a Idade Média, esteve inicialmente vinculada aos interesses religiosos do cristianismo. Por isso, o que caracteriza um auto é o fato de suas cenas e personagens serem bíblicas.

No caso brasileiro, o trabalho de catequização realizado pelo Padre Anchieta foi o marco do teatro na historiografia nacional, o que comprova como os autos estiveram a serviço da Igreja e diretamente vinculados a um "projeto civilizatório". Anchieta construía peças, mesclando os deuses indígenas ao Deus cristão, à Virgem Maria e aos santos. Por meio de um processo gradual, os índios encenavam a nova fé que deveriam assimilar e cultuar.

Entretanto, os autos mais contemporâneos rompem e até ridicularizam os moralismos hipócritas dos representantes da fé católica, ainda que permaneçam sustentando o caráter moralizante desse gênero, como exemplifica o *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna. Mas esse moralismo aparece conciliado ao riso, ao humor educativo e edificante. O riso no *Auto da Compadecida* propõe-se, portanto, a ferir a sociedade, desmascarando as vilezas do clero, satirizando o egoísmo da burguesia, hiperbolizando a arrogância dos coronéis para que, assim, se possa ceder lugar ao discurso da minoria, aos inúmeros Joões, Chicós e Severinos que buscam, cada um a seu modo, pelo riso ou pela dor, se incluir na misericórdia dos homens e dos santos. É nisso que reside o sentimento cristão na obra de Suassuna: levar a caridade e a misericórdia aos ouvidos e aos olhos dos homens por meio de um teatro cômico. Misto de auto e comédia, *Auto da Compadecida* mostra-se como uma obra de cunho social, moralizante e pedagógico. Por isso, nela, o riso é instrumento que educa, conscientiza, sensibiliza e leva os seres humanos a saírem dos estados de alienação e indiferença impostos pela lógica burguesa.

Editoria de Arte

Ilustração de uma cena do Auto da Compadecida

No caso da literatura brasileira, merece também destaque o trabalho *Morte e vida severina*: *auto de natal pernambucano*, de autoria de João Cabral de Melo Neto – um texto dramático que funde aspectos dos gêneros épico (pela presença da narração em vários trechos) e lírico (pois é escrito em versos). Nesse auto, o nascimento de "Cristo" é encenado por meio de um novo nordestino (Severino) que surge no mundo. O autor constrói, no cenário do sertão, uma encenação da bíblia a partir da dura realidade nordestina.

Ilustração de Morte e Vida Severina.

Colóquio / Letras. Lisboa: Fundação Calouse Gulbenkian, n.157-158. jul-dez. de 2000. p. 227.

Além dessas espécies do teatro, o surgimento do cinema, do rádio e da televisão fez com que novos formatos dramáticos fossem construídos, tais como os **filmes**, as **novelas de rádio**, as **telenovelas** e as **minisséries**.

CONFLUÊNCIA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS

É possível que em um único texto ocorra o emprego de características dos vários gêneros literários. Nesse caso, o leitor deverá identificar os elementos típicos do lírico, do épico e do dramático, além de conseguir visualizar como o autor promove a mescla dos gêneros. Veja alguns casos frequentes:

1º) Um poema (portanto, espécie do gênero lírico) que tenha em sua estrutura elementos típicos do gênero épico, como enredo, narrador, personagens, tempo e espaço, pode ser classificado como uma poética-prosaica. Exemplo:

Poema tirado de uma notícia de jornal

Manuel Bandeira

João Gostoso era carregador de feira livre e morava
[no morro da Babilônia num barracão sem número.
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu
[afogado.

O poeta Manuel Bandeira, ao relatar em versos subjetivos e musicais a história de João Gostoso, constrói uma poética-prosaica. Esse recurso também é amplamente empregado na música. Tente lembrar-se de alguns exemplos.

2º) Um texto narrativo (portanto vinculado ao gênero épico) que utiliza uma linguagem subjetiva, conotativa e sonora (aspectos característicos do gênero lírico) pode ser considerado uma prosa-poética. Identifique, no fragmento a seguir da obra *A obscena senhora D*, como a autora Hilda Hilst construiu uma prosa dotada de aspectos não só líricos, mas também dramáticos, confluindo os três gêneros literários em seu discurso. Observe:

É uma sapa velha. Viu a pele pintada? É sarda. Ainda tem umas boas tetas. Credo, teta de sapa. Podemos botar fogo na casa durante a lua nova. Com as casas quase coladas? Dá-se um jeito, fogaréu que vai dar gosto. O Nonô metido a demo, a polícia, tu sabe que vive enfiando prego no cu do gato, pois é, pois o Nonô se mijô quando viu a caretona dela na janela. Casa da porca. Olhe, eu tive um porco que era um outro, era um porco de bem, macio, gordo como poucos, atendia pelo nome de Nhenhen, foi ficando tão gordo tão macio tão delicadeza, que foi servido só de sobremesa. Olha, eu comi outro dia uma carne, o sangue na tigela era sangue grosso, uma beleza, a Lazinha se lambuzava toda, passava até no rosto, ficou corada como imagem da virgem, uma que tinha lá na minha cidade, comemos tanto que o umbigo ficou esticado, depois foi duro pra durmi, tive que durmi de lado, e pra metê, meu chapa, nem se fala, eu e a Lazinha, dois bumbo se batendo, sabe Antonão, a vida é tão cheia de tranquera, porca sapa velha, que se a gente não enche o bucho e não dá uns mergulho nos buraco das mulhé, vezenquando uns murro numas gente, cuspidas escarradas, uma paulada no cachorro, esses descanso, se a gente não faz isso Antonão, a vida fica triste é, tá certo, isso de comer e de meter faz muito gosto, que coisa que tem mais na vida? que coisa? depois da morte os bicho, nem fumo pra pito, nem meteção nem nada, depois da morte aquela fome, aquela escuridão, tu acredita em alma de defunto seu Tunico? besteira, o mundo tá muito voluído, não tem mais disso não e Deus? olhe, isso é assunto de padre, de ministro, de político, é Deus todo dia dentro da boca, de dia Deus, de noite a teta de uma, a pomba de outra, eles é que se regaleiam, viu?

Miudez, quentura, gosto. Mover-se pouco. Não dizer. As mãos na parede. No corpo. Pensar o corpo, tentar nitidez. Hillé menina tateia Ehud menino. Dedos dos pés. Se a gente mastigasse a carne um do outro, que gosto? e uma sopa de tornozelo? E uma sopa de pés? Na comida não se põe de porco? Por que tudo deve morrer hen Ehud? Por que matam os animais hen? Pra gente comer. É horrível comer, não? Tudo vai descendo pelo tubo, depois vira massa, depois vira bosta. Fecha os olhos e tenta pensar no teu corpo lá dentro. Sangue, mexeção.

Pega o microscópio. Ah, eu não. Que coisa a gente, a carne, unha e cabelo, que cores aqui por dentro, violeta vermelho. Te olha. Onde você está agora? Tô olhando a barriga. É horrível Ehud. E você? Tô olhando o pulmão. Estufa e espreme. Tudo entra dentro de mim, tudo sai. Não tem nada que só entra? Não. E Deus? Deus entra e sai, Ehud? Isso não sei. O padre diz que Deus está dentro do coração. Então espia o teu, vê se ele tá lá dentro. Tô espiando. Taí? Não. Deixa eu escutar o teu coração. Nossa, tá batendo. Claro, o teu também, deixa eu escutar. Sabe, Hillé, você tem cheiro diferente do meu, tem cheiro de leite. Imagine. Tem sim. Te cheira. O pai tem cheiro bom, a mãe também. Eles usam perfume. Por quê? Não é bom a gente cheirar o cheiro da gente? Não sei. Por que a gente se veste? É feio ficar pelado? Eles dizem que é. Por quê? Olha a lagarta, ela tá pelada, coitada. Ehud, escuta: você já viu Deus? Eu não, Deus me livre. Por quê? Ah, sei lá, a gente não conhece. Ehud, escuta: você também vai morrer? Eu não. Como é que você sabe? Só gente velha é que morre. Você vai ficar velho também. Eu não.

HILST, Hilda. *A obscena senhora D*.
São Paulo: Globo, 2001.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (Unicamp-SP–2010) O poeta Vinicius de Moraes, apesar de modernista, explorou formas clássicas como o soneto seguinte, em versos alexandrinos (12 sílabas) rimados:

Soneto da intimidade

Nas tardes de fazenda há muito azul demais.
Eu saio às vezes, sigo pelo pasto, agora
Mastigando um capim, o peito nu de fora
No pijama irreal de há três anos atrás.

Desço o rio no vau dos pequenos canais
Para ir beber na fonte a água fria e sonora
E se encontro no mato o rubro de uma amora
Vou cuspindo-lhe o sangue em torno dos currais.

Fico ali respirando o cheiro bom do estrume
Entre as vacas e os bois que me olham sem ciúme
E quando por acaso uma mijada ferve

Seguida de um olhar não sem malícia e verve
Nós todos, animais, sem comoção nenhuma
Mijamos em comum numa festa de espuma.

MORAES, Vinicius de. *Antologia poética*. São Paulo:
Companhia das Letras, 2001. p. 86.

A) Essa forma clássica tradicionalmente exigiu tema e linguagem elevados. O "Soneto da intimidade" atende a essa exigência? **JUSTIFIQUE**.

B) Como os quartetos anunciam a identificação do eu lírico com os animais? Como os tercetos a confirmam?

02. (UFSCar-SP) Leia os sonetos de Olavo Bilac que fazem parte de um conjunto de poemas chamado *Via Láctea*. Em seguida, **RESPONDA** à questão proposta.

Sonetos

XII

Sonhei que me esperavas. E, sonhando,
Saí, ansioso por te ver: corria...
E tudo, ao ver-me tão depressa andando,
Soube logo o lugar para onde eu ia.

E tudo me falou, tudo! Escutando
Meus passos, através da ramaria,
Dos despertados pássaros o bando:
"Vai mais depressa! Parabéns!" dizia.

Disse o luar: "Espera! Que te sigo:
Quero também beijar as faces dela!"
E disse o aroma: "Vai que eu vou contigo!"

E cheguei. E, ao chegar, disse uma estrela:
"Como és feliz! Como és feliz, amigo,
Que de tão perto vais ouvi-la e vê-la!"

XIII

"Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!" e eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto
A via-láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.

Direis agora: "Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e de entender estrelas".

Em qual dos sonetos predomina o tipo textual denominado narração? Por quê? (10 linhas)

03. **COMENTE** o caráter irônico do seguinte poema de José Paulo Paes, levando em consideração o seu título. (sugestão: 12 a 15 linhas)

Ode à televisão

Teu boletim meteorológico
me diz aqui e agora
se chove ou se faz sol.
Para que ir lá fora?

A comida suculenta
que pões à minha frente
como-a toda com os olhos.
Aposentei os dentes.

Nos dramalhões que encenas
há tamanho poder
de vida que eu próprio
nem me canso em viver.

Guerra, sexo, esporte
– me dás tudo, tudo.
Vou pregar minha porta:
já não preciso do mundo.

PAES, José Paulo. *Prosas seguidas de odes mínimas*.
São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UFU-MG) Assinale a alternativa **INCORRETA** a propósito de gêneros literários.

A) Em poemas líricos, o tempo verbal será sempre expresso em presente do indicativo, visto que o tempo pretérito é marca exclusiva do gênero épico-narrativo, conforme ocorre nos seguintes versos: "Nem fora muito, / Se a dor cruenta, / Que me atormenta, / Não fosse assídua / Em seu rigor".

B) Em um texto dominantemente lírico, existe pouco ou nenhum distanciamento entre o sujeito poético que emite a mensagem literária e o objeto a propósito do qual esse "eu" se expressa, conforme ilustram os seguintes versos: "Noite mais negra / Minha alma enluta /; Maior tormenta / cá dentro luta".

C) Um poema lírico pode absorver características de um texto dramático, tendo em vista que não existe pureza de gênero literário. Os versos transcritos a seguir comprovam tal afirmação: "Ó maninha, ó maninha, / Tu não estavas comigo!..." "– Estavas?...".

D) Um poema lírico com traços épico-narrativos apresenta personagens-símbolos, não tão bem delineadas como na prosa literária, que, na verdade, constituem-se em metáforas de sentimentos do "eu" poético, como neste verso: "João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número".

02. (UFU-MG) Leia os textos seguintes e marque a afirmativa **CORRETA**.

Morte e vida severina
(Auto de natal pernambucano)

João Cabral de Melo Neto

– O meu nome é Severino,
como não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos, [...]
Que é santo de romaria
deram então de me chamar
Severino de Maria;
Mas para que me conheçam
melhor Vossas Senhorias
e melhor possam seguir
a história de minha vida,
passo a ser o Severino [...]
que em vossa presença emigra.

Notícia da morte de Alberto da Silva
(poema dramático para muitas vozes)

Ferreira Gullar

Eis aqui o morto
Chegado a bom porto

[...]
Morava no Méier desde menino
Seu grande sonho era tocar violino

Fez o curso primário numa escola pública
Quanto ao secundário resta muita dúvida

Aos treze anos já estava empregado
num escritório da rua do Senado

[...]
Mas no fim do relato é preciso dizer
que esse morto não teve tempo de viver

[...]
Enfim este é o morto:
um anônimo brasileiro
do Rio de Janeiro

A) A linguagem poética desses textos é clara, com marcas da oralidade – uma herança do Modernismo literário –, e não oferece resistência à interpretação do leitor.

B) Os autores, ambos nordestinos, focalizam a vida dos retirantes que migram da seca do nordeste brasileiro em busca de uma vida melhor.

C) Os títulos apontam para um desenrolar e um desfecho idênticos das histórias de Alberto da Silva e Severino, que morrem após uma vida frustrada e sem esperanças.

D) Gullar subintitula seu poema de "poema dramático" porque os versos trazem as marcas textuais deste gênero, como os diálogos, os travessões, a unidade de tempo, a tensão dos acontecimentos.

03. (UFU-MG) Leia o texto a seguir.

Poema tirado de uma notícia de jornal

Manuel Bandeira

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no
[morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu
[afogado.

Marque a alternativa **INCORRETA**.

A) A poesia na década de 1920 apresenta uma matéria nova e chocante, cujo caráter jornalístico e prosaico marca o deslocamento da noção de poético. O aproveitamento da matéria jornalística implica a mescla de gêneros.

B) O poema é marca da irreverência modernista, pois difere da língua culta, ao inserir, no texto, a fala coloquial e escrever do jeito que o brasileiro falava. Esse procedimento contraria a visão parnasiano / simbolista da poesia.

C) Ainda que o texto de Manuel Bandeira tenha o título de "Poema tirado de uma notícia de jornal", não se pode afirmar que ele seja representante do gênero lírico, porque as marcas do gênero lírico não aparecem no texto.

D) A lírica modernista abre-se para a experiência do homem na cidade moderna. Bandeira cultiva esse "gosto do cotidiano" e confere um tratamento pessoal às conquistas modernistas. O poeta percebe o fato cotidiano com intensidade criadora.

04. (PUC Minas) Um dos poemas de *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, tem como título "Elegia do Rei de Sião". Elegia é

A) um poema lírico que exprime os grandes sentimentos humanos.
B) um poema lírico cujo tom é quase sempre terno e triste.
C) uma composição curta, engenhosa e galante.
D) um canto ou poema relativo ao casamento.

05. (UFOP-MG) A partir da leitura de *Morte e vida severina*, de João Cabral de Melo Neto, é **CORRETO** afirmar que

A) trata-se de um texto exclusivamente narrativo, uma vez que traz o relato dos episódios de uma viagem da personagem Severino do sertão até o mar.
B) trata-se de um texto exclusivamente dramático, uma vez que é composto de falas das personagens, além de comportar rubricas com marcações cênicas bastante nítidas.
C) trata-se de um texto exclusivamente lírico, uma vez que apresenta o discurso individual de Severino, que fala de si todo o tempo.
D) trata-se de um texto cuja classificação é de tragédia pura e simples.
E) trata-se de um texto cujo gênero é múltiplo, por não se prender exclusivamente a nenhum.

06. (PUC-SP)

> E o tucano, o vôo, reto, lento como se voou embora, xô, xô! mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver. Já para o outro imenso lado apontavam. De lá, o sol queria sair, na região da estrela-d'alva. A beira do campo, escura, como um muro baixo, quebrava-se, num ponto, dourado rombo, de bordas estilhaçadas. Por ali, se balançou para cima, suave, aos ligeiros vagarinhos, o meio-sol, o disco, o liso, o sol, a luz por tudo. Agora, era a bola de ouro a se equilibrar no azul de um fio. O Tio olhava no relógio. Tanto tempo que isso, o Menino nem exclamava. Apanhava com o olhar cada sílaba do horizonte.

Sobre o trecho anterior, do conto "Os cimos", de Guimarães Rosa, é **INCORRETO** afirmar que

A) é texto descritivo caracterizador da natureza, representada pela presença da ave e do amanhecer.
B) utiliza recursos de linguagem poética como a onomatopeia, a metáfora e a enumeração.
C) descreve o tucano, utilizando frase nominal e de encadeamento de palavras com força adjetiva.
D) apresenta um estilo repetitivo que confunde o leitor e impede a manifestação da força poética do texto.
E) pinta com luz e cor a linha do horizonte, onde em "dourado rombo, de bordas estilhaçadas", nasce o sol.

07. (UFRGS) O gênero dramático, entre outros aspectos, apresenta como característica essencial

A) a presença de um narrador.
B) a estrutura dialógica.
C) o extravasamento lírico.
D) a musicalidade.
E) o descritivismo.

08. (UFSM-RS) Assinale a alternativa **INCORRETA**.

A) O soneto é uma das formas poéticas mais consagradas na literatura ocidental.
B) O gênero lírico, única base da poesia, é o mais importante dos gêneros literários.
C) Os temas líricos giram em torno da expressão de sentimentos do eu poético.
D) O lirismo recebe tratamento que varia conforme a proposta artística de cada escola.
E) O realismo pode ser visto sob um duplo aspecto: como estilo de época e como expressão artística do real.

09. (UFAM–2007) Assinale o item do qual consta uma característica do gênero lírico que **NÃO** se faz presente no poema "Vaso Chinês".

Vaso Chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o,
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o mármor luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura.

Que arte em pintá-la! A gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele chim
De olhos cortados à feição de amêndoa.

A) O eu lírico recorda, sendo que recordar significa, etimologicamente, sentir de novo no coração.
B) O eu lírico obedece a determinado modelo composicional e métrico.
C) Observa-se a renúncia à coerência gramatical e formal.
D) O enunciado está livre da historicidade, pois não apresenta nem causas nem consequências.
E) O ritmo é constante, graças à utilização de versos isométricos.

(UNESP-SP–2010)

Instrução: As questões de números **10** e **11** tomam por base o seguinte fragmento de um livro do conhecido diretor dramático e teórico da dramaturgia Martin Esslin (1918-2002):

"Mas a diferença mais essencial entre o palco e os três veículos de natureza mecânica reside em outro ponto: a câmera e o microfone são extensões do diretor, de seus olhos e ouvidos, permitindo-lhe escolher seu ponto de vista (ou seu ângulo de audição) e transportar para eles a platéia por meio de variações de planos, que podem englobar toda uma cena ou fechar-se sobre um único ponto, ou cortando, segundo sua vontade, de um local para outro. Se um personagem está olhando para a mão de outro, o diretor pode forçar o público a olhá-la também, cortando para um *close-up* da mesma. Nos veículos mecânicos, o poder do diretor sobre o ponto de vista da platéia é total. No palco, onde a moldura que encerra o quadro é sempre a mesma, cada integrante individual da platéia tem a liberdade de olhar para aquela mão, ou para qualquer outro lugar; na verdade, no teatro cada membro da platéia escolhe seus próprios ângulos de câmera e, desse modo, executa pessoalmente o trabalho que o diretor avoca para si no cinema e na televisão bem como, *mutatis mutandis*, no rádio. Essa diferença, ainda uma vez, oferece ao teatro vantagens e desvantagens. No palco, o diretor pode não conseguir focalizar a atenção da platéia na ação que deseja sublinhar; no cinema, isso jamais pode acontecer. Por outro lado, a complexa e sutil orquestração de uma cena que envolve muitos personagens (uma característica de Tchekov no teatro) torna-se incomparavelmente mais difícil no cinema e na televisão. A sensação de complexidade, de que há mais coisas acontecendo naquele momento do que pode ser apreendido com um único olhar, a riqueza de um intrincado contraponto de contrastes humanos será inevitavelmente reduzida em um veículo que nitidamente guia o olho do espectador, ao invés de permitir que ele caminhe livremente pela cena."

ESSLIN, Martin. *Uma anatomia do drama*. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

10. Assinale a alternativa cujo enunciado **NÃO** contraria a argumentação apresentada no fragmento de texto de Martin Esslin.

A) O fato de a arte teatral ser apresentada no palco ante os espectadores a torna inferior em termos de comunicação às demais artes.
B) Os recursos tecnológicos do cinema permitem-lhe ser uma arte mais completa e perfeita que as demais.
C) Tudo o que passa na televisão não constitui arte, pois se trata de um veículo de comunicação de massa.
D) Um diretor cinematográfico tem maior poder e competência que um diretor teatral.
E) As diferenças de recursos técnicos específicos e de forma de apresentação podem implicar vantagens ou desvantagens ao teatro em relação ao cinema.

11. No palco, o diretor pode não conseguir focalizar a atenção da plateia na ação que deseja sublinhar; no cinema, isso jamais pode acontecer.

Sempre levando em consideração todo o contexto, assinale a alternativa que encerra o mesmo argumento presente nas frases que constituem o período anterior.

A) O diretor de teatro impõe à plateia o seu ponto de vista; no cinema, isso jamais pode acontecer.
B) No teatro o espectador olha para onde quer; no cinema, também pode olhar para qualquer ponto do que está na tela.
C) No teatro, a atenção da plateia nem sempre vai para onde o diretor deseja; no cinema, o foco da atenção é sempre previamente escolhido pelo diretor.
D) O diretor de teatro pode perder a atenção da plateia para certos pormenores, enquanto o diretor de cinema, por não estar presente, não faz ideia de como os espectadores reagirão.
E) No palco, o diretor pode não conseguir dirigir a atenção da plateia para a ação que deseja sublinhar; no cinema, essa condução da atenção também jamais pode acontecer.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem-2009)

"Gênero dramático é aquele em que o artista usa como intermediária entre si e o público a representação. A palavra vem do grego *drao* (fazer) e quer dizer ação. A peça teatral é, pois, uma composição literária destinada à apresentação por atores em um palco, atuando e dialogando entre si. O texto dramático é complementado pela atuação dos atores no espetáculo teatral e possui uma estrutura específica, caracterizada: 1) pela presença de personagens que devem estar ligados com lógica uns aos outros e à ação; 2) pela ação dramática (trama, enredo), que é o conjunto de atos dramáticos, maneiras de ser e de agir das personagens encadeadas à unidade do efeito e segundo uma ordem composta de exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho; 3) pela situação ou ambiente, que é o conjunto de circunstâncias físicas, sociais, espirituais em que se situa a ação; 4) pelo tema, ou seja, a ideia que o autor (dramaturgo) deseja expor, ou sua interpretação real por meio da representação."

COUTINHO, Afrânio. *Notas de teoria literária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973 (Adaptação).

Considerando o texto e analisando os elementos que constituem um espetáculo teatral, conclui-se que

A) a criação do espetáculo teatral apresenta-se como um fenômeno de ordem individual, pois não é possível sua concepção de forma coletiva.
B) o cenário onde se desenrola a ação cênica é concebido e construído pelo cenógrafo de modo autônomo e independente do tema da peça e do trabalho interpretativo dos atores.
C) o texto cênico pode originar-se dos mais variados gêneros textuais, como contos, lendas, romances, poesias, crônicas, notícias, imagens e fragmentos textuais, entre outros.
D) o corpo do ator na cena tem pouca importância na comunicação teatral, visto que o mais importante é a expressão verbal, base da comunicação cênica em toda a trajetória do teatro até os dias atuais.
E) a iluminação e o som de um espetáculo cênico independem do processo de produção / recepção do espetáculo teatral, já que se trata de linguagens artísticas diferentes, agregadas posteriormente à cena teatral.

02. (Enem–2009)

Texto I

No meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia poética*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2000.

Texto II

DAVIS, J. *Garfield, um charme de gato* – 7. Trad da Agência Internacional Press. Porto Alegre: L&PM, 2000.

A comparação entre os recursos expressivos que constituem os dois textos revela que

A) o texto I perde suas características de gênero poético ao ser vulgarizado por histórias em quadrinho.
B) o texto II pertence ao gênero literário, porque as escolhas linguísticas o tornam uma réplica do texto I.
C) a escolha do tema, desenvolvido por frases semelhantes, caracteriza-os como pertencentes ao mesmo gênero.
D) os textos são de gêneros diferentes porque, apesar da intertextualidade, foram elaborados com finalidades distintas.
E) as linguagens que constroem significados nos dois textos permitem classificá-los como pertencentes ao mesmo gênero.

GABARITO

Fixação

01. A) Não, a forma é clássica, mas o tema e a linguagem são bastante prosaicos. O título do soneto sugere um assunto elevado, como se o eu lírico quisesse revelar seus sentimentos e pensamentos mais íntimos num nível de linguagem e estilo condizentes, solenes. Mesmo a cena de abertura do eu caminhando pelos campos lembra os tradicionais poemas meditativos, em que o poeta se ocupa da contemplação da paisagem, entregando-se a altas ou sublimes reflexões em sintonia com seus sentimentos mais íntimos. No entanto, a "intimidade" que ele, por fim, revela ao leitor é das mais banais: a cumplicidade da "mijada" (atente-se ao nível vulgar dos termos) em comum numa festa de espuma que iguala o poeta (e o homem em geral) aos demais animais. Esse rebaixamento produz o humor presente no soneto. Nesse humor ou ironia está o traço de modernidade do poema, que entra em dissonância com a solenidade da forma clássica. Ainda em termos de linguagem, pode-se destacar como o eu, buscando enfatizar a beleza do cenário natural, acaba recorrendo, também de forma irônica, a um vício de linguagem: a redundância ou o pleonasmo em "muito azul demais 'e' o peito nu de fora" – que, embora empregado em uma situação de fala mais informal, seria inaceitável num texto escrito tão elaborado quanto um poema (ainda mais um soneto clássico!).

B) Nos quartetos, essa identificação é preparada pelos gestos ou ações do eu lírico, que lembram o comportamento típico dos bois: ele segue, de peito nu, pelo pasto, agora mastigando capim (1ª. estrofe) e desce no vau de um rio para beber a água na fonte (2ª. estrofe). Já nos tercetos, essa identificação se confirma pelo modo como vacas e bois olham sem ciúme para o eu perto deles nos currais, pela própria cumplicidade da "mijada" em comum e, sobretudo, pelo emprego da 1ª. pessoa do plural pelo eu lírico para se referir a ele e aos bois e vacas como sendo todos animais.

02. O soneto XII é aquele em que predomina a narração. Nele o eu lírico funciona como uma voz narrativa que conta um sonho que teve. O que se passa durante esse sonho pode ser entendido como o enredo da narrativa, e todos que dele participam, como personagens.

03. A ode é um poema laudatório, visa à exaltação de algo ou alguém. Uma ode à televisão deveria, portanto, ser um texto que reconhecesse a TV como algo positivo, que abordasse suas vantagens. Não é o que ocorre no poema de José Paulo Paes. Em "Ode à televisão" o eu lírico ironiza o aparelho que, apenas supostamente ou de maneira virtual, supre as necessidades dos telespectadores.

Propostos

01. A	04. B	07. B	10. E
02. A	05. E	08. B	11. C
03. C	06. D	09. C	

Seção Enem

01. C   02. D

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 03

FRENTE B

Quinhentismo

O **Quinhentismo** é o nome atribuído às primeiras produções literárias construídas pelos autores do Velho Mundo sobre os territórios descobertos pelo expansionismo marítimo do século XVI. Nesse sentido, a grande quantidade de textos do período versa sobre as paisagens percorridas e os locais encontrados. Tudo isso relatado em crônicas de viagem, em uma literatura documental e informativa. É assim que se inaugura a literatura brasileira: pelos discursos feitos pelos portugueses sobre a descoberta da Ilha de Santa Cruz. O Quinhentismo brasileiro constituiu-se, portanto, de uma **literatura informativa** sobre a terra e das produções realizadas no processo de catequização dos índios – a **literatura jesuítica**. Informar sobre o território e domesticar os gentios: essas foram as diretrizes das produções realizadas pelos europeus sobre o Novo Mundo.

Museu Nacional Arqueológico de Nápoles

Este desenho do Livro das Armadas*, conservado na Academia de Ciências de Lisboa, mostra as naus da frota com que Pedro Álvares Cabral descobriu o Brasil em 1500.*

LITERATURA INFORMATIVA

A **literatura informativa** constitui-se das crônicas dos viajantes, que eram feitas para relatar ao Rei de Portugal as características físicas não só dos territórios avistados, mas também do povo que os ocupava. Duas eram as preocupações dos europeus: visualizar a riqueza, ou seja, os bens naturais a serem explorados, e ter consciência das condições de ocupação, inclusive sobre a resistência ou não dos habitantes locais. Diante de tal incumbência de tudo informar ao Rei e de fazê-lo de modo mais verossímil possível, era comum nas expedições a figura de um cronista nos navios, que tinha justamente o papel de relator das paisagens e de delator dos episódios. Caberia ao cronista levar ao Rei as "imagens" do território percorrido e do povo encontrado, por isso as crônicas possuem uma linguagem extremamente descritiva e detalhista, composta por uma série de analogias, pois caberia ao escritor explicar o desconhecido por meio daquilo que o Rei conhecia.

Dentro do contexto histórico vivenciado por Portugal e pelo Brasil, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* ao Rei Dom Manuel sobre o achamento da Ilha de Vera Cruz foi o relato mais significativo. Essa crônica é considerada o texto fundacional da literatura brasileira, a "certidão de nascimento" do país. Esquecida durante muitos séculos, somente no oitocentismo a *Carta de Caminha* ganhou notoriedade, principalmente porque o momento histórico era adequado para isso: a Independência do Brasil. Os escritores e pintores românticos passaram, assim, a cultuar a *Carta*, a exaltar a figura do índio como o "Bom Selvagem", o que já vinha sendo divulgado pela filosofia de Rousseau.

Foi desse modo que definitivamente a missiva de Caminha ao Rei português se consagrou dentro da tradição literária brasileira. Veja, a seguir, a linguagem descritiva presente na *Carta*, o que reitera o intuito informativo e histórico dela:

> A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Não fazem o menor caso de encobrir ou de mostrar suas vergonhas; e nisso têm tanta inocência como em mostrar o rosto. Ambos traziam os beiços de baixo furados e metidos neles seus ossos brancos e verdadeiros, do comprimento duma mão travessa, da grossura dum fuso de algodão, agudos na ponta como furador. Metem-nos pela parte de dentro do beiço; e a parte que lhes fica entre o beiço e os dentes é feita como roque de xadrez, ali encaixado de tal sorte que não os molesta, nem os estorva no falar, no comer ou no beber. Os cabelos seus são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta, mais que de sobre-pente, de boa grandura e rapados até por cima das orelhas.

[...] Entraram. Mas não fizeram sinal de cortesia, nem de falar ao capitão nem a ninguém. Porém um deles pôs olho no colar do capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o colar, como que nos dizendo que ali havia ouro. Também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal como se lá também houvesse prata. Mostraram-lhes um papagaio pardo que o capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como quem diz que os havia ali. Mostraram-lhes um carneiro: não fizeram caso. Mostraram-lhes uma galinha; quase tiverem medo dela: não lhe queriam pôr a mão; e depois a tomaram como espantados. Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quiseram comer quase nada daquilo; e, se alguma coisa provaram, logo a lançavam fora. Trouxeram-lhes vinho numa taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais. Trouxeram-lhes água em uma albarrada. Não beberam. Mal a tomaram na boca, que lavaram, e logo a lançaram fora. Viu um deles umas contas de rosário, brancas; acenou que lhes dessem, folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço. Depois tirou-as e enrolou-as no braço e acenava para a terra e de novo para as contas e para o colar do capitão, como dizendo que dariam ouro por aquilo. Isto tomávamos nós assim por assim o desejarmos. Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não o queríamos nós entender, porque não lho havíamos de dar.

CASTRO, Sílvio. *A Carta de Pero Vaz de Caminha*: o descobrimento do Brasil. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 79-80.

O quadro Primeira missa no Brasil*, do pintor Victor Meirelles, exemplifica a influência da* Carta de Caminha *na produção ufanista divulgada pelo Romantismo do século XIX.*

Além da *Carta de Caminha*, outros autores e obras passaram a ser muito estudados a partir do Modernismo brasileiro, outro período histórico em que se procurou fazer um levantamento e mapeamento da tradição literária brasileira desde a sua "origem". Merecem destaque, nesse sentido, alguns trabalhos como: *O diário de Navegação*, de Pero Lopes e Sousa, o *Tratado da Terra do Brasil* e a *História da Província de Santa Cruz a que Vulgarmente Chamam Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo, a *Narrativa Epistolar* e os *Tratados da Terra e da Gente do Brasil*, do jesuíta Fernão Cardim, o *Diálogo sobre a Conversão dos Gentios*, do Pe. Manuel da Nóbrega, *Tratado descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Sousa. Todos esses textos apresentam um forte teor descritivo e de caráter "científico" e "historiográfico". Veja o seguinte e clássico trecho da obra de Gândavo:

A língua deste gentio toda pela Costa he, huma: carece de três letras – *scilicet*, não se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna de espanto, porque assi não têm Fé, nem Lei, nem Rei; e desta maneira vivem sem Justiça e desordenadamente.

Estes índios andam nus sem cobertura alguma, assi machos como fêmeas; não cobrem parte nenhuma de seu corpo, e trazem descoberto quanto a natureza lhes deu.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. p. 52.

LITERATURA JESUÍTICA

Quanto à literatura jesuítica, merece destaque o trabalho poético – e principalmente dramático – desenvolvido pelo Padre Anchieta, que veio para o Brasil em 1553, com a tarefa de participar do processo de catequização dos índios. A obra de Anchieta, como um todo, é composta por cartas, próximas à estrutura das crônicas da época, nas quais ele descreve os costumes dos índios, por poemas religiosos e por peças teatrais, geralmente autos. O teatro de Anchieta tornou-se o mais consagrado gênero por ele praticado, tendo em vista a eficácia catequética, a astúcia linguística e persuasória de tais textos. Anchieta, aos poucos, acrescentava ao tupi e às entidades religiosas indígenas, com os quais ele estruturava suas peças, vocábulos do português e demonstrações da fé cristã para que, assim, os índios fossem "encenando" a verdadeira fé que teriam de viver. Assim, Anchieta fez, nos diálogos de seus autos, com que Tupã e Anhangá convivessem com Deus, a Virgem Maria e os santos católicos. O crítico Alfredo Bosi descreveu essa transição pelo universo indígena e cristão, que se deu pela linguagem, na obra de Anchieta, do seguinte modo:

O mais comum é a busca de alguma homologia entre as duas línguas com resultados de valor desigual: Bispo é *Pai-guaçu*, quer dizer, pajé maior. Nossa Senhora às vezes aparece sob o nome de *Tupansy,* mãe de Tupã. O reino de Deus é *Tupãretama*, terra de Tupã. Igreja, coerentemente é *tupãóka*, casa de tupã. Alma é *anga*, que vale tanto para toda sombra quanto para o espírito dos antepassados. Demônio é *anhanga*, espírito errante e perigoso. Para a figura bíblico-cristã do anjo, Anchieta cunha o vocábulo *karaibebê*, profeta voador...

A nova representação do sagrado assim produzida já não era nem a teologia cristã nem a crença tupi, mas uma terceira esfera simbólica, uma espécie de *mitologia paralela* que só a situação colonial tornara possível.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 65.

Detalhe da tela Anchieta escrevendo na praia*, de Benedito Calixto.*

Creative Commons

Como exemplo da visão teocêntrica e catequética dos jesuítas, leia o poema *Do Santíssimo Sacramento*, de Anchieta, levando em consideração o tom devocional do texto, que se aproxima da oração.

Ó que pão, ó que comida,
ó que divino manjar
se nos dá no santo altar
cada dia!

Filho da Virgem Maria
que Deus-Padre cá mandou
e por nós na cruz passou,
crua morte,

e para que nos conforte
se deixou no sacramento
para dar-nos, com aumento,
sua graça,

esta divina fogaça
é manjar de lutadores
Galardão de vencedor
esforçados,

deleite de namorados,
que, co'o gosto deste pão
deixam a deleitação
transitória.

Quem quiser haver vitória
do falso contentamento,
goste deste sacramento
divinal.

Este dá vida imortal,
este mata toda fome,
porque nele Deus e homem
se contêm.

É fonte de todo bem,
da qual quem bem se embebeda
não tenha medo da queda
do pecado

RELEITURAS

As crônicas do século XVI foram de suma importância para a construção da identidade nacional no século XIX, à época da Independência do Brasil. De fato, a *Carta de Pero Vaz de Caminha* é considerada, por muitos historiadores, como um dos principais elementos do mito fundador do país, e suas ideias continuam sendo símbolos de referência para a construção de nossa autoimagem.

A existência de uma terra paradisíaca, situada a Oeste do mundo conhecido até então, é mencionada em diversos escritos medievais ou mesmo em registros anteriores. Na Bíblia, essa terra é referenciada no livro do Gênesis, no qual é descrita como uma terra de leite e mel, banhada por rios cujos leitos são ricos em pedras preciosas. Além do Éden bíblico, outra menção significativa é a da existência de ilhas afortunadas ou bem-aventuradas, também localizadas no Oriente, que seriam um lugar abençoado, onde reinariam a juventude e a primavera eternas e onde animais e homens conviveriam em harmonia. Os fenícios denominavam esse lugar de **Braaz**, e os monges irlandeses denominavam-no **Hy Brazil**; mapas que datam do século XIV, portanto anteriores ao descobrimento, já registravam a existência de uma possível terra chamada Insulla de Brazil ou Isola de Brazil.

Quando Pedro Álvares Cabral chegou à Bahia, a correspondência entre a terra recém-descoberta e o paraíso terrestre de que falavam os antigos registros foi imediata. A descrição da nova terra, tal como se apresenta na *Carta de Caminha*, não é, portanto, arbitrária. A referência à vastidão do território, à fauna e à flora exuberantes, à fertilidade do solo, à abundância das águas, à inocência e à pureza dos nativos apenas confirma o ideal paradisíaco do europeu à época do Renascimento e das grandes navegações. E é justamente essa associação entre o Brasil e o paraíso perdido que será apropriada por diversos escritores e poetas ao longo da história para a construção da identidade nacional.

Os escritores românticos, como veremos mais detalhadamente no volume 3, construirão o nacionalismo de seus textos sobretudo por meio da exaltação das belezas naturais sem precedentes do "Brasil-Jardim", enfim, desse país que possui paisagens incomparáveis. É o que se pode perceber pelo famoso poema de Gonçalves Dias, "Canção do exílio":

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Esses versos, que evidenciam como, na visão dos românticos, a natureza brasileira apresenta superioridade incontestável, serão retomados mais tarde para a própria composição do Hino Nacional.

Além do Hino, outro símbolo nacional que se apropria da descrição da natureza paradisíaca do Brasil, tal como ela aparece na *Carta*, é a bandeira. Marilena Chauí lembra que as bandeiras surgidas após a Revolução Francesa tendem a ser tricolores e a representar lutas políticas ou a narrar eventos históricos do país. No entanto, o auriverde pendão brasileiro é quadrangular, e seu simbolismo recai sobre o enaltecimento das riquezas naturais, representadas pelo verde das matas, pelo amarelo do ouro e pelo céu estrelado.

É ainda a concepção do"Brasil-paraíso", ditada na *Carta*, que permanece na criação de alguns versos de nossa música popular:

Moro num país tropical
Abençoado por Deus
e bonito por natureza, mas que beleza

Jorge Ben Jor

Esse coqueiro que dá coco
Onde amarro minha rede
Nas noites claras de luar
Por essas fontes murmurantes
Onde eu mato a minha sede
Onde a lua vem brincar
Huuum!
Esse Brasil lindo e trigueiro
É o meu Brasil Brasileiro
[...]
O Brasil do meu amor
Terra de Nosso Senhor

Ary Barroso

Se, por um lado, muitos artistas se apropriaram da *Carta de Caminha* para criar uma imagem ufanista do país, por outro, muitos se utilizaram dela para desconstruir e reconstruir o passado nacional, refletindo criticamente sobre o nosso processo de colonização. Poetas da Primeira Geração do Modernismo, como Oswald de Andrade, em *Pau-Brasil*, ou Murilo Mendes, em *História do Brasil*, serão pródigos nessa prática. Veja o poema a seguir:

Pero Vaz Caminha

Oswald de Andrade

A DESCOBERTA

Seguimos nosso caminho por este mar de longo
Até a oitava da Páscoa
Topamos aves
E houvemos vista de terra

OS SELVAGENS

Mostraram-lhes uma galinha
Quase haviam medo dela
E não queriam pôr a mão
E depois a tomaram como espantados

PRIMEIRO CHÁ

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real

AS MENINAS DA GARE

Eram três ou quatro moças bem moças e bem gentis
Com cabelos mui pretos pelas espáduas
E suas vergonhas tão altas e tão saradinhas
Que de nós as muito bem olharmos
Não tínhamos nenhuma vergonha

Nesse poema, o texto da *Carta de Caminha* permanece praticamente inalterado, mas a associação das índias às "meninas da gare" evidencia a crítica do poeta. "Gare", no português lusitano, é estação de metrô. Assim, as meninas da gare são uma referência às prostitutas. Ao comparar as nativas às prostitutas, o poeta desmascara o discurso do colonizador, revelando seus propósitos sexuais; o fato de se atribuir uma inocência pueril às habitantes da terra não impediu que o colonizador visse nelas uma possibilidade de desfrutar o prazer carnal, o que se confirmaria ao longo da história. Recurso semelhante é utilizado pelo contemporâneo Frederico Barbosa na criação do seu "Grande teatro dos sentidos":

12
Nem lavram nem criam

nem boi nem vaca
nem ovelha nem cabra
nem galinha

nem outra nenhuma
alimária de casa

só esse inhame
e o que a terra grata dá
lhes mata a fome

e como comem

13
Flr

comem-se por vingança
devoram até crianças

fazem farinha de gente
na sua nudez inocente

Nesse poema, o texto do escrivão é preservado, exceto pelo fato de que Barbosa omite o trecho em que Caminha exalta o porte físico e a saúde dos nativos, a despeito de sua alimentação ser composta, essencialmente, pelo "inhame que a terra dá". Esse trecho é substituído, no poema de Barbosa, pela referência ao ritual de antropofagia, incompreendido pelo europeu colonizador, que o concebia como ato de vingança ("comem-se por vingança") ou de covardia ("devoram até criança"). O poema traz implícita uma crítica à concepção eurocêntrica de mundo, que torna o colonizador incapaz de compreender culturas distintas da europeia.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS

Há registros de que, desde meados do século XVI, houvesse artistas no Brasil. Em sua maioria, esses eram viajantes, alguns eram enviados pelos monarcas europeus para representarem as novas terras e torná-las conhecidas ao velho mundo, outros eram naturalistas, e havia ainda aqueles que fugiam de perseguição religiosa. Merecem destaque nesse cenário as gravuras que ilustram a obra de Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil* (1578), e as que ilustram a terceira parte da obra *Grandes viagens* (1592), de Theodore de Bry, algumas feitas com base nos relatos do alemão Hans Staden.

Léry era protestante e viveu entre os tupinambás na Baía de Guanabara, àquela época conhecida como França Antártica, por ser uma colônia francesa. Assim Léry descreve os nativos:

"Se quiserdes agora figurar um índio, bastará imaginardes um homem nu, bem conformado e proporcionado de membros, inteiramente depilado, de cabelos tosquiados como já expliquei, com lábios e faces fendidos e enfeitados de ossos e pedras verdes, com orelhas perfuradas e igualmente adornadas, de corpo pintado, coxas e pernas riscadas de preto com o suco de jenipapo, e com colares de fragmentos de conchas pendurados ao pescoço. Colocai-lhe na mão seu arco e suas flechas e o vereis retratado bem garboso ao vosso lado. Em verdade, para completar o quadro, devereis colocar junto a esses tupinambás uma de suas mulheres, com o filho preso a uma cinta de algodão e abraçando-lhe as ilhargas com as pernas."

LÉRY, J.D. *Viagem à Terra do Brasil*. Belo Horizonte: Editora itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1980. p. 118.

Junto a essa descrição, segue a seguinte gravura, do próprio Léry:

Jean Léry

Família Tubinambá

O estudioso colombiano Chicangana-Bayona nos chama a atenção para dois fatos: o primeiro é o de que a caracterização etnográfica dos nativos, na obra de Léry, praticamente limita-se à questão da indumentária, dos acessórios. As diferenças de biotipo – estatura, formas do corpo, formato do nariz, da boca, dos olhos – não se verificam ou não são significantes, sendo os índios tupinambás de Léry fisicamente muito semelhantes aos próprios europeus; o segundo é o fato de que os índios de Léry possuem corpos rijos e fortes e seguem o ideal de beleza e força físicas segundo os padrões clássicos greco-latinos, como, aliás, ditam as convenções do Renascimento. Esse segundo aspecto fica bem evidente quando se compara o guerreiro tupinambá de Léry com a obra *Davi*, de Michelangelo.

Observe:

David Gaya / Creative Commons

Davi – *Michelangelo*

Observe, agora, a gravura de Theodore de Bry:

Theodore de Bry

A representação feita pelo ourives belga Theodore de Bry também aproxima, fisicamente, os nativos aos europeus e aos modelos clássicos, sobretudo as mulheres. Note-se, na imagem, que o físico dos índios não é distinto do de Hans Staden – prisioneiro dos Tupinambás, homem de barba representado ao fundo. As diferenças nesse caso são estabelecidas pela nuance de cor (a pele dos nativos é mais parda e avermelhada, em contraste com a pele branca do europeu), pela presença da barba ruiva do alemão, em oposição ao rosto imberbe dos nativos, e também pelos gestos.

As cenas em De Bry são quase sempre marcadas pela dramaticidade, pelo excesso de gestos ritualizados, o que às vezes as torna um pouco caricatas. No caso em questão, tem-se a representação do ritual de antropofagia, na maioria das vezes, incompreendido pelo europeu. O detalhamento minucioso e mórbido do ritual, a ênfase em aspectos exóticos ou macabros, deixa entrever um julgamento moral por parte do colonizador, que justificará o seu domínio, entre outros motivos, pela necessidade de civilizar o nativo, de livrá-lo da barbárie.

Outras produções artísticas de relevância datam de meados do século XVII e, embora tenham acontecido pouco mais de 100 anos após o descobrimento, é válido mencioná-las por seu importante caráter documental e pelo diálogo que pode ser estabelecido entre elas e os cronistas do século XVI. Os responsáveis por essas obras são os holandeses Frans Post e Albert Eckhout, que chegaram ao Brasil em 1637, a convite de Maurício de Nassau.

Em obras paisagísticas, etnográficas ou de natureza morta, Post e Eckhout registraram com precisão o universo dos trópicos, com sua fauna e flora típicas, bem como com seus habitantes. A riqueza das águas descrita na *Carta de Caminha* pôde ser visualmente comprovada pelas telas *Rio São Francisco* e *A cachoeira* de *Paulo Afonso*:

Frans Post

Rio São Francisco .

Frans Post

A cachoeira de Paulo Afonso

É interessante notar, no segundo quadro, o destaque dado à vegetação e à fauna locais, que aparecem em primeiro plano. Mais importante ainda que o próprio destaque é a maneira sutil com que ele é construído. Post, nesse e em outros quadros, faz questão de que os elementos típicos figurem em sua paisagem, se possível em evidência, mas pinta-os com a mesma sobriedade com que pintaria um cenário europeu qualquer e, portanto, consegue se afastar de construções estereotipadas e sensacionalistas do novo mundo como um lugar de exotismo e de excentricidade, muito comuns àquela época.

A sobriedade do estilo e a precisão da pintura também são características da obra de Albert Eckhout, que retratou, os frutos típicos, em quadros de natureza-morta, e também os nativos. Observe o quadro a seguir:

Albert Eckhout

Mulher Tapuia

A representação do nativo feita por Eckhout, desprovida dos maneirismos de estilo e dos traços europeizantes, aproxima-se mais do real do que aquela vista nas gravuras do século XVI anteriormente analisadas. Note-se que o ritual de antropofagia também é referenciado, por meio das partes humanas que a índia segura ou carrega no cesto. A postura da mulher tapuia é espontânea, quase displicente, totalmente diversa da postura das mulheres antropófagas de De Bry, com gestos exagerados e bárbaros, o que revela a ausência de julgamento moral de Eckhout quanto ao ritual de canibalismo praticado entre algumas tribos indígenas brasileiras. A naturalidade das representações de Post e de Eckhout, sobretudo deste último, fazem com que alguns críticos os classifiquem como artistas diferenciados e afirmem terem sido eles os que mais se aproximaram de uma representação verossímil do novo mundo.

A precisão da obra de Eckhout é tanta que ele consegue diferenciar, em suas representações, particularidades entre grupos indígenas. Os tapuias eram os índios que não pertenciam ao tronco linguístico tupi-guarani (daí a palavra *tapuia* significar algo como "bárbaro", "inimigo", "estrangeiro") e que viviam em terras mais interioranas. Em relação ao grupo dos tupi-guarani, os tapuias eram mais primitivos, e a sua rusticidade é bem retratada na tela do pintor neerlandês. Note-se a simplicidade do cesto e dos acessórios que porta a índia tapuia. Os tupi-guarani viviam mais próximo ao litoral e apresentavam maior grau de desenvolvimento se comparados aos tapuias. E esse traço distintivo não passou despercebido na obra do artista. Observe:

Albert Eckhout

Índia Tupi

A índia tupi de Eckhout, diferente da tapuia, apresenta mais acessórios, o cesto é melhor trabalhado e ela carrega, inclusive, uma cerâmica. Merece destaque nesse cenário a presença de uma habitação ao fundo; pelo fato de viverem no litoral, os índios tupi acabavam ficando próximos da incipiente civilização. O elemento local está presente na figura da bananeira.

As representações dos trópicos, ao lado dos relatos de viagem ou talvez até mais do que eles, foram significativas para a construção do Novo Mundo no imaginário social europeu.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UESC-BA) Leia os textos a seguir:

Texto I

"Tudo parece indicar que, em sua devoção à catequese, os jesuítas não partiam do respeito às tendências naturais do índio brasileiro. Ao contrário dos franciscanos, não souberam acatar-lhe os costumes, consentir-lhe na liberdade, aproveitar-lhe os talentos. Desprezavam as suas disposições para certos ofícios em troca de uma vã tentativa de fazê-los letrados; obstinaram-se em sujeitar os homens de cultura paleolítica a um ensino altamente acadêmico. Como era natural, os resultados eram com frequência desencorajadores, para desespero dos padres. Anchieta acha os silvícolas 'sem engenho', desenganado, chega a recomendar 'espada e vara de ferro, que é a melhor pregação'. Quanto a Nóbrega, seu desabafo é franco: 'São tão bestiais, que não lhes entra no coração coisa de Deus'."

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides*: breve história da literatura brasileira. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977. p. 7.

Texto II

"Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E, portanto, se os degredados, que aqui hão de ficar, aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, a qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles todo e qualquer cunho que lhes quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o fato de Ele nos haver até aqui trazido, creio que não o foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, que tanto deseja acrescentar à santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E aprazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim!"

CASTRO, Sílvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 1996. p. 94.

A *Carta* apresenta o objetivo do colonizador de dominar culturalmente o nativo. **COMPARE** a expectativa do escrivão a respeito desse processo com os dados apresentados por Merquior no texto I, observando se os prognósticos de Pero Vaz de Caminha, expressos no texto II, foram concretizados na prática da catequese. (15 Linhas)

02. **COMENTE** o caráter epistolar e metalinguístico do início da *Carta de Pero Vaz de Caminha* enviada ao Rei Dom Manuel. (12 linhas)

"Posto que o capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães, escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que nesta navegação agora se achou, não deixarei também de dar minha conta disso a Vossa Alteza, o melhor que eu puder, ainda que, para o bem contar e falar, o saiba fazer pior que todos. Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para alindar nem afear, não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu. Da marinhagem e singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza, porque o não saberei fazer, e os pilotos devem ter esse cuidado. Portanto, Senhor, do que hei de falar começo e digo [...]"

03. (UFMG–2006) Com base na leitura da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, **REDIJA** um texto analisando dois fatos que revelam diferenças culturais relatadas na obra. (10 linhas)

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

01. (UMC-SP–2006) José de Anchieta faz parte de um período da história cultural brasileira (século XVI) em que se destacaram manifestações específicas: a chamada "literatura informativa" e a "literatura jesuítica". Assinale a alternativa que apresenta um excerto característico desse período.

A) Fazer pouco fruto a palavra de Deus no mundo pode proceder de um de três princípios: ou da parte do pregador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deus. (Pe. Antônio Vieira)

B) Triste Bahia! ó quão dessemelhante / Estás e estou do nosso antigo estado, / Pobre te vejo a ti, tu a mim empenhado, / Rica te vi eu já, tu a mim abundante. (Gregório de Matos)

C) Uma planta se dá também nesta Província, que foi da ilha de São Tomé, com a fruita da qual se ajudam muitas pessoas a sustentar a terra. [...] A fruita dela se chama banana. (Pero de Magalhães Gândavo)

D) Vós haveis de fugir ao som de padre-nossos, / Frutos da carne infiel, seios, pernas e braços, / E vós, múmias de cal, dança macabra de ossos! (Alphonsus de Guimaraens)

E) Os ritos semibárbaros dos Piagas, / Cultores de Tupã e a terra virgem / Donde como dum trono enfim se abriram / Da Cruz de Cristo os piedosos braços. (Gonçalves Dias)

02. (FUVEST-SP) Entende-se por literatura informativa no Brasil

A) o conjunto de relatos de viajantes e missionários europeus sobre a natureza e o homem brasileiros.

B) a história dos jesuítas que aqui estiveram no século XVI.

C) as obras escritas com a finalidade de catequese do indígena.

D) os poemas do Padre José de Anchieta.

E) os sonetos de Gregório de Matos.

03. (UFMG–2006) Com base na leitura da *Carta de Pero Vaz de Caminha*, é **INCORRETO** afirmar que esse texto

A) se filia ao gênero da literatura de viagem.

B) aborda seu próprio contexto de produção.

C) usa registro coloquial em estilo cerimonioso.

D) se compõe de narração, descrição e dissertação.

04. (UFV-MG) Sobre José de Anchieta, é **INCORRETO** afirmar que

A) cultivou especialmente os autos, buscando, na alegoria, tornar mais acessíveis às mentes indígenas os conceitos e os dogmas do cristianismo.

B) no teatro o *Auto de São Lourenço* se destaca como obra catequética de influência medieval.

C) na poesia lírica se encontram suas mais belas composições, expressivas de uma fé profunda.

D) apesar de pautada na língua e na cultura do índio, sua produção literária não se caracteriza como literatura já tipicamente brasileira.

E) sua obra teatral, marcadamente alegórica e antirreligiosa, moldou-se nos padrões renascentistas.

05. (UFF-RJ) Assinale o fragmento que representa uma retomada modernista da *Carta de Pero Vaz de Caminha*.

A) "O Novo Mundo nos músculos / Sente a seiva do porvir." (Castro Alves)

B) "Minha terra tem palmeiras, / Onde canta o sabiá." (Gonçalves Dias).

C) "A terra é mui graciosa / Tão fértil eu nunca vi." (Murilo Mendes)

D) "Irás a divertir-te na floresta, / sustentada, Marília, no meu braço." (Tomás Antônio Gonzaga)

E) "Todos cantam sua terra / Também vou cantar a minha." (Casimiro de Abreu)

06. (UFLA-MG) Todas as alternativas são corretas sobre o Padre José de Anchieta, **EXCETO**

A) Foi o mais importante jesuíta em atividade no Brasil do século XVI.

B) Foi o grande orador sacro da língua portuguesa, com seus sermões barrocos.

C) Estudou o tupi-guarani, escrevendo uma cartilha sobre a gramática da língua dos nativos.

D) Escreveu tanto uma literatura de caráter informativo como de caráter pedagógico.

E) Suas peças apresentam sempre o duelo entre anjos e diabos.

07. (UniFOA-RJ) Constitui característica fundamental da literatura dos viajantes

A) a análise crítica da política portuguesa em relação ao Brasil.

B) o discurso laudatório sobre a política econômica do país.

C) o discurso muito eloquente e muito ufanista na descrição da terra brasileira.

D) a análise profundamente psicológica do homem brasileiro.

E) o alto valor literário nas obras eminentemente regionais.

08. (UFAM–2010) Os enunciados a seguir se referem de modo correto à literatura dos viajantes ou dos jesuítas, **EXCETO**

A) Em sua *Carta de achamento*, Caminha descreve o aspecto físico dos índios, a ausência de preconceito com o próprio corpo e o espanto do colonizador com a naturalidade com que andavam, sem nada a cobrir-lhes os órgãos genitais.

B) As crônicas dos viajantes e a produção dos jesuítas surgem como desdobramento de todo um processo de rupturas com a mentalidade europeia dos séculos XV e XVI, ainda predominantemente medieval.

C) Gabriel Soares de Sousa, no *Diálogo sobre a conversão do gentio*, apresenta os aspectos positivos e negativos do índio, do ponto de vista de sua abertura para a conversão ao cristianismo.

D) Manuel da Nóbrega estruturou sua principal obra à maneira de uma conversa entre dois interlocutores: Gonçalo Álvares, curador de índios, e Mateus Nogueira, ferreiro da Companhia de Jesus.

E) O jesuíta José de Anchieta produziu, além de peças teatrais com o objetivo de catequizar os índios, textos poéticos em que, ao lado do elemento religioso, observam-se intenções estéticas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2009)

ECKHOUT, A. *Índio Tapuia* (1810-1866).
Disponível em: <http://www.diaadia.pr.gov.br>.
Acesso em: 9 jul. 2009.

"A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto."

CAMINHA P. V. *A carta*. Disponível em:
<www.dominiopublico.gov.br>. Acesso em: 12 ago. 2009.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que

A) ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.

B) o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.

C) a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.

D) o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.

E) há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

02. (Enem–2001)

Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha:

"A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de oiro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito,
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.
Ficarei muito saudoso
Se for embora daqui".

MENDES, Murilo. *Poesia completa e prosa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um efeito de contraste, como ocorre em:

A) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais

B) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca

C) A gente vai passear / Ficarei muito saudoso

D) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de oiro

E) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade

03. "O que é o Paraíso Terrestre? Antes de tudo, o jardim perfeito: vegetação luxuriante e bela (flores e frutos perenes), feras dóceis e amigas (em profusão inigualável), temperatura sempre amena ('nem muito frio, nem muito quente', repete toda a literatura) primavera eterna contra o outono do mundo [...] Os textos dos navegantes estão carregados com essas imagens [...] estão presentes e visíveis três signos paradisíacos que um leitor dos séculos XVI e XVII compreende imediatamente: a referência à abundância e à boa qualidade das águas (dizendo tacitamente que a terra achada é cortada pelos rios de que fala o Gênesis), a temperatura amena (sugerindo tacitamente a primavera eterna) e as qualidades da gente, descrita como bela, altiva, simples e inocente (dizendo que são tacitamente a gente descrita pelo profeta Isaías)"

CHAUÍ, Marilena. *Mito fundador e sociedade autoritária*.

No trecho anterior, a filósofa e historiadora Marilena Chauí aponta alguns elementos paradisíacos identificados nos textos dos cronistas do século XVI para descrever o Brasil recém-descoberto. Aponte, entre as figuras a seguir, aquela que **MELHOR** representa as ideias do excerto.

A)

B)

C)

D)

E)

GABARITO

Fixação

01. O texto I contraria os prognósticos do texto II. Na *Carta de Caminha*, o escrivão prevê que a catequização dos índios será fácil, que os nativos aceitarão de bom grado a religião cristã. No texto de Merquior, no entanto, encontram-se depoimentos de padres jesuítas, Nóbrega e Anchieta, nos quais os nativos são retratados como seres "bestiais" e "sem engenho", incapazes de aceitar "as coisas de Deus". As palavras dos padres jesuítas revelam o insucesso da pregação religiosa entre os índios resistentes ao catolicismo.
02. O uso de vocativo, data, despedida, a interlocução constante e a própria reflexão metalinguística compõem o caráter epistolar do texto. A metalinguagem se faz presente no início da *Carta*, quando Caminha discorre sobre a própria composição do texto; ele antecipa para seu interlocutor o conteúdo da missiva e tenta convencê-lo da fidelidade da sua narrativa.
03. São fatos que revelam diferenças culturais na *Carta de Pero Vaz de Caminha* e que podem ser analisados pelos alunos:
    - A surpresa dos portugueses ante a nudez dos nativos, a qual é avaliada por Caminha como evidência de pureza e inocência, revelando que os dois povos não compartilhavam os mesmos valores e costumes morais.
    - As representações pictóricas nos corpos e os adornos usados pelos indígenas, que causam grande estranhamento nos portugueses, de acordo com o relato do missivista.
    - A interpretação de Caminha a respeito da inexistência de costumes religiosos entre os nativos em oposição à celebração de missas, à distribuição de rosários e cruzes e às preocupações catequéticas dos portugueses.
    - O medo e / ou indiferença dos nativos em relação aos animais domésticos que lhes foram mostrados, bem como a rejeição de alguns alimentos oferecidos a eles.

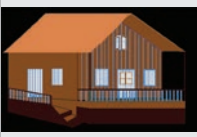
Propostos

01. C	03. C	05. C	07. C
02. A	04. E	06. B	08. C

Seção Enem

01. C 02. A 03. E

LÍNGUA PORTUGUESA

Acentuação e ortografia

MÓDULO 01 | FRENTE C

A principal e mais original forma de manifestação de uma língua é a oralidade. A escrita, que surgiu apenas no século IV a.C., é uma forma de representar graficamente diversas sequências de sons, que falantes reconhecem como significantes, ou seja, a parte material, sonora de um signo linguístico. Segundo o linguista Ferdinand de Saussure, um **signo linguístico** é formado pela associação que se faz entre um **significante** e um **significado**, ou seja, um conceito que pode aludir a coisas, ações, qualidades, circunstâncias, etc. Observe:

Signo linguístico = Significante / Significado = / ʽahvorI / / [árvore]

No esquema, usa-se a transcrição fonética / ʽahvorI /, e não a sua forma escrita "árvore", porque um significante deve ser entendido como uma sequência de sons; a forma escrita "árvore", por sua vez, é a representação gráfica dessa sequência sonora, feita segundo as normas de ortografia da língua portuguesa.

É preciso observar, também, que a relação entre significante e significado em um signo linguístico não é motivada, e sim convencionada. Tanto é assim que um mesmo significado – como o conceito de "árvore" identificado no esquema – é associado a diferentes significantes, dependendo do idioma em que é expresso. Esses diferentes significantes serão representados na escrita também de modos distintos. Além disso, na grafia das palavras, ainda incidem outras variantes, como o tipo de alfabeto utilizado, certas regras fonológicas e normas de ortografia. Observe o quadro a seguir, que mostra como as palavras "árvore", "casa" e "galinha" são representadas de modos distintos em diferentes idiomas.

Significados	Representação gráfica dos significantes em diferentes línguas							
	Português	Inglês	Espanhol	Francês	Alemão	Russo	Árabe	Chinês
	árvore	tree	árbol	arbre	Baum	дерево	شجرة	樹
	casa	house	casa	maison	Haus	дом	بيت	房子
	galinha	chicken	gallina	poulet	Huhn	цыпленок	دجاجة	小雞

As traduções do russo, do árabe e do chinês foram feitas a partir do Google Tradutor e são apenas ilustrativas.

A escrita é uma forma de representação gráfica dos significantes e, tal como outras formas de representação, é não mais que uma convenção. Essa convenção é determinada por uma série de regras ortográficas – as quais se encontram listadas em gramáticas normativas.

Neste módulo, serão relembradas algumas das regras para se representarem palavras na língua portuguesa. Não todas, porque isso seria exaustivo e pouco prático. Na verdade, serão retomadas as regras de acentuação e, no que diz respeito à ortografia, serão focadas algumas especificidades do português, como o uso do hífen e de algumas expressões.

A ortografia de cada idioma possui suas especificidades e dificuldades. A partir do momento em que o falante aprende a ler e a escrever, vai se familiarizando cada vez mais com a forma como a língua oral é representada na escrita. Para que você domine cada vez melhor a ortografia, procure ler bastante e escrever também; sempre que errar, reveja seu erro, memorize a ortografia correta.

ACENTUAÇÃO GRÁFICA

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tônica

Na língua portuguesa, a sílaba tônica pode aparecer em três posições diferentes; consequentemente, as palavras podem receber três classificações quanto a esse aspecto:

- **Oxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a última: *você, café, jiló, alguém, ninguém, ruim, carcará, vatapá, anzol, condor.*
- **Paroxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima: *gente, planeta, homem, alto, âmbar, éter, dólar, pedra, caminho, amável, táxi, álbum.*
- **Proparoxítonas:** são aquelas cuja sílaba tônica é a antepenúltima: *lágrima, trânsito, xícara, úmido, mágico, lâmpada, ótimo, médico, fanático.*

> Nossa língua não contém palavras com acento na pré-antepenúltima sílaba, isto é, palavras bisesdrúxulas. Somente algumas formas verbais seguidas de pronome oblíquo são bisesdrúxulas: **fazíamo-lo**, **amávamo-la**, etc.

Você observou que, nos exemplos dados para os três casos, só há palavras com mais de uma sílaba. As palavras de apenas uma sílaba são chamadas **monossílabos**.

Quando tais palavras apresentam tonicidade, como nos casos de **má**, **pó** e **fé**, são consideradas **monossílabos tônicos**. Quando não apresentam tonicidade, como **de**, **por**, **mas**, são denominadas **monossílabos átonos**.

As regras básicas

Na língua portuguesa, temos as vogais **a**, **e**, **i**, **o**, **u**. Entre essas vogais, o **i** e o **u** são vogais tônicas, fortes, ou seja, tendem a tornar tônica a sílaba em que aparecem.

Por exemplo, na palavra **caqui**, a simples presença do **i** na última sílaba torna a palavra uma oxítona, não sendo necessário o uso de um acento agudo para indicar a tonicidade. Por outro lado, em **táxi**, é necessária a utilização de um acento agudo na penúltima sílaba para que a palavra seja lida como paroxítona. Se não houvesse esse acento, os falantes tenderiam a ler a palavra como oxítona, tal como ocorre em **caqui**.

Se se analisarem as palavras **tatu** e **vírus**, será possível observar que ocorre o mesmo em relação ao **u**.

Saber disso é muito útil, pois ajuda a entender algumas regras básicas de acentuação das palavras oxítonas, paroxítonas e dos monossílabos. Observe, a seguir, como as regras são coerentes com o que foi descrito:

A) **Monossílabos tônicos:** são acentuados os terminados em:

- **a**, **as**: *pá, vá, gás, Brás;*
- **e**, **es**: *pé, fé, mês, três;*
- **o**, **os**: *só, xô, nós, pós.*

> Os monossílabos que contêm **i** ou **u**, como **ti** e **tu**, não precisam receber acento, pois já são tônicos.

B) **Oxítonas:** são acentuadas as que terminam em:

- **a**, **as**: *Pará, vatapá, estás, irás;*
- **e**, **es**: *você, café, Urupês, jacarés;*
- **o**, **os**: *jiló, avô, retrós, supôs;*
- **em**, **ens**: *alguém, armazéns, parabéns.*

> As oxítonas terminadas em **i** e **u**, como **tatu**, **aqui**, **Aracaju**, **Araguari**, não precisam ser acentuadas, pois a presença dessas vogais na última sílaba de cada uma delas já torna a palavra uma oxítona.

C) **Paroxítonas:** são acentuadas as que terminam em:

- **i**, **is**: *táxi, beribéri, lápis, grátis*;
- **us**, **um**, **uns**: *vírus, bônus, álbum, parabélum* (arma de fogo), *álbuns, parabéluns.*

> Caso essas palavras não recebessem acento, seriam lidas como oxítonas, dada a presença do **i** e do **u** na última sílaba.

Acentuam-se, ainda, as paroxítonas terminadas em:

- **l**, **n**, **r**, **x**: *incrível*, *útil*, *próton*, *elétron*, *éter*, *mártir*, *tórax*, *ônix*; para guardar melhor essa regra, observe que **l**, **n**, **r** e **x** são as consoantes da palavra **rouxinol**.
- **ps**: *bíceps*, *fórceps.*
- **ã**, **ãs**, **ão**, **ãos**: *ímã*, *órfã*, *ímãs*, *bênção*, *órgão*, *órfãos*, *sótãos*.
- **ditongo oral, crescente ou decrescente, seguido ou não de "s":** *água*, *árduo*, *pônei*, *vôlei*, *cáries*, *mágoas*, *pôneis*, *jóqueis*.

Para simplificar, pode-se dizer: "Acentuam-se todas as paroxítonas, exceto as terminadas em **a**, **e**, **o**, **am** e **em**, seguidos ou não de s": *palha*, *deixa*, *peixe*, *entre*, *caldo*, *desenvolvimento*, *falaram*, *vieram*, *vertigem*, *voltagem*, etc.

D) **Proparoxítonas:** são todas acentuadas: *lâmpada, Júpiter, ótimo, flácido, relâmpago, trôpego, lúcido, etc.*

As regras especiais

A) **Hiatos:** eis a regra de acentuação para os hiatos:

- Quando a segunda vogal do hiato for **i** ou **u**, tônicos, acompanhados ou não de **s**, haverá acento: *saída*, *proíbo*, *faísca*, *caíste*, *carnaúba*, *viúva*, *balaústre*, *país*, *aí*, *baú*, *Jaú*.

Se depois do "i" ou do "u" vier "nh", o acento não ocorrerá. É o caso de *rainha*, *moinho*, *unha*, *tainha*, *campainha*. Também não haverá acento se a vogal "i" ou a vogal "u" se repetirem, o que ocorre em poucas palavras: *vadiice*, *sucuuba*, *mandriice*, *xiita*.

B) **Ditongos:** a regra de acentuação para os ditongos é:

- Ocorre acento na vogal tônica dos ditongos **éu**, **éi** e **ói** desde que sejam **abertos** e que se encontrem na **última sílaba** da palavra ou em **monossílabos**: *céu*, *chapéu*, *réu*, *véu*, *troféu*, *anéis*, *aluguéis*, *coronéis*, *dói*, *constrói*, *destrói*.

C) **Acento diferencial:**

- **pôr** (verbo) e **por** (preposição);
- **pôde** (pretérito perfeito) e **pode** (presente do indicativo);
- **que** (conjunção, pronome) e **quê** (substantivo ou pronome em fim de frase);
- **porque** (conjunção) e **porquê** (substantivo).

A Reforma Ortográfica e as mudanças nas regras de acentuação

As regras apresentadas anteriormente já estão de acordo com a Reforma Ortográfica que entrou em vigor no ano de 2009. O que se percebe é que, embora os que já estão acostumados à língua possam estranhar as mudanças, a Reforma simplificou bastante a acentuação, extinguindo uma série de regras especiais.

A primeira delas é a que obrigava o uso do acento circunflexo na primeira vogal dos grupos **ee** e **oo**. Dessa forma, em vez de se escrever **crêem**, **dêem**, **lêem**, **vêem**, **descrêem**, **relêem**, **prevêem**, **revêem**, **côo**, **vôo**, **enjôo**, **magôo**, **abotôo**, deve-se escrever: **creem**, **deem**, **leem**, **veem**, **descreem**, **releem**, **preveem**, **reveem**, **coo**, **voo**, **enjoo**, **magoo**, **abotoo**.

Com a Reforma, também deixam de ser acentuados os ditongos **ei** e **oi** que estiverem na penúltima sílaba de palavras paroxítonas. A nova regra passa a ser coerente com a que vale para o ditongo **eu**, que, quando aparece nessa sílaba, como em **feudo**, **terapeuta**, **hermeneuta**, não é acentuado, apesar de ser tônico. A diferença, no caso do **eu**, é que, na penúltima sílaba, ele é sempre fechado, ao contrário de **ei** e **oi**, que podem ser abertos. Assim, palavras paroxítonas com esses dois ditongos na penúltima sílaba que, até 2008, eram obrigatoriamente acentuadas segundo a velha regra, como **idéia**, **assembléia**, **paranóico**, **heróico**, **esferóide**, passam a ser grafadas da seguinte forma: **ideia**, **assembleia**, **paranoico**, **heroico**, **esferoide**. Vale lembrar que, embora não sejam mais acentuados, os ditongos continuam tônicos, e as palavras, paroxítonas, ou seja, a pronúncia não é alterada.

A Reforma também extingue regras especiais de acentuação para o **u** dos grupos **gue**, **gui**, **que**, **qui**, o qual, antes, dependendo do fato de ser ou não pronunciado e de sua tonicidade, era diferenciado, levando trema ou acento agudo. O trema deixa de existir e, junto com ele, o acento agudo que marcava a tonicidade do **u**. Assim, palavras em que o **u** é pronunciado e não é tônico e que, antes, levavam trema, como **lingüiça**, **seqüestro**, **eqüino**, **agüentar**, **ungüento**, **tranqüilo**, **conseqüência**, **argüir**, passam a ser grafadas da seguinte forma: **linguiça**, **sequestro**, **equino**, **aguentar**, **unguento**, **tranquilo**, **consequência**, **arguir**. Do mesmo modo, palavras em que o **u** é pronunciado e tônico e que, antes, eram acentuadas, como as raríssimas **apazigúe**, **oblique, argúi**, **argúem**, **averigúe**, **averigúem**, **obliqúem** (formas verbais apenas), passam a ser grafadas como a seguir: **apazigue**, **oblique**, **argui**, **arguem**, **averigue**, **averiguem**, **obliquem**.

Novamente, a pronúncia e a tonicidade das palavras não foram modificadas. Se um dia vão ser, o tempo e a vontade dos falantes de nossa língua decidirão.

A Reforma Ortográfica extingue, ainda, uma regra especial de acentuação de hiatos: a que obrigava o uso de um acento agudo sobre o **i** e o **u** tônicos de hiatos antecedidos de ditongos. Portanto, palavras que contêm hiatos em **i** e **u** antecedidos de ditongos e que eram acentuadas, como **baiúca**, **boiúna**, **cheiínho**, **saiínha**, **feiúra**, **feiúme**, perdem o acento e passam a ser escritas assim: **baiuca**, **boiuna**, **cheiinho**, **saiinha**, **feiura**, **feiume**.

A última mudança da Reforma nas regras de acentuação extingue o acento diferencial em palavras homógrafas, ou seja, aquelas que são grafadas da mesma forma. Por exemplo, não se distingue mais **para** (preposição) de **para** (forma verbal da 3.ª pessoa do presente do indicativo de "parar"); ou **pelo** (substantivo) de **pelo** (contração da preposição **por** com o artigo **o**). As únicas exceções são os pares **por** (preposição) / **pôr** (verbo) e **pode** (forma verbal da 3.ª pessoa do presente do indicativo de "poder") / **pôde** (forma verbal da 3.ª pessoa do pretérito perfeito do indicativo de "poder"). Os acentos diferenciais que marcam as classes das palavras **que**, **quê**, **porque** e **porquê** também permanecem.

ORTOGRAFIA

Ortografia é o sistema correto de representar, na escrita, os fonemas e as formas da língua. Ele trata da representação escrita dos sons que formam os vocábulos, por meio dos símbolos denominados letras.

Com a Reforma Ortográfica, foram incorporadas as letras "k", "w" e "y" ao nosso alfabeto, que passa a ter 26 letras: a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, w, x, y e z.

Uso de K, W e Y

Essas letras são usadas em siglas, símbolos, nomes próprios, palavras estrangeiras e seus derivados.

Exemplos: **km** (quilômetro), **K** (potássio), **Kr** (criptônio), **kg** (quilograma), **kw** (quilowatt), **kwh** (quilowatt-hora), **watt**, **kantismo**, **kepleriano**, **byroniano**, **taylorista**, etc.

RELAÇÕES ENTRE FORMA E SIGNIFICADO

Há palavras cuja pronúncia e / ou grafia são idênticas, mas que possuem diferentes significados; do mesmo modo, em alguns casos, atribuímos um mesmo significado a termos distintos. Tendo isso em vista, as palavras podem ser:

Sinônimas

São palavras de sentido igual ou aproximado.

Exemplos:

- *solilóquio* e *monólogo*;
- *suposição* e *hipótese*;
- *modelo* e *protótipo*.

Antônimas

São palavras de significação oposta.

Exemplos:

- *calmo* e *agitado*;
- *extrovertido* e *introvertido*;
- *defender* e *atacar*.

Homônimas

São palavras que têm, às vezes, a mesma pronúncia e, às vezes, a mesma grafia, mas significação diferente. Nesse caso, é o contexto que determina a significação dos homônimos. Palavras homônimas podem ser:

Homógrafas heterofônicas

Iguais na escrita, mas diferentes na pronúncia.

Exemplos:

- *colher* (forma verbal) e *colher* (substantivo);
- *jogo* (forma verbal) e *jogo* (substantivo).

Homófonas heterográficas

Iguais na pronúncia e diferentes na escrita.

Exemplos:

- *ascender* (subir) e *acender* (pôr fogo);
- *cela* (prisão), *sela* (forma verbal).

Homófonas homográficas

Iguais na escrita e na pronúncia.

Exemplos:

- *cedo* (forma verbal) e *cedo* (advérbio);
- *manga* (fruta) e *manga* (parte de uma blusa, paletó ou vestido).

Parônimas

Semelhantes na escrita e na pronúncia.

Exemplos:

- *degredado* (exilado) e *degradado* (estragado);
- *infligir* (aplicar castigo) e *infringir* (transgredir).

As principais palavras parônimas e homônimas são estas:

Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado	Palavras homônimas e parônimas	Significado
absolver **absorver**	inocentar, perdoar sorver, consumir	**chá** **xá**	bebida título do ex-soberano do Irã	**estático** **extático**	firme, imóvel admirado, pasmado
acender **ascender**	pôr fogo, alumiar subir	**cheque** **xeque**	ordem de pagamento lance no xadrez, perigo	**estrato** **extrato**	tipo de nuvem, camada, resumo, essência
acento **assento**	tom de voz, sinal gráfico lugar de sentar-se	**cidra** **sidra**	fruto vinho de maçã	**flagrante** **fragrante**	evidente perfumado
acerca de **cerca de** **há cerca de**	sobre, a respeito de aproximadamente faz aproximadamente	**comprimento** **cumprimento**	extensão saudação, execução	**fluir** **fruir**	correr gozar, desfrutar
acostumar **costumar**	contrair hábito ter por hábito	**concerto** **conserto**	sessão musical, acordo reparo	**fuzil** **fusível**	carabina, espingarda interruptor de circuito
acurado **apurado**	feito cuidadosamente seleto, fino, refinado	**conjetura** **conjuntura**	suposição, hipótese situação, circunstância	**genitor** **progenitor**	pai avô
aferir **auferir**	conferir, comparar colher, obter	**coser** **cozer**	costurar cozinhar	**história** **estória**	narrativa de fatos reais narrativa de ficção
afim de **a fim de**	semelhante a (parente de) para, com a finalidade de	**deferir** **diferir**	atender, conceder distinguir-se, adiar	**incidente** **acidente**	episódio acontecimento grave
amoral **imoral**	indiferente à moral contra a moral, devasso	**degredado** **degradado**	desterrado, exilado estragado	**incipiente** **insipiente**	principiante ignorante, ignaro
aprender **apreender**	instruir-se assimilar	**delatar** **dilatar**	denunciar alargar, ampliar	**inflação** **infração**	alta dos preços, expansão violação, transgressão
arrear **arriar**	pôr arreios abaixar, descer	**descargo** **desencargo**	alívio desobrigar de um encargo	**infligir** **infringir**	aplicar pena ou castigo transgredir, violar
assoar **assuar**	limpar o nariz vaiar, apupar	**descriminar** **discriminar**	inocentar distinguir	**intemerato** **intimorato**	puro, íntegro destemido, corajoso
bucho **buxo**	estômago arbusto	**despercebido** **desapercebido**	não notado desprovido	**intercessão** **interseção**	ato de interceder ato de cortar
caçar **cassar**	perseguir animais anular	**édito** **edito**	ordem judicial decreto, lei	**laço** **lasso**	nó frouxo, gasto, cansado
calção **caução**	calças curtas fiança, garantia	**emergir** **imergir**	vir à tona mergulhar	**lista** **listra**	relação, rol linha, risco
calda **cauda**	xarope rabo	**emigrar** **imigrar**	sair da pátria entrar num país	**locador** **locatário**	proprietário inquilino
cavaleiro **cavalheiro**	que sabe andar a cavalo homem educado	**eminente** **iminente**	notável, célebre, elevado prestes a acontecer	**lustre** **lustro**	candelabro, brilho período de cinco anos
cela **sela**	pequeno cômodo arreio	**entender** **intender**	compreender superintender	**mal** **mau**	antônimo de bem antônimo de bom
censo **senso**	recenseamento raciocínio, juízo, tino	**esbaforido** **espavorido**	ofegante, cansado apavorado, assustado	**mandado** **mandato**	ordem judicial período de missão política
cerração **serração**	nevoeiro denso ato de serrar, cortar	**esperto** **experto**	ativo, inteligente, vivo perito, entendido	**moradia**[1] **morada**	ato de morar lugar onde se mora, lar
cerrar **serrar**	fechar cortar	**espiar** **expiar**	observar, espionar sofrer castigo	**ótico** **óptico**	relativo à orelha ou visão relativo à visão
cessão **seção ou secção** **sessão**	ato de ceder corte, divisão reunião	**estada** **estadia**	permanência da pessoa permanência de veículo	**paço** **passo**	palácio passada
cesto **sexto**	balaio ordinal de seis	**estádio** **estágio**	fase, período preparação, etapa	**peão** **pião**	aquele que anda a pé brinquedo

1. Atualmente, "moradia" e "morada" são consideradas sinônimas por alguns dicionaristas. Deve-se observar, entretanto, que há contextos em que essa sinonímia não procede. Por exemplo, na frase "Qual é o tempo de moradia nesta residência?", não seria possível substituir "moradia" por "morada".

HÍFEN

Uso de hífen em geral

1. Na divisão silábica e para separar palavras no fim da linha: *es-tre-la*, *ca-sa-co*, *ma-re-mo-to*, *a-ces-so*.
2. Nos nomes dos dias da semana: *segunda-feira*, *terça-feira*, *quarta-feira*.
3. Na separação verbo-pronome: *pô-lo*, *vendê-lo-ias*, *comprá-lo*, *ir-se, far-lhe-ei*.
4. Com as palavras *eis-me*, *ei-lo*, *ei-vos*, *ei-la*.

Uso de hífen com prefixos

1. Em palavras formadas por prefixos terminados em "r" + palavra iniciada por "r".

   Exemplos:

hiper-	hiper-real, hiper-raro, hiper-requintado
inter-	inter-racial, inter-regional, inter-relacional
super-	super-racional, super-realista, super-resistente

2. Em palavras formadas por prefixos "ex", "vice", "soto".

   Exemplos:

ex-	ex-marido, ex-presidente, ex-namorada
vice-	vice-presidente, vice-reitor, vice-prefeito
soto-	soto-mestre

3. Em palavras formadas por prefixos "circum" e "pan" + palavras iniciadas com vogal, com "m" ou com "n".

   Exemplos:

pan-	pan-americano
circum-	circum-navegação, circum-ambiente

4. Em palavras formadas por prefixos "pré", "pró" e "pós" + palavras que têm significado próprio.

   Exemplos:

pré-	pré-natal
pró-	pró-desarmamento
pós-	pós-graduação

5. Em palavras formadas por prefixos terminados em vogais + palavra iniciada pela mesma vogal.

   Exemplos:

anti-	anti-ibérico, anti-inflamatório, anti-imperialista
arqui-	arqui-inimigo, arqui-irmandade
micro-	micro-ondas, micro-ônibus, micro-orgânico
ultra-	ultra-atualizado
contra-	contra-americanização

Uma exceção a essa regra é o prefixo **co-**. Com esse prefixo, não se usa hífen, ainda que a palavra seguinte se inicie com a vogal **o** ⇒ c**oo**peração, c**oo**rdenação.

6. Em palavras formadas por prefixos terminados em vogais + palavra iniciada por "h".

   Exemplos:

auto-	auto-hemoterapia
contra-	contra-harmonia
extra-	extra-humano
infra-	infra-hepático
intra-	intra-histórico
neo-	neo-hegelianista
pseudo-	pseudo-herói
semi-	semi-humano
supra-	supra-hepático
ultra-	ultra-humano

Não se deve usar o hífen quando ocorrer um prefixo terminado em vogal + palavras iniciadas por "r" ou "s". Nesse caso, o "r" ou o "s" devem ser dobrados.

Exemplos:

ante-	antessala, antessacristia
auto-	autorretrato, autossugestão
anti-	antirrugas, antissocial
arqui-	arquirromântico, arquirrivalidade
contra-	contrassenso, contrarregra
extra-	extrarregimento, extrasseco
infra-	infrassom, infrasseção
semi-	semirreal, semissintético
supra-	suprarrenal, suprassensível

Da mesma forma, não se deve usar o hífen quando ocorrer um prefixo terminado em vogal + palavras iniciadas por uma vogal distinta.

Exemplos:

auto-	autoajuda, autoestrada, autoinstrução
anti-	antiamericano, antiaéreo
contra-	contraindicação, contraordem
extra-	extraescolar, extraoficial
infra-	infraestrutura
intra-	intraocular, intrauterino
neo-	neoexpressionista, neoimperialista
semi-	semiaberto, semiautomático, semiárido
sócio-	socioeconômico
supra-	supraocular
ultra-	ultraelevado

Uso de hífen com sufixos

Deve-se usar o hífen em palavras terminadas pelos sufixos de origem tupi-guarani que representam formas adjetivas, como **-açu**, **-guaçu** e **-mirim**, quando o primeiro elemento acaba em vogal acentuada graficamente ou quando a pronúncia exige a distinção gráfica entre ambos.

Exemplos:

-guaçu	amoré-guaçu, Embu-Guaçu
-açu	manacá-açu, jacaré-açu, tamanduá-açu
-mirim	Ceará-Mirim, guarda-mirim, paraná-mirim

Uso de hífen em substantivos compostos

1. Em palavras formadas pelos elementos "além", "aquém", "recém", "sem".

   Exemplos:

além	além-mar, além-vida, além-morte
aquém	aquém-oceano, aquém-terra
recém	recém-nascidos, recém-casados
sem	sem-número, sem-teto

2. Em topônimos iniciados pelos adjetivos "grão" e "grã" ou por forma verbal ou por elementos que incluam um artigo.

   Exemplos:

   – *Grã-Bretanha*
   – *Santa Rita do Passa-Quatro*
   – *Baía de Todos-os-Santos*

3. Em compostos que constituem uma unidade sintagmática e semântica e são formados pelos advérbios "mal" ou "bem" + palavra iniciada por vogal ou "h".

   Exemplos:

bem	bem-aventurado, bem-estar, bem-humorado
mal	mal-estar, mal-humorado

> Compostos formados com o advérbio "bem" devem ter os dois elementos separados por hífen, quando o segundo iniciar-se por uma consoante.
> **Exemplos**: bem-nascido, bem-criado, bem-visto.
> Com o advérbio "mal" isso não ocorre. Ainda que o segundo elemento se inicie por uma consoante, não se deve usar o hífen.
> **Exemplos**: malnascido, malcriado, malvisto.

4. Em compostos que não contêm elemento de ligação e constituem unidade sintagmática e semântica. Nesse caso, mantêm-se os acentos gráficos próprios de cada um dos elementos que compõem o termo.
   Exemplos:

ano-luz	azul-escuro
conta-gotas	guarda-chuva
médico-cirurgião	tenente-coronel

5. Em compostos que designam espécies botânicas e zoológicas.

   Exemplos:

beija-flor	bem-te-vi
couve-flor	erva-doce
mal-me-quer	sabiá-laranjeira

Locuções

A Reforma Ortográfica alterou também o uso de hífen em locuções de qualquer natureza (substantivas, adjetivas, pronominais, verbais, adverbiais, prepositivas ou conjuntivas). **Não** se deve, pois, usar o hífen em nenhuma dessas locuções.

Exemplos:

Antes da reforma	**Depois da reforma**
à-vontade	à vontade
à-toa	à toa
café-com-leite	café com leite
cão-de-guarda	cão de guarda
cartão-de-visita	cartão de visita
cor-de-vinho	cor de vinho
fim-de-semana	fim de semana
pão-de-mel	pão de mel
ponto-de-vista	ponto de vista
sala-de-jantar	sala de jantar

> Há algumas exceções a essa regra: água-de-colônia, arco-da-velha, cor-de-rosa, mais-que-perfeito, pé-de-meia, ao-deus-dará.
> Essas exceções se justificam pelo fato de serem termos já consagrados pelo uso.

OS PORQUÊS

Por que (separado e sem acento)

É usado em quatro casos:

1. Em interrogações diretas, nas quais o **que** equivale a **qual motivo**.

– **Por que** *regressamos*? (Por qual motivo regressamos?)
– **Por que** *não vieram os computadores*? (Por qual motivo não vieram?)

LÍNGUA PORTUGUESA

2. Em interrogações indiretas, nas quais o **que** equivale a **qual razão** ou **qual motivo**.

– *Perguntei-lhe* **por que** *faltara à aula*. (por qual motivo)
– *Não sabemos* **por que** *ele faleceu*. (por qual razão)

3. Quando for equivalente a **pelo qual**, **pela qual**, **pelos quais** e **pelas quais**.

– *Ignoro o motivo* **por que** *ele se demitiu*. (pelo qual)
– *Eis as causas* **por que** *não venceremos*. (pelas quais)
– *Estranhei a forma* **por que** *o estudante reagiu*. (pela qual)

4. Quando for equivalente a **motivo pelo qual** *ou* **razão pela qual**.

– *Não há* **por que** *chorar*. (motivo pelo qual)
– *Viajamos sem roteiro: eis* **por que** *nos atrasamos*. (a razão pela qual)

Por quê (separado e com acento)

É usado em dois casos:

1. Como pronome interrogativo, quando colocado no fim de oração.

– *Não gostaste do almoço* **por quê**?
– *O arquiteto não concordou, e nós perguntamos* **por quê**.
– *Não sei* **por quê**, *mas ela estava sorrindo feito uma boba.*

2. Quando isolado, numa frase interrogativa.

– **Por quê**?

Porque (em uma só palavra, sem acento)

É usado nos seguintes casos:

1. Como conjunção coordenativa explicativa, quando equivale a **pois**, **porquanto**, **uma vez que.**

– *Compre agora*, **porque** *há poucas peças*.
– *Não chore*, **porque** *os olhos ficam vermelhos*.
– *Convém agir com inteligência e discrição*, **porque** *as pessoas envolvidas são muito desconfiadas.*

2. Como conjunção subordinativa causal, substituível por **pela causa**, **razão de que** ou **pelo fato**, **motivo de que**.

– *Não fui a Santos* **porque** *estava acamado*.
– *Você não ganhou* **porque** *se antecipou*.
– *O governador vetou* **porque** *tinha razões políticas*.

3. Como conjunção subordinativa final, em orações com verbo no subjuntivo, equivalente a **para que**.

– *Virá ali o Samorim*, **porque** *em pessoa veja a batalha.*
– *Mas não julgamos*, **porque** *não venhamos a ser julgados.*

Porquê (em uma só palavra, com acento)

É usado no seguinte caso:

1. Como substantivo, com o sentido de **causa**, **razão** ou **motivo**, admitindo pluralização (porquês).

– *Ninguém atinava com o* **porquê** *daquela afirmação*.
– *Os jovens querem saber o* **porquê** *de tudo*.
– *Procuremos respostas aos nossos* **porquês**.
– *É uma criança cheia de* **porquês**.

CASOS ORTOGRÁFICOS ESPECIAIS

Uso de "HÁ" (verbo) e "A" (preposição) na indicação de tempo

Usa-se **há** quando é possível fazer a substituição por **faz**.

– **Há** *tempos não vejo Cristina*. (**Há** = faz)
– *Cobramos a nota promissória* **há** *30 dias*. (**há** = faz)
– **Há** *muito não viajo*. (**Há** = faz)
– **Há** *muito venho insistindo nisso*. (**Há** = faz)

Nos dois últimos exemplos, como se percebe, a palavra "tempo" vem subentendida.

Usa-se **a** em todos os demais casos, ou seja, quando a referida substituição não é possível.

– *Daqui* **a** *pouco serão dez horas*.
– *O meu marido chegará daqui* **a** *três dias.*
– *O Cruzeiro marcou o seu gol* **a** *dois minutos do final do jogo*.
– *Cobramos a nota promissória* **a** *30 dias do seu vencimento*.

Uso de "se não" (em duas palavras) e "senão" (em uma só palavra)

Se não (em duas palavras) é uma conjunção subordinativa condicional, seguida por um advérbio de negação. Nesse caso, é possível substituir a expressão por **caso não** ou, então, por **ou**.

– **Se não** *vierem todos, como será*? (**Se não** = Caso não venham)
– *Todo artigo precede o substantivo*. **Se não**, *vejamos*: *a xérox, o guaraná, etc.* (**Se não** = Caso não seja assim)
– *Marcos é rico*, **se não** *riquíssimo*. (**se não** = ou)
– *Deu dois milhões a cada filho,* **se não** *mais*. (**se não** = ou)

Nos dois últimos exemplos, o verbo da segunda oração fica subentendido. Podemos dizer que ainda, nesse caso, **se não** equivale a **caso não**.

Senão (em uma só palavra) pode ser uma conjunção – caso em que equivale a "de outro modo", "do contrário", "mas sim", "mas", "porém"; uma preposição – caso em que significa "exceto", "salvo", "a não ser"; ou um substantivo – caso em que tem como sinônimos "defeito", "erro", "mácula". Sendo assim, deve-se usar **senão** (em uma só palavra) em todos esses casos.

- *Tomara que chova*, **senão** *estaremos arruinados*. (**senão** = do contrário)
- *Não grite*, **senão** *você apanha*! (**senão** = do contrário)
- *Não fiz isso com a intenção de magoá-lo*, **senão** *de adverti-lo*. (**senão** = mas sim)
- *Elisa não diz duas palavras* **senão** *cometa dois erros*. (**senão** = sem que)
- *Marisa jamais amou outra pessoa*, **senão** *a mim*. (**senão** = exceto)
- *De minha parte, não há nenhum* **senão**. (**senão** = defeito)

Uso de "onde" e "aonde"

Onde se usa com qualquer tipo de verbo, menos com os dinâmicos, isto é, os que indicam movimento, deslocamento físico de um lugar para outro. Só pode ser usado como relativo a lugar físico (quando não for relativo a lugar, deve-se usar **em que**).

- *Você está* **onde**?
- **Onde** *você mora*?
- **Onde** *vocês me viram ontem*?
- *Ninguém quer estar* **onde** *você sempre está*.

Aonde é combinação da preposição a + onde e tem classificação diversa, conforme sua utilização na frase. Usa-se com verbos dinâmicos e com nomes derivados desses verbos.

- Você vai **aonde**?
- *Os seguranças acompanharam sua ida* **aonde**?
- *Ninguém quer voltar* **aonde** *eles estão*.
- *Chegamos* **aonde** *eles estavam*.

• Os verbos **entrar** e **buscar**, embora deem ideia de movimento, não se usam com a preposição **a**: daí o fato de rejeitarem a combinação **aonde**.

• O uso de **aonde** implica a não existência de qualquer outra preposição antes de tal combinação. Assim, usamos, ainda que o verbo seja dinâmico: **Para onde** *você vai*?, **Por onde** *vocês vieram*?, **De onde** *chegou ela*?

• Usa-se corretamente **até onde** ou **até aonde**, com verbos dinâmicos: **Até onde** *foram vocês*?, **Até aonde** *foram vocês*?

Uso de "mau" e "mal"

Mau é um adjetivo, antônimo de **bom**. Usa-se como uma qualificação.

- *O* **mau** *tempo acabou com a temporada*.
- *Vivia* **maus** *momentos, por isso andava irritada*.

Mal pode ser usado:

1. Como conjunção temporal, equivalente a *assim que*, *logo que, quando*.
   - **Mal** *começou a andar, já brincava pela casa inteira*.
   - **Mal** *foi eleito, começou a adotar medidas impopulares*.
2. Como advérbio de modo, antônimo de **bem**.
   - *Os atores atuaram muito* **mal** *no espetáculo*.
   - *Cuidado com ela: sempre está* **mal**-*humorada*.
3. Como substantivo, podendo estar precedido de artigo ou pronome e ser usado no plural.
   - *Um* **mal** *terrível abateu-se sobre este país*!
   - *Há* **males** *que vêm para bem*.

Uso de "cessão", "sessão", "secção" e "seção"

Cessão significa "ceder", "conceder", "oferecer", "dar".

- *Fizeram a* **cessão** *de todos os bens ao chefe da casa*.
- *Finalmente o governo resolveu fazer a* **cessão** *dos prédios aos menores*.

Sessão significa "intervalo de duração".

- *A Câmara dos Deputados reuniu-se em* **sessão** *extraordinária.*
- *Última* **sessão** *de cinema*.

Secção ou **seção** significa "parte", "segmento", "subdivisão".

- *Você já leu a* **seção** *de economia*?
- *Dirija-se à* **seção** *de cobrança*.
- *Ninguém atende na* **seção** *de informações*.

Uso de "mas" e "mais"

Mas é uma conjunção coordenativa adversativa, equivale a **entretanto**, **porém**, **contudo** (dá ideia de oposição).

- *Sabíamos de tudo*, **mas** *não queríamos falar*.
- *Todos nós queríamos muito viajar*, **mas** *não tínhamos dinheiro*.

Mais é advérbio de intensidade (é o oposto de **menos**).

- *A moça de branco foi quem* **mais** *perguntou*.
- *Estava* **mais** *cansado ainda do que ontem*.

Uso de "a par" e "ao par"

A par tem o sentido de "bem informado", "ciente".

- *Mantenha-me* **a par** *de tudo o que acontecer*.
- *É muito importante manter-se* **a par** *das decisões parlamentares*.

Ao par é uma expressão usada para indicar relação de equivalência ou igualdade entre valores financeiros (geralmente em operações cambiais).

- *As moedas fortes mantêm o câmbio praticamente* **ao par**.

LÍNGUA PORTUGUESA

Uso de "ao encontro de" e "de encontro a"

Ao encontro de significa "ser favorável a", "aproximar-se".

Observe os exemplos:

- *Ainda bem que sua opinião veio* **ao encontro** *da minha. Podemos, assim, unir nossas reivindicações*.
- *Quando a viu, foi rapidamente* **ao seu encontro** *e a abraçou afetuosamente.*

De encontro a significa "oposição", "choque", "colisão". Veja:

- *Como você queria que o ajudasse se as suas opiniões sempre vieram* **de encontro às** *minhas*?
- *O caminhão foi* **de encontro ao** *muro. Ninguém se machucou, mas os prejuízos foram grandes.*

Uso de "na medida em que" e "à medida que"

Na medida em que exprime relação de causa e equivale a "porque", "já que", "uma vez que", "tendo em vista que".

- **Na medida em que** *não há como provar sua inocência, é melhor fazer um acordo com a vítima.*
- *Esses procedimentos são válidos,* **na medida em que** *atendem a todas as recomendações da banca.*

À medida que indica proporção, desenvolvimento simultâneo e gradual. Equivale a **à proporção que**.

- *Os verdadeiros motivos da renúncia foram ficando claros* **à medida que** *as investigações iam obtendo resultados.*
- *A ansiedade aumentava* **à medida que** *o prazo fixado ia chegando ao fim.*

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UNIFENAS-MG) Assinale a alternativa em que todas as palavras prescindem de acentuação gráfica, se forem seguidas as regras de acentuação.

A) até, réu, êle
B) réu, pôde, já
C) prêto, aquêle, capêta
D) até, já, dôido
E) êle, só, ninguém

02. (ITA-SP) Os sinônimos de "ignorante", "iniciante", "sensatez", "confirmar" são, respectivamente,

A) incipiente, insipiente, descrição, retificar.
B) incipiente, insipiente, discrição, ratificar.
C) insipiente, incipiente, descrição, ratificar.
D) insipiente, incipiente, discrição, ratificar.
E) incipiente, insipiente, descrição, ratificar.

03. (Unipar-PR–2007) Assinale a alternativa **CORRETA**, considerando que à direita de cada palavra há um sinônimo.

A) emigrar = entrar (no país); imigrar = sair (do país)
B) delatar = expandir; dilatar = denunciar
C) deferir = diferenciar; diferir = conceder
D) dispensa = cômodo; despensa = desobrigação
E) emergir = vir à tona; imergir = mergulhar

04. (UNIFOA-RJ) Assinale a alternativa em que uma das palavras **NÃO** foi grafada de acordo com o sistema ortográfico vigente.

A) transmissor – assessor – professor
B) tachado – rachado – enfaixado
C) impugnar – advertir – advinhar
D) terrível – maleável – incansável
E) cafezinho – chazinho – lapisinho

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(UNIFOA-RJ–2008 / Adaptado) Leia os dois textos para responder às questões de **01** a **07**.

Texto I

Glauco. REPRODUÇÃO.

Texto II

Tempo dos infiéis

RIO DE JANEIRO – O editor Ênio Silveira estava engraxando os sapatos numa dessas cadeiras altas que mal comparando parecem o trono de um soba nos confins da África. Ele gostava de conversar com gente do povo e perguntou se o engraxate temia o comunismo, fantasma que o governo de então considerava na iminência de tomar conta do Brasil. Lustrando o bico do sapato com aquele pano molhado e na cadência do "Tico-Tico no Fubá", o engraxate tranqüilizou o editor: "Pode deixar, doutor, se o comunismo vier, nós avacalhamos ele".

Desconfio que já fizemos o mesmo com a democracia. Nem o STF com sua decisão de instaurar a fidelidade partidária conseguirá elevar nossas práticas políticas a um patamar lógico e decente. Impossível cobrar fidelidade a tantos partidos pulverizados em lugares comuns ideológicos, criados e mantidos por interesses exclusivamente eleitorais.

No Brasil, deve ser mínima a faixa dos que votam num determinado partido. Alguma coisa na base do 0,2% do eleitorado. O resto vota em candidatos. São eles que empolgam o cidadão que se identifica com um Clodovil, um Gabeira, um Pedro Simon ou Jader Barbalho. De um partido inexistente, o finado Enéas teve mais votos do que Leonel Brizola, político histórico, numa disputa presidencial.

Collor se elegeu na soma de pequenos partidos, Ulysses Guimarães, patriarca do maior partido nacional, o PMDB, ficou entre os últimos. Para eleger Senado e Câmara, nenhum eleitor pensa nos programas partidários, que uns pelos outros pregam a mesma coisa.

Com dois partidos apenas, um conservador, outro liberal, acredito que os candidatos melhor se arrumariam no tabuleiro e, aí sim, a fidelidade partidária seria indispensável ao funcionamento da democracia.

CONY, Carlos Heitor. *Folha de S. Paulo*, 09 out. 2007.

01. A leitura da charge (texto I) contém uma crítica à (ao)

A) tempo de filiação partidária.
B) Câmara dos Deputados.
C) Senado.
D) negociação partidária.
E) governo.

02. A leitura da charge (texto I) e da crônica (texto II) tem em comum a crítica

A) à democracia.
B) à fidelidade partidária.
C) aos lugares comuns ideológicos.
D) ao comunismo.
E) à eleição.

03. O cronista Carlos Heitor Cony inicia seu texto com uma pequena história que serve para defender a ideia de que o povo brasileiro é

A) irreverente e desorganizado.
B) gentil e aplicado.
C) alegre e baderneiro.
D) espirituoso e pudico.
E) irreverente e baderneiro.

04. Ao dizer "**Nem** o STF com sua decisão [...]", a conjunção **nem** estabelece uma relação, com a ideia anterior, de

A) alternância.
B) explicação.
C) conclusão.
D) adição.
E) oposição.

05. Que tipo de argumento é utilizado pelo autor em: "De um partido inexistente, o finado Enéas teve mais votos do que Leonel Brizola, político histórico, numa disputa presidencial."?

A) Argumento de princípio
B) Argumento de exemplificação
C) Argumento de causa e consequência
D) Argumento de autoridade
E) Argumento de dedução

06. O anafórico, genericamente, pode ser definido como uma palavra ou expressão que serve para retomar um termo já expresso no texto. Que termo é retomado pelo anafórico **mesmo** em "Desconfio que já fizemos o mesmo com a democracia"?

A) Tranquilizar
B) Vir
C) Avacalhar
D) Deixar
E) Poder

07. (UNESP-SP–2010 / Adaptado) Há numerosos contextos em que as palavras "razão" e "motivo" podem ser indiferentemente utilizadas, sem alteração relevante do significado das frases. Baseado nesse comentário, assinale a única alternativa em que a palavra "motivo" não pode substituir a palavra "razão", já que nesse caso haveria uma grande mudança do sentido.

A) Qual a razão de tamanha mudança?
B) Ele perdeu a razão ao sentir aquele amor tão forte.
C) A razão de sua renúncia foi a chegada de seu irmão.
D) Ninguém descobriu a razão de sua morte.
E) Que razões alegou para o pedido de divórcio?

08. (FGV-SP–2007) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão escritas de acordo com a ortografia oficial do Brasil.

A) A Volks ainda está em acensão no país, apesar do excesso de concorrentes.
B) A obsessão pelo contexto faz do problema, quase sempre, uma solução privilegiada.
C) O viez do mercado é importante, porque qualidade é percepção de mercado.
D) As montadoras não conseguem esvasiar os páteos, por maiores descontos que deem.
E) Super homem nasceu digitalizado, mas vêm sendo projetado em modo analógico.

09. (UFRGS / Adaptado) Assinale a alternativa em que todas as palavras estejam **CORRETAS** quanto à grafia.

A) repercução – fragrantes – recluzão
B) repercussão – flagrantes – reclusão
C) repercussão – flagrantes – recluzão
D) repercução – flagrantes – recluzão

(UEPB–2011)

Instrução: Leia a peleja de Pinto do Monteiro e Louro do Pajeú sobre "Esse negócio de errar" e responda à questão **10**.

Lourival Batista, falando sobre plantas, usou o termo "carola" em vez de "corola". Pinto bateu forte.

Um rapaz que teve escola
E ainda canta errado
Fala em flor e diz "carola"
Muito tem se confessado
Parte de flor é "corola"
Precisa tomar "coidado"

O cochilo de linguagem de Pinto, falando "coidado", em vez de "cuidado", deu a Lourival a oportunidade de poder "vingar-se" do colega. E fulminou.

Pra não ter um só errado
Errei eu, erraste tu,
Errou Pinto do Monteiro
E Louro do Pajeú
Nesta palavra "coidado"
Tire o "o" e bote o "u"

10. Do texto, pode-se considerar:

I - Ambiguidade, tendo em vista o uso de duplo sentido das palavras "carola" e "corola".

II - Que no verso cinco as palavras "corola" e "flor" são consideradas cognatas.

III - Paralelismo sintático, no verso oito, em razão da reiteração das estruturas lexicais em ritmo cadenciado.

IV - Que nos versos onze e doze, não se leva em conta o fenômeno da variação linguística e suas implicações no uso da língua.

Analise as proposições e marque a alternativa que apresenta a(s) **CORRETA(S)**.

A) II, III e IV apenas
B) I, II e III
C) III e IV apenas
D) III apenas
E) IV apenas

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–1999) Diante da visão de um prédio com uma placa indicando SAPATARIA PAPALIA, um jovem deparou com a dúvida: como pronunciar a palavra PAPALIA?

Levado o problema à sala de aula, a discussão girou em torno da utilidade de conhecer as regras de acentuação e, especialmente, do auxílio que elas podem dar à correta pronúncia de palavras.

Após discutirem pronúncia, regras de acentuação e escrita, três alunos apresentaram as seguintes conclusões a respeito da palavra PAPALIA:

I. Se a sílaba tônica for o segundo PA, a escrita deveria ser PAPÁLIA, pois a palavra seria paroxítona terminada em ditongo crescente.

II. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALÍA, pois "i" e "a" estariam formando hiato.

III. Se a sílaba tônica for LI, a escrita deveria ser PAPALIA, pois não haveria razão para o uso de acento gráfico.

A conclusão está correta apenas em

A) I. B) II. C) III. D) I e II. E) I e III.

02. (Enem–2005) Leia com atenção o texto:

[Em Portugal], você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos — peça para ver os fatos. Paletó é casaco. Meias são peúgas. Suéter é camisola — mas não se assuste, porque calcinhas femininas são cuecas. (Não é uma delícia?)

CASTRO, Ruy. *Viaje Bem*. Ano VIII, n.º 3, 78.

O texto destaca a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal quanto

A) ao vocabulário.
B) à derivação.
C) à pronúncia.
D) ao gênero.
E) à sintaxe.

03. (Enem–2007)

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtísica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, lombrigas [...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguilar, p. 1.184.

O texto anterior está escrito em linguagem de uma época passada. Observe uma outra versão, em linguagem atual.

Antigamente

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes [...]

Comparando-se esses dois textos, verifica-se que, na segunda versão, houve mudanças relativas a

A) vocabulário.
B) construções sintáticas.
C) pontuação.
D) fonética.
E) regência verbal.

04. (Enem–2008) A linguagem utilizada pelos chineses há milhares de anos é repleta de símbolos, os ideogramas, que revelam parte da história desse povo. Os ideogramas primitivos são quase um desenho dos objetos representados. Naturalmente, esses desenhos alteraram-se com o tempo, como ilustra a seguinte evolução do ideograma 馬, que significa **cavalo** e em que estão representados cabeça, cascos e cauda do animal.

Considerando o processo mencionado no texto, escolha a sequência que poderia representar a evolução do ideograma chinês para a palavra **luta**.

GABARITO

Fixação

01. C 02. D 03. E 04. C

Propostos

01. D 02. B 03. A 04. D 05. B 06. C 07. B 08. B 09. B 10. C

Seção Enem

01. E 02. A 03. A 04. B

LÍNGUA PORTUGUESA

Classes de palavras

MÓDULO 02

FRENTE C

CLASSES DE PALAVRAS

As palavras da língua portuguesa distribuem-se em dez classes gramaticais.

Considerando, sobretudo, o **critério sintático**, podemos fazer, a seguir, o estudo dessas classes gramaticais.

VARIÁVEIS	01. Substantivo 02. Artigo 03. Adjetivo 04. Numeral 05. Pronome	**Classes do Nome**
	06. Verbo 07. Advérbio	**Classes do Verbo**
INVARIÁVEIS	08. Preposição 09. Conjunção	**Classes Relacionais**
	10. Interjeição	**Classe Independente**

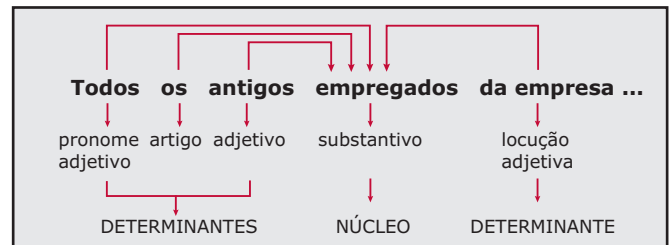
DETERMINANTES E DETERMINADOS – GRUPOS NOMINAL E VERBAL

O contexto em que a palavra é empregada é fundamental para a identificação de sua classe gramatical. Desse modo, perceber a relação que as palavras mantêm entre si, dentro da frase, é o caminho mais curto para a correta análise gramatical.

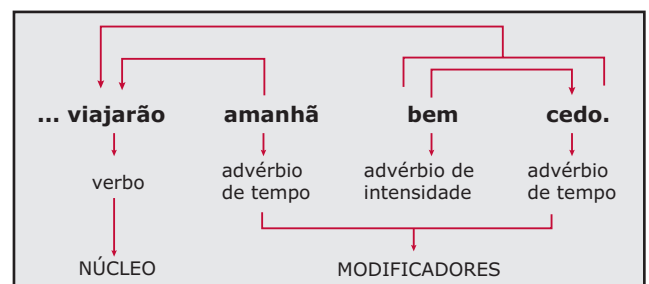
A frase se organiza em pequenos **grupos**.

Em cada grupo, existe sempre uma palavra mais importante, que é o **núcleo** do grupo. O núcleo é o termo **determinado**, elemento modificado por outras palavras.

As palavras que acompanham o núcleo são chamadas de **determinantes** e modificam-no, acrescentando-lhe informações, especificando seu sentido.

Em um **grupo nominal**, o **núcleo** é um termo de **natureza substantiva** (substantivos, pronomes substantivos, numerais substantivos e termos substantivados). O núcleo exige a concordância de seus **determinantes** que, por sua vez, têm **natureza adjetiva** (artigo, adjetivo, locução adjetiva, pronome adjetivo, numeral adjetivo).

Repare que, no exemplo anterior, o substantivo "empregados" está no plural. Com ele estão concordando (masculino plural) as palavras: "todos", "os" e "antigos". Se o nome "empregados" estivesse no singular, todos os outros termos teriam de ficar no singular. A esse fenômeno é que se nomeia **concordância nominal**, pois todas as palavras acompanham o nome (substantivo).

Em um **grupo verbal**, o **núcleo** é um **verbo**. As palavras e expressões de natureza adverbial são **modificadores** dos verbos.

Não se pode afirmar que as **palavras e expressões de natureza adverbial** são determinantes de verbos, uma vez que **são invariáveis**.

As **palavras de natureza adverbial** também são modificadores de **adjetivos** e de **orações** e **períodos**, e as que expressam intensidade também modificam outros **advérbios**.

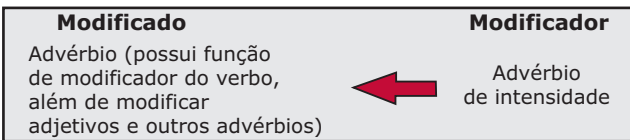
RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES DE PALAVRAS

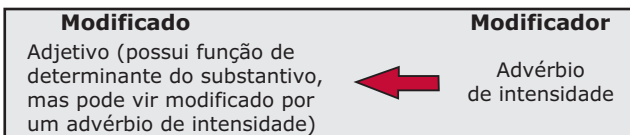
O substantivo e seus determinantes

O verbo e seus modificadores

Modificado		Modificadores
Verbo	←	• Advérbio • Locução adverbial

O advérbio e seu modificador

Modificado		Modificador
Advérbio (possui função de modificador do verbo, além de modificar adjetivos e outros advérbios)	←	Advérbio de intensidade

O adjetivo e seu modificador

Modificado		Modificador
Adjetivo (possui função de determinante do substantivo, mas pode vir modificado por um advérbio de intensidade)	←	Advérbio de intensidade

Dependendo de qual termo uma palavra modifique, ela poderá assumir valores diferentes: substantivo, adjetivo ou adverbial.

Valor Substantivo

Possui **valor substantivo** qualquer termo que ocupe o lugar do substantivo (nome) ou que venha determinado por um artigo (pronome ou numeral de valor adjetivo). Tal qual o substantivo, a palavra que assume o seu valor varia livremente. Veja os exemplos seguintes:

– **Ela** *decidiu sair cedo*.
(pronome substantivo)

– *As* **cinco** *esperavam o resultado do exame*.
(numeral substantivo)

– *Seu* **olhar** *melhora o meu*.
(substantivo)

Valor Adjetivo

Qualquer palavra que modifique (determine) um substantivo ou termo equivalente (de valor substantivo) terá **valor adjetivo** e concordará com o substantivo.

– **Minha** *prima mora em Salvador*.
(pronome adjetivo)

– *As* **cinco** *ondas atingiram o litoral brasileiro*.
(numeral adjetivo)

– **Triste** *sina era a de Juvenal*.
(adjetivo)

Cumpre observar que, quando o advérbio modificar o substantivo[1], ele se transformará num pronome indefinido e terá, por isso mesmo, **valor adjetivo.**

– **Muitas** *pessoas saíram cedo*.
(pronome indefinido: valor adjetivo)

– **Todas** *as garotas ficaram com medo*.
(pronome indefinido: valor adjetivo)

– **Poucos** *alunos assistem ao último horário*.
(pronome indefinido: valor adjetivo)

[1] Com exceção dos advérbios: **menos**, **alerta**, **abaixo**, **pseudo**, **salvo** e **tirante**.

Valor Adverbial

Já vimos que o advérbio é invariável e que modifica o adjetivo, o próprio advérbio, o verbo e, em alguns casos, o substantivo. Confira os exemplos:

– *Joana ficou* **muito** *perturbada*.
(modifica um adjetivo: invariável)

– *Maria estava* **todo** *triste*.
(modifica um adjetivo: invariável)

– *Fernanda ficou* **meio** *cansada*.
(modifica um adjetivo: invariável)

– *Eles cantavam* **mal**.
(modifica um verbo: invariável)

– *Descansaram* **bastante**.
(modifica um verbo: invariável)

– *Elas gritavam* **muito**.
(modifica um verbo: invariável)

– *Eles cantavam* **muito** *mal*.
(modifica um advérbio: invariável)

– *Descansaram* **bastante** *pouco*.
(modifica um advérbio: invariável)

– *Elas gritavam* **muito** *alto*.
(modifica um advérbio: invariável)

CLASSES DO NOME

Substantivo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Dá nome aos seres em geral.	loja, amor, aflição, bruxa
Morfológico	• Varia em gênero, número e grau.	menino / menina meninos / meninas menininho / menininha
Sintático	• É o **núcleo** de um grupo nominal.	Preciso de sua **ajuda**. Vamos tomar **café** quente.

Plural dos substantivos compostos

Regra Geral	
Variam	**Não variam**
substantivo adjetivo numeral	prefixo advérbio verbo

I. Flexionam-se os dois elementos quando o substantivo é formado por:

- **substantivo + substantivo**:
cirurgião-dentista → cirurgiões-dentistas
- **substantivo + adjetivo**:
amor-perfeito → amores-perfeitos
- **adjetivo + substantivo**:
livre-pensador → livres-pensadores
- **numeral + substantivo**:
meio-termo → meios-termos
- **substantivo + pronome**:
padre-nosso → padres-nossos

II. Flexiona-se apenas o segundo elemento quando o substantivo é formado por:

- **verbo + substantivo**:
  o guarda-chuva → os guarda-chuvas
- **advérbio + adjetivo**:
  o alto-falante → os alto-falantes
- **adjetivo + adjetivo**:
  o latino-americano → os latino-americanos
- **palavra invariável + substantivo**:
  o vice-presidente → os vice-presidentes

III. Flexiona-se somente o primeiro elemento quando o substantivo é formado por:

- **substantivo + de + substantivo**:
  pé de moleque → pés de moleque
- **substantivo + substantivo, e o segundo elemento determina o primeiro elemento**:
  caneta-tinteiro → canetas-tinteiro

Quando o composto for uma **onomatopeia**, só varia o segundo elemento: *tico-ticos, pingue-pongues, reco-recos, au-aus*.

Quando o composto for formado por verbos repetidos, variam os dois elementos (*piscas-piscas*) ou apenas o segundo (*pisca-piscas*).

Compostos formados pela palavra "Guarda"

- Quando a palavra "guarda" for um substantivo, o composto varia livremente: guardas-noturnos.
- Quando a palavra "guarda" for um verbo, ela não sofrerá variação, como se pode ver em: guarda-comidas.
- A exceção é o vocábulo "guarda-marinha", que admite dois plurais: guardas-marinhas ou guardas-marinha.

Adjetivo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Indica característica dos seres.	cavalos **fogosos** conforto **espiritual**
Morfológico	• Varia em gênero, número e grau.	lindo / linda lindos / lindas lindíssimo bom / melhor
Sintático	• É uma palavra **determinante** do núcleo de um grupo nominal.	**lindo** dia Sua voz é **linda**.

Plural dos adjetivos compostos

Regra geral
Varia o segundo elemento, concordando com o substantivo.
Exemplos: emissoras todo-poderosas, bolsas azul-escuras.

I. Varia somente o segundo elemento nos adjetivos compostos, quando os dois são adjetivos.

encontros **latino-americanos**
cortinas **branco-acinzentadas**
sapatos **verde-escuros**
olhos **azul-claros**
torcidas **rubro-negras**

II. Quando o nome de cor é originário de um substantivo, fica invariável, quer se trate de palavra simples ou composta.

tons **pastel**
vestidos **vinho**
sapatos **areia**
colchas **rosa**
blusas **verde-musgo**
tintas **vermelho-rubi**
camisas **amarelo-âmbar**
olhos **cor de mel**

Exceções:

São invariáveis: *bege, azul-marinho, azul-celeste e furta-cor.*

Variam os dois elementos do adjetivo: *surdo-mudo.*

Substantivos empregados com valor adjetivo são invariáveis: homens *monstro*, gravatas *cinza*, blusas *laranja*.

Artigo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Determina ou indetermina os seres.	**O** aluno saiu. **Um** aluno saiu.
Morfológico	• Varia em gênero e número.	o / a, os / as um / uma, uns / umas
Sintático	• É uma palavra **determinante** do núcleo de um grupo nominal.	Ele encontrou **as** irmãs.

Os artigos são palavras que se relacionam exclusivamente com o substantivo, com a função de especificá-lo ou generalizá-lo. Daí a existência de dois tipos de artigos: os **definidos** e os **indefinidos**.

Observando-se o enunciado: "Os países descobrem na ajuda às vítimas do *tsunami* uma causa planetária comum", percebe-se o mesmo na relação entre "os" e "países": a notícia não tratará de países em sentido amplo e geral. Ao ler a reportagem, o leitor será com certeza informado sobre que países são esses a que a manchete se refere.

Algo diferente ocorre com a relação entre as palavras "uma" e "causa". O artigo "uma" é indefinido. Por trás dessa escolha, existe uma intenção do locutor: ele pretende não particularizar a causa, mas generalizá-la, incluindo-a entre um conjunto de outras causas.

A distinção entre *o, a, os, as* (definidos) e *um* e *uma* (indefinidos) evidencia que, sob o ponto de vista da flexão, os artigos aceitam as variações de gênero e número. Quanto à função, exercem sempre papel de adjunto adnominal, já que só determinam, como vimos, os substantivos.

Quando diante de um substantivo comum de dois gêneros, é também do artigo a responsabilidade de indicar se a palavra é masculina ou feminina. É o que ocorre, por exemplo, com "**o** estudante" e "**a** estudante".

Numeral

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	Indica: • o número; • a ordem; • a multiplicação ou a divisão dos seres vivos.	**dois** alunos, o **dobro** dos alunos, **segundo** aluno, um **terço** da classe.
Morfológico	• Varia em gênero e número.	dois / duas terceiro / terceira
Sintático	• Os numerais adjetivos são **determinantes** do núcleo do grupo nominal. • Os numerais substantivos são **núcleos** do grupo nominal.	**Dez** alunos faltaram. Os **dez** faltaram.

Pronome

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Refere-se aos seres, indicando-os como pessoas do discurso.	**Ele** saiu ontem. **Você** saiu ontem? **Eu** saí ontem.
Morfológico	• Pode variar em gênero, número e pessoa.	ele / ela você / vocês eu / tu
Sintático	• Os pronomes adjetivos são palavras **determinantes** do núcleo do grupo nominal. • Os pronomes substantivos são **núcleos** do grupo nominal.	**Este** dia é especial. **Tudo** foi especial.

O estudo dos pronomes será aprofundado posteriormente.

CLASSES DO VERBO

Verbo

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Indica ação, processo, intenção, estado ou fenômeno da natureza.	Ele **saiu**. Ela **era** inteligente. **Choveu** bastante ontem. **Queremos** voltar cedo.
Morfológico	• Varia em pessoa, número, tempo e modo.	falo / fala falo / falamos falei / falo / falarei falei / falasse
Sintático	• É o **núcleo** do grupo verbal nos predicados verbal e verbo-nominal.	Ela **voltou**. Ela **voltou** cansada.

O estudo dos verbos será aprofundado posteriormente.

Advérbio

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Informa uma circunstância (tempo, modo, lugar, causa, etc.).	Chegamos **ontem**. Chegamos **aqui**.
Morfológico	• Não varia. Obs.: Alguns variam somente em grau.	aqui, lá, ali, cedo, cedinho.
Sintático	• É uma palavra **modificadora** do grupo verbal.	Dormia **tranquilamente**.

CLASSES RELACIONAIS

As palavras, dentro de um grupo nominal ou verbal, podem se relacionar. Para estabelecer um relacionamento entre palavras ou orações, há duas classes de palavras: **preposição** e **conjunção**.

Preposição

Critério	Definição	Exemplos
Morfológico	• Não varia.	a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, por, perante, sem, sob, sobre, trás.
Sintático	• Liga **palavras**, estabelecendo relação de dependência. • Não exerce função sintática.	Homem **de** fé.

Preposição é a palavra invariável que relaciona dois termos; nessa relação, um termo completa ou explica o sentido do outro.

As preposições são uma espécie de conectivo. Sua função, portanto, é estabelecer a ligação entre palavras e termos (cada qual com sua função sintática específica), relacionando-os sintática e semanticamente.

Consideremos os dois enunciados seguintes:

A) A ajuda **de** um país é essencial **para** a nova geopolítica mundial.

B) A ajuda **a** um país é essencial **para** a nova geopolítica mundial.

Tanto em "A" quanto em "B", a ligação do termo "ajuda" (núcleo do sujeito) ao termo "país" (núcleo do adjunto adnominal e do complemento nominal, respectivamente) faz estabelecer entre eles uma relação de dependência, primeiramente sintática. Afinal, o leitor é conhecedor intuitivo do idioma e saberá que "de um país" e "a um país" são estruturas que só podem estar relacionadas ao termo "ajuda". Qualquer alteração nesse relacionamento trará como consequência imediata a dissolução do enunciado tal como o apresentamos e a criação de outro. Mas a dependência é também semântica. Para provar isso, basta que percebamos a diferença de sentido provocada pela troca efetuada entre "de" e "a". Enquanto em "A", o país é o agente da ação de ajudar, em "B" ele é alvo da ação feita por outrem. O mesmo se pode dizer para o relacionamento entre "essencial" e "nova geopolítica mundial": só será possível alcançar o objetivo de se construir uma nova ordem mundial caso os países se conscientizem de que é preciso concentrar esforços para a adoção de políticas mais eficientes de ajuda humanitária.

Palavras como "a", "de", "para" são usadas nos atos comunicativos para cumprir esse papel. São as preposições.

Preposições essenciais: a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, sem, sob, sobre, trás.

Preposições acidentais: são palavras que, embora pertençam a outras classes gramaticais, podem exercer o papel de preposição: como, conforme, consoante, durante, exceto, salvo, segundo.

Quando as preposições se ligam a artigo, pronome ou advérbio, sem perda de elementos fonéticos, temos o que se chama de *combinação*. É o caso de a + o (ao), a + onde (aonde), de + esse (desse), etc. Se essa ligação produz perda fonética, temos a *contração*. É o caso de em + o (no), de + aí (daí), por + as (pelas), em + aquelas (naquelas), a + as (às), etc.

Se duas ou mais palavras se unem com o valor de preposição, temos as chamadas locuções prepositivas: abaixo de, a respeito de, em cima de, junto a, por cima de, acerca de, de acordo com, em frente a, junto de, por trás de, acima de, dentro de, em redor de, perto de, ao lado de, graças a, por causa de.

Locução prepositiva	Locução adverbial
• Termina sempre por preposição, sendo **de** a mais comum. – *Não quero você* **perto de** *nós*. – *Agiu* **de acordo com** *seus princípios*.	• Não termina por preposição – "**De longe em longe**, *sinto-me fatigado*." – **Às vezes**, *sinto-me cansada*. – *Ele estava* **perto de nós**.

Termo	+	Preposição	+	Termo regido
brisa		de		verão
precisar		de		você

Tipos de relação

A relação que as preposições estabelecem entre dois termos é chamada de regência.

A) **Ausência, falta:** Uma vida **sem** alegrias é mais difícil.

B) **Assunto:** Mostram-se indecisos **acerca do** propósito da reunião.

C) **Causa ou motivo:** O velho morreu **de** fome.

D) **Companhia:** Sempre estudava **com** eles.

E) **Concessão: Com** apenas dois anos, já sabia ler.

F) **Conformidade:** Era capaz de viver **conforme** seus objetivos.

G) **Direção:** Dirigiu-se **para** o centro da cidade.

H) **Especialidade:** É perito **em** casos de homicídio.

I) **Estado ou qualidade:** Prédio **em** decadência.

J) **Finalidade:** Parou **para** descansar.

K) **Instrumento:** Prenderam-no **com** algemas.

L) **Lugar:** Passei a viver **em** Curitiba.

M) **Matéria:** Bebi suco **de** laranja.

N) **Meio:** Assistiu ao comício **pela** televisão.

O) **Oposição:** Gostaria de levantar um protesto **contra** a poluição do ar.

P) **Origem:** O poder emana **do** povo.

Q) **Posse:** Os livros **do** professor estão sobre a mesa.

R) **Tempo:** Nasci **em** 1960.

Conjunção

Critério	Definição	Exemplos
Morfológico	• Não varia.	e, mas, portanto, porque, quando, embora, se, que, etc.
Sintático	• Liga **palavras** ou **orações**, coordenando ou subordinando uma à outra. • Não exerce função sintática.	Lúcia **e** Paulo saíram. Eu disse **que** eles saíram.

O bom relacionamento entre as orações de um texto garante a perfeita estruturação de suas frases e parágrafos. Interagindo com palavras de outras classes gramaticais essenciais ao inter-relacionamento das partes de frases e textos, as conjunções fazem parte daquilo que se pode chamar "arquitetura textual": um conjunto de relações que garantem a coesão do enunciado. O sucesso desse conjunto de relações depende muitas vezes do valor relacional das conjunções.

Nos textos dissertativos, elas evidenciam, muitas vezes, a linha expositiva ou argumentativa adotada – é o caso, por exemplo, das exposições e argumentações construídas por meio de contrastes e oposições que conduzem ao uso de adversativas e concessivas.

As conjunções são classificadas em **coordenativas** ou **subordinativas**, de acordo com a relação que estabelecem entre as frases que relacionam. Entretanto, não se deve memorizar tal classificação, mas descobri-la a partir das relações semânticas de enunciados reais, ou seja, a partir do efetivo emprego dessas palavras em frases da língua.

Nos textos narrativos, as conjunções estão muitas vezes ligadas à expressão de circunstâncias fundamentais à conclusão da história, como noções de tempo, finalidade, causa e consequência.

Quadro de conjunções coordenativas		
Tipo	**Ideia**	**Exemplo**
Aditiva	adição, acréscimo, sucessividade	e, nem, (não só) mas também, como, como também, (tanto) como, quanto
Adversativa	oposição, contraste, ressalva, adversidade, advertência	mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante
Alternativa	exprime alternância, ligando pensamentos que se excluem	ou, ou... ou, ora... ora, já... já, umas vezes, outras vezes, talvez... talvez
Conclusiva	conclusão	logo, portanto, por isso, então, assim, por conseguinte, pois (depois do verbo)
Explicativa	explicação	porque, pois, que

Quadro de conjunções subordinativas		
Tipo	**Ideia**	**Exemplo**
Integrante	integração	que (para afirmação certa) se (para afirmação incerta)
Causal	causa, motivo	porque, que, porquanto, pois, visto que, já que, uma vez que, como (no início da oração = já que), se (= já que)
Comparativa	comparação	que, do que, qual, como, quanto
Concessiva	concessão	embora, ainda que, mesmo que, se bem que, posto que, conquanto, apesar de que, por ... que
Condicional	condição, hipótese	se, caso, contanto que, salvo se, exceto se, desde que (com verbo no subjuntivo), a menos que, a não ser que
Conformativa	acordo, concordância, conformidade	conforme, consoante, segundo, como (=conforme), que (conforme)
Consecutiva	consequência, efeito	que (após tal, tanto, tão, tamanho), sem que, de modo que, de forma que
Temporal	tempo	quando, logo que, depois que, antes que, sempre que, desde que, até que, enquanto, mal, apenas
Final	finalidade	para que, a fim de que, que (= para que), de modo que, de forma que
Proporcional	concomitância, simultaneidade, proporção	à proporção que, à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto maior, quanto melhor

Causa X Explicação	
Conjunções explicativas	**Conjunções causais**
que, pois, porque	que, pois, porque, uma vez que, já que, com o (= já que), visto que
Aparecem após orações com o verbo no modo imperativo. *– Não grite, pois estou escutando bem.* Aparecem em orações que indicam **fato posterior** a outro. *– A menina chorou / porque seus olhos estão vermelhos.* ↓ fato posterior	Aparecem em orações que indicam **fato anterior** a outro. *– Os olhos da menina estão vermelhos / porque ela chorou.* ↓ fato anterior

- "**Pois**" conclusivo

  Deve ser colocado após o verbo da oração em que aparece.

– *Ganhou muito dinheiro; comprou,* **pois**, *a casa*.

CLASSE INDEPENDENTE

Interjeição

Critério	Definição	Exemplos
Semântico	• Exprime emoções.	Ai! Oba! Oh!
Morfológico	• Não varia.	
Sintático	• Não exerce função sintática.	**Oh**! Ele chegou!

PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira, serão classificadas à parte certas palavras e locuções – outrora consideradas advérbios – que não se enquadram em nenhuma das dez classes conhecidas. Tais palavras e locuções, chamadas "denotativas", exprimem:

Ideia	Palavras / locuções	Exemplos
Afetividade	felizmente, infelizmente, ainda bem	• *Felizmente* não me machuquei. • *Ainda bem* que o orador foi breve!
Designação ou indicação	eis	• *Eis* o anel que perdi. Ei-lo!
Exclusão	exclusive, menos, exceto, fora, salvo, tirante, senão, sequer	• Voltaram todos, *menos* (ou *exceto*, *salvo*, *fora*) André. • Não me descontou *sequer* um real. • Ninguém, *senão* Deus, poderia salvá-lo.
Inclusão	inclusive, também, mesmo, ainda, até, ademais, além disso, de mais a mais	• Eu *também* vou. • Levou-me para sua casa e *ainda* me deu roupa e dinheiro. • Aqui falta tudo, *até* água.
Limitação	apenas, somente, só, unicamente	• *Só* Deus é perfeito. • *Apenas* um aluno teve nota boa.
Realce	cá, lá, só, é que, sobretudo, mesmo, embora	• Eu *cá* me arranjo. • Você *é que* não se mexe! • É isso *mesmo*! • Veja *só*! • Vá *embora*! • Eu sei *lá* o que ele pretende?
Retificação	aliás, ou melhor, isto é, ou antes	• Venha ao meio-dia, *ou melhor*, venha já. • Aquele casal era japonês, *aliás*, descendente de japoneses. • Finda a saudação cortês, o cavalo calou-se, *isto é*, recolheu o movimento do rabo.
Explanação	isto é, a saber, por exemplo	• Os elementos do mundo físico são quatro, *a saber*: terra, fogo, água e ar.
Situação	afinal, agora, então, mas	• *Afinal*, quem tem razão? • Posso mostrar-lhes o sítio; *agora*, vender eu não vendo. • *Então*, que achou do filme? • *Mas* você fez isso, meu filho?

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

01. (UFOP-MG–2007) Nas expressões: "Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso saber escrever.", pode-se acrescentar, sem prejuízo do significado, o intensificador:

A) Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso sequer saber escrever.

B) Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, somente não é preciso saber escrever.

C) Hoje, não é preciso somente saber escrever pra votar. Hoje, não é preciso saber escrever.

D) Hoje, não é preciso saber escrever pra votar. Hoje, ao menos, não é preciso saber escrever.

02. (PUC-SP–2007) A segunda oração que compõe uma peça publicitária contém a expressão "pratos elaborados **bilhões** e **bilhões** de vezes". Em recente declaração à revista *Veja* a respeito de seu filho, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva fez a seguinte afirmação: (Revista *Veja,* edição 1979 – 25 out. 2006).

"Deve haver um **milhão** de pais reclamando: por que meu filho não é o Ronaldinho? Porque não pode todo mundo ser o Ronaldinho".

A respeito das expressões destacadas em negrito nos trechos, é linguisticamente **ADEQUADO** afirmar que

A) apenas em "bilhões e bilhões", em que "bilhões" é essencialmente advérbio, existe uma indicação precisa de quantidade.

B) apenas em "um milhão", em que "milhão" é essencialmente adjetivo, existe uma indicação precisa de quantidade.

C) em ambas as expressões, que são conjunções coordenativas aditivas, existe uma indicação precisa de quantidade.

D) em ambas as expressões, que são essencialmente numerais, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.

E) apenas em "bilhões e bilhões", em que "bilhões" é essencialmente pronome, existe um uso figurado que expressa exagero intencional.

03. (UFJF-MG) Considerando-se o fragmento "[...] nessa questão de engenharia genética, que promete ser **a** questão do próximo milênio", o artigo definido "a" indica que

A) a questão da engenharia genética será apenas uma das questões do novo milênio.

B) a questão da engenharia genética apresenta ironias implícitas.

C) a questão da engenharia genética será a principal questão do novo milênio.

D) a questão da engenharia genética é a única questão do novo milênio.

04. (ITA-SP–2008) A frase a seguir foi dita por uma atriz como um lamento à insistência dos jornalistas em vasculharem sua vida pessoal.

> "É muito triste você não poder sair para jantar com um amigo sem ser perseguida por ninguém."

Da forma como a frase foi registrada, o sentido produzido é contrário ao supostamente pretendido pela atriz. Assinale a alternativa em que há identificação do(s) elemento(s) que causa(m) tal mal-entendido.

A) Adjetivo (triste)

B) Preposições (para; como; por)

C) Advérbio de intensidade (muito)

D) Locuções verbais (poder sair; ser perseguida)

E) Negação (não; sem; ninguém)

05. (UERJ)

Vestibular UERJ 2001. Construindo o cidadão do futuro.

No enunciado anterior, extraído do folheto de divulgação de um vestibular, o vocábulo "futuro" classifica-se gramaticalmente como substantivo. Se, entretanto, houvesse alteração para "Construindo o cidadão futuro", a mesma palavra seria um adjetivo. Casos como esse permitem considerar substantivos e adjetivos como nomes, que se diferenciam, sobretudo, pelas respectivas características a seguir:

A) Invariabilidade mórfica, variabilidade em gênero e número.
B) Designação de seres e conceitos, expressão de um fenômeno.
C) Termo gerador de nomes derivados, resultado de uma derivação.
D) Papel sintático de termo núcleo, papel sintático de modificador de outro nome.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(Unimontes-MG–2007)

Instrução: As questões de **01** a **08** referem-se ao texto a seguir ou tomam-no como ponto de partida. Leia-o.

Conciliando ciência e religião

A função da ciência não é atacar Deus, mas oferecer uma descrição do mundo mais completa

Para muitos, ciência e religião estão permanentemente em guerra. Desde a famosa crise entre Galileu Galilei e a Inquisição, no século 17, quando o cientista foi forçado a **abjurar**[1] sua convicção de que o Sol e não a Terra era o centro do cosmo, razão e fé aparentam ser incompatíveis. Aos crentes, a religião oferece não só apoio espiritual em momentos difíceis e uma comunidade fraterna e acolhedora, mas também respostas a questões de **caráter**[2] fundamental e misterioso, como a origem do universo, da vida ou da mente.

Na sua maioria, as respostas são relatadas em textos sagrados, escritos por homens que recebem a sabedoria por meio de um processo de revelação **sobrenatural**[3], de Deus (ou de deuses) para os profetas. Para as pessoas de fé, é absurdo contestar a veracidade desses textos, visto que são expressão direta da palavra divina.

A atitude descrita faz parte da ortodoxia de muitas religiões. Nem todos os crentes adotam uma posição radical com relação à veracidade, ou **literalismo**[4], dos textos sagrados. Uma posição mais comum é interpretar os textos como representações simbólicas, um corpo de narrativas dedicadas a construir uma realidade espiritual baseada em certos preceitos morais. Galileu criticou os teólogos católicos, dizendo que a função da Bíblia não é explicar os movimentos dos planetas, mas como obter a salvação eterna ("Não é explicar como os céus vão, mas como se vai para o Céu.").

A adoção de uma postura menos ortodoxa permite uma visão de mundo menos radical, onde a religião e a ciência podem viver em harmonia, cada uma cumprindo sua missão social. O conflito entre as duas não é, de forma alguma, necessário. Basta saber distinguir o que uma ou outra pode e não pode fazer. Isso serve também aos cientistas, em especial aos que têm atitudes ortodoxas contra a religião.

Acho extremamente ingênuo imaginar ser possível um mundo sem religião. Ingênuo e desnecessário. A função da ciência não é tirar Deus das pessoas. É oferecer uma descrição do mundo natural cada vez mais completa, baseada em experimentos e observações que podem ser repetidos ou ao menos contrastados por vários grupos. Com isso, a ciência contribui para aliviar o sofrimento humano, seja ele material ou de caráter metafísico.

A distinção essencial entre ciência e religião está no que cada uma delas pressupõe ser a natureza da realidade. Enquanto a religião adota uma realidade sobrenatural coexistente e capaz de interferir na realidade natural, a ciência aceita apenas uma realidade, a natural. Aqui aparece a razão principal do conflito entre as duas. Para a ciência, não é preciso supor que o que ainda não é acessível ao conhecimento necessite de explicação sobrenatural. O que não sabemos hoje pode, em princípio, vir a ser explicado no futuro. Em outras palavras, a ciência abraça a ignorância, o não saber, como parte necessária de nossa existência, sem lançar mão de causas sobrenaturais para explicar o desconhecido.

Sem dúvida, esse tem sido o seu caminho: explicar de forma clara e racional um número cada vez maior de fenômenos naturais, do funcionamento dos átomos à formação de galáxias e a transmissão do código genético entre os seres vivos. As tecnologias que tanto definem a vida moderna, da revolução digital aos antibióticos, dos meios de transporte ao uso da física nuclear no tratamento do câncer, são fruto desse questionamento. Negar isso é tentar olhar para o mundo de olhos fechados.

A conciliação entre ciência e religião só ocorrerá quando ficar claro o papel social de cada uma. Negar uma ou outra é ignorar que o homem é tanto um ser espiritual quanto racional.

GLEISER, Marcelo. *Folha de S. Paulo*, 25 jun. 2006.

01. Observe o seguinte fragmento, que apresenta uma ideia explicitada no texto.

"A distinção essencial entre ciência e religião está no que cada uma delas pressupõe ser a natureza da realidade."

Assinale a única interpretação **INADEQUADA** desse fragmento.

A) Ciência e religião diferem na sua forma de conceber a realidade.
B) Existem distinções periféricas, secundárias, entre ciência e religião.
C) Para a religião, as situações da realidade são permeadas de fantasia, mas não para a ciência.
D) Tanto a ciência quanto a religião estabelecem reflexões sobre situações do mundo.

02. Entre as posições expostas, qual o autor **NÃO** defende?

A) São prejudiciais tanto o radicalismo da ciência quanto o da religião.
B) Razão e fé são incompatíveis devido ao conflito que geram na sociedade.
C) A ciência procura ater-se à explicação do mundo natural.
D) A ciência aceita o fato de que há fenômenos que ela pode não conseguir explicar.

03. Assinale a única alternativa que **NÃO** revela uma ideia presente no texto.

A) Repudiar a religião ou a ciência revela ingenuidade e ignorância.
B) É necessário saber distinguir os papéis da ciência e da religião na sociedade.
C) A ciência e a religião não apresentam qualquer ponto em comum.
D) Os crentes, em geral, acreditam que não cabe argumentação contrária às verdades estabelecidas pela religião.

04. Entre os elementos lexicais citados, retirados do texto, qual possui maior probabilidade de apresentar polissemia, quando descontextualizado?

A) Sobrenatural (ref. 3)
B) Abjurar (ref. 1)
C) Literalismo (ref. 4)
D) Caráter (ref. 2)

05. A ideia presente no elemento coesivo em destaque foi **CORRETAMENTE** identificada apenas em:

A) "**Enquanto** a religião adota uma realidade sobrenatural [...], a ciência aceita apenas uma realidade, a natural." (6.º§) – Proporção
B) "[...] é absurdo contestar a veracidade desses textos, **visto que** são expressão direta da palavra divina." (2.º§) – Conclusão
C) "**Desde** a famosa crise entre Galileu Galilei e a Inquisição [...]" (1.º§) – Tempo
D) "A função da ciência não é atacar Deus, **mas** oferecer uma descrição do mundo mais completa" (no subtítulo) – Oposição

06. Em qual das alternativas, a palavra negritada é um pronome?

A) "Nem todos **os** crentes adotam uma posição radical com relação à veracidade [...]" (3.º§)
B) "**O** que não sabemos hoje pode, em princípio, vir a ser explicado no futuro." (6.º§)
C) "Sem dúvida, esse tem sido **o** seu caminho [...]" (7.º§)
D) "[...] a ciência abraça a ignorância, **o** não saber, como parte necessária de nossa existência [...]" (6.º§)

07. Dos adjetivos destacados, o que, dependendo do uso, pode funcionar também como verbo é

A) "... vida **moderna**..." (7.º§)
B) "... olhos **fechados**." (7.º§)
C) "... revolução **digital**..." (7.º§)
D) "... palavra **divina**..." (2.º§)

08. (Milton Campos-MG–2010) O termo destacado só **NÃO** desempenha função substantiva em:

A) "É só porque **todo** mundo é tão estúpido [...]"
B) "[...] **governar** só é assim tão difícil [...]"
C) "[...] **ele** nasceria por certo em outro lugar."
D) "[...] não havia **necessidade** de ditadores [...]"

09. (Milton Campos-MG–2010) Em todos os fragmentos, destacaram-se termos que modificam o verbo, **EXCETO** em

A) "**Todos os dias** os ministros dizem ao povo [...]"
B) "Não é nada **provável** e, se o fosse [...]"
C) "[...] **nunca** mais haveria guerra."
D) "[...] ele nasceria por certo **em outro lugar**."

10. (UEPB–2011) "Um comediante popular, como Tom Cavalcante, costuma dizer que a diferença está no uso da voz, não na idade da piada."

Analise as proposições e marque a alternativa que apresenta a(s) **CORRETA(S)**.

I - O artigo indefinido usado em "Um comediante" assume no contexto função semântica valorativa.

II - O termo "não", no enunciado, foi usado como formador de sentido e funciona como recurso argumentativo.

III - O termo "como", no enunciado, foi usado para produzir um efeito de relação conformativa.

A) I e II
B) II apenas
C) I e III
D) II e III
E) III apenas

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2001) Nas conversas diárias, utiliza-se frequentemente a palavra **próprio** e ela se ajusta a várias situações. Leia os exemplos de diálogos:

I.
– A Vera se veste diferente!
– É mesmo, é que ela tem um estilo **próprio**.

II.
– A Lena já viu esse filme uma dezena de vezes! Eu não consigo ver o que ele tem de tão maravilhoso assim.
– É que ele é **próprio** para adolescente.

III.
– Dora, o que eu faço? Ando tão preocupada com o Fabinho! Meu filho está impossível!
– Relaxa, Tânia! É **próprio** da idade. Com o tempo, ele se acomoda.

Nas ocorrências I, II e III, "próprio" é sinônimo de, respectivamente,

A) adequado, particular, típico.
B) peculiar, adequado, característico.
C) conveniente, adequado, particular.
D) adequado, exclusivo, conveniente.
E) peculiar, exclusivo, característico.

02. (Enem–2002)

A crônica muitas vezes constitui um espaço para reflexão sobre aspectos da sociedade em que vivemos.

"Eu, na rua, com pressa, e o menino segurou no meu braço, falou qualquer coisa que não entendi. Fui logo dizendo que não tinha, certa de que ele estava pedindo dinheiro. Não estava. Queria saber a hora.

Talvez não fosse um Menino De Família, mas também não era um Menino De Rua. É assim que a gente divide. Menino De Família é aquele bem-vestido com tênis da moda e camiseta de marca, que usa relógio e a mãe dá outro se o dele for roubado por um Menino De Rua. Menino De Rua é aquele que quando a gente passa perto segura a bolsa com força porque pensa que ele é pivete, trombadinha, ladrão. [...] Na verdade não existem meninos DE rua. Existem meninos NA rua. E toda vez que um menino está NA rua é porque alguém o botou lá.

LÍNGUA PORTUGUESA

Os meninos não vão sozinhos aos lugares. Assim como são postos no mundo, durante muitos anos também são postos onde quer que estejam. Resta ver quem os põe na rua. E por quê.”

COLASANTI, Marina. In: *Eu sei, mas não devia*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

No terceiro parágrafo em “[...] não existem meninos De rua. Existem meninos NA rua, a troca de De pelo Na determina que a relação de sentido entre menino e rua seja

A) de localização e não de qualidade.
B) de origem e não de posse.
C) de origem e não de localização.
D) de qualidade e não de origem.
E) de posse e não de localização.

03. (Enem–2009)

XAVIER, C. Quadrinho quadrado. Disponível em: <http://www.releituras.com>. Acesso em: 5 jul. 2009.

Tendo em vista a segunda fala do personagem entrevistado, constata-se que

A) o entrevistado deseja convencer o jornalista a não publicar um livro.
B) o principal objetivo do entrevistado é explicar o significado da palavra motivação.
C) são utilizados diversos recursos da linguagem literária, tais como a metáfora e a metonímia.
D) o entrevistado deseja informar de modo objetivo o jornalista sobre as etapas de produção de um livro.
E) o principal objetivo do entrevistado é evidenciar seu sentimento com relação ao processo de produção de um livro.

GABARITO

Fixação

01. A
02. D
03. C
04. E
05. D

Propostos

01. C
02. B
03. C
04. D
05. C
06. B
07. B
08. A
09. B
10. B

Seção Enem

01. B
02. A
03. E

LÍNGUA PORTUGUESA

MÓDULO 03 | FRENTE C

Pronomes pessoais

Os pronomes pessoais, classe que será estudada neste módulo, são grandes aliados para estabelecer coesão em um texto. São, normalmente, pronomes **anafóricos**, porque **retomam e substituem termos já mencionados** – em oposição aos **catafóricos**, que **introduzem termos novos**. Além de conhecermos esses pronomes, vamos aprender a empregá-los corretamente segundo suas funções e a posicioná-los corretamente na estrutura frasal.

PRONOMES PESSOAIS

Indicam, explicitamente, as três pessoas do discurso.

1ª pessoa: quem fala

2ª pessoa: com quem se fala

3ª pessoa: de quem / que se fala

Singular			
Pessoas do discurso	**Retos**	**Oblíquos Átonos**	**Oblíquos Tônicos**
1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	eu tu ele, ela	me te o, a, lhe, se	mim, comigo ti, contigo si, consigo, ele, ela
Plural			
Pessoas do discurso	**Retos**	**Oblíquos Átonos**	**Oblíquos Tônicos**
1ª pessoa 2ª pessoa 3ª pessoa	nós vós eles, elas	nos vos os, as, lhes, se	nós, conosco vós, convosco si, consigo, eles, elas

Os pronomes pessoais participam da construção da coesão textual de duas maneiras:

A) Relacionam o enunciado à enunciação, distribuindo os papéis de falante (quem fala), ouvinte (com quem se fala) e assunto (de quem / que se fala).

B) Substituem nomes já mencionados na frase ou no texto.

Leia a anedota a seguir:

Editoria de Arte

Um dia, no Jardim do Éden, Eva falou para Deus:

– Senhor, **eu** tenho um problema.

– Qual é o problema, Eva?

– Senhor, sei que **Vós me** criastes, **me** destes este lindo jardim, e esses maravilhosos animais, até essa serpente engraçadinha, mas **eu** não **me** sinto feliz.

– Por que isso, Eva?

– Senhor, **eu** estou solitária e já não aguento mais comer maçãs.

– Bom, Eva, neste caso, **eu** acho que tenho uma solução. **Eu** posso criar um homem para ti...

– O que é um homem, Senhor?

– O homem é uma criatura defeituosa, com tendências agressivas, um ego gigantesco e incapaz de compreender-**te** ou escutar-**te**. Se viver **contigo**, **ele** vai realmente **te** dar muito trabalho. Entretanto, **eu lhe** darei força: **ele** será maior, mais rápido e terá mais músculos que **tu**; **ele** será muito bom para lutar, chutar uma bola e caçar ruminantes indefesos. **Tu** poderás usá-**lo** para teu prazer e para carregar pacotes, abrir a porta, trocar o pneu do carro e pagar tuas contas.

– Parece bom!

– Mas **tu** só poderás tê-**lo** com uma condição.

– Qual é, Senhor?

– Deves deixá-**lo** pensar que **eu o** fiz antes...

Disponível em: <http://www.anedotas.rir.com.pt/estudos_conceitos_anedotas.php>. (Adaptação).

A criação de Adão. Pintura de Michelângelo, no teto da Capela Sistina.

Nesse divertido diálogo, os interlocutores, Deus e Eva, utilizam pronomes de primeira pessoa – "eu" e "me" – para se representarem no discurso. Utilizam pronomes de segunda pessoa para dirigirem-se um ao outro. Eva trata Deus na segunda pessoa do plural, o que é evidenciado tanto na presença do pronome "vós" quanto de formas verbais próprias dessa pessoa do discurso ("criastes", "destes"). Deus, por sua vez, trata Eva também em segunda pessoa, mas do singular, utilizando para isso os pronomes "tu", "ti" e "contigo", bem como formas verbais próprias dessa pessoa do discurso ("poderás", "deves"). Deus também usa pronomes de terceira pessoa – "ele", "lhe", "lo" / "o" – para fazer referência ao assunto da conversa: o homem.

Ao permitirem sucessivas remissões, os pronomes pessoais contribuem para a coesão dos enunciados, evitando repetições lexicais excessivas: "me" retoma "eu" na fala de Eva; "ti", "te", "contigo" retomam, na fala de Deus, o pronome "tu" por que Eva é tratada; "ele", "lhe", "lo" / "o" retomam o substantivo "homem".

O jogo eu-tu-ele determina a escolha dos pronomes de primeira, segunda e terceira pessoa. Na anedota, Deus usa o pronome "ele" para fazer referência ao homem, assunto de sua fala. A partir de então, ao fazer sucessivas retomadas desse assunto, continua usando a terceira pessoa: "lhe", "o". As diferentes formas dos pronomes pessoais de terceira pessoa – "ele", "lhe", "o" – são usadas nas frases de acordo com a função que eles desempenham: a forma "ele", caso reto, é empregada sem preposição na função de sujeito; "lo" / "o", forma oblíqua átona, é específica da função de objeto direto; "lhe", também forma oblíqua átona, é empregada na função de objeto indireto. Observe que Deus também utiliza diferentes pronomes de segunda pessoa para dialogar com Eva. A forma "tu" (reto) é usada na função de sujeito; a forma "te" (oblíquo átono) ora desempenha a função de objeto direto, ora de objeto indireto; a forma "ti" (pronome tônico) aparece preposicionada e funciona como objeto indireto; a forma "contigo" (também pronome tônico) desempenha função de adjunto adverbial. Como é possível perceber, o uso adequado das formas dos pronomes pessoais depende da função sintática que esses termos desempenham na frase.

Vale observar que, no português brasileiro, não é comum que os falantes tratem seus interlocutores em segunda pessoa. Ainda que em algumas regiões do país seja corriqueiro ouvir os pronomes "tu", "ti", "contigo", não é comum que os falantes conjuguem os verbos nessa pessoa. Há, sim, uma mistura entre pronomes de segunda pessoa e formas verbais de terceira pessoa. Entretanto, essa mistura deve restringir-se à modalidade oral, em que são aceitáveis desvios. Na língua escrita, deve-se atentar para a coerência entre os pronomes e as formas verbais para garantir a clareza e a uniformidade de tratamento, evitando-se possíveis ambiguidades.

EMPREGO DOS PRONOMES PESSOAIS

	PRONOMES	RETOS	OBLÍQUOS	
			ÁTONOS	TÔNICOS
SINGULAR	1ª pessoa	EU	ME	MIM, COMIGO
	2ª pessoa	TU	TE	TI, CONTIGO
	3ª pessoa	ELE	O, A, LHE, SE	SI, ELE, ELA, CONSIGO
PLURAL	1ª pessoa	NÓS	NOS	NÓS, CONOSCO
	2ª pessoa	VÓS	VOS	VÓS, CONVOSCO
	3ª pessoa	ELES	OS, AS, LHES, SE	SI, ELES, ELAS, CONSIGO

Legenda (cores):
- Vermelho: Funcionam como sujeito e, às vezes, como predicativo.
- Preto: Funcionam como objetos diretos ou como sujeitos do infinitivo.
- Roxo: Funcionam como objetos indiretos ou como adjuntos adnominais indicando posse.
- Verde: Funcionam como objetos diretos ou indiretos, de acordo com a transitividade do verbo, ou como adjuntos adnominais indicando posse, ou o sujeito do infinitivo.
- Amarelo: Funcionam como objetos indiretos ou complementos nominais ou agentes da passiva ou adjuntos adverbiais e aparecem sempre preposicionados.
- Rosa: Funcionam como adjuntos adverbiais e nunca aparecem preposicionados, pois já são uma contração entre a preposição "com" e os pronomes arcaicos "migo", "tigo", "sigo", "nosco" e "vosco".

Emprego dos pronomes pessoais

01. Os **pronomes pessoais do caso reto** são usados como **sujeito** e, algumas vezes, como **predicativo do sujeito**.

– ***Nós*** *ouvíamos a exposição atentamente*.
↓
sujeito

– ***Eu*** *não sou* ***ela***.
↓ ↓
sujeito predicativo do sujeito

– ***Eu*** *não sou* ***eu*** *quando estou a seu lado*.
↓ ↓
sujeito predicativo do sujeito

> Quando precedidos de preposição, os pronomes retos (exceto "eu" e "tu") passam a funcionar como oblíquos, como se vê em: *Deixaram o livro para* **ela**.

02. As formas **tu** e **vós** podem exercer a função sintática de **vocativo**.

– **Tu**, *mulher amada*!

03. Os pronomes oblíquos átonos **o, a, os, as** exercem a função sintática de **objeto direto**.

– *Ela encontrou-***o** *exausto naquele dia*.
– *Nós não* **a** *ouviremos hoje*.

- Quando se colocam os pronomes oblíquos **o, a, os, as** após verbos terminados em R, S ou Z, ocorre alteração.

– escrever + a → escrevê-la
– vimos + o → vimo-lo
– fez + as → fê-las

- Quando o verbo terminar em som nasal (-m, -ão, -õe), os pronomes **o**, **a**, **os**, **as**, em ênclise, sofrem alteração.

– encontraram + o → encontraram-no
– dão + o → dão-no

04. Os pronomes oblíquos átonos podem exercer, em alguns poucos casos, a função sintática de **sujeito de infinitivo**. Isso ocorre quando, na oração principal, há verbos causativos (*mandar*, *deixar*, *fazer*) e sensitivos (*ver*, *sentir*, *ouvir*, *escutar*).

1ª oração 2ª oração

– *Deixe* **o menino** *sair da sala*.
↓ ↓ ↓
verbo causativo sujeito verbo no infinitivo

– *Deixe–***o** *sair da sala*.
↓
sujeito de infinitivo

05. O pronome oblíquo átono **lhe** exerce a função de **objeto indireto**.

– *Entreguei-***lhe** *o documento*.
↓
objeto indireto

> O pronome **lhe** só poderá ser empregado como **objeto indireto** quando se referir a pessoa. Ao se referir a **coisa** ou **objeto**, deve ser substituído pelas formas: **a ele, a ela, a eles, a elas**, como se pode ver em: "José obedece **às leis de trânsito**" (= José obedece **a elas**).

06. Os **pronomes oblíquos átonos** podem assumir **valor possessivo**, exercendo a função sintática de **adjunto adnominal**. Isso ocorre quando se puder substituir o pronome oblíquo e o artigo definido posposto a ele pelos pronomes possessivos correspondentes, como se pode ver a seguir.

– *Escutei-***lhe** *os conselhos*. = *Escutei os conselhos* **dele**.
– *Roubaram-***me** *o livro*. = *Roubaram* **meu** *livro*.

07. Os pronomes **se**, **si** e **consigo** assumem valor reflexivo. No Brasil, os dois últimos devem ser empregados unicamente com este valor.

– *Ele feriu-***se**.
– *Cada um termine por* ***si*** *mesmo o exercício.*
– *O professor levou as provas* **consigo**.

08. **Conosco** e **convosco** são utilizados normalmente em sua forma sintética. Caso haja **palavra de reforço**, devem ser substituídos pela **forma analítica** (com nós / com vós).

– *Queriam falar* **conosco**.
com nós *três*.

09. **eu / tu x mim / ti**

Quando precedidas de preposição, não se usam as formas retas **eu** e **tu**, mas as formas oblíquas **mim** e **ti**.

– *Ninguém irá sem* **mim**.
– *Nunca houve problemas entre* **mim** *e* **ti**.

Empregam-se as formas retas **eu** e **tu**, mesmo se precedidas de preposição, quando essas formas funcionam como **sujeitos** de um verbo no infinitivo.

Deram o livro para **eu** ler.
eu = sujeito
Deram o livro para **tu** leres.
tu = sujeito

> Em frases similares às apresentadas a seguir,
> **A)** Ficou difícil para *mim* estudar biologia.
> **B)** Estava interessante para *mim* sair à noite.
> o emprego do pronome oblíquo se justifica porque se trata de **hipérbato** – inversão da ordem natural da frase. Voltando as frases para a ordem tradicional, teríamos:
> **A)** Estudar biologia ficou difícil para mim.
> **B)** Sair à noite estava interessante para mim.
> Para facilitar a compreensão, pode-se afirmar que, **quando aparecer verbo de ligação + predicativo do sujeito, deve-se usar pronome oblíquo**. Sintetizando:
> **VL + PS = MIM**

CONTRAÇÃO DOS PRONOMES OBLÍQUOS

Os pronomes oblíquos *me*, *te*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes* contraem-se com os pronomes átonos *o*, *a*, *os*, *as* da seguinte maneira:

me + o = mo	te + o = to	lhe + o = lho
me + a = ma	te + a = ta	lhe + a = lha
me + os = mos	te + os = tos	lhe + os = lhos
me + as = mas	te + as = tas	lhe + as = lhas
nos + o = no-lo	vos + o = vo-lo	lhes + o = lho
nos + a = no-la	vos + a = vo-la	lhes + a = lha
nos + os = no-los	vos + os = vo-los	lhes + os = lhos
nos + as = no-las	vos + as = vo-las	lhes + as = lhas

Exemplos:

- *Recebi os livros e gratifiquei o rapaz que* **mos** *entregou.*
- *Se ele pedir a moto, eu* **lha** *emprestarei*.
- "*Meu pai, que* **mas** *impôs inexoravelmente, considerava-as maravilhas*." (Vivaldo Coaraci)
- "*Punha a cereja, e a rir* **ma** *ofertava sem pejo*." (Raimundo Correia)
- "*O coração humano tem seus abismos e às vezes* **no-los** *mostra com crueza*." (Cyro dos Anjos)
- "*Comeríamos à mesa, se* **no-lo** *ordenassem as escrituras*." (Carlos Drummond de Andrade)
- "*O que os santos têm de mais sagrado são os pés. Por isso os antigos fiéis* **lhos** *beijavam*." (Mario Quintana)

O emprego desses conglomerados pronominais restringe-se à língua escrita, nas modalidades literária e científica. Em geral, os autores brasileiros de hoje os evitam, dado o artificialismo de tais contrações.

PRONOMES PESSOAIS DE TRATAMENTO

Entre os pronomes pessoais, incluem-se os pronomes de tratamento, também chamados formas de tratamento, utilizados no trato com as pessoas. Dependendo da pessoa a quem nos dirigimos, do seu cargo, título, idade, dignidade, o tratamento será familiar ou cerimonioso.

Eis os principais pronomes de tratamento, seguidos de suas abreviaturas, que, de modo geral, devem ser evitadas:

Pronome	Abreviatura	Contexto de uso
Você	v.	No tratamento familiar, informal
O senhor A senhora	Sr. Sr.ª	No tratamento de respeito
A senhorita	Sr.ta	A moças solteiras
Vossa Senhoria	V.S.ª	Para pessoas de cerimônia, principalmente na correspondência comercial; para funcionários graduados
Vossa Excelência	V.Ex.ª	Para altas autoridades
Vossa Reverendíssima	V.Rev.ma	Para sacerdotes
Vossa Eminência	V.Em.ª	Para cardeais
Vossa Santidade	V.S.	Para o papa
Vossa Majestade	V.M.	Para reis e rainhas
Vossa Majestade Imperial	V.M.I.	Para imperadores
Vossa Alteza	V.A.	Para príncipes, princesas e duques

Esses pronomes devem ser usados com as formas verbais e os pronomes possessivos da 3ª pessoa. Veja os exemplos:

- **Vossa Majestade pode** *partir tranquilo para a* **sua** *expedição*.
- *Gostaria de solicitar a* **Vossa Excelência** *que* **resolva** *o impasse entre os deputados de* **sua** *Câmara.*

Quando não se referem ao interlocutor, mas ao assunto da conversa (3ª pessoa), apresentam-se com o possessivo **sua**: Sua Senhoria, Sua Excelência, Sua Majestade, etc.

Exemplos:

- **Sua Excelência** *volta hoje para Brasília*.
- *Certa manhã,* **Sua Majestade,** *o Rei Marcos I, acordou ao som de tiros.*

COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Os pronomes pessoais oblíquos átonos **me, te, se, lhe, o, a, nos, vos, lhes, os, as** podem vir antes, no meio ou depois do verbo.

Observe:

A) Ela não **te** viu.
↑
antes do verbo = **próclise**

B) Dir-**lhe**-emos
↑
no meio do verbo = **mesóclise**

C) Dê-**me** isto.
↑
depois do verbo = **ênclise**

	Próclise	Mesóclise	Ênclise	Exemplos
Com advérbios e expressões negativas	X			Não **te** conheci.
Com pronomes interrogativos	X			Quem **me** telefonou?
Com pronomes relativos	X			Eis a praia onde **me** perdi.
Com pronomes indefinidos	X			Todos **o** aplaudiram.
Com pronomes demonstrativos (**isto, isso, aquilo**)	X			Isto **me** pertence.
Com conjunções subordinativas	X			Quando **se** encontraram, riram.
Com orações exclamativas e optativas	X			Deus **te** crie!
Com gerúndio precedido da preposição **em**	X			Em **se** lembrando, venha.
Com futuro do presente sem caso de próclise. Quando não há na frase um dos elementos acima mencionados.		X		Chamar-**nos**-ão para o teste.
Com futuro do pretérito sem caso de próclise		X		Dar-**lhe**-iam o prêmio.
Com orações imperativas afirmativas			X	Traga-**me** a água.
Com gerúndio (sem preposição)			X	... encontrando-**nos**.
Com infinitivo impessoal e com preposição			X	... a ouvi-**la**.
Período iniciado por verbo			X	Disseram-**me** a verdade.
Período iniciado pela partícula **eis**			X	Eis-**me** aqui.
Período iniciado por termo seguido de vírgula e de verbo			X	Meu caro, deram-**me** muitas esperanças.

O infinitivo anula as regras de próclise obrigatória.

O problema foi não **o** encontrar.

O problema foi não encontrá-**lo**.

COLOCAÇÃO DE PRONOMES ÁTONOS NAS LOCUÇÕES VERBAIS

01. Com verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio

Se não houver fator que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado:

A) Depois do verbo auxiliar.

– *Devo*-**lhe** *mandar o livro hoje*.

– *Vinha*-**se** *arrastando pelas ruas*.

B) Depois do infinitivo ou gerúndio.

– *Devo mandar*-**lhe** *o livro hoje*.

– *Vinha arrastando*-**se** *pelas ruas*.

Se houver fator que justifique a próclise, o pronome poderá ser colocado:

A) Antes do verbo auxiliar.

– *Nada* **lhe** *devo contar*.

– *Todos* **nos** *estavam esperando*.

B) Depois do infinitivo ou gerúndio.

– *Nada devo contar*-**lhe.**

– *Todos estavam esperando*-**nos.**

02. Com verbo auxiliar + particípio

Se não houver fator que justifique a próclise, o pronome ficará depois do verbo auxiliar.

– *Haviam*-**me** *oferecido um bom emprego*.

Se houver fator que justifique a próclise, o pronome ficará antes do verbo auxiliar.

– *Não* **me** *haviam oferecido nada de bom*.

Não se pospõe pronome átono a particípio.

EXERCÍCIOS DE FIXAÇÃO

(UFTM-MG–2007) Observe os quadrinhos para responder às questões de números **01** e **02**.

Mort Walker. *Recruta Zero*

01. Considere as seguintes frases, formuladas a partir do texto:

I. Se eu o dissesse que fosse ataca-los, você os atacava?
II. Distraia-os, que eu o cobrirei.
III. Estou esperando a fim de ver se você os distraí bem.
IV. Se caso você, inadvertidamente, os distraem mal, eu não posso atacar.
V. Você não os está atacando por quê?

Estão redigidas de acordo com a norma culta apenas as frases

A) I e III.
B) II e V.
C) I, III e IV.
D) II, III e IV.
E) II, IV e V.

02. Ocorre quebra da uniformidade de tratamento no texto, própria de soluções da língua coloquial,

A) na escolha do tratamento "você" para referir-se aos dois interlocutores.
B) na combinação de "-los" (em "distraí-los") com "cobrir você".
C) no emprego de "vai" associado ao pronome de 3ª pessoa "você".
D) no emprego indistinto de verbos em 3ª pessoa para os dois interlocutores.
E) na intercalação de frases declarativas e exclamativas, aleatoriamente.

03. (UFU-MG) Assinale a única alternativa em que a expressão em destaque pode ser substituída por **lhe(s)**.

A) "... ilusão de *status* quando oferece **a todos** sonhos de consumo acessíveis a poucos."
B) "... longe de informarem **sobre a real situação da segurança pública** nacional, são apresentados como exemplos dos limites da perversidade humana..."
C) "... limitar-se-ia a seus, até então, anônimos personagens, não fosse o sadismo doentio de telespectadores cujo entretenimento diário é assistir **a dramas privados expostos em rede nacional de televisão**."
D) "... tais temas talvez fossem um desestímulo **ao telespectador** a se tornar consumidor..."

04. (FGV-SP) Assinale o item em que há erro quanto ao emprego dos pronomes "se", "si" ou "consigo".

A) Feriu-se quando brincava com o revólver e o virou para si.

B) Ele só cuidava de si.

C) Quando V.S.ª vier, traga consigo a informação pedida.

D) Ele se arroga o direito de vetar tais artigos.

E) Espere um momento, pois tenho de falar consigo.

05. Complete as lacunas com **eu** e **mim**.

I. Minha irmã deixou toda a louça para ______ enxugar.

II. É muito difícil para ______ acreditar na tua história.

III. O amigo não tinha alugado o apartamento para ______ ?

IV. Entregou as fotografias para ______ selecionar as melhores.

V. É muito incômodo para ______ durante uma hora seguida.

A) eu – eu – mim – eu – eu

B) mim – mim – mim – mim – mim

C) eu – eu – mim – mim – mim

D) eu – mim – mim – eu – mim

E) mim – eu – mim – eu – mim

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

(Milton Campos-MG–2008)

Instrução: Leia com atenção o texto a seguir, pois as questões de **01** a **08** referem-se a ele.

A Idade da Comunicação

Foi-lhe posto o nome de Babel... Vamos mudar um pouco o texto de Gênesis antes de terminar a frase: foi-lhe posto o nome de Idade da Comunicação, porque nela sucedeu a confusão de linguagem de texto na Terra. Ainda ficaria mais certo dizer "das linguagens", incluindo na confusão as comunicações orais, escritas, iconográficas, tácteis, etc. [...]

As notícias dão a volta ao mundo antes que uma dona-de-casa faça chegar a uma vizinha a cortesia de um pedaço de bolo. Não há uma ilha perdida para Robinson nem uma rota desconhecida para Ulisses. Uma pessoa pode ocupar todas as horas do dia informando-se do que se passa no resto do mundo. As palavras básicas de todas as comunidades e nações são as mesmas: paz, amor, liberdade, fraternidade, justiça, democracia, bem-estar, riqueza coletiva. Mas a comunicação não se estabelece. Dizemos paz e fazemos guerra. Proclamamos o amor e puxamos as armas. Liberdade, fraternidade e justiça relativa são espaços vitais, apenas concedidos a quem está conosco. Bem-estar ou riqueza é apanágio da aristocracia argentária.

O Senhor espalhou os babélicos por toda a Terra, e eles cessaram de edificar a cidade; em vez desta, construíram a Aldeia Global e inventaram a Idade da Comunicação.

Mas é o velho apólogo que se repete: procura-se a Comunicação, isto é, um cego tenta agarrar num quarto escuro um gato que não está lá dentro. Conseguiu criar para isso diversos engenhos, laços, arapucas, jornais, rádio, televisão; faz discursos e ameaças, chia como um rato ou ronrona como gata no cio. Mas nada pode acontecer: a comunicação não é deflagrada.

As personalidades de marido e mulher são intensas e incompatíveis. Os pais assumem para com os filhos uma atitude ou canhestra ou violenta. Para a contestação, os jovens não precisam saber o conteúdo daquilo que contestam. Os patrões, é claro, não possuem a mesma "cosmovisão" dos empregados. Alunos e mestre se divorciam no primeiro dia de aula. O mestre que quer entender demais os alunos passou para o outro lado; o que acata os pontos de vista do corpo docente passou a ser um vendido. Os continentes brigam, as nações não se entendem, as raças se hostilizam [...]

É a neurose global. Pois, mesmo a nível de indivíduos, as comunicações internas são precárias. Comigo me desavim – como falava Sá de Miranda. Estamos por dentro, cada um de nós, cheios de ligações erradas, de informações falsas ou equívocas: nossas paixões famélicas não se comunicam com o nosso tíbio amor pelo conhecimento da verdade; nosso egoísmo não nos transmite sinal algum do que se passa com o próximo em um naufrágio.

É a Idade da Comunicação.

CAMPOS, Paulo Mendes. (Adaptação).

01. Na caracterização da Idade da Comunicação, o autor evidencia

A) radicalismo, ao mostrar a grande contradição entre as palavras e os atos dos povos.

B) senso crítico, ao sugerir que o processo de interação não consegue atingir as metas almejadas.

C) pessimismo, ao retratar o despreparo da humanidade para lidar com as demandas da tecnologia.

D) revolta, ao constatar a violação da privacidade do mundo interior do indivíduo.

02. Ao apresentar suas objeções a respeito da Idade da Comunicação, o autor

A) explicita os motivos que levam os homens modernos à perda do prazer de viver.

B) usa, como recurso recorrente, o desejo de exorcizar os veículos de comunicação como rádio, televisão e jornal.

C) responsabiliza a neurose global pelo aniquilamento das perspectivas de futuro impostas aos indivíduos.

D) arrola fatos e exemplos que vão ganhando importância no desenvolvimento da temática.

03. A partir do fragmento "Não há uma ilha perdida para Robinson...", pode-se inferir que

A) os humanos não encontram, no contexto da atualidade, espaços nos quais possam viver isolados.

B) o homem contemporâneo é um ser social, por isso não aspira a condições de isolamento.

C) a sociedade moderna cerceou, nos indivíduos, o desejo de atingir a plenitude do viver solitário.

D) o automatismo do mundo atual faz com que os humanos repudiem a solidão.

04. Só **NÃO** caracteriza postura do autor no texto a seguinte afirmativa:

A) Contextualiza sua fala para melhor fundamentá-la.

B) Constrói seu raciocínio em torno de polos antagônicos.

C) Tece considerações tendenciosas ao fazer a apologia do processo da comunicação moderna.

D) Recorre à conotação para enriquecer o seu texto.

05. Leia o fragmento, atentando para as palavras em destaque.

"Uma pessoa pode ocupar **todas** as **horas** do dia informando-se do **que** se passa no **resto** do mundo."

Pode-se afirmar que exerce função adjetiva apenas o termo

A) que.

B) resto.

C) horas.

D) todas.

06. Assinale a alternativa que contenha a ideia expressa pelo elemento de coesão.

"Proclamamos o amor **e** puxamos as armas."

A) Adversidade

B) Adição

C) Inclusão

D) Retificação

07. O deslocamento do pronome pessoal **NÃO** infringe os padrões da língua culta escrita em:

A) "Alunos e mestres se divorciam..."

(Alunos e mestres divorciam-se.)

B) "Foi-lhe posto o nome de Babel..."

(Foi posto-lhe o nome de Babel.)

C) "Mas a comunicação não se estabelece."

(Mas a comunicação não estabelece-se.)

D) "Mas é o velho apólogo que se repete..."

(Mas é o velho apólogo que repete-se.)

08. (Milton Campos-MG–2010) Observe a colocação pronominal nos fragmentos a seguir:

I. "E atrever-se-ia a nascer o sol..."

II. "É também difícil, ao que nos é dito..."

III. "Não há dúvida que se semearia centeio..."

Considerando-se os padrões da língua culta escrita, pode-se afirmar que o uso da ênclise seria **INCORRETO** em

A) I e III, apenas.

B) II, apenas.

C) I, II e III

D) I, apenas.

09. (FGV-SP–2010) O fragmento a seguir, extraído do conto "Conversão de um Avaro", de Machado de Assis, é a base para esta questão.

"Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali lhe entrava pela sala. Pois quê! Onde, quando, de que modo, em que circunstâncias Gil Gomes calçara nunca luvas? Trazia um par de luvas, — é verdade que de lã grossa, — mas enfim luvas, que na opinião dele eram inutilidades. Foi a única despesa séria que fez; mas fê-la."

ASSIS, Machado de. "Contos fluminenses II". In: *Obras completas de Machado de Assis*. São Paulo: W. M. Jackson Inc., 1957, p. 293.

A) **CLASSIFIQUE** morfologicamente o termo destacado em negrito na passagem "que na opinião **dele** eram inutilidades." e **APONTE** a quem ele se refere. **JUSTIFIQUE** sua resposta.

B) Tendo em vista o termo em negrito do trecho "Quando ele apareceu à porta, José Borges esfregou os olhos como para certificar-se que não era sonho, e que efetivamente o colchoeiro ali **lhe** entrava pela sala.", **EXPLIQUE** seu uso e seu efeito de sentido.

10. (CEFET-MG–2011) A alteração na ordem da palavra em destaque promoveu um desvio da norma padrão, **EXCETO** em:

A) "Já não se encolhe [...]"

Já não encolhe-se [...]

B) "[...] as pessoas nunca se comunicaram tanto quanto na internet [...]"

[...] as pessoas nunca comunicaram-se tanto quanto na internet [...]

C) "[...] que se abre de par em par, passando para o outro lado, e se entregando [...]"

"[...] que se abre de par em par, passando para o outro lado, e entregando-se [...]"

D) "[...] a não ser por medo de sair à noite, pela insegurança que se alastra [...]"

[...] a não ser por medo de sair à noite, pela insegurança que alastra-se [...]

E) "Encontram-se, em bibliotecas monumentais como a do Congresso americano [...]"

Se encontram, em bibliotecas monumentais como a do Congresso americano [...]

11. (UFT–2011) Considere as seguintes afirmações acerca do uso dos pronomes na variedade padrão e em outras variedades do português brasileiro:

I. Em "Se quiser, eu posso lhe levar em casa", o pronome lhe, principalmente na língua falada, não se refere a ele ou ela, mas sim a você. A mesma lógica pode ser aplicada ao uso que o escrevente fez ao escrever "amo-lhe".

II. O uso dos pronomes na sentença "Eu te vi ontem na rua, te chamei, mas você não escutou" está de acordo com o que gramática normativa prescreve.

III. De acordo com a variedade padrão, os pronomes oblíquos átonos de terceira pessoa lhe e lhes funcionam como complementos verbais e são próprios do objeto indireto.

IV. Nas variedades não padrão, é comum encontrarem-se usos que diferem da variedade padrão. Um exemplo disso é o uso dos pronomes pessoais ele e ela na posição de complemento verbal, como em "Eu conheci ele ontem".

Das afirmações anteriores

A) apenas I está correta.

B) apenas II está correta.

C) apenas II e IV estão corretas.

D) apenas I, II e III estão corretas.

E) apenas I, III e IV estão corretas.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem–2000) O uso do pronome átono no início das frases é destacado por um poeta e por um gramático nos textos adiante.

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido

Mas o bom negro e o bom branco
da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

ANDRADE, Oswald de. *Seleção de textos*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

"Iniciar a frase com pronome átono só é lícito na conversação familiar, despreocupada, ou na língua escrita quando se deseja reproduzir a fala dos personagens [...]."

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Nacional, 1980.

Comparando a explicação dada pelos autores sobre essa regra, pode-se afirmar que ambos

A) condenam essa regra gramatical.

B) acreditam que apenas os esclarecidos sabem essa regra.

C) criticam a presença de regras na gramática.

D) afirmam que não há regras para uso de pronomes.

E) relativizam essa regra gramatical.

02. (Enem–1998)

Aí, Galera

Jogadores de futebol podem ser vítimas de estereotipação. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo "estereotipação"? E, no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos aficionados do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no recesso dos seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.
– Certo. Você quer dizer mais alguma coisa?
– Posso dirigir uma mensagem de caráter sentimental, algo banal, talvez mesmo previsível e piegas, a uma pessoa à qual sou ligado por razões, inclusive, genéticas?
– Pode.
– Uma saudação para a minha progenitora.
– Como é?
– Alô, mamãe!
– Estou vendo que você é um, um...
– Um jogador que confunde o entrevistador, pois não corresponde à expectativa de que o atleta seja um ser algo primitivo com dificuldade de expressão e assim sabota a estereotipação?
– Estereoquê?
– Um chato?
– Isso.

Correio Braziliense, 13 mai. 1998.

A expressão "pegá eles sem calça" poderia ser substituída, sem comprometimento de sentido, em língua culta, formal, por

A) pegá-los na mentira.
B) pegá-los desprevenidos.
C) pegá-los em flagrante.
D) pegá-los rapidamente.
E) pegá-los momentaneamente

03. (Enem–2009)

Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene.

– A senhora tem um jardim deslumbrante, dona Irene! – comenta Sílvia, maravilhada diante dos canteiros de rosas e hortênsias.

– Para começar, deixe o "senhora" de lado e esqueça o "dona" também – diz Irene, sorrindo. – Já é um custo aguentar a Vera me chamando de Tia o tempo todo. Meu nome é Irene.

Todos sorriem. Irene prossegue: – Agradeço os elogios para o jardim, só que você vai ter de fazê-los para a Eulália, que é quem cuida das flores. Eu sou um fracasso na jardinagem.

BAGNO, M. *A língua de Eulália*: novela sociolçinguística. São Paulo: Contexto, 2003. (Adaptação).

Na língua portuguesa, a escolha por "você" ou "senhor(a)" denota o grau de liberdade ou de respeito que deve haver entre os interlocutores. No diálogo apresentado, observa-se o emprego dessas formas. A personagem Sílvia emprega a forma "senhora" ao se referir à Irene. Na situação apresentada no texto, o emprego de "senhora" ao se referir à interlocutora ocorre porque Sílvia

A) pensa que Irene é a jardineira da casa.
B) acredita que Irene gosta de todos que a visitam.
C) observa que Irene e Eulália são pessoas que vivem em área rural.
D) deseja expressar por meio de sua fala o fato de sua família conhecer Irene.
E) considera que Irene é uma pessoas mais velha, com a qual não tem intimidade.

04. (Enem–2009)

Páris, filho do rei de Troia, raptou Helena, mulher de um rei grego. Isso provocou um sangrento conflito de dez anos, entre os séculos XIII e XII a.C. Foi o primeiro choque entre o Ocidente e o Oriente. Mas os gregos conseguiram enganar os troianos. Deixaram à porta de seus muros fortificados um imenso cavalo de madeira. Os troianos, felizes com o presente, puseram-no para dentro. À noite, os soldados gregos, que estavam escondidos no cavalo, saíram e abriram as portas da fortaleza para a invasão. Daí surgiu a expressão "presente de grego".

DUARTE, Marcelo. *O guia dos curiosos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Em "puseram-no", a forma pronominal "no" refere-se

A) ao termo "rei grego".
B) ao antecedente "gregos".
C) ao antecedente distante "choque".
D) à expressão "muros fortificados".
E) aos termos "presente" e "cavalo de madeira".

GABARITO

Fixação

01. B
02. C
03. A
04. E
05. D

Propostos

01. B
02. D
03. A
04. C
05. D
06. A
07. A
08. C
09. A) A contração da preposição "de" e do pronome "ele" se refere a Gil Gomes. Isso se justifica pelo fato de Gil Gomes ser o antecedente mais próximo que o pronome "ele" pode retomar.
    B) O uso do pronome "lhe" nesta frase dá ideia de posse. Significa dizer: "[...] o colchoeiro entrava pela sua sala". O termo deve ser classificado, portanto, como adjunto adnominal de "porta".
10. C
11. E

Seção Enem

01. E
02. B
03. E
04. E